



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

EDUARDO ANDRADE GOMES

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM CONFERÊNCIA ACADÊMICA: A
REFORMULAÇÃO DE NOMES DE PESSOAS DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS**

Florianópolis

2020

EDUARDO ANDRADE GOMES

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM CONFERÊNCIA ACADÊMICA: A
REFORMULAÇÃO DE NOMES DE PESSOAS DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Carlos Henrique Rodrigues, Dr.

Coorientador: Prof. Guilherme Lourenço, Dr.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gomes, Eduardo Andrade
Interpretação simultânea em conferência acadêmica : a
reformulação de nomes de pessoas da Libras para o Português
/ Eduardo Andrade Gomes ; orientador, Carlos Henrique
Rodrigues, coorientador, Guilherme Lourenço, 2020.
187 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Conferência Acadêmica. 3.
Interpretação simultânea. 4. Libras-Português. 5. Nomes de
pessoas. I. Rodrigues, Carlos Henrique. II. Lourenço,
Guilherme. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

EDUARDO ANDRADE GOMES

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM CONFERÊNCIA ACADÊMICA: A
REFORMULAÇÃO DE NOMES DE PESSOAS DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Marcus Vinícius Batista Nascimento, Dr.
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Norma Barbosa de Lima Fonseca, Dra.
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Patrícia Tuxi dos Santos, Dra.
Universidade de Brasília

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que
foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Profa. Andreia Guerini, Dra.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Carlos Henrique Rodrigues, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2020

AGRADECIMENTOS

Percorrer e concluir uma etapa acadêmica como esta implica em estar imbuído de conhecimentos e de sentimentos (des)construídos. Neste momento, reverbero o reconhecimento e a gratidão...

À Deus, por sempre guardar e iluminar os meus caminhos e a minha vida, demonstrando-me que tudo tende a estar sob controle e sintonia.

À Mara, minha mãe; Maria do Carmo e Francisco, meus avós maternos; Eduardo, meu pai; Maria, minha avó paterna; Venâncio, meu padrasto; e demais familiares, por todo o amor, a atenção e o incentivo atribuídos a mim, mesmo não entendendo a temática e o funcionamento da minha pesquisa. Ainda, ao Rafael, meu irmão, pelo auxílio na elaboração de alguns gráficos e quadros quando o meu tempo estava restrito. Amo-lhes!

Ao Carlos Henrique Rodrigues, meu orientador, por acolher o meu projeto e as minhas decisões, e estar sempre disponível para as explicações e ponderações, apontando nuances e horizontes que a imersão ao assunto não me permitiu perceber. As suas aulas e os seus comentários foram muito enriquecedores. Com você aprendi que devemos ter consciência de “onde os nossos pés estão fincados”.

Ao Guilherme Lourenço, meu coorientador, por sua dedicação e disponibilidade em trazer um olhar mais objetivo e sistemático para esta pesquisa, auxiliando e ensinando-me, sobremaneira, como proceder na análise estatística e quantitativa. Sua participação foi fundamental para a conclusão desta.

Ao Marcus Vinícius Batista Nascimento, à Norma Barbosa de Lima Fonseca, à Patrícia Tuxi dos Santos e à Rachel Louise Sutton Spence pelas relevantes contribuições e discussões apresentadas na banca de qualificação e de defesa para o aprimoramento deste trabalho.

À Coordenadoria de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português da UFSC, em especial, à Camila Neves Petrópulos, à Cristine Fátima Pereira, à Dâmaris Aline Vidal Oliveira, e ao Samuel de Oliveira Moraes, pela interpretação realizada durante a defesa pública desta dissertação.

Às amigas e aos amigos internos e externos ao universo da Libras, pela torcida e companhia ao longo desse tempo. Estar com vocês é sempre muito prazeroso.

Às/aos intérpretes e tradutor(a)es de Libras-Português, que responderam e compartilharam o questionário desta pesquisa, e aos demais que, mesmo não participando

diretamente, são essenciais para que a mesma ocorresse. Nós temos grandes responsabilidades para com a comunidade surda e ouvinte e, por isso, somos dignos de muito respeito e valor.

Às pessoas surdas, por serem a fonte das línguas de sinais e, (in)diretamente, a força motriz para que os intérpretes e tradutores se formem e se capacitem.

Ao Programa de Apoio à Qualificação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo incentivo e pelo suporte à minha formação em 2020.

RESUMO

A interpretação simultânea intermodal direta no par linguístico Libras-Português, também denominada interpretação-voz ou vocalização, ainda é um dilema do ponto de vista formativo, social e profissional, uma vez que grande parte dos intérpretes intermodais afirma não possuir preferência e/ou habilidades satisfatórias para executá-la, além de ser uma temática que pouco povoa a esfera acadêmica e científica dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. Nesse sentido, a fim de contribuir com a área e fomentar discussões a esse respeito, uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa foi desenvolvida. Para isso, sessenta e cinco respostas de um questionário on-line, organizado em três seções, e aplicado a intérpretes ouvintes foram compiladas, destacando que as maiores dificuldades encontradas por eles na tarefa de vocalização estão atreladas aos fatores extralinguísticos na compreensão e na reformulação das mensagens em Libras e em Português. Considerando esses pressupostos, a partir de quarenta e sete eventos interpretativos, de domínio público registrados em áudio e em vídeo, referentes a conferências acadêmicas da área de tradução, interpretação e linguística, nomes nacionais/nacionalizados e estrangeiros de pessoas foram identificados, transcritos e categorizados para a análise. Essa categorização abarcou os insumos da língua-fonte e as respostas proferidas pelos intérpretes na língua-alvo. Os resultados evidenciam que quando expostos a sinais-pessoais, os intérpretes tendem a produzir somente o nome, o que não seria apropriado a esse contexto. No momento em que esses nomes são recebidos por meio de datilologia, a expressão na língua-alvo acompanha o que foi proferido na língua-fonte. Em ocasiões nas quais há uma locução de sinal seguido de datilologia, a soletração manual parece ter uma implicação na manifestação da língua-alvo, ainda que o comportamento nessa categoria se assemelhe aos de outra categoria identificada. Por fim, situações em que a datilologia precede o sinal, a resposta dos intérpretes parece ser similar à encontrada para a datilologia. Este estudo, realizado em processos intermodais, corrobora os dados da literatura intramodal vocal-auditiva de que os nomes de pessoas são fatores problemáticos na interpretação simultânea, podendo impactar a atividade.

Palavras-chave: Conferência Acadêmica. Interpretação simultânea. Libras-Português. Nomes de pessoas.

ABSTRACT

The direct intermodal simultaneous interpretation in the Libras-Portuguese language pair, also called voice-interpreting or vocalization, is still a dilemma from the formative, social and professional point of view, since most of the intermodal interpreters claim to have no preference and /or satisfactory skills to execute it, in addition to being a topic that has little implant in the academic and scientific scope of Sign Language Translation and Interpretation Studies. In this sense, in order to contribute to the area and encourage discussions in this regard, a research with a qualitative and quantitative approach was developed. For this purpose, sixty-five responses from an online questionnaire, organized into three sections, and applied to hearing interpreters were compiled, highlighting that the greatest difficulties encountered by them in the task of vocalization are linked to extralinguistic factors in the understanding and reformulation of messages in Libras and in Portuguese. Considering these assumptions, from forty-seven interpretive events, of public domain recorded in audio and in video, referring to academic conferences in the area of translation, interpretation and linguistics, the national/nationalized and foreign names of people were identified, transcribed and categorized for the analyze. This categorization included the inputs of the source language and the answers given by the interpreters in the target language. The results show that when exposed to personal signs, interpreters tend to produce only the name, which would not be appropriate in this context. When these names are received by dactylology, the expression in the target language accompanies what was said in the source language. On occasions when there is a sign followed by dactylology, manual spelling seems to have an implication in the manifestation of the target language, although the behavior in this category is similar to that found in another category identified. Finally, in situations where dactylology precedes the sign, the interpreters' response seems to be similar to that found for dactylology. This study, carried out for intermodal processes, corroborates the data from the intramodal vocal-auditory literature that the names of people are problematic factors in simultaneous interpretation, which may impact the activity.

Keywords: Academic Conference. Simultaneous interpretation. Libras-Portuguese. Names of people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de um vídeo inserido para análise no Adobe Premiere Pro (versão 2018)	
.....	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária.....	72
Gráfico 2 - Sexo biológico.....	73
Gráfico 3 - Identidade de gênero	74
Gráfico 4 - Primeira língua/língua materna.....	75
Gráfico 5 - Faixa etária em que adquiriu/aprendeu a Libras	77
Gráfico 6 - Formação acadêmica.....	78
Gráfico 7 - Formação acadêmica por área do conhecimento	79
Gráfico 8 - Certificação do ProLibras.....	80
Gráfico 9 - Formação específica.....	82
Gráfico 10 - Ênfase formativa dada em atividades de interpretação direta.....	84
Gráfico 11 - Ênfase formativa dada em atividades de interpretação inversa	84
Gráfico 12 - Experiência profissional em anos	86
Gráfico 13 - Contextos de atuação como intérpretes e/ou tradutores.....	87
Gráfico 14 - Interpretação como a atual principal fonte de renda	90
Gráfico 15 - Carga horária semanal de trabalho em interpretação	91
Gráfico 16 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão do Português oral ..	92
Gráfico 17- Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão do Português escrito	93
Gráfico 18 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão da Libras oral	93
Gráfico 19 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão da Libras escrita....	94
Gráfico 20 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção do Português oral	96
Gráfico 21 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção do Português escrito....	97
Gráfico 22 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção da Libras oral	97
Gráfico 23 -Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção da Libras escrita	98
Gráfico 24 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a compreensão como “satisfatória” e “muito satisfatória”	101
Gráfico 25 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a produção como “satisfatória” e “muito satisfatória”	101
Gráfico 26 - Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de sinalização	103
Gráfico 27- Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de vocalização	103
Gráfico 28- Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de sinalização a partir da escrita.....	104
Gráfico 29 – Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de vocalização a partir da escrita.....	104
Gráfico 30 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a interpretação como “satisfatória” e “muito satisfatória”	106
Gráfico 31 - Preferência de direcionalidade na interpretação	108
Gráfico 32 - Preferência de direcionalidade na interpretação à prima vista.....	121
Gráfico 33- Dificuldades no processo interpretativo de vocalização	124

Gráfico 34 - Dificuldades no processo interpretativo de sinalização	129
Gráfico 35 - Maiores e menores dificuldades na interpretação direta	132
Gráfico 36 - Maiores e menores dificuldades na interpretação inversa	132
Gráfico 37 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal”	145
Gráfico 38 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia”	146
Gráfico 39 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal + Datilologia”	146
Gráfico 40 - Ocorrências das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia + Sinal”	147
Gráfico 41 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal” nos nomes estrangeiros	149
Gráfico 42 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia” nos nomes estrangeiros	149
Gráfico 43 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal + Datilologia” nos nomes estrangeiros	150
Gráfico 44 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia + Sinal” nos nomes estrangeiros	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distinções entre as línguas vocais-auditivas e as gestuais-visuais, sob a ótica da modalidade	51
Quadro 2 - Possíveis motivos para a não preferência pela vocalização	120
Quadro 3 - Categorias de referência pessoal identificadas no texto-fonte	139
Quadro 4 - Categorias de análise do texto-fonte	140
Quadro 5 - Categorias de análise do texto-alvo.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese dos eventos analisados	137
Tabela 2 - Síntese das ocorrências de nomes de pessoas nacionais/nacionalizados e estrangeiros	140
Tabela 3 - Tabela estatística para a resposta de "Nomes" a partir do sinal-pessoal	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AA – Audição e Análise
- AGE – Autogestão no Espaço
- ARV – Autogestão da recepção visual do texto-fonte e de informações visuais
- ASL – Língua de Sinais Americana
- Auslan – Língua Australiana de Sinais
- C – Coordenação
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
- CHS – Considerações Humanas e Sociais
- CODA – *Children of Deaf Adults*
- CPAA – Capacidade de processamento da audição e análise
- CPC – Capacidade de processamento da coordenação
- CPM – Capacidade de processamento da memória de curto prazo
- CPP – Capacidade de processamento da produção
- CPT – Capacidade de processamento total
- DI – Descrições imagéticas
- DV – Descrições visuais
- EI – Estudos da Interpretação
- ELAN – EUDICO *Language Annotator*
- EN – Elaboração de notas
- ET – Estudos da Tradução
- ETILS – Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais
- FEBRAPI – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e
LS – Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
- ICI – Interação em tempo real com o “intérprete de apoio”
- IHM – Interação entre o Homem e a Máquina
- IIS – Interação imediata com pessoas Surdas
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- IS – Interpretação Simultânea
- ISST – Interpretação Simultânea com suporte de texto
- L – Leitura
- L1 – Primeira Língua/Língua materna

- L2 – Segunda Língua
- LA – Língua-alvo
- LETRA – Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução
- LF – Língua-fonte
- Libras – Língua Brasileira de Sinais
- LN – Leitura de nota
- M – Memória de curto prazo
- P – Produção
- PACTE – Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación
- PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- PL – Projeto de Lei
- POET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- PosTrad – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa
- R – Recepção
- RE – Recordação
- SI – Sinais Internacionais
- SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*
- TA – Texto-alvo
- TF – Texto-fonte
- TradUSP – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- TT – Tomada dos Turnos
- UAB – Universitat Autònoma de Barcelona
- UFC – Universidade Federal do Ceará
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- UnB – Universidade de Brasília
- USP – Universidade de São Paulo
- VA – Visão e Análise

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	19
2.1 QUESTÃO DE PESQUISA	19
2.2 A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS.....	20
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
3.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO	26
3.2 INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA LIBRAS-PORTUGUÊS	32
3.3 NOMES DE PESSOAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA	54
3.4 DIRECIONALIDADE E SEUS EFEITOS	58
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	67
4.1 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS	68
5 O QUESTIONÁRIO: SUAS CARACTERÍSTICAS E ANÁLISE.....	71
5.1 PRIMEIRA SEÇÃO: PERFIL	71
5.2 SEGUNDA SEÇÃO: FORMAÇÃO ESPECÍFICA E EXPERIÊNCIA	82
5.3 TERCEIRA SEÇÃO: O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO	91
6 OS EVENTOS INTERPRETATIVOS	134
6.1. ORIGEM DOS DADOS.....	134
6.1.1 Algumas observações sobre o contexto das conferências acadêmicas	135
6.1.2 Eventos selecionados para análise.....	136
6.2 TRANSCRIÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	137
6.3 RESULTADOS	142
6.3.1 Texto-fonte: Sinal	145
6.3.2 Texto-fonte: Datilologia	145
6.3.3 Texto-fonte: Sinal + Datilologia e Datilologia + Sinal	146
6.3.4 Revisitando a categoria Sinal: uma análise estatística	147
6.3.5 Nomes estrangeiros.....	148
6.4 DISCUSSÃO	151
6.5 LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES DA PESQUISA	161
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS	167

1 INTRODUÇÃO

A interpretação e a tradução originam-se perante a barreira comunicacional que, paradoxalmente, assola e singulariza os povos e as culturas. Por um longo período, essas atividades foram empreendidas por pessoas consideradas bilíngues, mas sem qualquer aptidão ou capacitação para tal, como denota Pagura (2015). Em solo brasileiro, Silva-Reis e Bagno (2016) destacam que, no século XVI, a interação linguística entre os portugueses e os indígenas era realizada por pessoas, oriundas de Portugal, e corrompidas pelo crime, obrigadas a conviver com os índios para aprenderem a sua língua e, então, assumirem a mediação e a função de intérpretes entre esses grupos. Por vezes, segundo os autores, os índios também eram levados, contra a própria vontade, aos países europeus para aprender a respectiva língua. Ambas as atitudes eram motivadas, sobremaneira, pela relação de poder e persuasão intrínseca a quaisquer processos interativos mediados por linguagens verbais. Assim, a intenção era a de que esses intérpretes, falantes nativos ou não de determinado sistema linguístico, fossem um dos agentes a contribuir com a colonização, uma vez que a(s) língua(s) dos indígenas era(m) a(s) desprestigiada(s).

Imprimindo um recorte a outro grupo linguístico-cultural específico, agora na atmosfera das línguas de sinais, a realidade voluntariosa e desvencilhada de remuneração e de formação por parte dos intérpretes parece ter sido — ainda ser — um tanto quanto mais evidente, sobretudo pelo fato dos falantes nativos dessas línguas serem concebidos em uma perspectiva de deficiência e não de diferença. Destarte, as pessoas que assumiam as tarefas de interpretação, corriqueiras em virtude da sua aceção enquanto ação interpessoal, eram familiares e sujeitos próximos aos surdos, conforme Quadros (2004) alega.

Essa relação afetuosa, estreita e horizontal entre o público (e.g., surdo) que demandava da interpretação e aqueles que a executavam foi a principal matriz para o alcance de fluência e de proficiência nas línguas de sinais, bem como a prática inicial e o aprimoramento nas atitudes e nas condutas de mediação, tidas como o ato de interpretar. Dessa forma, a atividade interpretativa foi impulsionada pela afinidade e habilidade linguística nessas línguas. Percebe-se que em tal ocasião, mantida posteriormente, os surdos eram quase exclusivamente consumidores e interlocutores das informações proferidas por pessoas ouvintes, requisitando, portanto, a produção linguística dos intérpretes nas línguas de sinais.

No Brasil, semelhante a outras nações, Quadros (2004) observa que, institucionalmente, as práticas interpretativas para surdos iniciaram e se despontaram em contextos religiosos. Com a presença e a circulação dessas pessoas em meio a sociedade, outros espaços, assim como o poder público, foram obrigados a começar a fomentar e a promover ações que pudessem atender a esse povo, respeitando-os em sua língua e cultura. Em razão dessa mobilização, a profissionalização dos intérpretes também precisou ser pensada. Napier (2015) destaca que esse deslocamento da informalidade à legitimidade profissional foi determinante para o crescimento e para a construção da categoria e dos seus membros.

Neste ano de 2020, celebra-se uma década de promulgação da Lei nº 12.319/2010, que regulamenta a profissão dos intérpretes e tradutores do par linguístico Libras-Português. Essa lei tornou-se um marco histórico para a classe, sendo um desdobramento do movimento surdo e das políticas de reconhecimento da língua de sinais, de acessibilidade e direitos linguísticos. Todavia, essa legislação possui inconsistências e, a maior delas, reside no fato da exigência para a atuação profissional ser a formação a nível médio, o que pode implicar, em parte, em um quadro de profissionais com pouca qualificação.

Para que a formação a nível superior, destinada a esses profissionais e consoante a qualquer profissão, seja implementada em larga escala, é preciso que a legislação vigente a insira como requisito. Por isso, desde 2017, tramita na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei (PL) nº 9.382/2017, no qual se intui abolir ou alterar a Lei nº 12.319/2010 e instituir uma nova que contemple os anseios dessa categoria profissional, entre eles a formação superior. Em 11 de dezembro de 2020, tal projeto foi aprovado na casa legislativa federal e seguiu o trâmite legal para a discussão e a votação no Senado. Espera-se que tal procedimento ocorra em 2021 e seja encaminhado para a sanção presidencial. Mais uma vez, a formação acadêmica é uma das vertentes que pode trazer subsídios para o enfrentamento dos desafios e dificuldades encontradas nos processos interpretativos e tradutórios.

Desta feita, nesta pesquisa, problematiza-se a interpretação simultânea (IS) intermodal (i.e., processo que envolve duas línguas de modalidades¹ diferentes) direta, no par linguístico oral² Libras-Português, no que tange a produção dos nomes de pessoas, a partir

¹ Em virtude da polissemia deste vocábulo, nesta dissertação, a sua entrada estará relacionada à língua, ao uso da língua e à interpretação, com acepções distintas.

² Este termo faz alusão à oralidade, centrando-se na sua forma face a face, articulada e enunciada, seja em uma língua vocal, seja em uma língua de sinais. Todas as considerações feitas neste trabalho estarão arroladas a essa modalidade evanescente de uso das línguas (i.e., oral). Quando, por exemplo, a modalidade escrita emergir, o leitor será informado.

da identificação pessoal na língua-fonte (LF). Além de provocar e melhor fundamentar as discussões que giram em torno do aperfeiçoamento da atuação desses profissionais intermodais, essa temática impulsiona, no âmbito científico, dados para novas investigações nos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

Para isso, inicialmente, pretende-se verificar a preferência ou não por essa direcionalidade (e.g., direta) pelos intérpretes intermodais e as suas dificuldades, por meio de um questionário on-line. Além disso, recorre-se a dados de interpretação simultânea intermodal e a um fenômeno específico da língua selecionado para ser analisado. Tais dados foram extraídos de materiais em áudio e em vídeo de renomadas conferências acadêmicas nacionais da área de tradução, interpretação de Libras-Português e linguística das línguas de sinais.

Esta dissertação sistematiza-se, além da introdução, em mais seis capítulos e das referências bibliográficas. No Capítulo 2, são apresentados a questão de pesquisa, os objetivos e também os elementos gerais que compõem este trabalho.

No Capítulo 3, organizado em quatro seções, os aportes teóricos são descritos e explorados para que o leitor se situe quanto ao fio condutor discursivo do estudo.

Na sequência, o Capítulo 4, constituído por uma seção, detalha o caminho percorrido com o desígnio de revelar como os dados emergiram. Para isso, as abordagens da pesquisa e as ferramentas empregadas são apontadas.

No Capítulo 5, o questionário é detalhadamente caracterizado e as informações obtidas a partir das concepções dos respondentes são analisadas, por meio da sistematização em três seções.

Em seguida, o Capítulo 6, composto por cinco seções e sete subseções, abarca o principal nicho de problematização desta pesquisa. A argumentação dos dados encontrados nesse capítulo, assim como no anterior, busca ser parcimoniosa e amparada nos fundamentos teóricos, a fim de esvair qualquer expectativa generalizada que pode não corresponder à realidade em sua totalidade.

Findando este trabalho, no Capítulo 7, as considerações finais devotam-se à recapitulação dos fenômenos abordados e a apontamentos para a prática da interpretação simultânea intermodal direta no par linguístico Libras-Português. A convicção é de que, a partir desta pesquisa, investigações adicionais necessitam ser feitas, já que essa modalidade e direcionalidade interpretativa é conhecida e desenvolvida pelos profissionais há algum tempo.

2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 QUESTÃO DE PESQUISA

A interpretação, assim como a tradução, é um processo de mediação linguístico-cultural que envolve tanto a compreensão de um texto numa dada língua quanto a sua re-expressão em outra e, portanto, define-se também em termos de direcionalidade do processo³ (GILE, 2005; FERREIRA, 2010, 2013). Shuttleworth e Cowie (2014), no verbete *Direction of Translation or Directionality* (Direção de tradução ou Direcionalidade, em português) do Dicionário de Estudos da Tradução, explicam que tais termos são usados para indicar se o processo de tradução⁴ ocorre a partir da língua nativa do tradutor ou para ela, admitindo que a língua nativa pode se referir a língua habitualmente usada por esse profissional.

Isso significa que há a possibilidade de atuação da primeira língua (L1) para a segunda língua (L2) (i.e., de modo inverso, da língua A para a língua B) e da L2 para L1 (i.e., de modo direto, da língua B para a língua A).⁵ É mais comum que os intérpretes intramodais vocais-auditivos (i.e., aqueles profissionais que atuam entre duas línguas de mesma modalidade, nesse caso duas línguas vocais) operem prioritariamente de modo direto, de sua língua B para sua língua A, tendo melhor desempenho e, até mesmo, preferência por tal direção como notabiliza Donovan (2017).

Em contrapartida, no caso dos intérpretes intermodais, Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) observam que há certa predileção desses, ou seja, se sentem mais confortáveis, em atuar na direção inversa.

³ Shuttleworth e Cowie (2014) salientam que, embora nos séculos passados a questão da direção da tradução (i.e., reformulação interlinguística) não tivesse importância, atualmente, a maioria das atividades de tradução são realizadas de modo direto, para a língua nativa do tradutor. Ainda, eles citam a declaração de Nairóbi que afirma “o tradutor deve, na medida do possível, traduzir para sua língua materna ou para uma língua que tenha um domínio igual ao que tem da sua língua materna” (OSERS, 1983, p. 182 apud SHUTTLEWORTH e COWIE, 2014, p. 42).

⁴ Na ocasião, este termo, assim como “tradutor” são concebidos de forma genérica como a atividade e o profissional que lida com a transposição linguístico-cultural, em consonância à bibliografia utilizada para tal. Todavia, esta dissertação dedica toda a sua discussão e manipulação terminológica para a especificidade da interpretação e dos intérpretes.

⁵ Língua A (língua ativa) - refere-se, geralmente, à(s) língua(s) materna(s)/primeira(s) língua(s) do tradutor e/ou intérprete para a(s) qual(is) ele normalmente re-expressa a partir de todas as suas demais línguas de trabalho; Língua B (língua ativa) - refere-se à(s) língua(s), além da materna, que o tradutor e/ou intérprete domina e para a(s) qual(is) reformula a partir de uma ou mais de suas línguas de trabalho; e Língua C (língua passiva) - refere-se à(s) língua(s) que o tradutor e/ou intérprete adquiriu e compreende bem, sendo capaz de transpor dela para sua língua A e em alguns casos para a B.

Considerando-se essa possibilidade, define-se a seguinte questão de pesquisa: “como os intérpretes intermodais respondem, em atividades interpretativas diretas de vocalização da Libras para o Português, ao serem expostos a itens de identificação pessoal na Libras?”

2.2 A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

Compreendendo a importante dimensão que os processos de tradução e de interpretação possuem na atualidade, é preciso pontuar alguns fatores cruciais que marcam as diferenças entre eles, conforme Lacerda (2010), Vasconcellos (2010), Rodrigues (2013, 2018d), Weininger (2014) e Pagura (2015) mencionam. Uma distinção básica e, talvez, a mais conhecida entre essas duas atividades é o fato de a tradução envolver, pelo menos, uma língua registrada em um suporte físico ou virtual (e.g., por meio escrito, vídeo, áudio, entre outros), enquanto a interpretação trabalha, principalmente, em meio à enunciação e às relações interpessoais (e.g., presenciais ou remotas) sem a necessidade de registro. Essa caracterização demonstra que os conceitos de tradução e de interpretação têm se ampliado, deixando de ser delineados, binariamente, apenas como a oposição escrita e oral. Com isso, (in)diretamente, as competências requisitadas, prioritariamente, a estes profissionais, também se diferenciam, uma vez que o tradutor necessitará de habilidades que envolvam, sobremaneira, a escrita (e.g., registro) e a leitura (e.g., a decodificação da escrita), por exemplo, e o intérprete precisará de maior destreza na escuta, na visão e na fala.⁶

Outro ponto relevante que Rodrigues (2018d) salienta é o tempo de realização da atividade, pois o tradutor, na maioria dos casos, pode delimitar e conduzir, muitas vezes, em um ambiente reservado e tranquilo, seu próprio momento e ritmo de trabalho, possuindo, de certa forma, mais flexibilidade nessa questão. Já o intérprete, majoritariamente, segue o ritmo do orador e, por estar implicado diretamente na situação de comunicação, oferece o produto da interpretação na língua-alvo (LA) praticamente ao mesmo tempo em que está sendo disponibilizado o texto na LF — isso é mais comum na interpretação simultânea do que nas outras modalidades interpretativas, como a consecutiva (e.g., curta ou longa), a de diálogo etc. Assim, conforme Pöchhacker (2009), a versão produzida e disponibilizada ao público

⁶ Nesta dissertação, os termos “fala”, “falante” e suas possíveis derivações e flexões estão hospedados em uma perspectiva da linguagem humana, na qual o ato articulatório de manifestação linguística e os seus produtores circunscrevem tanto as línguas de modalidade vocal-auditiva quanto as gestuais-visuais. Em situações pontuais, para fins de demarcação e contraste específico, tem-se o emprego de “sinalização” e “sinalizada” para as línguas de sinais.

pelo intérprete na LA é a primeira e a definitiva. Embora ele possa tentar retificar e/ou complementar alguma passagem, essa ocorrerá diante dos destinatários. Em vista disso, percebe-se que tradutor trabalha, espacial e temporalmente, distante do autor do texto-fonte (TF) e do interlocutor do texto-alvo (TA), enquanto o intérprete, especialmente em atividades presenciais, tende a compartilhar essas variáveis (i.e., espaço e tempo) com o orador e o público-alvo.

O esforço cognitivo de memorização do tradutor não é tão demandado se comparado ao do intérprete, visto que ele pode retornar ao material sempre que julgar necessário. Para o intérprete, o esforço de memorização é bem mais significativo, devido ao fluxo, à densidade e à quantidade de informações que recebe e com as quais precisa lidar imediatamente.

Pode-se considerar, de acordo com Rodrigues (2018d), que para o tradutor, geralmente, o acesso ao material a ser traduzido é completo e irrestrito, uma vez que ele pode conhecer a obra do início ao fim e, antes de entregar o produto, tem a oportunidade de revisar todo o texto e de ajustá-lo, sempre que necessário. Em contrapartida, ainda que o intérprete possa ter contato com o material da LF com antecedência, somente no momento da atividade é que o texto, de fato, será enunciado, não havendo possibilidade de revisar o produto sem que o público perceba. Como a fala é transitória, caso alguma informação verbal e/ou visual não seja percebida pelo intérprete, ela se torna irrecuperável. De modo geral, o tradutor tem disponibilidade para consultar materiais e documentar-se por meio do acesso a glossários terminológicos, dicionários, outros colegas tradutores e/ou profissionais especialistas da temática ou da área a ser traduzida, demais traduções, obras paralelas etc. Por outro lado, a possibilidade de o intérprete (e.g., do turno) consultar recursos de apoio externo é bem mais limitada, pois será impossível manusear algo durante a atividade, principalmente se essa ocorrer em caráter simultâneo. Nesse caso, quem poderá fornecer tal suporte será o intérprete que está fora do turno, porém é membro da equipe de trabalho.

A tecnologia tem sido substancial para os tradutores devido às ferramentas e aos materiais para a busca de suporte externo e para o registro do texto traduzido. Abordando-se os intérpretes, a tecnologia e seus aparatos técnicos, observa-se que eles também têm um papel essencial, mas seu uso é mais reduzido quando se trata de um mecanismo de pesquisa em um apoio externo. Para além dessas funcionalidades, Roberson (2018) realça que a tecnologia tem permitido a expansão e a disseminação de informações a um maior número de pessoas por meio de interpretações remotas e retransmissões em vídeos, visto que os intérpretes, os oradores e o público-alvo podem estar em localizações distintas. Todavia, vinculada a esse préstimo, outras variáveis necessitam ser consideradas, como a conexão da

internet e suas eventuais oscilações durante a transmissão em si e o tráfego de conteúdos virtuais, a dificuldade em visualizar e interagir com possíveis materiais textuais e/ou imagéticos e com os agentes envolvidos na atividade (e.g., público-fonte e público-alvo), entre outros.

Reconhecendo, portanto, a complexidade linguística, cultural, social e cognitiva que paira sobre o trabalho dos tradutores e dos intérpretes, independentemente de quais sejam as línguas envolvidas, é pertinente refletir a respeito do processo de interpretação simultânea da Libras oral para o Português oral, foco do estudo proposto. Essa relevância se confirma, inclusive, pelo crescimento gradual das investigações que discutam e problematizem esse processo de interpretação intermodal direta. De modo geral, pode-se ilustrar essa temática, abordada tanto de forma específica quanto transversal, em algumas obras nacionais, como: (i) Albres (2010), que problematiza a modulação da voz realizada por um intérprete em atuação direta (i.e., da Libras para o Português), a partir de um discurso enfático de uma estudante surda em um evento de uma universidade; (ii) Nascimento (2012), que debate a expressividade oral e a voz de intérpretes em atividade de um curso de formação, destacando essa como subsídios que compõem a produção de sentidos; (iii) Pereira (2014), recorrendo as formas de tratamento alocutivas e elocutivas utilizadas em interações dialógicas no ensino superior, mediadas pela interpretação da Libras para o Português; (iv) Silva e Carvalho (2015), que identificam e analisam as marcas modais impressas na prática de vocalização de uma intérprete a partir de um texto proferido em palestra; (v) Chaibue e Aguiar (2016), que traçam hipóteses, assentados em um questionário direcionado aos intérpretes intermodais brasileiros, para justificar a dificuldade que grande parcela possui em realizar a interpretação direta; (vi) Nascimento (2016), discutindo a imprevisibilidade, o imediatismo e a discursividade na atuação de intérpretes em atividade de interpretação direta em um curso de formação; (vii) Parente-Júnior (2016), averiguando, por meio da interpretação simultânea da Libras para o Português, a relação entre a memória de trabalho e a produção de semelhança interpretativa⁷ entre um grupo de intérpretes expertos; (viii) Santos (2017), que enfoca a retextualização de uma narrativa em língua de sinais de um professor surdo, a partir da

⁷ No escopo da Teoria da Relevância, essa semelhança pode ser entendida ao admitir-se que “[...] uma propriedade essencial das formas proposicionais é que elas têm propriedades lógicas: em virtude dessas propriedades lógicas, podem se contradizer, implicar-se mutuamente ou estabelecer outras relações lógicas entre si. Uma vez que todas as formas proposicionais têm propriedades lógicas, duas formas proposicionais podem ter algumas propriedades lógicas em comum. Consequentemente, podemos dizer que as representações mentais cujas formas proposicionais compartilhem algumas propriedades lógicas *assemelham-se* em virtude dessas propriedades lógicas compartilhadas por elas. [...]” (GUTT, 1991, p. 34 apud ALVES, 2001b, p. 90, grifo do autor).

interpretação para o Português desenvolvida por seis intérpretes; (ix) Dias (2018), concentrando nos discursos promovidos por intérpretes, diante da operacionalização da interpretação intermodal direta como maneira de ratificar a possível dificuldade existente nesse processo; (x) Lourenço (2018), que traz um panorama da interpretação da Libras para o Português a partir de um viés teórico em relação à direcionalidade, alinhado às diferenças morfossintáticas dessas línguas e as problemáticas que essas distinções podem causar no processo interpretativo; (xi) Pavan (2018), realizando a identificação de estratégias interpretativas como a omissão, a adição, a substituição e a paráfrase na atuação direta de quatro intérpretes, com base em uma narrativa surda; e (xii) Santos (2018), que analisa a autoria e a elaboração de sentidos, em perspectiva verbo-visual, por meio da entoação, um dos elementos prosódicos, presente em atividade interpretativa na direção direta.

Admitindo que a interpretação Libras-Português possui como produto a vocalização (i.e., interpretação sinal-(voz)palavra), observa-se que, de certa maneira, condições históricas, sociais e linguísticas têm alimentado a existência de certa preferência por não atuar nessa direção. Nesse sentido, é comum encontrar uma boa parcela dos intérpretes que prefere a sinalização (i.e., interpretação palavra(voz)-sinal), conforme indicam Padden (2000), Pöchhacker (2004), Nicodemus e Emmorey (2013), Rodrigues (2013, 2018c) e Lourenço (2018). A princípio, verifica-se que, embora seja uma interpretação direta, da segunda língua dos intérpretes para a sua primeira língua⁸ (CAMARGO, 2014), muitos profissionais da tradução e da interpretação intermodal afirmam se sentirem mais confortáveis atuando na direção inversa, na sinalização do Português para a Libras.

Contudo, essa questão não é simples e, por isso, pode-se pensar em algumas explicações. A primeira poderia ser de cunho (sócio)linguístico, devido às variações/variantes e ao efeito de modalidade decorrente das línguas de sinais, as quais são de modalidade gestual-visual. Na Libras, a sintaxe é espacial e existe a possibilidade de os sinais, morfologicamente complexos, serem enriquecidos, incorporando formas, tamanhos, intensidades etc. Isso oportuniza o emprego de classificadores, descrições visuais e/ou descrições imagéticas,⁹ bem como informações gramaticais que, muitas vezes, são

⁸ A maioria das pessoas CODAs (*Children of Deaf Adults*) (i.e., ouvintes filhas de pai e/ou mãe surdos), não se enquadram exatamente neste perfil, pois adquirem/aprendem a língua de sinais (e.g., Libras) como primeira língua/língua materna (QUADROS, 2017). Embora não haja um consenso na literatura no que tange o conceito de primeira língua/língua materna, neste trabalho o mesmo será entendido como a primeira língua adquirida, bem como a relevância que lhe é imputada, e a destreza que o falante possui em compreendê-la e produzi-la, devido ao seu uso em variados contextos, conforme Pokorn (2005) sugere ao considerar os Estudos da Tradução.

⁹ Descrições Visuais (DV) e Descrições Imagéticas (DI) são reflexões e propostas feitas por Liddell (2003) e Campello (2008), respectivamente, por entenderem que, apesar de existir tipologias de classificadores nas

organizadas com base na simultaneidade bastante presente nessas línguas. Por outro lado, no Português, as informações são ordenadas de maneira bem mais linear que simultânea, em comparação com as línguas de sinais, e não há a exploração de recursos espaciais físicos. Assim, em um processo de interpretação intermodal direta, as informações espacialmente dispostas e simultaneamente acomodadas demandariam de um procedimento de linearização, característico da estruturação e do oferecimento do Português, e, por sua vez, isso teria efeitos sobre a atividade tradutória e interpretativa como enfatiza Rodrigues (2013).

Mais uma possível explicação, em consonância com a primeira, estaria relacionada à diferença entre a compreensão e a produção pela velocidade de veiculação de informações nas duas línguas (NICODEMUS; EMMOREY, 2013; RODRIGUES, 2013; CHAIBUE; AGUIAR, 2016), já que a celeridade ou a vagarosidade discursiva podem comprometer o entendimento, a expressão e a fluidez das informações.

Pode-se pensar, também, em aspectos sociais. Quando um intérprete realiza a interpretação da Libras para o Português, o público ouvinte, se fluente em Libras, terá acesso às duas línguas, o que favorece certo julgamento/avaliação do desempenho do intérprete de modo imediato. Além dos ouvintes, as pessoas surdas têm sido cada vez mais críticas e exigentes quanto à qualidade da atuação de vocalização dos intérpretes como relatam Forestal (2009), Nicodemus e Emmorey (2013), Lourenço (2018) e Lourenço e Ferreira (2019) em seus estudos e experiências profissionais. Nicodemus e Emmorey (2013) ampliam essas hipóteses ao reportarem-se à ênfase social e formativa dada aos intérpretes na sinalização. Segundo elas, a formação para a atuação nessa direção, em detrimento da vocalização, é um dos fatores que influenciam a preferência dos intérpretes pela direção inversa, a qual se torna mais comum e recorrente em sua prática profissional.

Outro ponto importante atesta a menor possibilidade de se identificarem equívocos de reformulação cometidos na sinalização, uma vez que o intérprete, enquanto falante de Libras, não se vê produzindo os sinais, não podendo detectar os erros diretamente. Nicodemus e Emmorey (2013) também relatam que a possibilidade de utilizar recursos específicos da interpretação para a língua de sinais, como a datilologia e, até mesmo, a transliteração¹⁰ — uma forma de Português sinalizado —, diante de problemas de

línguas de sinais, tal termo, “classificador”, proveniente das línguas vocais-auditivas, não consegue representar amplamente as características e dimensões visuais dessas línguas.

¹⁰ Condição na qual há a reprodução de palavras, ou parte delas, de uma língua vocal para uma língua de sinais, por meio das configurações de mão correspondentes à letra do alfabeto. Ainda, pode suceder em situações em que os sinais das línguas de sinais são expressos em subordinação à estrutura sintática da língua vocal (MALCOLM, 2015).

reformulação, corrobora a preferência pela direção inversa (NICODEMUS; EMMOREY, 2013; POINTURIER-POURNIN; GILE, 2012).

É interessante notar que um dos aspectos muito apreciados por quaisquer públicos e em quaisquer pares e direcionalidades linguísticas, mas aqui, considerando o público ouvinte, ao receber a interpretação da Libras para o Português, é a prosódia. Essa se constitui como um fator essencial para a fluidez da comunicação e para a percepção da qualidade em praticamente todos os contextos de conferência e comunitários que abrigam a IS, como declaram Buhler (1986) e Pöchhacker (2001). Ela apresenta características que abrangem tanto o nível linguístico quanto o não linguístico. Diante da diferença entre as modalidades dessas línguas, cada uma delas possui marcadores prosódicos distintos, que podem se relacionar, mas não exatamente se sobrepor, como destacam Mateus (2004), Sandler (2010), Weininger (2014) e Castro (2019). Destarte, é importante que os intérpretes reconheçam essas características de ambas as línguas para que consigam atingir o público com uma fala vocal segura e coerente em relação ao enunciador.

Desta feita, objetiva-se, neste estudo, investigar de que forma os intérpretes lidam, na interpretação intermodal direta, com as unidades de identificação pessoal e, mais especificamente: (i) identificar a preferência de direcionalidade e as dificuldades envolvidas nelas, por parte dos intérpretes intermodais de Libras-Português; (ii) detectar e categorizar os estímulos da LF em relação aos sinais-pessoais e/ou nomes de pessoas; e (iii) verificar como os intérpretes produzem as marcações nominais em Português, a partir do insumo na Libras.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente seção, apresenta-se as discussões teóricas que alicerçaram e conduziram este trabalho. As autoras e os autores aqui evocados compõem o espectro das Ciências da Linguagem e, assim como as demais ciências, segundo Fernandes (2020, p. 13), “engloba um amplo conjunto de saberes e, também, de ignorâncias próprias da natureza humana”. Essa condição inflama o caráter de incompletude, exteriorizando a necessidade em estabelecer um diálogo com outras pesquisas e pesquisadores para que (novos) conhecimentos sejam revisitados, fomentados e compartilhados.

Nesse sentido, a argumentação empreendida alinha-se a quatro grandes eixos, organizados para fins de disposição da dissertação, porém não fragmentados. O primeiro tece um retrospecto e uma caracterização dos campos disciplinares dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI), bem como a inserção das línguas de sinais neles, corroborando a uma interface para a existência dos ETILS. Por meio dessa abordagem, pretende-se localizar e reafirmar a importância da instauração desse campo interseccional.

O segundo eixo engendra uma exposição exclusiva e profícua quanto ao modo da interpretação simultânea, seus componentes e suas singularidades. Para isso, por razões de formulação didática e informativa, o Modelo dos Esforços e a Hipótese da Corda Bamba, ambos propostos por Daniel Gile, são basilares para subsidiar esta discussão. Neste caso, mais especificamente na interpretação intermodal direta no par linguístico Libras-Português.

Reconhecendo os nomes próprios de pessoas como um dos problemas de ordem lexical e extralinguística que desafiam os intérpretes e a atividade como um todo, esse elemento é destacado como objeto de análise nesta pesquisa e é explorado na terceira seção.

O quarto item cumpre o papel de tratar da direcionalidade do processo interpretativo de maneira mais pontual, com destaque para a interpretação intermodal direta, refletindo a respeito dos possíveis (não) efeitos que essa direção pode gerar ao evento de reformulação interlinguística.

3.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO

O campo denominado ET é uma área que, como sugere Koller (1971, p. 4 apud Holmes, 1972, p. 176), “apresenta designação coletiva e inclusiva para todas as atividades de

pesquisa que concebem o fenômeno do traduzir e da tradução como base ou foco”.¹¹ Nesse campo disciplinar, várias disciplinas e conteúdos podem se relacionar e complementar, contribuindo, em conjunto, para a construção de novos conhecimentos (VASCONCELLOS, 2010).

Alves e Vasconcellos (2016) e Camargo e Aixelá (2019) consideram que esse campo vem se avigorando, sobretudo, por apresentar evolução e delimitação dos métodos e objetos de pesquisa. Todavia, durante muitos anos, segundo Baker (1998), os ET foram tidos apenas como uma ramificação da linguística aplicada,¹² na qual a linguística era a principal área em que eles se abrigavam. Ainda de acordo com a autora, essa situação começou a ser revista a partir do momento em que os pesquisadores passaram a se aproximar de aspectos teóricos e metodológicos de outras áreas, como a comunicação, a filosofia, a literatura, a psicologia e a semiologia. Essa necessidade de interagir com outras disciplinas é oriunda das inquietações e possibilidades de estudar, registrar e repensar questões que circundassem a prática e a teoria tanto do processo (i.e., do traduzir) quanto do seu produto (i.e., da tradução) por meio de uma perspectiva interdisciplinar que integrasse as ciências já existentes.

Pode-se considerar que o visionário e percussor dos ET, como um campo independente, foi James Holmes (1972) com sua apresentação seminal em um congresso de linguística realizado em Estocolmo. No entanto, tal trabalho, intitulado *The name and nature of translation studies* (A denominação e a natureza dos Estudos da Tradução, em português), foi publicado apenas em 1988 (VASCONCELLOS, 2010; RODRIGUES, 2013). Em sua proposta, Holmes (1972) elaborou um mapeamento¹³ da área, inicialmente sem muitas subdivisões, contemplando estudos puros, ramificados em teóricos e descritivos, e estudos aplicados.

Nesse mapeamento, de acordo com Rodrigues (2013, p. 24), a interpretação estaria localizada “no ramo dos estudos puros, categoria dos estudos teóricos, subcategoria das teorias parciais restritas ao meio (*medium restricted*), como uma forma de tradução oral humana”. Para Munday (2016), apesar de haver certa influência entre tais subdivisões, essa estrutura, um tanto quanto genérica, tem por mérito a abertura e a abrangência dos ET como

¹¹ Minha tradução de: “*Übersetzungswissenschaft ist zu verstehen als Zusammenfassung und Überbegriff für alle Forschungsbemühungen, die von den Phänomenen 'Übersetzen' und 'Übersetzung' ausgehen oder auf diese Phänomene zielen*”.

¹² A própria linguística aplicada, segundo Bohn (1988), passou por uma fase de afirmação e consolidação no âmbito da linguística geral, uma vez que era tida apenas como uma vertente consumidora e usuária de teorias e não produtora de estudos de teóricos.

¹³ Para Vasconcellos (2010, p. 122), mapeamento significa “estabelecer os contornos e identidades de um conjunto de conhecimentos específicos, desenhando sua trajetória desde a origem e institucionalização, até os desdobramentos atuais, coloridos por suas interfaces com outras disciplinas e práticas afins”.

um todo e a flexibilidade em incorporar diversos e distintos tópicos de investigação ao campo disciplinar.

Posteriormente, William e Chesterman (2002) elaboraram um novo mapeamento, mas sobre áreas de pesquisa nos ET. Considerando novas vertentes e possibilidades de interface, os autores identificaram 12 subáreas de pesquisas, sendo uma delas, em especial, a interpretação. Em 2011, tem-se uma categorização feita pela editora *Saint Jerome Publishing*, na qual encontram-se 27 subáreas temáticas relacionadas aos ET (VASCONCELLOS, 2010). Todas essas sistematizações evidenciam a vasta amplitude dos ET e das diversas disciplinas que contribuem para a sua consolidação como campo disciplinar autônomo.

Contudo, conforme adverte Rodrigues (2013), é preciso que haja uma análise mais criteriosa em relação às diversas (sub)áreas propostas pela organização apresentada pela editora para a catalogação de suas publicações, já que alguns assuntos que estão como categorias específicas (e.g., interpretação em língua de sinais, interpretação simultânea e de conferência, interpretação jurídica, interpretação em contexto comunitário), além de inter-relacionadas, poderiam ser englobadas na (sub)área específica dos EI.

Percebe-se que a interpretação surgiu como uma temática ou mesmo (sub)disciplina no âmbito dos ET. No mapeamento de William e Chestermann (2002), tem-se como um campo de pesquisa e, apesar de estar em maior evidência na categorização da editora *Saint Jerome Publishing*, ainda se constata que é parte dependente do campo dos ET. De qualquer maneira, avista-se, historicamente, que essa tentativa de organizar e/ou mapear o campo dos ET “permite verificar a trajetória da interpretação em direção a um espaço institucionalizado dentro dos Estudos da Tradução” (VASCONCELLOS, 2010, p. 130). Vale notar que Venuti (2000) já defendia a área da interpretação como um campo disciplinar próprio, devido às suas especificidades.

Pöchhacker (2009) é um dos pesquisadores que reforçam o campo disciplinar EI como uma área autônoma, por entender que essa devota-se à “tradução humana em ‘tempo real’ em um contexto comunicativo essencialmente compartilhado. (Normalmente refere-se à interpretação como ‘oral’ em oposição à tradução ‘escrita’”¹⁴ (p. 128) e detém um objeto de estudo extremamente multifacetado capaz de reunir variadas abordagens de pesquisas. Este termo, *Interpretation Studies* ou *Interpreting Studies* (Estudos da Interpretação, em português), foi adotado, pela primeira vez, na Universidade de Viena, em 1992, por Daniel

¹⁴ Minha tradução de: “‘real-time’ human translation in an essentially shared communicative context. (Interpreting is commonly referred to as ‘oral’ as opposed to ‘written’ translation”.

Gile, em seu discurso de abertura do *Translation Studies Congress* (Congresso de Estudos da Tradução, em português), cuja temática evocava essa área e sua interdisciplinaridade, e, mais tarde, em 1993, por Heidemarie Salevsky, no artigo denominado *The Distinctive Nature of Interpreting Studies* (A natureza distinta dos Estudos da Interpretação, em português), conforme indica Pöchhacker (2004).

Destarte, percebe-se que para a existência e a proeminência dos EI, a interpretação foi primária e constantemente argumentada sob o quase exclusivo prisma da oralidade, o que se refutou e se expandiu, conforme discussão apresentada na seção 2.2 desta dissertação. Todavia, ainda é necessário maior maturação e reflexão quanto a definição e a caracterização da natureza dessa atividade (i.e., interpretação), de maneira que a modalidade de uso da língua (i.e., a oralidade), por exemplo, não seja o único parâmetro ou condição para traçar as particularidades desse trabalho. Afinal, essas operações de re-expressão/reformulação podem se organizar em inúmeros pares linguísticos em uma tarefa interpretativa, agregados à aspectos situacionais e psicofisiológicos, à questões cognitivas e operacionais, entre outras.

As pesquisas que envolvem as línguas de sinais começaram a se vincular aos ET de forma discreta e morosa. No caso dos EI, parece que houve menor resistência pelo fato dessas línguas já serem mencionadas em obras seminais desse campo como o *The Interpreting Studies Reader* (Livro de consulta dos Estudos da Interpretação, em português), o *Introduction Interpretation Studies* (Introdução aos Estudos da Interpretação, em português), entre outras, mesmo que, por um período, tenham sido associadas estreitamente às interpretações comunitárias (e.g., educacional, jurídica, clínica), sendo uma clássica amostra do cenário intrassocial. Possivelmente, isso ocorreu por associarem sua finalidade às ações de mediação e de amparo às comunidades minoritárias e marginalizadas. Por outro lado, filtrando esse conceito, que preconiza o atendimento e a legitimidade do direito linguístico-cultural a todos os serviços tidos como públicos, para a sua aplicação em contexto surdo brasileiro, percebe-se que a plena efetivação da interpretação nesses espaços ainda é precária e um tanto quanto restrita, embora se tenha obtido (insuficientes) conquistas de cunho legal.

Corroborando a percepção que os EI incorporaram, desde o início, as línguas de sinais em seu arcabouço, Napier (2015, p. 129) declara que “o campo dos Estudos da Interpretação tem reconhecido o valor em contrastar a interpretação entre línguas faladas [vocais] e de sinais e, em seguida, discussões em conjunto sob o guarda-chuva único dos Estudos da

Interpretação”.¹⁵ Apesar desse positivo movimento de aproximação entre as línguas de sinais e os EI, Pereira (2018) alerta que, pelo menos no Brasil, a academia ainda é um tanto quanto negligente a esse respeito, seja por mera e retrógrada concepção de desprestígio para com as línguas de modalidade gestual-visual, seja por reduzido quantitativo de pesquisadores específicos da área. Essa distinção e valorização de certas línguas em detrimento de outras no campo dos Estudos da Interpretação pode alvitrar uma não uniformidade a esse domínio.

Não obstante, renomados pesquisadores assumem e ratificam a importância e a necessidade de tal relação, bem como os desafios para conduzir e articular essas investigações aos aportes teóricos e metodológicos, como assinala o levantamento feito por Rodrigues e Beer (2015) em tradicionais produções dos ET e dos EI. É nesse sentido que os autores supracitados denotam a existência dos ETILS como uma mobilização de fecunda interseção, e não diferenciação ou contraposição, entre os ET e os EI. Apesar dos ETILS estarem em evidência, é válido reforçar que esses campos estão marcados pela diversidade e pela pluralidade das investigações, das línguas, dos falantes e das relações nos processos de tradução e/ou interpretação (VASCONCELLOS, 2010; PEREIRA, 2018; GOMES, 2019a).

Cabe mencionar que o reconhecimento tardio das línguas gestuais-visuais, bem como sua inserção (gradual) nestes campos disciplinares, a saber, nos ET e nos EI, se deve, sobretudo, à antiga crença de que as línguas de sinais seriam meros gestos e uma linguagem comunicativa precária, sendo que línguas de fato se manifestariam apenas na modalidade vocal-auditiva. Entretanto, a despeito desse contratempo, historicamente situado, atualmente, no Brasil, encontra-se uma parcela significativa de pesquisas (e.g., sistematizadas em artigos, livros, monografias, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses) que tratam da tradução e/ou da interpretação de/entre/para as línguas de sinais com foco, principalmente, na Libras. Essas pesquisas, inicialmente, estavam associadas, sobretudo, aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação e em linguística como sublinham Pereira (2010) e Santos (2013).

Recentemente, a produção de novos trabalhos referentes à tradução/traduzir ou à interpretação/interpretar de/entre/para as línguas de sinais tem migrado para os programas de pós-graduação em ET. No Brasil, temos os seguintes programas: (i) o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC); (ii) o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade de

¹⁵ Minha tradução de: “*The Interpreting Studies field has recognized the value of contrasting spoken and signed language interpreting and then bringing discussions together under the single umbrella of Interpreting Studies*”.

Brasília (PosTrad-UnB); (iii) o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal do Ceará (POET-UFC); e (iv) o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade de São Paulo (TradUSP)¹⁶ (SANTOS; POLTRONIERE-GESSNER, 2019).

Santos e Rigo (2016) confirmam tal apontamento ao analisarem a produção acadêmica de 29 (vinte e nove) egressos em um Programa de Pós-Graduação dessa natureza (i.e., ET), na UFSC entre os anos 2000-2015. Santos (2018) ampliou esta contagem ao mapear, também, até agosto de 2017, as produções em programas similares na UnB e na UFC, atestando 3 dissertações defendidas em cada um deles. Ainda, constatou o salto para 42 defesas de dissertações e teses, na UFSC, desenvolvidas por acadêmicos surdos e ouvintes. Somando ao trabalho de Santos (2018), em um atual levantamento, até o primeiro semestre de 2020, Guedes (2020) elenca e notifica que, em uma década, a PGET obteve 52 dissertações e teses concluídas. Embora haja uma divergência acerca de 11 obras citadas por Santos (2018) e que não constam em Guedes (2020), percebe-se que o quantitativo é ainda maior, alcançando, pelo menos, 63 pesquisas.

Esses resultados contribuem para o crescente número de publicações abordando a tradução e/ou interpretação de/entre/para línguas de sinais em periódicos acadêmicos nacionais. No período de 1990 a 2014, Santos, Costa e Galdino (2016) identificaram 36 trabalhos desse tipo em 8 dessas revistas. É válido ressaltar que outros pares linguísticos intramodais gestuais-visuais englobando a Língua de Sinais Americana (ASL) e os Sinais Internacionais (SI), junto à Libras, vêm se inserindo nos ETILS do Brasil (CAMPELLO, 2014; FERREIRA, 2019; GRANADO, 2019). Atualmente, seis anos após o período do mapeamento realizado pelas referidas autoras, certamente esse quadro evoluiu.

Apesar dos levantamentos supracitados serem essenciais para evidenciar a expansão das pesquisas no âmbito da tradução e/ou interpretação entre a Libras e o Português e a sua afirmação nos Programas de Pós-Graduação em ET, eles também demonstram a reduzida taxa investigativa no que compete à interpretação na direção direta nesse par linguístico. Na catalogação feita por Santos, Costa e Galdino (2016) e Santos (2018), encontram-se, na direção interpretativa sobredita, apenas, os artigos de Albres (2010) e Nascimento (2012), a tese de Pereira (2014) e a dissertação de Parente-Júnior (2016).

¹⁶ Este Programa está passando por uma transição, ao se fundir a outros três, a saber: Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, Estudos Judaicos e Árabes, e Literatura e Cultura Russa. Nesse novo formato, o Programa é denominado Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA), deixando de ser um específico aos Estudos da Tradução.

3.2 INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA LIBRAS-PORTUGUÊS

A interpretação simultânea se pauta, basicamente, na transposição de uma língua a outra, quase ao mesmo tempo em que o discurso está sendo proferido pelo orador na língua-fonte. Essa, por sua vez, tornou-se uma modalidade interpretativa amplamente utilizada em distintos contextos, sobretudo nos de conferência, visto que as experiências anteriores com a interpretação consecutiva¹⁷ em eventos, como a Conferência da Paz na capital francesa em 18 de janeiro de 1919, revelaram morosidade, devido à extensão temporal imposta pelo procedimento e o crescente número de línguas envolvidas.

Mesmo diante da aparente otimização que esse modo de interpretação outorgaria, houve bastante resistência por parte dos adeptos à interpretação consecutiva. Seeber (2015) supõe, sem comprovações documentais, que um dos motivos que sustentaria essa oposição à IS seria a lacuna formativa, uma vez que esse novo formato litigiaria outras habilidades para o trabalho. O autor ainda relata que foi necessário percorrer países como França, Inglaterra e Suíça para encontrar 36 intérpretes dispostos a serem treinados e, então, atuar em uma audiência jurídica, classificada como um marco para a interpretação simultânea, o Julgamento de Nuremberg, entre 1945 e 1946.

Segundo Chernov (2004), a essência da IS está na diferença, mesmo que mínima, entre a mensagem emitida em uma língua e a sua reformulação pelo intérprete em outra. Esse intervalo entre a recepção do TF e o oferecimento do TA na outra língua é conhecido como *décalage* (defasagem, em português), *delay* (atraso, em português) e/ou *lag time* (atraso, em português). Ele representa o tempo que o intérprete leva para compreender e re-organizar as informações recebidas, processá-las e re-expressá-las na língua-alvo (PAGURA, 2015). Assim, nesse curto espaço de tempo, o intérprete manuseia a mensagem e o sentido depreendido por ela. Não há um consenso entre qual seria o melhor e/ou mais apropriado período temporal para o *lag time* (atraso), porém esse deve ser um intervalo suficiente para que o intérprete compreenda parte significativa do insumo linguístico de origem.

¹⁷ Esta modalidade e suas variações realizam-se, segundo Romão (2014) e Pagura (2015), em três etapas principais. A primeira é a percepção/acesso ao texto-fonte, a segunda é o processamento e a memória para o armazenamento e a preservação das informações, e a última, a manifestação do texto em língua-alvo. No entanto, o intérprete produzirá a mensagem somente após o orador ter encerrado e/ou pausado o discurso, visto que ela ocorre em blocos enunciativos. Como a memória também demanda uma elevada computação cognitiva, recomenda-se a tomada de notas como auxílio na interpretação consecutiva. Romão (2014) ainda indica que essa modalidade pode ser utilizada em atendimentos clínicos e jurídicos, em entrevistas, em reuniões, entre outros espaços.

Cokely (1992) detectou um atraso de 2 a 4 segundos na IS do Inglês para a ASL na atuação de quatro profissionais em situação de conferência, calculados pela quantidade de itens lexicais¹⁸ do TF e do TA e o tempo entre elas. Em seu estudo, o autor tentou associar essa janela temporal à quantidade de omissões, de substituições e de acréscimos produzidas pelos intérpretes, indicando que há uma relação entre esse atraso e a qualidade ou quantidade de erros, infelicidades (e.g., produções com sintaxe precária, ausência de concordâncias verbais e nominais, orações inacabadas) e omissões na interpretação. Contudo, esse intervalo de tempo não se configura em um padrão a ser necessariamente seguido. Seeber (2011) cita, por exemplo, os escritos de Oléron e Nanpon (1965) e Lee (2002) evidenciando que, na interpretação simultânea do Alemão para o Francês, o *lag time* (atraso) encontrado foi 1,9 segundos, do Inglês para o Francês foi de 2,6 segundos e do Francês para o Inglês de 5,4 segundos. Frente a essa variação, para o autor, alguns elementos como o par linguístico, a direcionalidade interpretativa e o material textual interferirão no tempo despedido para a compreensão e a re-expressão das informações, respectivamente, na LF e na LA.

Um aspecto que não foi citado, uma vez que todos os estudos, exceto Cokely (1992), se desenvolveram entre línguas vocais-auditivas, mas pode ser acrescentado, relaciona-se à variável modalidade de língua. Devido às características estruturais e quadrimensionais das línguas gestuais-visuais — que abrangem as mãos, o rosto e o tronco — essas demandam maior tempo para a serem visualizadas e compreendidas, inclusive em atividades interpretativas e tradutórias, como salientam Wang e Napier (2013), Wilcox e Shaffer (2015) e Zampier (2019).

Jones (1998), Mizuno (2005), Pöchhacker (2009), Seeber (2011) e Cavallo (2015) concordam que a IS é uma modalidade interpretativa que perpassa determinadas etapas, como: (i) a recepção e, por sua vez, a compreensão da mensagem na LF e de seu sentido; e (ii) a re-construção das informações e/ou do sentido na LA com a sua, consequente, disponibilização imediata ao público-alvo. Dessa forma, Seeber (2011, p. 185) reforça que a interpretação simultânea “não implica na simultaneidade da compreensão e produção de um mesmo constituinte da sentença, mas na sobreposição temporal geral da compreensão e da produção linguística”.¹⁹ É importante ressaltar que, mesmo diante dessa “simultaneidade

¹⁸ Nesta dissertação, este termo, assim como “léxico”, são entendidos como unidades que compõem quaisquer línguas e estão à disposição dos falantes para uso. Não há qualquer pretensão em defender ou aprofundar discussões em torno da sua concepção e formulação pelo Lexicalismo ou pela Morfologia Distribuída.

¹⁹ Minha tradução de: “*does not imply the simultaneity of the comprehension and production of one and the same sentence constituent, but the general temporal overlap of language comprehension and language production*”.

aparente”, um enunciado do TA será externado somente após a efetivação do entendimento e do processamento do TF.

Corroborando essas questões, Luciano (2005, p. 42) constata que a atuação de um intérprete em trabalho simultâneo se dá em, “ao mesmo tempo, escutar, analisar e compreender o fluxo contínuo de palavras; moldar e ajustar, mentalmente, a mensagem para as convenções linguísticas da LA e transmitir a sua versão para os interlocutores do discurso”. Nesse sentido, Christoffels e De Groot (2004), Luciano (2005), Mizuno (2005), Pöchhacker (2009) e Seeber (2011) enfatizam o aumento da carga do processamento cognitivo que compõe essa modalidade interpretativa, despontando-se como a combinação da compreensão e da produção da linguagem tensionada pelo tempo.

Diante de tamanha demanda cognitiva para o encadeamento de informações e com o intuito de desenhar e estruturar as possíveis operações mentais que integram a IS, modelos descritivos ligados às ciências cognitivas e ajustados às perspectivas teóricas da linguística, da psicolinguística e da neurolinguística, por exemplo, foram desenvolvidos na década de 1970, como assinala Gile (1999).

Para ilustrar esse cenário, tem-se os modelos de Gerver (1976) e de Moser-Mercer (1978) que se concentravam, sobretudo, em assimilar o funcionamento da memória e a projetar a interpretação como um mecanismo significativo de mediação. O primeiro está mais equiparado ao perfil estrutural, por julgar que se trata essencialmente de um método capaz de estocar informações recebidas pelos intérpretes, enquanto estão sendo compreendidas e analisadas na língua-fonte e sistematizadas para a língua-alvo. No segundo modelo, embora possua entendimento semelhante ao primeiro, a autora acrescenta propósitos particulares em que a memória não seria somente armazenadora de informações, mas participaria da computação da mensagem, rastreando correspondências linguísticas entre a LF e a LA. Não obstante, Gile (1999) declara que tais proposições não foram expostas a testes e experimentos minuciosos e sistematizados devido, presumivelmente, à complexidade enredada e à necessidade de alto investimento humano e monetário.

Pöchhacker (2004) sublinha que os modelos, independentemente de qual seja a sua natureza (e.g., teórica ou empírica), são mecanismos supositivos utilizados para representar um objeto e/ou fenômeno de estudo, constituídos por elementos que, alocados e articulados, o descrevem. Esses modelos podem estar organizados e distribuídos em informações verbais e gráficas como diagramas, equações, esquemas e imagens. Para o autor, além da sua concepção incompleta, os modelos são sujeitos à constantes provas e aprimoramentos.

Na década de 1980, Daniel Gile foi percussor de estudos e indagações quanto ao processamento cognitivo, que ambicionava seguir uma linha instrutiva e não descritiva desse modo interpretativo. Por isso, a sua proposição está amplamente articulada a esta dissertação como um arcabouço que colabora para a assimilação dos múltiplos processos que integram a interpretação.

Assim, em um nível abrangente, Gile (1995, 1999) propôs e aperfeiçoou a *Effort Models Theory* (Teoria do Modelo dos Esforços, em português), altamente pautada em contexto de conferência, na qual pontua quatro esforços cognitivos dispendidos, sincronicamente, durante essa atividade. Tais esforços nada mais são que componentes circundados por ações cognitivamente competitivas que rogam decisões, a partir da disponibilidade ou não de recursos. Para Gile (1995, p. 154), “o fato é que, com um mínimo de saberes sobre a arquitetura cognitiva, é possível chegar a um conjunto de modelos com potencial explicativo e preditivo ao nível do desempenho real da interpretação”.²⁰ Nessa perspectiva, com finalidade didática, o autor pretendia, para além de compreender o processo interpretativo em si, mapear e explicar os erros (i.e., completa distorção linguística e/ou de sentido entre o TF e o TA) e as omissões (i.e., ausência de informações do texto-fonte no texto-alvo) encontrados nas expressões em LA, por entender que esses implicam na baixa qualidade textual entregue.

Em estudo experimental, Gile (1999) detectou esses erros e omissões na interpretação de uma entrevista, cuja temática é geral, não reivindicando conhecimento prévio a respeito, com duração de 1 minuto e 40 segundos, realizada por 10 intérpretes intramodais vocais-auditivos profissionais. Para enfatizar a capacidade cognitiva dos intérpretes, ele selecionou profissionais que estavam atuando em outro espaço e, rapidamente, os incitou para interpretar, por duas vezes consecutivas, o mesmo material. Feito isso, o autor caracteriza, a partir de critérios não definidos, quais foram os erros e as omissões cometidos pelos profissionais em distintos segmentos e excertos de fala vocal, havendo alguns intérpretes que cometeram tais erros e omissões em trechos que haviam sido interpretados coerentemente na primeira oportunidade. Gile (1999) ainda solicitou parecer de outros dois intérpretes, a fim de que sua análise fosse legitimada. Desta feita, ele constata que, embora o material textual seja de fácil entendimento e conhecimento, em interpretação simultânea, os profissionais

²⁰Minha tradução de: “*The underlying idea is that with minimal assumptions about cognitive architecture, it is possible to come up with a set of models with explanatory and predictive potential on the level of actual interpreting performance*”.

ficam refêns do limite de sua disponibilidade cognitiva para o encadeamento das informações.

Em aplicação de estudo semelhante, Mazza (2000) desenvolveu um experimento com 15 intérpretes em formação que possuíam o Italiano como L1 e o Inglês como L2. O estudo baseou-se em três ISs na direção direta, na qual a primeira consistia em um texto oral genérico, a segunda em um texto oral que dissertava a respeito das taxas de natalidade e a terceira, um texto relacionado à maternidade nos Estados Unidos. Por se tratar, entre outros, de discursos com dados estatísticos, a autora narra os diversos erros e omissões relativos a números praticados pelos participantes da pesquisa. Essa questão insinua, novamente, que existe a probabilidade de haver certa saturação da capacidade de processamento durante a atividade interpretativa, sobretudo pelo fato dos números serem reproduções conceituais de alta densidade que expressam um único significado, não possibilitando, ao intérprete, prever, antecipá-los ou reformulá-los como ocorre com as matrizes linguísticas (SEEBER, 2015).

Segundo Gile (1999), outro elemento que pode gerar erros e/ou omissões são os nomes próprios (e.g., entidades, locais, pessoas), utilizados para fins de identificação e de distinção entre os demais, uma vez que, individualmente, eles tendem a aparecer com pouca incidência e repetição nos discursos-fonte. Luciano (2005) acrescenta que, além disso, geralmente eles carecem de conhecimentos culturais específicos. A autora encontrou essa dificuldade e a relacionada aos números em alguns dos seus dados, que implica na tarefa de interpretação simultânea do Inglês para o Português.

Nessa ocasião, as omissões eram reportadas como graves lapsos cometidos pelos intérpretes, uma vez que, nos ET e nos EI, conectados a uma visão tradicional e estritamente linguística, a fidelidade e a neutralidade na “transposição” dos discursos-fonte para os discursos-alvo era algo a ser alcançado, não permitindo, portanto, qualquer intervenção no texto, conforme destaca Weininger (2009). Ainda, de acordo com Barik (1975 apud Barbosa, 2014), as omissões referem-se, basicamente, aos termos existentes no texto em LF, porém, não são encontrados no TA. Isso corroborou para admissão de que as omissões fossem sinônimos de erro. Posteriormente, pautados, principalmente em Pym (2008), que fez uma pesquisa semelhante à de Gile (1999), adotando o Modelo dos Esforços e considerando o contexto no qual os intérpretes atuaram, as omissões começaram a se distanciar da noção de que eram meros erros e a se encaixar em uma ótica contemporânea. Essa caracterização é demonstrada, por exemplo, nos recentes trabalhos de Barbosa (2014) e de Pavan (2018), os quais consideram alguns tipos de omissões como estratégias empregadas em interpretações simultâneas na direção Português para a Libras e Libras para o Português, respectivamente.

O Modelo dos Esforços,²¹ portanto, refere-se à capacidade de processamento no decorrer da interpretação e é desprovido de intenção inicial em tornar-se uma ferramenta de pesquisa. Ele se baseia, em seu âmago, em duas concepções intuitivas centrais, ao definir que (i) a interpretação necessita de certa energia mental disponível em fração limitada e que (ii) essa tarefa interpretativa sucumbe a tal energia mental a ponto de gerar danificação e/ou prejuízo em sua realização. Essa concepção vai ao encontro do que muitos teóricos da psicologia cognitiva já supunham, porém eles ainda não haviam sistematizado a interpretação, como aponta Gile (2009). É importante frisar que esse modelo atende às restrições operacionais, expondo algumas possíveis parcelas capazes de referenciar o funcionamento cognitivo durante a interpretação simultânea, mas não fazem alusão a uma única e exclusiva estrutura mental para tal (GILE, 1999).

Nesse sentido, em meio aos esforços despendidos, que serão apresentados adiante, e conforme exposição anterior, Gile (1995) explica que o intérprete lidará, em alta escala, na interpretação, com operações não automáticas, aquelas que exigem atenção e um tempo maior, já que a amplitude de processamento é limitada, e as operações automáticas, que não requerem, necessariamente, essa atenção e ocorrem mais ligeiramente. Segundo Gile (2009, p. 159), “a distinção entre as operações automáticas e não automáticas é muitas vezes difícil de realizar, pois as operações não automáticas variam na disponibilidade de processamento exigida e pode se tornar automática após repetição suficiente”.²² Isso surge pelo fato de o profissional estar acompanhando o ritmo do orador e, assim, condicionado à pressão de tempo e, como em todo processo interpretativo, enfrentando a possibilidade de ceder à mera reprodução literal por meio da recuperação lexical. Por isso, segundo o autor, os esforços serão empregados para sustentar e manter a atividade.

O primeiro deles é o esforço de audição e a análise (AA) correspondendo ao momento destinado à compreensão da mensagem na LF, desde a percepção sonora e/ou visual para a identificação dos signos verbais, até a desambiguação lexical e as inferências e, por sua vez, a tomada de decisão quanto ao sentido da mensagem. Para Seeber (2011), essa assimilação transcorre, primeiramente, como reconhecimento do léxico, no nível de significante e significado e nas relações entre os blocos informativos do texto como um todo, vinculando-

²¹ Este modelo e suas atualizações vêm sendo compartilhados por Daniel Gile no seguinte endereço: <<http://www.cirinandgile.com/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>>. Até o momento, a última edição feita pelo autor foi em 29 de setembro de 2020.

²² Minha tradução de: “*The distinction between automatic and non-automatic operations is sometimes difficult to make, as non-automatic operations vary in the processing capacity they require and may become automatic after enough repetition*”.

se ao conhecimento situacional e de mundo que o intérprete possui. Então, especialmente por inferência, esse orquestrará suas escolhas para o entendimento global da mensagem. Essa afirmação corrobora às ponderações de Pöchhacker (2004) ao argumentar que a compreensão não é um procedimento passivo, necessitando, portanto, de uma construção viva e dinâmica de representação mental que acomode as novas informações recebidas aos conhecimentos já existentes. Gile (1995) ainda frisa que a AA é uma operação não automática e, em meio a um processo interpretativo, há certa dificuldade em mensurar a compreensão operacional.

O segundo esforço é a memória de curto prazo (M) que se inicia no exato momento em que uma fração de TF é emitida, remetendo-se ao armazenamento, por um reduzido período de tempo, e à concessão e à manipulação de informações da mensagem na LF para serem reformuladas à LA. Ela terá grande importância, visto que os intérpretes deverão estar atentos e concentrados no encadeamento das informações, dado que, mesmo enquanto produzem a língua-alvo, não podem desprezar as novas mensagens recebidas da língua-fonte. Esse esforço, sem qualquer vinculação a um modelo cognitivo de memória, para Gile (2009), é rastreado como uma operação não automática, pois incorpora uma variação quanto à duração, à conservação e à retenção de informações para uso subsequente.

Consoante a Seeber (2011) e Nascimento (2012), a M concretiza-se como uma memória de trabalho por possuir importante atribuição nas tarefas cognitivas linguísticas. Anteriormente, Baddeley (2003, p. 189) já afirmava que a memória de trabalho “[...] envolve o armazenamento temporário e a manipulação de informações que se supõe serem necessárias para uma vasta gama de atividades cognitivas complexas”.²³ No diálogo do estudo da interpretação simultânea com a pesquisa cognitiva, percebe-se que essa memória participa tanto do processo de compreensão da mensagem na LF quanto da produção na LA. Um dos modelos de memória de trabalho difundidos e amplamente aceito é o apresentado em Baddeley (2007), que abarca quatro segmentos: (i) o executivo central que ressalta, reparte e altera a atenção, fundamenta-se na regulação da concentração, uma vez que enquanto seleciona uma informação, obstrui outra para evitar a dispersão da atenção; (ii) o laço fonológico responsável por acumular e processar as informações verbais; (iii) o quadro de desenho “visuoespacial” capaz de englobar e articular as informações visuais e espaciais; e (iv) o retentor episódico que compõe as diversas informações na memória.

Em relação aos parâmetros verbais, segundo Wang (2013), embasada em outros autores, os períodos de leitura, escuta, operação e contagem estão incluídos, pois é a etapa

²³ Minha tradução de: “[...] involves the temporary storage and manipulation of information that is assumed to be necessary for a wide range of complex cognitive activities”.

em que a pessoa detém acesso às mensagens, avalia se há ou não sentido e as organiza mentalmente, de maneira que se recorde das mesmas. Ainda de acordo com a autora, o componente não linguístico (i.e., visual e espacial não verbal) pode ser medido ou identificado pela noção de simetria, rotação, distância e movimentos. É válido pontuar que, até o momento, conforme Wang (2013) expõe, os estudos desenvolvidos a esse respeito revelam uma relação profícua de encadeamento entre os componentes da memória de trabalho mencionados, e o funcionamento de atividades complexas, como a compreensão de leitura, o aprendizado e a interpretação simultânea em si.

Entretanto, a memória de trabalho, além de ser apta a gerenciar a atenção e solicitada pela atividade e variável de um indivíduo ao outro, também é limitada quanto à quantidade de itens a serem processados e acomodados sincronicamente, sendo necessário estabelecer conexões semânticas-pragmáticas para o armazenamento de vários itens possíveis (e.g., fonemas, léxicos, sentenças, textos) e, então, “extrair” os seus significados. Além disso, a complexidade desses elementos e a atividade a ser realizada por meio deles impactam essa memória. Por essa razão Yudes, Macizo e Bajo (2012) alegam que a familiaridade do intérprete com o material textual da LF tende a interferir positivamente na conservação das informações, participando das ligações linguísticas mencionadas anteriormente e podendo ser otimizadas pela alta periodicidade dos itens lexicais durante a recepção. Há também a memória de longo prazo que gerencia e arquiva as informações por um período maior, podendo ir de minutos a anos.

Pesquisas que mensurem a extensão e a produtividade da memória de trabalho em intérpretes de línguas de sinais durante o processamento cognitivo simultâneo ainda são escassas. Para ilustração, no Brasil, há o estudo de Parente-Júnior (2016), que averiguou uma possível relação entre a memória de trabalho e a manifestação de semelhanças interpretativas em uma tarefa de IS da Libras para o Português de uma crônica retirada do acervo de textos traduzidos para um exame nacional de proficiência em Libras de 2009. A amostra do autor contou com a participação de 12 profissionais intérpretes considerados expertos que, além da atividade empírica e das entrevistas após a sua atuação, efetuaram o *Speaking Span Test* (Teste de Extensão da Fala, em português), avaliação que permite a aferição do rendimento individual da memória de trabalho. A partir dos resultados do estudo, o autor percebeu que quanto mais elevada for a capacidade individual dessa memória, maior será a habilidade de adequação da semelhança interpretativa entre o TF e o TA no modo interpretativo e na direção linguística em questão.

Embora não seja em processamento de IS, em contexto internacional, encontra-se a investigação de Wang (2013), que desenvolveu um estudo com 14 intérpretes nativos de Língua Australiana de Sinais (Auslan) e Inglês e 17 não nativos de Auslan. A autora aplicou uma tarefa na direção direta e outra na direção inversa, sendo a primeira realizada a partir de um vídeo em língua de sinais, e a segunda em base de um texto vocal, ambos com temática formal relacionada ao âmbito de conferência. Em seguida, aplicou uma entrevista semiestruturada com os participantes após cada uma das tarefas. A autora percebeu que não há, para as duas atividades solicitadas, discrepância de atuação entre os dois grupos, insinuando que a memória de trabalho é requisitada como recurso cognitivo nas duas direções interpretativas. Nas entrevistas, individualmente realizadas, os informantes relataram que a retenção do léxico na memória se dava por estratégias, como a relação sonora e visual entre as pronúncias e as grafias das palavras em Inglês, bem como a visualização do sinal da Auslan ou a representação imagética mental de determinada ação, seja vocalizada, seja sinalizada, como na sentença em “O gato ficou zangado e começou a balançar o rabo”²⁴(WANG, 2013, p.155), em que a intérprete descreveu imaginar o gato realizando tal feito como forma de memorizar a informação.

O terceiro esforço proposto por Gile (1995) em seu modelo preocupa-se com a produção (P), período esse em que as informações são representadas e organizadas mentalmente, para, então, serem externadas na LA, levando em consideração a construção discursiva dessa outra língua, permitindo, também, a autocorreção. Para o autor, tal fase implica na culminância do processo interpretativo que abrange a representação e o processamento mental da mensagem a ser manifestada enquanto produto da atividade. Essa, por sua vez, também é tida como uma operação não automática, em razão da dependência de explanação do TF pelo orador. Segundo Gile (1995), quando os termos proferidos na LF possuem correspondência direta na LA, a produção pode ser menos desgastante. A diferença na construção sintática de ambas as línguas necessita ser considerada para evitar que a produção acompanhe irrestritamente a estrutura da língua-fonte, tornando o processo mais frágil.

Intuindo dimensionar, direcionar e monitorar, balanceada e simultaneamente, todos esses três esforços, tem-se o último esforço, a coordenação (C), que, semelhante a uma função executiva, também demandará recursos de atenção para gerir todo o processo interpretativo. Dos quatro esforços, ainda que por presunção à sua organização, o esforço de

²⁴ Minha tradução de: “*The cat became angry and started to flick its tail*”.

audição e análise, ora também conhecido como compreensão, e a produção, parecem atuar de maneira não compartilhada, já que o recebimento de informações em uma língua e a exposição em outra são etapas diferentes, embora sequenciais.

No entanto, essa perspectiva está equivocada, já que, no ciclo processual da interpretação, o produto gerado pelo intérprete pode retroalimentar até mesmo a sua compreensão do discurso. Tal ponderação pode se respaldar em momentos nos quais, a partir de um erro na manifestação do TA, o profissional apresenta incorreções no entendimento do TF. Quanto à memória requerida no processo interpretativo, essa, por sua vez, faz parte das duas fases sobreditas, pois coexistirão aspectos lexicais, sintáticos, semântico-pragmáticos da LF e da LA. Por isso, Gile (1995) coloca a memória em uma posição central na construção do seu modelo.

Esse modelo de Gile (1995, 2009)²⁵ resulta na fórmula comumente conhecida $IS = AA + M + P + C$, na qual pelo menos um dos esforços sempre estará ativo. Em uma situação pontual em que o orador mencionou algo programado previamente e manteve-se em uma pausa, o intérprete lidará somente com o esforço da produção. Outra ocasião em que ele recebe as informações da LF, as re-organiza e retém na memória, porém não produz imediatamente por alguma razão, evidencia-se a movimentação de dois dos esforços. No entanto, em um processo de interpretação simultânea, os três esforços principais (i.e., A, M e P) são maciçamente mobilizados e ativados. O autor ainda afirma que intérpretes que atuam

²⁵ O autor também propôs um Modelo dos Esforços para a interpretação consecutiva (longa). A título de conhecimento, tal modelo é formatado em duas etapas. A primeira consiste na audição/percepção, cuja fórmula é: $AA + M + EM + C$, sendo EN a elaboração de notas, e não ao discurso na LA, implicando em uma elevada pressão cognitiva. A segunda etapa é denominada reformulação, que envolve a leitura (L) + a recordação (RE) + P + C, sendo a leitura o acesso à nota redigida na fase anterior, a recordação significa a retomada das informações do TF por conta da memória de trabalho e P é a finalização do processo, referindo-se à produção propriamente dita do enunciado na língua-alvo (GILE, 1995, 2009). O referido autor ainda sugere um Modelo dos Esforços para a tradução oral/interpretação à prima vista, equacionado em: $L + M + P + C$, na qual L denota o esforço de leitura e P se torna uma etapa singular, pelo fato de haver certa concorrência visual, o que pode resultar em interferências linguísticas e, até mesmo, externas. Gile (2018) salienta que quaisquer desses modelos citados e os de interpretação simultânea comum e com suporte do texto podem ser revisitados e, a partir das demandas nas quais os intérpretes são expostos, esforços podem ser acrescidos, com vistas à ressignificar todo o processo. Considerando que, atualmente, muitas tarefas de interpretação estão sendo realizadas com o amparo das tecnologias e com o ambiente de trabalho diversificado, Gile (2020) destaca que os esforços que envolvem o manuseio de aparatos como monitor, tela e teclado, além de questões pontuais como o ato de ligar ou desligar o aparelho e regular a frequência do som, podem ser concebidas como interações entre o homem e a máquina (IHM). Assim, a formulação para esse modelo seria $IS = R + M + P + IHM + C$. Nessa mesma linha, em interpretação remota, o autor pondera a questão da alternância entre os intérpretes (i.e., de turno e de apoio) em uma plataforma na qual o fato de receber a informação que haverá a alternância entre os intérpretes, finalizar a produção do enunciado, pausar e aguardar para que o outro comece a atividade, permeado pelo atraso no processamento dos insumos sonoros e linguísticos dos sistemas, parece gerar um esforço em relação a tomada dos turnos (TT). Isso corrobora em uma equação definida por: $IS = R + M + P + C + TT$. Ainda, admitindo que qualquer interpretação sensibilize interações entre os agentes e essas, por sua vez, demandam de escolhas e reformulações condizentes ao público-alvo, o esforço das considerações humanas e sociais (CHS) deve existir, acarretando em $IS = R + M + P + C + CHS$.

entre línguas operam, a todo momento, na fronteira em meio à capacidade disponível, que seria a capacidade individual que cada um dos esforços possui para executar e finalizar a tarefa requisitada, e à capacidade de processamento total, resultante de todos os esforços ativados na atividade. Mais uma vez, essa restrição operacional é intrínseca ao sujeito e à situação interpretativa na qual está exposto.

Por essa razão, Gile (1995, 2009) também representa esse conceito em um formato aditivo, na qual a capacidade de processamento total seria $CPT = CPAA + CPM + CPP + CPC$. O autor ainda descreve, por meio de desigualdades (\leq), a importância de que cada uma das capacidades totais (i.e., CPT, CPAA, CPM, CPP, CPC) seja inferior e/ou igual à capacidade disponível de processamento como condição ideal para que a interpretação simultânea seja exitosa. Ultrapassando esse limite de recursos atencionais, o processo e, conseqüentemente, o produto interpretativo, serão afetados.

Isso pode ser ocasionado pela fala e/ou entendimento deturpado do TF e pelo armazenamento precário e incompleto de informações na memória de curto prazo. Corroborando e reafirmando essas questões, o autor indica duas condições importantes a serem satisfeitas em que a soma dos três esforços principais, além da coordenação, não deve extrapolar a CPT, e, sempre que possível, essa capacidade de processamento disponível para cada um dos esforços necessita ser adequada para tratar a atividade interpretativa como um todo.

Essa atuação próxima ao limite da capacidade de processamento é denominada *Tightrope Hypothesis* (Hipótese da Corda Bamba, em português), quando os intérpretes trabalham em estágios de carga cognitiva, que se pode remeter à porção de ações mentais imprescindíveis para a execução completa de uma tarefa, beirando à saturação (GILE, 1999). Essa repleção pode suceder em virtude do encadeamento total da atividade ou, caso o profissional priorize, independentemente de qual seja o motivo, algum dos quatro esforços citados, os demais poderão ser comprometidos. Gile (2009) realça que, caso não houvesse essa hipótese, seria plausível afirmar que a capacidade de computação cognitiva conseguiria acolher indistinta e confortavelmente toda a atividade interpretativa. Assim, quaisquer eventuais equívocos ou falhas seriam estritamente associadas a conhecimentos especializados e linguísticos limitados.

Nesse sentido, a Teoria da Corda Bamba, proposta intuitiva e holisticamente, revigora a justificativa para erros, omissões e/ou infelicidades de ordem lexical, discursiva, numérica e prosódica que, a princípio, não possuem motivos aparentes para acontecerem, conforme Gile (1999) e Mazza (2000) demonstraram em seus experimentos citados anteriormente. Gile

(2009, 2018) defende que tais situações, intituladas por ele de *problem triggers* (gatilhos de problemas, em português), ocorrem em função da insuficiente disponibilidade de recursos atencionais ou da má gestão dos mesmos, no momento que determinadas etapas do processo interpretativo, como a compreensão, a memória de curto prazo ou a produção, requerem. Ademais, a Hipótese da Corda Bamba atesta que, pelo menos cognitivamente, a interpretação simultânea não parece ser tão inerte, sequencial e baseada meramente na junção de esforços, como sua fórmula sugere ($IS = AA + M + P + C$). Mesmo que se trate de uma representação um tanto quanto intuitiva e não haja estudos empíricos hábeis para subsidiar como a estrutura cognitiva é acometida (GILE, 2018), cada um dos esforços exige, a todo instante, seu gerenciamento por parte dos intérpretes, impondo dificuldade na tentativa de avaliar a capacidade de processamento dos esforços individualmente.

Gile (2009) observa, por exemplo, que em determinadas situações a compreensão de itens lexicais no discurso-fonte pode não estar tão clara e, por isso, o intérprete precisará armazenar um maior número de unidades, até então incompreensíveis, e outras que surgem de acordo com o fluxo simultâneo. Assim, o profissional pode re-organizar as mensagens e produzir os enunciados da maneira que julgar mais adequada, não acompanhando, necessariamente, a sequência em que as informações foram retidas na memória.

Destarte, o próprio autor ressalta que o sinal matemático (=) deve ser lido como *consists of* (consiste em, em português) e (+) concebido em uma visão aditiva mais ampla e não estritamente aritmética, conglomerando a intensidade cognitiva dos esforços como um todo. A aparente simplificação do modelo vai ao encontro de umas das finalidades e implicações de proposição deste estudo, a pedagógica, estendida também à formação inicial e continuada de intérpretes.

Gile (2018) ainda avulta que esse modelo, assim como as suas atualizações e seus desdobramentos, não é baseado em teorias singulares da psicologia cognitiva e da neurociência quanto a função executiva, a memória de trabalho, a quantificação do encargo cognitivo em cada um dos esforços, entre outras particularidades. Todavia, o próprio autor não rejeita a possibilidade do Modelo dos Esforços, enquanto estrutura conceitual, contribuir para estudos experimentais e comprovações científicas.

Todas as considerações feitas até aqui também podem ser aplicadas aos intérpretes que atuam entre línguas gestuais-visuais (i.e., intramodais gestuais visuais) ou mesmo aos que operam entre uma língua de modalidade vocal-auditiva e outra gestual-visual (i.e., intermodais). Por isso, Pointurier-Pournin (2014), com base no modelo proposto por Gile

(1995), sugere um específico para a interpretação simultânea intermodal inversa, com foco no processo de sinalização.

A partir dessa especificidade, pontua-se, no trabalho de Pointurier-Pournin (2014), a existência do esforço da recepção (R), que engloba o ato de ouvir ou de ver e avaliar/analisar a mensagem da LF, papel semelhante ao esforço de audição e análise (AA) no primeiro modelo para a interpretação simultânea. A autora acrescenta ainda a autogestão no espaço (AGE), que abarca a disposição e o posicionamento físico do profissional para que ele se coloque em um local e ângulo visíveis ao público, guardando ou não relativa distância do orador, de maneira que possa compreender com clareza as informações da língua-fonte. A AGE comporta, particularmente, a direção inversa, da língua vocal-auditiva para a língua gestual-visual. Entretanto, ela também pode ser concebida para a direção direta, uma vez que é importante o intérprete conseguir selecionar um local adequado para se instalar, visualizando bem o orador e a sua respectiva sinalização.

Outro esforço adicionado por Pointurier-Pournin (2014) é o da interação imediata com as pessoas surdas (IIS), que se remete ao contato visual e a atenção que o intérprete necessita ter para avaliar duas situações. Uma dessas interações é se determinada manifestação corporal-facial e/ou sinalização do público surdo refere-se a resposta ou indagação a algum questionamento feito em meio ao discurso ou trata-se, apenas, de um pensamento interno do sujeito diante da circunstância. Caso seja somente esse pensamento interno, presume-se não haver a intenção, por parte do interlocutor, de ser compartilhada aos demais. Logo, a equação para esse modelo é $IS = R + M + P + AGE + IIS + C$.

Alinhado à interpretação simultânea intramodal gestual-visual de autoria surda, Ferreira (2019) tece proposições ao Modelo dos Esforços de Gile (1995). Primeiramente, o autor ressignifica o esforço AA para visão e análise (VA), uma vez que os intérpretes surdos acessam o TF pelo canal visual, assim como ocorre nas interpretações intermodais diretas. Diante da especificidade de atuação, além dos AGE e IIS declarados por Pointurier-Pournin (2014), adita o esforço de autogestão da recepção visual do texto-fonte e de informações visuais (ARV), na qual o intérprete precisará gerenciar todos os insumos visuais que recebe, seja do orador, seja do público-alvo, seja dos demais intérpretes presentes, seja dos materiais utilizados como *slides* e monitores no ambiente, para que a concorrência visual que pode existir não prejudique o processo interpretativo. Ainda, incorpora o esforço de interação em tempo real com o “intérprete de apoio”²⁶ (ICI), já que obterá informações por meio desse

²⁶ Ressalvas feitas pelo autor para se referir, de maneira genérica, aos membros que compõem a equipe de interpretação e não estão em atuação de turno.

profissional, seja pela mera reprodução do TF, seja pela re-expressão no TA, seja com o oferecimento de algum sinal e/ou adaptação na sinalização, seja apresentando informações a respeito do que se passa atrás do intérprete do turno no espaço, para o andamento e execução da atividade.

Mantendo os esforços de memória de curto prazo, de produção e de coordenação, a síntese matemática desse modelo seria $IS = VA + M + P + AGE + ARV + ICS + ICI + C$. Por lidar com a interpretação entre duas línguas de sinais e não depender, essencialmente, dos canais vocais e auditivos para a percepção e a reformulação das informações nas língua-fonte e língua-alvo, esse modelo também tende a ser aplicado aos intérpretes ouvintes.

Em virtude de as línguas gestuais-visuais serem quadrimensionais e empregarem o espaço para construções sintáticas (MEIER, 2002; FERREIRA, 2010; LILLO-MARTIN, 2012; LILLO-MARTIN; GAJEWSKI, 2014; CARNEIRO, 2015; LOURENÇO, 2015), o esforço de uso da memória e seu resgate, quanto às marcações e informações intrínsecas a esses espaços de sinalização, é intenso (POINTURIER-POURNIN, 2014). Por isso, a modalidade das línguas (i.e., vocal-auditiva e gestual-visual) é um fator a se levar em consideração em todo o processo, como ponderam Wang (2013, 2016) e Wang e Napier (2013).

Novamente, as formulações (e.g., $IS = R + M + P + AGE + IIS + C$ e $IS = VA + M + P + AGE + ARV + ICS + ICI + C$) propostas para a interpretação simultânea envolvendo línguas de sinais figuram-se em função de somatório. No entanto, aludindo às mesmas justificativas em relação ao Modelo dos Esforços entre línguas vocais-auditivas, ela mobiliza, além dos esforços explícitos na equação e compartilhados com a interpretação nesses pares linguísticos, a carga cognitiva que perpassa o contato e a atenção visual, bem como o posicionamento físico e linguístico no espaço. Essa constatação emerge apenas com o propósito de evidenciar os aspectos apontados diretamente nos Modelos. Não existe aqui a pretensão em imprimir na interpretação de/entre/para línguas de sinais um caráter de exclusividade ou exotismo.

Além da IS comum, configuração amplamente conhecida, em que somente os discurso-fonte e discurso-alvo orais são considerados, a interpretação simultânea com o suporte de um texto (ISST) (i.e., modalidade interpretativa em que a fala do orador é acompanhada por um texto escrito) permite a dilatação da perspectiva desse modo interpretativo bastante empregado em diversos contextos de atuação como o de conferência. Ademais, esse processo integra uma perspectiva interacional entre os textos, como ressaltam Rojo e Schneuwly (2006). Isso porque, nesse caso, além de serem proferidos oralmente, os

enunciados da LF também estão disponíveis, parcial ou integralmente, em modalidade escrita ao público-alvo e aos intérpretes. Esses textos abarcam quaisquer registros que estejam alinhados à fala do orador, como o uso de *slides* com apresentações verbais, acompanhados ou não de fontes imagéticas. Ainda, podem ser disponibilizados com antecedência aos intérpretes para fins de preparação, sendo um dos elementos da etapa de pré-interpretação. Tal prática é recomendada e pode contribuir a um desempenho favorável na interpretação em si (NOGUEIRA, 2016, 2020).

Essa dinâmica com o apoio textual durante a tarefa interpretativa surge como um instrumento capaz de auxiliar o intérprete caso ele não tenha compreendido ou se atentado para questões como nomes específicos, citações discursivas e números, ou mesmo para ratificar determinada passagem do TF que foi re-expressada na LA.

Em relação ao processo interpretativo em si, Gile (2009, 2020) defende que a existência dessas informações compartilhadas por meio de textos escritos pode reduzir os recursos atencionais destinados à memória de curto prazo. Por outro lado, o autor reconhece que, imbricado ao tempo, à retórica e à velocidade de fala, esse modo solicita ao intérprete um esforço para coordenar a leitura do material escrito em meio à atividade e associá-lo ao discurso oral, já que a forma de manifestação linguística entre essas duas modalidades de uso da língua (i.e., escrita e oral) são distintas. Enquanto uma ocorre de maneira mais organizada, com o devido cuidado para a disposição e a construção das sentenças, a outra permite uma produção com mais hesitações e recursividades.

Todavia, Gile (2009) adverte para a atenção que o intérprete necessita ter ao intercambiar os apontamentos orais produzidos pelo orador e os escritos exibidos por ele, uma vez que, por vezes, novas informações não existentes no texto documentado podem emergir, bem como nem todas as passagens citadas no material serem mencionadas na fala do orador. Isso evidencia que os insumos (i.e., orais, visuais, imagéticos, sonoros, escritos) recebidos pelo intérprete implicam em aspectos de ordem cognitiva como citam Ivanov, Davies e Naimushin (2014).

Seeber (2015) sublinha que mesmo ainda não havendo uma unanimidade e entendimento de como o acesso ao material escrito pode influenciar essa modalidade interpretativa, Gile (2009) propõe um modelo que tenta acolher e acomodar o processo vivido pelos intérpretes nesse formato. A equação resultante $ISST = AA + L + M + P + C$, na qual os esforços de audição e análise/percepção, leitura, memória, produção e coordenação são compilados. Em síntese, o autor aponta que “a chave para uma boa interpretação simultânea com texto é o bom gerenciamento da capacidade de processamento com o equilíbrio certo

entre recursos de processamento alocados para escuta e recursos alocados à leitura”²⁷ (p. 182). É oportuno acentuar que esse modo de interpretação, mesmo envolvendo signos escritos, mantém a sua enunciação e, portanto, a LF em caráter oral. Enquanto isso, a interpretação à prima vista origina-se estritamente de um registro. Logo, essas atividades parecem ser díspares, impossibilitando qualquer aproximação em relação às suas respectivas operações.

Diante de toda a conjuntura exposta, dois esforços, entre os apontados, a recepção/compreensão e a produção, são sempre lembrados e, talvez de maneira simplória, tidos como os mais notáveis. Entretanto, admite-se que o processo interpretativo em si não ocorre sem a coordenação de todos os esforços, apesar da memória, do posicionamento, da interação visual e da coordenação não dependerem, *a priori*, da modalidade das línguas.

Apesar de não haver unanimidade na literatura nacional e internacional sobre qual desses esforços reivindicaria maior atenção e, por conseguinte, requisitaria maior encargo cognitivo, parece ser importante discutir algumas ponderações relativas à conjuntura da linguagem em si e aos contrastes entre línguas relacionados à interpretação para melhor aprofundar e problematizar essa questão.

Em relação aos fatores específicos da linguagem, Gile (2005) cogita a possibilidade de que a compreensão e a produção da fala, enquanto módulo de processamento cognitivo — neste caso, em línguas distintas, por se tratar de uma interpretação interlinguística —, podem estar concatenadas a diferenças como: (i) a maior ou menor variabilidade em sotaques ou dialetos em uma determinada língua, o que pode levar até mesmo falantes nativos a uma dificuldade de entendimento. Esse ponto esbarra na forma natural e dinâmica de como as línguas são construídas, já que, sobretudo a partir do olhar sociolinguístico, as línguas são indissociáveis das pessoas, das culturas, das histórias, das situações, dos espaços e do tempo. Assim, Rodrigues e Silva (2017) tecem reflexões a respeito da Libras no tocante à variação, à mudança e ao contato linguístico, a fim de que os leitores e os falantes nativos ou não percebam a riqueza e a variabilidade que contornam a língua.

Outro fator que Gile (2005) traz é (ii) a maior ou menor flexibilidade sintática da língua, o que pode impor aos falantes uma quantidade limitada ou diversificada de escolhas para a organização das ideias e influenciar a compreensão e a produção linguísticas. A Libras, por exemplo, de acordo com Quadros (2019), apresenta a forma canônica sujeito-verbo-

²⁷ Minha tradução de: “*the key to good simultaneous interpreting with text is good processing capacity management with the right balance between processing resources allocated to listening and resources allocated to reading.*”

objeto, porém é versátil ao permitir o uso de modos adjacentes como sujeito-objeto-verbo e objeto-sujeito-verbo. Ainda, possui construções afirmativas, negativas e interrogativas, em tópico e em foco.

Em consonância com esse ponto, tem-se (iii) a preferência por estruturas sintáticas que submetem os falantes, em momento de produção, ao armazenamento de um número razoável de informações na memória de trabalho e assim evocam maior intensidade cognitiva, para que sejam re-expressas morfossintaticamente corretas. Em contrapartida, ao assimilar a mensagem, os intérpretes não tendem a se preocupar, necessariamente, com esses detalhes, mas apenas a entender o conteúdo, gerando um menor encargo cognitivo. A diferença gramatical entre a Libras e o Português é notória e o gênero biológico será evidenciado pela junção do substantivo a homem ou mulher. Exemplos adicionais são as construções verbais, uma vez que essas, em Português, já englobam a desinência e o tempo, conforme aborda Lourenço (2015, 2018).

Tangente à dificuldade de compreensão, o autor salienta a possibilidade de haver, em determinados textos, (iv) um número razoável de homófonos, palavras que portam a mesma fonética, apesar de exibirem grafias e significação diferentes. Isso revela que essas palavras são pronunciadas da mesma forma, porém escritas de maneira distinta e possuindo significados diferentes. Desse modo, para desambiguar esses léxicos e auxiliar no entendimento da mensagem, o contexto será essencial. Homofonia é um exemplo de homonímia e, expandindo a ideia, tem-se a polissemia. Esses dois termos (i.e., homonímia e polissemia) diferenciam-se basicamente, consoante a Alves (2000) e Pinheiro (2010), em que ambos apresentam significantes iguais com significação dissemelhante, mas a polissemia manifesta certa relação histórica entre esses termos, ao passo que a homonímia não exprime qualquer familiaridade entre eles. Assim, como quaisquer línguas naturais, tais fenômenos semânticos também ocorrem na Libras (MARTINS; BIDARRA, 2011; SOARES, 2013), exemplificado em alguns pares de sinais [LARANJA]/[SÁBADO], [BISCOITO]/[MÃE], [ADOTAR]/[LUCRO], [DISCUSSÃO]/[POLÍTICA].²⁸

Por fim, Gile (2005) enfatiza (v) a riqueza lexical das línguas, engendrando, em processo de produção linguística, identificar, nomear e marcar entidades com o referido termo, ao contrário de explorar paráfrases ou explicações. Sabe-se que tanto a paráfrase como a explicação, a explanação, entre outros, podem ser estratégias e técnicas que o profissional

²⁸ Em meio ao texto, os sinais em Libras estão representados em palavras grafadas, com letras maiúsculas, em Português e entre colchetes. Essa notação é conhecida como glosa (SOUZA, 1998).

tende a utilizar, como ressalta Barbosa (2004).²⁹ Além disso, embora haja termos equivalentes e/ou semelhantes para referenciar ideias nas línguas, quando se trata da Libras, por realizar-se na modalidade gestual-visual, por vezes, haverá uso de descritores visuais que evocam, na interpretação para o Português, uma sequência, muitas vezes extensa, de termos representados em uma única construção em sinais.

Gile (2005) também argumenta que os contrastes entre pares linguísticos dissemelhantes podem influenciar a atividade de compreensão e de produção e, assim, a capacidade de processamento do intérprete. De acordo com o autor, estabelecer interpretação entre línguas sintaticamente distintas pode pressionar o profissional a aumentar o tempo de espera entre compreender a mensagem e produzi-la na LA. Essa dinâmica acontece pelo fato de que em uma IS é praticamente inexistente a situação em que o intérprete acessa o material linguístico vocal ou visual integralmente, até o último item lexical, antes de efetuar a interpretação.

Conforme citado anteriormente, Rodrigues (2013), Lourenço (2015, 2018) e Quadros (2019) reafirmam que a Libras caracteriza-se por sua sintaxe espacial e isso pode afetar o processo interpretativo. Se a interpretação for em direção direta, da Libras para o Português, o intérprete precisa, por exemplo, memorizar as marcações referenciais feitas no espaço para expressá-las posteriormente, visto que é comum, após tal marcação, objetivando evitar redundâncias e um discurso enfadonho, que o falante utilize recursos dêiticos para promover maior agilidade e fluidez em sua manifestação linguística. Exemplificando, em direção inversa, o intérprete necessita organizar espacialmente as informações, de modo que não fiquem sobrepostas e gerem dificuldades de compreensão no público. Nesse caso, a memória também será ativada para que o intérprete possa conseguir localizar as entidades no espaço para retomá-las, por meio dos apontamentos, por exemplo.

Seguindo esse viés, Gile (2005) explana que há línguas mais e menos concisas. Em outras palavras, se comparadas, ambas expressam informações e ideias correspondentes, porém algumas empregam mais ou menos termos que outras. Essa característica linguística é proveniente de aspectos gramaticais e semântico-pragmáticos e pode impactar, durante a interpretação, a memória de trabalho, pela demanda de retenção de mais informações e termos, para então, produzi-los, imprimindo um intervalo de tempo maior ou menor entre a etapa de compreensão e a de produção. Além da particularidade linguística, a modalidade

²⁹ Ainda que esta obra seja aplicada para a tradução escrita intramodal vocal-auditiva, a sua menção insere-se somente para relatar os procedimentos gerais de reformulação interlinguística existentes. Em função da sua natureza, a interpretação tende a demandar operações específicas para tal.

das línguas de sinais também conduz à concisão de línguas, visto que, em estruturas gramaticais e espaciais, há probabilidade de um uso mínimo de sinais que, ao serem transpostas para o Português, carecem de várias palavras para que a ideia seja linearizada e coerentemente exposta (RODRIGUES, 2013). Ainda que a sua menção seja feita, é importante ressaltar que, geralmente, para apontar ou descrever essas particularidades de concisão das línguas, a estrutura morfológica interna dos termos é pouco admitida, além de não ser possível afirmar que os enunciados em determinada língua possuirão permanentemente mais ou menos itens lexicais que outras.

Ademais, para Gile (2005), a possibilidade de interpretar entre línguas cognatas, em que várias palavras tendem a possuir as mesmas raízes, favorece a recuperação de termos equivalentes entre a LF e a LA. Entretanto, o autor salienta que devido a essa facilidade e aparente menor esforço, há chances de existir interferência linguística na produção. Para evitar tal situação, o intérprete precisará centralizar maior esforço nessa etapa (i.e., a de produção).

A Libras e o Português são distintas, e, apesar de estarem em constante contato, a Libras tende a agregar e a lexicalizar termos oriundos do Português, mas o contrário é praticamente inexistente. Esse movimento, do ponto de vista social, perpassa questões de cunho político, sendo a Libras uma língua usada por um grupo minoritário de falantes nativos e não nativos e, embora ações pontuais tenham se sobressaído nos últimos anos, ainda não está presente em todos os espaços. Não obstante, os surdos brasileiros, por viverem em um país cuja língua oficial é o Português, devem apre(e)nder³⁰ essa língua para se tornarem bilíngues.

Um ponto que merece destaque é a modalidade gestual-visual da Libras que permite, em sua função comunicacional e no processo interpretativo e tradutório, seu uso concomitante ao Português, de modalidade vocal-auditiva. Esse termo, modalidade, neste caso, de acordo com McBurney (2004), define-se como os sistemas biológicos e físicos em que as línguas se realizam foneticamente, a partir da sua produção e percepção. Assim, a Libras manifesta-se externamente por meio do corpo (i.e., cabeça, tronco, membros, principalmente os superiores), seus subsegmentos (i.e., boca, língua, bochecha, olhos, sobrelha, braços, mãos, dedos) e respectivos movimentos. A organização desses promove

³⁰ Nesta dissertação não se pretende entrar no mérito de como está sendo desenvolvido o ensino e a aprendizagem de Português para surdos como segunda língua/língua adicional. O recomendado seria que essa fosse aplicada em modalidade escrita e que a Libras, como língua de instrução, regesse todo o processo de ensino.

a constituição dos sinais. A articulação perceptiva dessa língua se dará, apurada e aguçadamente, pelo canal visual. Enquanto isso, o Português expressa-se por meio dos sons que são produzidos, a partir de uma gestualidade mais interna ao corpo, pelo aparelho fonador (i.e., cavidade nasal, oral, língua, laringe, pregas vocais, traqueia, pulmões, diafragma) e algumas subestruturas (i.e., lábios, língua, dentes, epiglote, faringe, alvéolos). Destarte, a fala vocal será procedente de correntes de ar que partem dos pulmões e perpassam pelas subestruturas mencionadas (TAVARES; SILVA, 2008). Já a percepção se orientará, exclusivamente, pelo canal auditivo.

Admitindo esses pressupostos, Rodrigues (2018c, p. 115) traça um paralelo entre essas linguagens verbais, testemunhando suas particularidades do ponto de vista da modalidade vocal-auditiva e gestual-visual.

Quadro 1 - Distinções entre as línguas vocais-auditivas e as gestuais-visuais, sob a ótica da modalidade

LÍNGUAS VOCAIS	LÍNGUAS GESTUAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) menor	Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo-espço, sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2018c, p. 115)

Ratificando essa questão, Rodrigues (2018c, p. 117), explica que:

Os efeitos da modalidade estão relacionados diretamente às características fonéticas da língua. Enquanto nas línguas orais [vocais] os fonemas correspondem às unidades sonoras, nas línguas de sinais eles correspondem às formas das mãos, aos pontos de articulação e aos movimentos, por exemplo. O fato de as línguas de sinais realizarem-se por meio dos movimentos do corpo no espaço (mais especificamente da parte superior

do corpo, da cintura para cima), ou seja, de o corpo constituir-se em língua, permite que algumas características se destaquem: a simultaneidade, a iconicidade, a sintaxe espacial, a visibilidade necessária do falante, a possibilidade de uso concomitante da modalidade vocal-auditiva, dentre outras.

Nesse sentido, tratando-se das modalidades, uma das suas implicações em interpretação e tradução intermodal é a possibilidade de acionar as duas línguas ao mesmo tempo durante a produção linguística. Esse corriqueiro evento é denominado *code-blending* (sobreposição de línguas, em português) e, conseqüentemente, acontece, estritamente, com falantes bilíngues de línguas de modalidades diferentes. Tal fenômeno linguístico, assim como o *code-switching* (alternância de línguas, em português),³¹ é decorrente do bilinguismo inter/intramodal em que as comunidades são/estão imersas, colaborando para o avanço de estudos e pesquisas quanto a correspondências e a restrições gramaticais existentes entre os mais diversificados pares de línguas (QUADROS, 2018).

A esse respeito, investigações acadêmicas têm sido promovidas, principalmente com crianças e jovens CODAs, a fim de verificar e avaliar, nas produções linguísticas, as influências encontradas em estruturas gramaticais, conforme apontam Shook e Marian (2012), Unsworth (2013), Quadros, Lillo-Martins e Pichler (2014), Quadros, Lillo-Martin e Emmorey (2016) e Quadros (2018) e corroborar indícios de que, na mente dos bilíngues, as línguas são mantidas ativas e em processamento (QUER; STEINBACH, 2019). Em contrapartida, Macnamara e Conway (2014) alvitram, a partir de testes longitudinais de controle cognitivo e produtividade de memória de trabalho com bilíngues intermodais adultos, que, pelo fato desse grupo lidar com duas línguas de modalidade distinta, o grau de interferência entre elas tende a ser menor, se comparado aos bilíngues intramodais vocais-auditivos. Esse estudo não contemplou os bilíngues intramodais gestuais-visuais, o que seria interessante para traçar um panorama das interposições linguísticas, preservando as devidas proporções e variáveis.

Discussões que alinham, diretamente, os efeitos que a sobreposição completa ou parcial de línguas pode causar em processos interpretativos intermodais ainda estão em construção. Contudo, é válido ressaltar que essa situação será mais evidente em interpretação intermodal, na qual a LF será, por exemplo, a língua vocal, e a LA, a de sinais. Nesse contexto, Rodrigues e Medeiros (2016) e Gomes (2019b) observaram como, durante a

³¹ Ocorre em situações intramodais vocais-auditivas ou gestuais-visuais em que as línguas em questão são de modalidade similar. Isso significa que ambas são manifestadas e percebidas pelo mesmo canal. Assim, ora utiliza-se uma, ora utiliza-se outra, alternando, portanto, suas produções.

interpretação simultânea intermodal do Português para a Libras, procedia-se a articulação labial de palavras da língua vocal-auditiva concomitantemente à fala em língua gestual-visual, nomeada *mouthings* (i.e., pronúncia, articulação labial, em português). Os autores perceberam que, em certas ocasiões, essa articulação oral se enquadraria como estratégia interpretativa, por potencializar a desambiguação de sinais e a expansão de significado. Vale pontuar que os *mouthings* são distintos dos *mouth gestures* (i.e., morfemas boca), sendo que esses últimos são parte das línguas de sinais, e não possuem equivalência com a articulação labial das palavras, podendo ser representações icônicas, como salientam Sandler (2009), Pêgo (2013) e Rodrigues e Medeiros (2016).

O intérprete intermodal, principalmente ao atuar nessa direção inversa, precisa estar vigilante, durante todo o evento interpretativo, para que mantenha a inibição e evite interferência e/ou incorporação da LF na sua produção em língua gestual-visual. Rodrigues (2018c) alerta que se não houver um controle, por parte do intérprete, e as línguas se sobrepõem constantemente ao longo da atuação, haverá grande probabilidade de gerar certas composições linguísticas mescladas, agramaticais e, até mesmo, incompreensíveis por parte do público-alvo, em função, por exemplo, da inserção vocabular de sinais sobre a estrutura sintático-conceptual do Português. Além disso, em uma interpretação simultânea, o curto espaço de tempo contribui para a excessiva carga cognitiva do intérprete e sua acurácia em gerenciar todo esse processo, podendo ser o uso recorrente da justaposição de línguas uma evidência de desgaste cognitivo.

Preliminarmente, na interpretação intermodal direta, o fenômeno da sobreposição de línguas não interfere tão significativamente na produção em línguas vocais-auditivas. O que sucede, frequentemente, por parte dos intérpretes nessa tarefa, é a gesticulação manual e corporal, verbal ou não, concomitante à fala vocal. Essa gesticulação costuma ser aleatória em função da busca mental por palavras ou para representar concordância com o orador e a palavra utilizada na interpretação, além de ser factível uma gesticulação baseada na reprodução de sinais utilizados pelo provedor do TF (SANTOS, 2020). Muitas vezes, o intérprete na vocalização não está diante do público-alvo e os sinais que opera tendem a não interferir negativamente na produção do Português oral.

Retomando os apontamentos de Gile (2005), o último item citado aqui é o fato de as línguas possuírem marcas culturais e identitárias próprias que se apresentam por meio de gírias, provérbios, expressões idiomáticas e metáforas, documentadas e expressas de modo oral ou pela grafia, por exemplo. Quanto mais distante uma língua for da outra, maiores serão as possíveis diferenças culturais e, conseqüentemente, maior esforço cognitivo de

compreensão para acessar essa informação, se estiver em processamento direto, e maior também na produção, se for em direção inversa. Weininger (2009) é enfático ao qualificar essas questões como problemas de reformulação, porém elas não surgem, exclusivamente, entre línguas.

Na mesma língua, variações regionais, traços culturais e lexicais/dialetais são desafios para seus falantes nativos que não residem ou conhecem determinada região com sua variação. Tanto em Libras quanto em Português há evidências claras dessa variabilidade. Ademais, apesar de a Libras e de o Português serem línguas diferentes e preservarem suas singularidades intrínsecas à cultura, ambas estão em contato e ocupam, de maneira geral, o mesmo território.

3.3 NOMES DE PESSOAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

Em meio à categorização lexical e extralinguística das línguas, os nomes próprios de pessoas, enfoque deste trabalho, são inseridos e legitimados na linguagem como uma forma de especificação representativa, considerados semanticamente definidos, e alocados em uma área de estudo denominada antroponímia,³² como discorrem Lima e Moraes (2019). Nas línguas de sinais essa nomeação pode ser alcunhada como sinal-pessoal, sinal de pessoa ou sinal de batismo que, conforme Barros (2018, p. 41) explica, “é um sinal usado com valor de nome de uma pessoa pelos membros de uma comunidade surda [...] e também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada”.

Embora a autora aponte que esse sinal tenha alguma relação com o nome da pessoa, é importante esclarecer que, definitivamente, não existe qualquer equivalência entre eles. Isso porque os sinais-pessoais são legítimos fenômenos, estritamente linguísticos-culturais e identitários dessas línguas, sendo instituídos e empregados em um caráter de referência aos sujeitos. Diante da sua conceituação e função central, também não podem ser associados a apelidos ou quaisquer entidades de ordem hipocorística, como denota Börstell (2017). Segundo o autor, para que as pessoas se identifiquem a partir do seu nome, a soletração manual é acionada. Reforçar a natureza dos sinais-pessoais se faz relevante para que a

³² Apesar dessa área ter por essência discutir e apresentar a criação, a variação e o desenvolvimento dos nomes das pessoas, o centro desta dissertação não é aprofundar qualquer reflexão a esse respeito. Além disso, vale sublinhar que os demais nomes próprios, assim como os de pessoas, se acomodam em uma área da linguística intitulada onomástica.

perspectiva reducionista que os cerca não se propague e se instale como uma pseudoverdade, cooperando para que sejam alocados em uma região periférica da língua. Por isso, neste texto, o termo “sinal-nome” não será utilizado, a fim de evitar qualquer dependência unívoca entre o sinal e o nome.

Como esses sinais-pessoais são, normalmente, atribuídos por pessoas surdas, a sua constituição também é perpassada por questões sociais dessas populações, como destacam Nonaka, Mesh e Sagara (2015), havendo, portanto, uma grande variação quanto a idade em que essa identificação é realizada. Por outro lado, os nomes são oficializados logo após o nascimento.

Börstell (2017) e Barros (2018) acrescentam que esses sinais-pessoais, ao serem concebidos, criados e construídos, não apresentam, obrigatoriamente, motivação direta, seja parcial com a iniciação em uma configuração de mão do alfabeto, seja integral, com o nome na língua vocal. Podem, ainda, assumir, concomitantemente ou não à configuração de mão aludida ao nome, características de cunho físico, corporal ou comportamental. Por exemplo, uma pessoa com o nome Pedro pode ter seu sinal-pessoal marcado com a configuração de mão em P em movimento suspenso no espaço neutro a frente do tronco, P localizado no queixo, região em que há alguma característica visual, ou ainda uma configuração de mão aleatória que não faça qualquer menção ao nome.

Petitta et al. (2018) complementam que os sinais de pessoas também podem ser gerados a partir da semelhança entre o nome e algum sinal da língua em função do seu significante. Para o nome Pedro, o sinal-pessoal poderia ser o mesmo que [PEDRA] na língua de sinais, ou ainda se basear em algum fato histórico ocorrido na sociedade e que tenha relação com o nome. Nesse mesmo caso com o nome Pedro, o sinal poderia ser igual a uma coroa, em razão dos indícios da existência de dois imperadores com o mesmo nome.

Quando uma pessoa não possui o sinal-pessoal de identificação ou todos os interlocutores do discurso não a conhecem, ela tende de ser mencionada em língua de sinais por meio do seu nome em datilologia. Todavia, nada impede que haja a apresentação por meio do sinal-pessoal e o seu nome.

Em uma interlocução, Meyer (2008) indica que quando um nome próprio é mobilizado em um enunciado, presume-se que esse seja um elemento importante para a construção das informações pretendidas e que os participantes, assim como os intérpretes, o reconheçam. Nas palavras do autor, esses sujeitos “compartilham terreno comum no que diz respeito à entidade nomeada, e são, portanto, igualmente capazes de identificar essa

entidade”³³ (p. 106). Contudo, mesmo em ambientes específicos e em interações entre pares, é comum que determinados nomes não sejam familiares ao público-alvo. Assim, conforme Hanaoka (2002) salienta, os intérpretes necessitarão avaliar e decidir em como contextualizar culturalmente esses termos para o TA. Além disso, esses profissionais também podem não reconhecer tal nome na LF, podendo comprometer o processo de reformulação para a LA.

No processo intramodal vocal-auditivo, a partir de uma perspectiva tradicional, esses insumos linguísticos (i.e., nomes de pessoas) surgem como termos que demandariam somente a reprodução literal ou transcodificação de uma língua a outra, não sendo preciso a sua reformulação. Mesmo que aparentemente essa transição repercuta como uma atividade elementar, Gile (1995, 2009) e Meyer (2008) realçam que se trata de potenciais problemas para os intérpretes, principalmente se os nomes não estiverem acompanhados explícita ou implicitamente por conhecimentos e informações adicionais, seja por parte do orador, seja por parte do intérprete. Ainda, se os profissionais não estiverem habituados com a pronúncia desses, que podem ser emitidos de maneira incompreensível em função do sotaque ou da velocidade de fala.

Simon (2019) explana que esse dessaber fonético dos intérpretes pode ocorrer pela ausência de acesso a materiais e conhecimentos culturais e históricos a respeito da temática que está sendo exposta, implicando na produção com adaptação ou distorção da dicção original para uma nova versão na LA. Ter contato com esses nomes em modalidade escrita, como ocorre na ISST, por exemplo, pode ser um recurso complementar para o profissional identificar qual está sendo proferido.

Essa dificuldade pode aumentar os esforços que os intérpretes empreendem, sobretudo o da memória de curto prazo, que tentará armazenar os nomes, em sua forma acústica (i.e., entre línguas vocais) e em seu significado, de modo a se lembrar também da pronúncia correta do termo, ou aguardar para que informações contextuais posteriores auxiliem no entendimento. Em ambas as atitudes existe uma carga excessiva que pode direcionar à omissão desses trechos como uma consequência (in)consciente.

Ademais, Hanaoka (2002) e Simon (2019) avultam que o reconhecimento de determinado nome em meio ao enunciado como uma unidade central ou secundária, bem como expansões de informações extralinguísticas, é uma maneira de o intérprete lidar com esse dispositivo no discurso e mensurar estratégias.

³³ Minha tradução de: “*share common ground with regard to the named entity, and are thus equally able to identify this entity*”.

Em processos intermodais os nomes podem ser transpostos literalmente, assim como nos intramodais vocais-auditivos, em situações de soletração manual, que implicam em problemáticas próprias e desafiadoras aos intérpretes em relação a sua compreensão e produção como declaram McDermid, Finton e Chasney (2016), Nicodemus et al. (2017) e Lourenço (2018).

Por outro lado, quando os sinais-pessoais são empregados, existe, nas duas direções, uma transposição linguístico-cultural entre um signo visual e um vocal, que os intérpretes precisam efetuar. De maneira geral, Petitta et al. (2018) argumentam que o intérprete, por si só, em uma interpretação direta, pode não reconhecer a pessoa que está sendo referida no discurso, implicando, inevitavelmente, na omissão do nome. Nesse caso, a provável manifestação seria na menção de uma pessoa, porém sem a sua identificação. Em direção inversa ocorre o mesmo. Ao produzir o enunciado em língua gestual-visual com um sinal de pessoa, o público que o desconhece saberá que se trata de um indivíduo, por exemplo, mas não acessará a informação de nomeação por completo.

É certo que esse fator poderá ser atenuado a depender da situação e dos agentes envolvidos em que a temática e as discussões são compartilhadas por todos. Todavia, para viabilizar a disponibilização das informações de maneira um pouco menos restrita, os oradores poderiam optar por apresentarem o sinal-pessoal acompanhado da datilologia do nome. Cabe destacar que a soletração manual é uma transliteração da língua vocal para a língua de sinais, tornando-se, linguisticamente, morfemas livres, em que os interlocutores podem não entender o significado da palavra (MILLER, 2020).

Petitta et al. (2018) aditam que, mesmo conhecendo de quem se trata o sinal-pessoal, o intérprete pode não se lembrar do sobrenome e se tornar refém de uma situação semelhante vivida pelos profissionais que atuam entre línguas vocais quanto a pronúncia da palavra. Enquanto esses possuem um retorno auditivo da dicção do orador em relação ao termo, os intermodais não têm essa disponibilidade de informação, o que pode acarretar uma pronúncia totalmente independente e ajustada à LA. Em direção inversa, caso o intérprete não entenda a prolação do nome e/ou sobrenome por parte do orador, ele tende a omitir o termo ou re-expressar uma infeliz datilologia dele. Ainda, mesmo que reconheça de quem se trata e utilize um sinal-pessoal, a tentativa de acrescentar a soletração manual pode ser frustrada, tornando-se incompleta ou equivocada.

Outro desafio apontado por Petitta et al. (2018) é o fato de que os sinais-pessoais geralmente não trazem, de imediato, pistas quanto ao gênero. Assim, na interpretação direta, se não houver uma marcação específica por parte do orador, o intérprete pode ter dificuldade

em como se referir a essa pessoa arrolada ao discurso. Lourenço (2018) cita resultados obtidos de um estudo anterior desenvolvido por ele quanto ao gênero no processo de vocalização da Libras para o Português. Embora não tenha tratado dos sinais de pessoas, o autor percebe, de modo geral, “que os intérpretes, ao se depararem com um substantivo sem marcação de gênero em Libras, adotam como estratégia padrão o uso do gênero mais prototípico” (LOURENÇO, 2018, p. 11). Quando não há prototipicidade na representação, o autor constata o emprego do gênero masculino.

Em face desse cenário permeado por adversidades e que roga um aumento do esforço da compreensão e da memória de curto prazo para acomodar e recuperar todas as informações provenientes do discurso-fonte, o trabalho em equipe é importante para que o produto textual tenha a maior qualidade possível e diminua a carga cognitiva posta ao profissional durante a atuação. Tal trabalho é orientado de maneira que um intérprete como apoio possa auxiliar o intérprete do turno com o sinal da pessoa ou o nome pela datilologia. Esse ponto é reiterado por Nogueira (2016), ao averiguar os apontamentos mais rotineiros desses profissionais em relação ao recebimento do apoio em contexto de conferência acadêmica.

Diante da argumentação posta, é importante ressaltar que os nomes próprios são fenômenos problemáticos em qualquer situação de interpretação simultânea como demonstram Hanaoka (2002), Meyer (2008), Gile (2009), Nicodemus et al. (2017), Petitta et al. (2018), Simon (2019) e Vogler, Stewart e Neubig (2019).

Ao elencar, nesta seção e na anterior, alguns fatores específicos da língua(gem) e aqueles que ponderam os pares linguísticos que compõem a interpretação, Gile (2005) frisa que, talvez, por meio desses aspectos, a direcionalidade pode não intervir tanto na atividade interpretativa. No entanto, na ocasião, o autor não considera os processos intermodais e, por isso, na próxima seção esse viés será mais bem explorado.

3.4 DIRECIONALIDADE E SEUS EFEITOS

A interpretação e a tradução não são processos transparentes de mediação linguístico-cultural, por abarcarem uma gama de fatores como os pares linguísticos, o material textual, o público-fonte, o público-alvo, o ambiente e a situação em que os agentes estão inseridos, as condições físicas, cognitivas, emocionais, instrumentais e monetárias envolvidas, além dos conhecimentos interpretativos e tradutórios propriamente ditos que conduzem as atividades.

Contudo, um aspecto crítico e relevante que merece destaque, e pouco tem povoado as discussões acadêmicas, embora sempre esteja presente, é a direcionalidade na reformulação interlinguística. Essa, por sua vez, pode afetar todo o ato interpretativo e tradutório, já que reivindicará, por natureza, ora compreensão em L2 e produção em L1, (i.e., processo direto de B para A), ora compreensão em L1 e produção em L2, (i.e., processo inverso de A para B).

Gile (2005) problematiza o real estatuto das línguas A e B para o intérprete, já que apenas ser falante nativo de uma ou mais línguas não garante o melhor desempenho em determinada direção. Ainda, segundo o autor, com base em pesquisas a respeito do bilinguismo, falar a L2 é comumente considerado mais difícil do que compreendê-la.

Fundamentado, também, em investigações a respeito da aquisição de segunda língua, De Bot (2000) acrescenta que, no tocante ao processamento lexical, a transposição literal (i.e., palavra por palavra) da L1 para a L2 tende a ser mais demorada do que em direção direta. Essa questão foi demonstrada em um estudo que aferiu o tempo de resposta de cada um dos participantes bilíngues que estavam organizados em três níveis distintos de proficiência das línguas. Embora essa assimetria tenha sido evidenciada em praticamente todas as ocorrências, aqueles que possuíam maior grau de proficiência obtinham um tempo menor de resposta, acarretando quase nenhuma diferença temporal entre as duas línguas.

Controversamente, quase duas décadas antes, Denissenko (1989) apontava que os intérpretes bilíngues balanceados,³⁴ raros de se encontrar, não se encaixavam nesse espectro por trabalharem com duas línguas nativas e, portanto, possuem pleno domínio de compreensão e de produção de ambas. Entretanto, a partir de estudos empíricos posteriores relatados por Gile (2005), tal alegação não se sustentou isoladamente, uma vez que a interpretação e a tradução não são limitadas ao viés linguístico.

A questão da direcionalidade tem sido abordada específica ou transversalmente por alguns autores, sobretudo, no que tange a tradução escrita entre pares linguísticos vocais-auditivos como se identifica em Pavlovíc e Jensen (2009), Ferreira (2010, 2013), Fonseca (2014), Ferreira et al. (2016) e Donovan (2017). Em relação à tradução intermodal, entre o Português e a Libras, tem-se Segala e Quadros (2015), Fonseca, Gonçalves e Zampier (2019)

³⁴ De acordo com Grosjean (2008), bilíngues balanceados são aqueles fluentes em duas línguas de maneira equilibrada que apresentam conhecimento e intuição linguística (e.g., léxico mental) em ambas de modo correspondente. A aquisição de tais línguas pode se dar de maneira simultânea ou sequencial. Todavia, na prática, é quase improvável encontrar pessoa assim, visto que o uso das línguas será dimensionado a partir dos interlocutores, dos contextos, das situações e das emoções em que se vive. Logo, a tendência é que, embora seja nativo em duas línguas, o indivíduo sinta-se mais confortável em uma delas.

e Zampier (2019). Os pesquisadores que enfocam os processos intramodais vocais-auditivos destacam a necessidade de se problematizar a tradução em direção inversa, visto que essa é desempenhada em grande escala e tem sido uma das maneiras em se difundir e popularizar as obras, já que, geralmente, em territórios nacionais,³⁵ as segundas línguas são minoritárias, se comparadas às primeiras línguas das nações.

Esse movimento tende a ampliar as reflexões, indo contra às clássicas concepções lideradas por Newmark (1988, 1992). O britânico, assim como outros pesquisadores e profissionais contemporâneos de sua época, defendia que uma tradução de qualidade poderia ser efetuada, somente, de maneira direta, para a primeira língua do tradutor, por crer piamente que o falante nativo é o único que reúne elementos linguísticos e culturais para melhor reformular a mensagem na LA. Esse ponto também é destacado por Donovan (2017), ao citar que, nesse caso, as possibilidades de reproduzir equivalentes em L1 seriam potencializadas, além de os tradutores possuírem maior facilidade em gerenciá-la, corroborando para um melhor desempenho e, até mesmo, preferência por essa direção. Nessa ocasião, a produção linguística parece ser mais importante no processo tradutório e interpretativo por estar sendo privilegiada pela primeira língua. Esse favorecimento, para Gile (2005), independentemente de qual seja a direção, exprime o conceito de que menos recursos cognitivos são requeridos.

Ainda se tratando de tradução intramodal vocal-auditiva escrita, Pokorn (2005) sublinha que a direção direta é priorizada por não haver pressão imposta pelo tempo e baixas requisições cognitivas, como ocorre nas interpretações simultâneas, em que o profissional precisa dimensionar, basicamente, em um pequeno intervalo temporal, aspectos processuais como a recepção, a memória de curto prazo e a produção linguística.

Na defesa de que a tradução inversa também é possível, Pavlovíc (2007) realizou uma pesquisa qualitativa em que utilizou questionários dirigidos a tradutores croatas. Obteve o retorno de 193 e constatou que 70% não possuem preferência específica por determinada direção, mas consentem que atuar da L1 para a L2 não representa dificuldades ao processo.

Acerca da interpretação entre línguas vocais-auditivas, Martin (2005) e Cho (2008) apresentam dados em que os intérpretes se sentem mais seguros em atuar da L2 para a L1, enquanto a direção inversa lhes causa um maior cansaço e estresse. Por outro lado, no estudo realizado por Al-Salman e Al-Khanji (2002), os profissionais da interpretação optavam por operar da L1 para a L2, que seriam, respectivamente, Árabe e Inglês. Em suma, Seel (2005)

³⁵ Esta afirmação desconsidera os países oficialmente bilíngues.

chama atenção ao fato de que uma direção linguística não será, necessariamente, mais simples ou complexa que a outra.

Enquanto, no âmbito dos processos tradutórios e/ou interpretativos intramodais vocais-auditivos, a tradução e a interpretação direta tenham se sobressaído, mesmo que haja poucas evidências experimentais substanciais que atestem a eficácia e a vantagem dessa direção em detrimento da outra, a realidade quanto à interpretação intermodal é distinta. Essa, na direção inversa, ou seja, Português-Libras, tem sido objeto de muitas pesquisas, como a de (i) Nascimento (2011), que realiza uma análise descritiva da interpretação para a Libras de textos do gênero jornalístico, evidenciando que os elementos verbo-visuais são importantes para esse processo; (ii) Rodrigues (2013), que apresenta um estudo empírico-experimental para tentar compreender o processo cognitivo desempenhando por 2 grupos de intérpretes, um composto por CODAs e outro por não CODAs, na busca por uma semelhança interpretativa ao re-expressar o produto de um texto em Português para a Libras; (iii) Barbosa (2014), que discute, na interpretação simultânea intermodal inversa entre o Português e a Libras em contexto de conferência, as omissões de termos na LA inerentes a essa atividade como estratégias interpretativas; (iv) Lemos (2014), que aborda as ações utilizadas na interpretação simultânea para a Libras de unidades fraseológicas do Português em um contexto político legislativo; (v) Lourenço (2015), que averigua a produção em Libras, por meio de construções sintáticas gestuais e espaciais de um grupo de intérpretes a partir de uma atividade de interpretação simultânea, uma de tradução e uma de tradução com suporte visual de animações; (vi) Nicoloso (2015), que verifica o uso das modalidades de tradução na produção em IS de 3 textos acadêmicos em Português oral para a Libras por intérpretes homens e mulheres; (vii) Santos (2016), que vislumbra conhecer com mais profundidade os fatores que compõem a interpretação simultânea do Português para a Libras em contextos de conferência; (viii) Machado (2017), que discute a formação e as competências necessárias aos profissionais da interpretação e da tradução intermodal, a partir de acontecimentos e dados extraídos da IS do Português para a Libras em sessão do poder legislativo federal; (ix) Fomin (2018), que problematiza a construção enunciativa em produções interpretativas intermodais para a Libras no contexto artístico, mais especificamente em apresentações teatrais; (x) Gomes (2019b), que reflete sobre o monitoramento e o uso de *mouthings* (pronúncia, articulação labial) na interpretação simultânea intermodal indireta de um discurso de 1 legisladora municipal, a partir da atuação de 2 intérpretes; (xi) Martins (2019), que intenta vislumbrar, além da realidade vivenciada por pessoas surdas no contexto da saúde, a caracterização da atuação dos intérpretes intermodais nesses atendimentos; e (xii)

Santos (2019), que investiga o processo interpretativo simultâneo culturalmente marcado do Português para a Libras de uma lenda amapaense a partir de um estudo empírico-experimental.

Todavia, é relevante realizar uma discussão referente à direção direta na interpretação entre línguas de modalidades distintas, uma vez que essa é tradicionalmente menos aplicada e praticada pelos profissionais. Além disso, a presente pesquisa revela que parte dos intérpretes intermodais brasileiros preferem a direcionalidade inversa em detrimento da direta, assim como ocorre em outros países conforme apontam Napier, Rohan e Slatyer (2005) e Nicodemus e Emmorey (2013).

No estudo de Napier, Rohan e Slatyer (2005), dentre os 56 intérpretes intermodais (i.e., Auslan, e Inglês) contatados via e-mail para responder a um questionário contendo questões abertas e fechadas relacionadas à sua atuação e experiência profissional, apenas 24 retornaram o mesmo. Desses, 20 possuíam o Inglês como L1 e a Auslan como L2 e, quando interpelados em relação à preferência por direcionalidade linguístico-interpretativa, 78% optaram pela inversa.

Nicodemus e Emmorey (2013) constataram resultados semelhantes. A partir de um questionário on-line, as autoras indagaram, entre questões referentes à formação, à proficiência e à atuação, 1.359 intérpretes, sendo 658 intramodais vocais-auditivos e 701 intermodais. No entanto, 118 intérpretes intramodais vocais-auditivos foram excluídos da pesquisa por não informarem, claramente, quais eram as suas primeira e segunda língua, e 68 intermodais também foram suprimidos por afirmarem possuírem a ASL e o Inglês como L1, sendo CODAs. Assim, a análise foi feita com 540 intérpretes intramodais vocais-auditivos e 633 intermodais. Os dados indicaram que 27,5% dos intérpretes intramodais vocais-auditivos preferem a direção inversa, enquanto 82% dos intérpretes intermodais têm preferência por atuar nessa mesma direção.

Wang e Napier (2015) não notificaram explicitamente a preferência entre os intérpretes por direção direta ou inversa, porém aplicaram um estudo experimental e uma entrevista semiestruturada a um grupo de 31 intérpretes de Auslan-Inglês, sendo 14 nativos e 17 não nativos, a fim de verificar os efeitos de direcionalidade, a partir do desempenho em atividades interpretativas simultâneas, compostas de um texto em língua de sinais e outro vocal, ambos originais e concatenados a contextos de conferência. No geral, as autoras detectaram que o desempenho nas duas direções foi muito próximo ao se compararem os grupos, sugerindo que, apesar de haver insegurança na realização das tarefas de direção direta por parte de alguns intérpretes, o desempenho foi satisfatório.

Diante das informações obtidas, Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) elencam alguns pontos que podem respaldar a particularidade de uma interpretação simultânea intermodal direta. Um deles é o desconhecimento de termos³⁶ e seus respectivos significados, visto que não há como o intérprete buscar equivalentes na LA se não compreender a ideia na LF. Como consequência, isso pode gerar, por exemplo, deturpação de sentido e omissões, sejam elas conscientes e/ou inconscientes (LEESON, 2005; BARBOSA, 2014).

Na direção Português-Libras, quando o intérprete não conhece o sinal correspondente à determinada palavra, ele pode realizar um empréstimo, ou optar pela datilologia (i.e., usar o alfabeto manual para oferecer a palavra visualmente) que, nas palavras de Rosa (2005, p. 40), “é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral [vocal]”. No entanto, na direção da Libras para o Português, dependendo do local ou da celeridade em que o falante realiza a datilologia de uma palavra, a compreensão do intérprete pode ser dificultada, o que tenderá a comprometer a sua vocalização.

Outro ponto, citado por Nicodemus e Emmorey (2013, 2015), envolve o uso da transliteração que, segundo Rodrigues (2018c), é um modo em que a LA é condicionada à estrutura gramatical da LF, sendo uma forma de oferecer o TA com base na correspondência palavra-sinal. A datilologia, inclusive, pode ser tida como uma forma de realizar a transliteração. Se os intérpretes produzirem enunciados em Português seguindo literalmente a estrutura gramatical da Libras, eles poderão promover uma “Libras vocalizada” (i.e., sequência de palavras sistematicamente dependente da língua-fonte, em função da impossibilidade/dificuldade de transposição da sua sintaxe espacial para a voz, sem que se faça uma reformulação), o que, provavelmente, será reprovado pelo público ouvinte.

Mais um aspecto que as autoras estadunidenses evocam é a possibilidade do autogerenciamento da produção linguística, em que os intérpretes ouvintes possuem um retorno auditivo do que estão emitindo/vocalizando, levando-os a autoavaliar a própria atividade, seja positiva ou negativamente, e realizar uma autocorreção. Em processo inverso, muitas vezes, os profissionais não conseguem se autoavaliarem e, como não podem se ver sinalizando em língua de sinais, têm dificuldades de perceber a (não) qualidade da expressão para que possam ajustá-la.

Mesmo diante desses pontos, Nicodemus e Emmorey (2015) acreditam, após estudo experimental, que interpretar para a primeira língua é menos desgastante cognitivamente do

³⁶ Estes termos, no caso da Libras, podem abarcar léxicos comuns e especializados. Quando se referirem ao segundo tipo mencionado, Faulstich (2014) o concebe como sinal-termo. Para a autora, essa nova nomenclatura representa conceitos de áreas específicas do conhecimento.

que para a segunda língua. Em contrapartida, Lourenço (2018) e Rodrigues (2018c) são parcimoniosos ao tecerem algumas importantes observações. Segundo eles, a direção direta demanda significativo esforço cognitivo dos intérpretes intermodais por necessitarem encadear fatores linguísticos expressivos das línguas de sinais — como a simultaneidade, a visualidade e a sintaxe espacial — às construções lineares e sequenciais das línguas vocais-auditivas, dimensionadas pelo tempo dispendido entre a compreensão na LF e a produção na LA. Todo esse processo é permeado por tomadas de decisões e escolhas interpretativas, lexicais etc. Além dos parâmetros propriamente linguísticos, existem aqueles ligados à articulação da língua em uso, os paralinguísticos.

Argumentar a respeito da prosódia repercute a ideia de que esse instrumento de comunicação não se limita apenas aos segmentos como fonemas, morfemas e léxico, mas alcança o patamar gramatical, pragmático, discursivo e afetivo (WEININGER, 2014). Essa dimensão paralinguística refere-se à entonação, o que localiza a prosódia como um termo mais completo para essas questões.

Existem alguns traços marcantes que, em línguas vocais-auditivas, correspondem à prosódia. De acordo com Scarpa (1999), Mateus (2004) e Weininger (2016), essas propriedades são: tom, ritmo, entonação, intensidade, duração, velocidade da fala, pausa, hesitações e pontuação (e.g., modalidade escrita). É fato que todos os níveis formais mencionados anteriormente podem sofrer variações e mudanças, a depender do orador, bem como da situação em que ele esteja presente ou envolvido. Diante dessas possíveis alterações, pode-se, imediatamente, recorrer ao caráter afetivo e pragmático inerente à prosódia.

Em relação às línguas de sinais, Nicodemus (2009), Sandler (2010), Herrmann (2015) e Weininger (2016), pontuam que os elementos prosódicos seriam: expressões não manuais, como boca, língua, bochecha, nariz, olhos, testa, sobrancelha, cabeça, tronco, e seus respectivos movimentos, além da intensidade, duração, velocidade da fala, pausa e hesitação. Para esses itens, podemos fazer as mesmas considerações quanto às variações e mudanças feitas no caso das línguas vocais-auditivas. Ainda, Sandler (2010) e Castro (2019) declaram que, nas línguas de sinais, a prosódia apresenta uma variável fluidez, pelo fato de cada falante assumir e manifestá-la em sua própria forma de uso.

Albres (2010) faz considerações quanto à interpretação da Libras para o Português e destaca a entonação, a altura da voz, a articulação e a velocidade da fala vocal como eixos fundamentais. Todos esses segmentos estão imbricados, dependendo do discurso e/ou do orador. A entonação, em especial, é um fator que pode englobar dicção vocal, a movimentação discursiva quanto ao turno de fala e uma apurada sensibilidade visual do

comunicador, pois será por meio desse traço prosódico que o intérprete conseguirá evidenciar ao público as distintas expressões de diferentes personagens.

Em línguas de sinais, o ato de incorporar personagens, no caso de narrativas, ou falas de outros agentes em meio a uma enunciação, é extremamente comum, visto a sua natureza gestual-visual. Nas línguas vocais-auditivas, essa materialização de personagens flui quando o orador modula a voz. Em uma interpretação, é importante que a altura, a intensidade e a celeridade da fala também sejam estimadas para que evitem estar aquém do esperado ou sejam exageradas. Ainda nesse quesito, é válido que o intérprete mensure a sua atuação, pois, por mais que o falante de língua de sinais esteja visivelmente nervoso, alterado, não é aconselhável que o intérprete utilize um tom de voz exacerbado (e.g., nível de gritos) em sua expressão vocal. Isso contribui para que não haja um incômodo auditivo ao público, mesmo que eles já tenham percebido, visualmente, o estado do orador.

Esse ponto transcorre do que Gile (2005) nomeou como receptividade do público em relação ao produto vocal que está sendo recebido. Para ele, esse seria um dos prováveis efeitos de direcionalidade, em que a prosódia do intérprete valeria mais que a precisão linguística e/ou referencial propriamente dita, pelo fato dos interlocutores, conhecedores ou não da LF, estarem (in)voluntariamente avaliando a desenvoltura do profissional.

Tratando-se de processos intramodais vocais-auditivos, o autor cita o estudo de Donovan (2003) que identificou, por parte do público, a maior preferência e menor criticidade aos intérpretes que atuaram da língua B para a língua A do que o inverso. Mesmo que supostamente possa ser mais confortável e menos desgastante cognitivamente efetuar a interpretação para essa direção, como demonstra os relatos de Goldman Eisler (1972), aludida por Gile (2005), quando se focam nos fatores paralinguísticos, esses não parecem ter tanta importância em relação à direcionalidade, por estar lidando apenas com alguns segmentos como a altura, o tom, a entonação e a postagem da voz.

Gile (2005) também destaca como possível efeito de direcionalidade, ainda que sem qualquer indício empírico, a importância em se conhecer a predileção dos intérpretes em trabalhar na direção direta ou inversa. A preferência envolverá fatores emocionais, como a motivação e a confiança para a tarefa de interpretação que impactarão o processo e, por sua vez, o processamento cognitivo, já que, além de preocupar-se com o jogo linguístico e ater-se à compreensão em uma língua, armazenamento de informações e produção em outra, reunirá o (des)conforto na execução da atividade.

A esse respeito, Gile (2005) salienta que a preferência direcional em atuação interpretativa pode estar ligada não a uma dificuldade e/ou limitação do intérprete à língua

em si, mas, sim, ao seu domínio insatisfatório dela. Em tal domínio, cabe o repertório lexical e cultural que, sob pressão de tempo em uma interpretação simultânea, pode não ser acessado, corroborando para que os intérpretes intramodais vocais-auditivos prefiram atuar da L2 para a L1. No Brasil, todas essas questões ainda não têm sido exploradas efetivamente nos cursos de formação de intérpretes, sobretudo intermodais (RODRIGUES, 2019).

Nesse sentido, assim como a direcionalidade intermodal inversa, a direta é atravessada por variáveis linguísticas, paralinguísticas e cognitivas que necessitam ser mais bem estudadas e apuradas, sobretudo com embasamento empírico-experimental. Embora este trabalho não tenha se constituído e findado com esse método, o caminho percorrido culmina em importantes ratificações quanto ao processo de vocalização na interpretação simultânea da Libras para o Português.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento desta pesquisa³⁷ norteia-se por uma linha metodológica que integra a abordagem qualitativa e a quantitativa. Para Silveira e Córdova (2009), a abordagem qualitativa tende a produzir novas informações capazes de contribuir para a elucidação de questão(ões) específica(s). Minayo (2001) esclarece que essas novas informações serão produzidas com base em ações de descrição, de compreensão e de explicação, visto que a investigação terá um enfoque bem definido. O viés quantitativo, por sua vez, além de compartilhar as características supracitadas, favorece a mensuração de dados e a sua representação estatística em gráficos e/ou tabelas, permitindo a apresentação e a descrição de maneira mais esmerada e rigorosa possível.

Alves (2003, p. 78) argumenta que averiguar um mesmo objeto “[...] por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta, por analogia, as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno”. O referido autor, em Alves (2001a, p. 72), recorda que “através do cruzamento dos dados obtidos por intermédio de abordagens metodológicas múltiplas, [pode-se] chegar a resultados mais confiáveis, mais generalizáveis”.

Nessa perspectiva, esta dissertação promove um estudo em que, primeiramente, são identificadas, de maneira geral, as preferências e as principais dificuldades que os profissionais percebem ao atuarem na interpretação simultânea intermodal direta do par linguístico Libras-Português por meio de respostas fornecidas por intérpretes e tradutores de Libras-Português em um questionário on-line.

Em um segundo momento, em consonância, principalmente à literatura internacional, em função da paulatina promoção de trabalhos nacionais a esse respeito, um item de língua foi selecionado para análise. Esse refere-se aos sinais de nomes próprios, aqui especificados pelos sinais-pessoais, considerados um dos itens de língua problemáticos no processo de interpretação, podendo influenciar o desempenho dos intérpretes, independentemente de quais sejam as línguas envolvidas. Destarte, materiais de domínio público em áudio e em vídeo de uma mesma grande área do conhecimento (e.g., Linguística, Letras e Artes) foram selecionados, descritos, quantificados, categorizados, analisados e discutidos. Isso foi possível diante da definição do objeto de análise, da observação e da sistematização das

³⁷ Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina. CAAE: 14154519.4.0000.0121.

ocorrências encontradas, de maneira a gerar resultados que colaborem com o domínio no qual a pesquisa pertence (GIL, 2002).

Após a primeira etapa, em posse das percepções e dos desafios elencados pelos intérpretes, a intenção inicial era empreender uma investigação de cunho empírico-experimental, em alguns dos fatores trazidos pelo grupo, bem como os já mencionados nas publicações de Gile (2009) e de Lourenço (2018), que pudessem ser problematizados sob condições experimentais. Tal medida seria viável, pois, segundo Alves (2001), Pagano (2001), Alves e Gonçalves (2007), Rodrigues (2013), Alves (2015), Alves e Vasconcellos (2016) e Fonseca, Gonçalves e Zampier (2019), o uso dessas pesquisas no escopo dos ET e dos EI evidenciam a maturidade metodológica que os campos disciplinares vêm ganhando.

Entretanto, considerando a atual conjuntura mundial vivida, decorrente da declaração, pela Organização Mundial de Saúde, de pandemia da COVID-19³⁸ e da lamentável situação que o Brasil enfrenta, devido à não unificação das ações e informações referentes ao isolamento e distanciamento sociais, não foi possível engendrar o estudo empírico-experimental. Esse reivindicaria o deslocamento do pesquisador e dos intérpretes, bem como o seu contato, mesmo seguindo as recomendações para a higienização individual e do espaço.

4.1 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

Considerando esses pressupostos, para a coleta de parte dos dados, elaborou-se, primeiramente, um questionário na plataforma virtual on-line gratuita *Google Forms* (Formulários do Google, em português), que foi posteriormente disponibilizado em *link* divulgado por redes sociais e em aplicativos de mensagens durante os meses de maio e junho do corrente ano, obtendo-se, ao todo, 68 respostas. Segundo Gil (2008), os questionários, independentemente de qual seja a sua natureza (i.e., presencial, digital, escrito, oral), são ferramentas constituídas por um agrupamento de questões que intentam alcançar determinadas informações dos respondentes, elencadas, pelo pesquisador, como primordiais para o estudo.

Os informantes deste questionário acessaram as perguntas em molde aberto e fechado. As perguntas abertas são concebidas como uma oportunidade para a manifestação pessoal, porém podem acarretar um desafio para o pesquisador em operar esse dado em função da

³⁸ Acrônimo para *Coronavirus Disease 2019*, que se refere a uma doença altamente contagiosa germinada pela família dos coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

possibilidade de menção a vários pontos ou mesmo um conteúdo fugaz que não materializa nenhuma argumentação. As perguntas fechadas contribuem para uma resposta mais diretiva e uniforme, otimizando a etapa de análise. Todavia, justamente por apresentar opções balizadas, dependendo da questão, essas podem não prever uma resposta que mais se alinha ao respondente. Por isso, Gil (2008) alerta para que a preparação do questionário seja criteriosa e, conhecendo, de maneira genérica a amostra, seja o mais compatível possível a ela.

Essas questões foram subdivididas em seções e em formatos que variaram em questões de múltipla escolha, caixas de seleção, listas suspensas, escalas lineares e *Likerts* em molde obrigatório ou não (HEIDEMANN; OLIVEIRA; VEIT, 2010). As questões configuradas como obrigatórias significam que, se o respondente não as realizar, não conseguirá avançar nas seções seguintes e/ou enviar o formulário, uma vez que esse dispositivo garante que o envio se concretize somente após o preenchimento de todo o questionário.

Ademais, as respostas puderam ser acessadas de modo organizado e automático, com o acréscimo de gráficos e conversão em planilhas, e informações que vão sendo construídas em tempo real. Formulários eletrônicos, além de otimizar e facilitar a própria interação, visualização, estruturação e análise dos dados, são dispositivos que (i) potencializam a distribuição da pesquisa; (ii) a flexibilidade de local e de horário, tanto da aplicação quanto dos que irão responder; (iii) a redução da inibição ou influência do pesquisador para com os respondentes; e (iv) o alcance ao maior número de informantes possível e a sua respectiva preservação identitária, como defendem Zanini (2007) e Mota (2019).

Por outro lado, Gil (2008) reconhece que esse instrumento também é permeado por algumas limitações como (i) dificultar o esclarecimento de alguma questão ou orientação que eventualmente os informantes não tenham entendido; (ii) geralmente não consegue abarcar a totalidade e a forma de indagações que gostaria, uma vez que questionários muito longo e cansativos não são respondidos com a devida atenção; e (iii) embora representativo, as respostas emitidas pelos informantes podem ser enviesadas, por fatores de entendimento e de subjetividade, por exemplo.

O segundo momento da pesquisa se firmou em uma questão específica, na qual um item específico da língua — os sinais-pessoais e/ou nomes de pessoas — foram coletados a partir de materiais registrados em suporte digital, com áudio e vídeo, preexistentes de dois congressos relacionados à tradução e a interpretação de Libras-Português, e dois referentes à linguística das línguas de sinais. Ainda que esses arquivos não decorram de uma situação que

tenha sido preparada ou manipulada para tal finalidade, eles se constituem como fontes reais capazes de fornecer importantes considerações.

No próximo capítulo, o questionário será minuciosamente apresentado, analisado e discutido e, em sequência, os dados referentes aos eventos interpretativos, mencionados acima.

5 O QUESTIONÁRIO: SUAS CARACTERÍSTICAS E ANÁLISE

O questionário intitulado “Interpretação Simultânea Libras-Português”,³⁹ conforme a descrição anterior e apontamento feito na apresentação do próprio material, a fim de convidar intérpretes ouvintes⁴⁰ a respondê-lo, buscou conhecer as preferências, as opiniões e as impressões desses profissionais quanto à tarefa de vocalização. Ademais, foi informado aos respondentes que eles poderiam ser contatados novamente para que participassem de outras etapas da pesquisa, caso fosse necessário. Além disso, no questionário, deixou-se claro que a privacidade dos informantes seria preservada e que eles poderiam solicitar informações adicionais a qualquer momento, tanto para o pesquisador quanto para o orientador desta pesquisa, por meio dos contatos pessoais disponibilizados, como o número de telefone. Tal contato poderia ser feito também por aplicativos de mensagens ou e-mail.

O seu ordenamento se pautou em três seções estruturadas que auxiliaram a sistematização dos dados, bem como a melhor organização dos respondentes com um fio condutor por todo o questionário. A fase inicial contemplou o cabeçalho com o convite para que o intérprete participasse da pesquisa e inserisse o seu endereço de e-mail válido para posterior contato, se fosse preciso. Das 68 respostas, foi necessário descartar as informações de 3 informantes pelo fato de um deles responder duplicadamente ao questionário e os outros apresentarem dados aparentemente inconsistentes, talvez por desatenção ao assinalar as opções.

Nesse sentido, a análise empreendida está pautada nas respostas de 65 informantes. Desse número, 2 são CODAs.

5.1 PRIMEIRA SEÇÃO: PERFIL

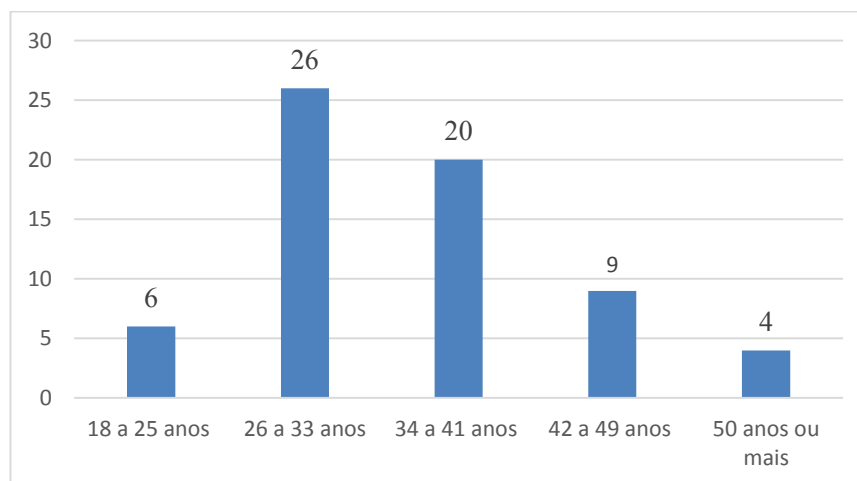
A primeira seção denominada “Perfil” é composta por um grupo de sete perguntas obrigatórias, havendo um desdobramento de uma delas. Basicamente, o objetivo dessa seção foi conhecer o respondente. Para tanto, a primeira questão indaga a idade, compreendendo-se como de múltipla escolha, em que o participante deveria marcar em qual grupo se insere,

³⁹ O endereço eletrônico para acesso ao questionário é: https://docs.google.com/forms/d/165ILZTbE08pUq0j_XpiW_Q4WQsOM2Lq8Ek0dk_UiY7c/edit

⁴⁰ Esta distinção é importante, uma vez que a presente pesquisa visa compreender e problematizar aspectos da interpretação simultânea da Libras para o Português em atividade de vocalização. Assim, os intérpretes surdos, profissionais que vêm ganhando espaço, principalmente no âmbito de conferência, em atuação intramodal gestual-visual, conforme destacam Ferreira (2019), Granado (2019) e Rodrigues e Ferreira (2019), não compõem o perfil de participantes aqui definido.

a partir das cinco opções dispostas em intervalos de faixa etária de 7 anos. A predileção por esse intervalo se respaldou na possibilidade de abranger a todos, mas que não se tivesse um quadro extenso de opções. O Gráfico 1 a seguir apresenta a consolidação das respostas sobre faixa etária.

Gráfico 1 - Faixa etária



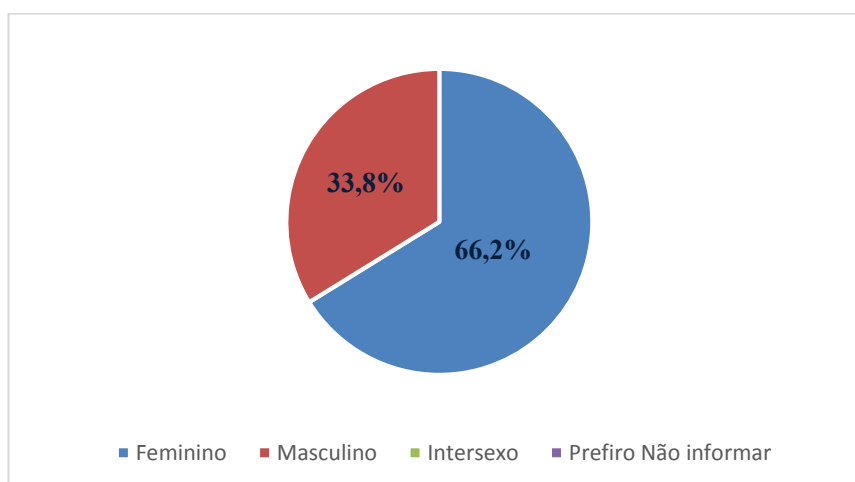
Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados apresentados nesse gráfico indicam que a maior parcela dos participantes está entre a faixa etária de 26 a 33 anos – 26; seguida de 34 a 41 anos – 20; 42 a 49 anos – 9; 18 a 25 anos – 6; e 50 anos ou mais – 4. Embora essa amostra seja um tanto quanto pequena, se comparada a todo o território brasileiro, percebe-se que esse é um grupo de profissionais mais experientes e que os jovens, aos poucos, vêm galgando o interesse por essa profissão, ainda recente, do ponto de vista legislativo e academicamente formativo (RODRIGUES, 2019).

A segunda pergunta, também de múltipla escolha, é sobre o sexo biológico dos informantes em que deveriam marcar feminino; masculino; intersexo;⁴¹ ou prefiro não informar. A partir das respostas fornecidas, constata-se que a maioria dos informantes foi composta por mulheres – 66,2% (43), e a outra parcela por homens – 33,8% (22).

⁴¹ Intersexo é a definição, do ponto de vista do sexo biológico, para uma pessoa que apresenta, a partir de padrões sociais e clinicamente adotados, características sexuais femininas e masculinas, seja por questões fenotípicas, seja pelas genotípicas. Cabe ressaltar que para se enquadrar nesse perfil, as pessoas não são submetidas a procedimentos e intervenções cirúrgicas, mas desenvolvem essas peculiaridades naturalmente.

Gráfico 2 - Sexo biológico



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do questionário

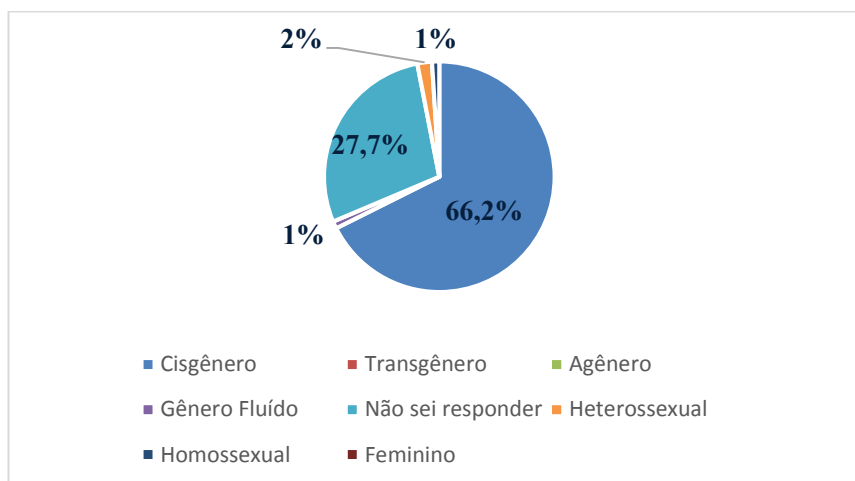
De certo modo, esse cenário corresponde ao que Lacerda e Gurgel (2011) encontraram em sua pesquisa quanto ao perfil de intérpretes em universidades brasileiras na ocasião da investigação e também ao questionário aplicado por Santos (2020) para discutir o trabalho em equipe de intérpretes intermodais.

Pelo menos em contexto austríaco, Brück (2011) relata, ainda que em uma abordagem inicial, que o campo da interpretação de línguas de sinais é composto em sua maioria por mulheres, pelo fato de essa ter sido uma profissão com irrisória remuneração histórica, se assemelhando à função de cuidadoras. A maior parcela feminina também é apontada no estudo quantitativo e qualitativo de Artl (2015). Contudo, a autora frisa que, mesmo essa aparente predominância nessa profissão, os homens tendem a possuir um maior privilégio, uma vez que as mulheres podem ser reféns de percepções injustas e preconceituosas da sociedade, inclusive do público-fonte e público-alvo envolvidos na interpretação, quanto ao corpo ou às expressões de feminilidade. Como o questionário aqui tratado foi disponibilizado sem qualquer restrição ao ambiente e contexto de trabalho ou região, não há como preconizar ou balizar a razão pela qual houve maioria feminina de respondentes, ainda que a maior parte da população brasileira seja constituída por mulheres.

A terceira questão, em formato idêntico da anterior, solicitou a identidade de gênero, havendo como opções cisgênero; transgênero; agênero; gênero fluido; e não sei como responder. A intenção da segunda e da terceira perguntas é (tentar) conhecer, de fato, o grupo de intérpretes enquanto sujeitos, visto que o binômio masculino/feminino é uma nomeação refletida pela prática biológica, social, clínica, religiosa, política e histórica que se arrisca regular e normatizar as pessoas. Entretanto, Butler (2017) argumenta que, mesmo havendo

diversas definições e categorizações de identidade de gênero, ainda assim a comunidade estará em busca de uma definição e padronização de algo que, do ponto de vista social, não seria mensurável.

Gráfico 3 - Identidade de gênero



Fonte: Elaborado pelo autor

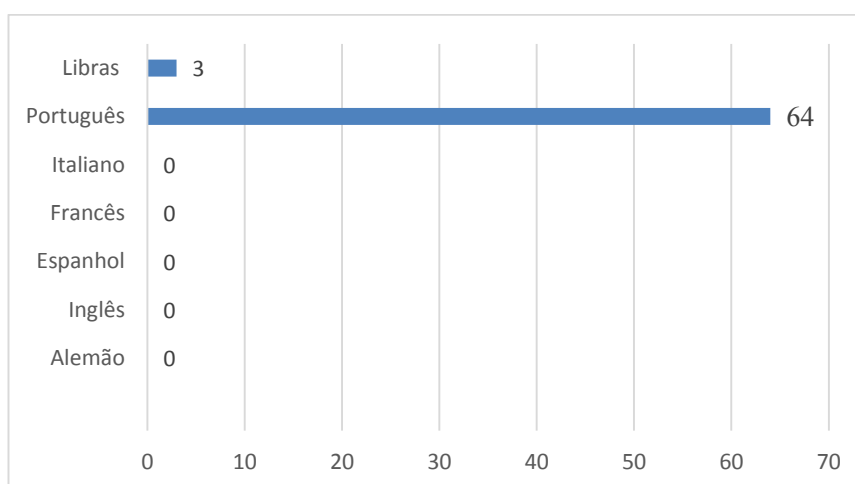
A maior parte dos respondentes, 66,2 % (43), se denominou cisgênero, ao se reconhecerem e se identificarem com o sexo biológico no qual nasceram. Talvez por não compreenderem a pergunta posta e desconhecerem o significado das opções, 27,7% (18) informaram não saber responder. Ainda, na aba “outros”, 1 intérprete inseriu o sexo biológico feminino, 2 heterossexual e 1 homossexual, fazendo alusão à sua respectiva orientação sexual. As opções transgênero, agênero e gênero fluido não foram apontadas por nenhum respondente.

Tratar de gênero pode ser um ponto conflitante de exposição, ou falta dela, aos informantes. Todavia, Santos (2019, p. 1760) é sensata ao afirmar que “desestabilizar ideias cristalizadas pode possibilitar mudanças nas relações sociais”, já que a construção identitária é uma premissa importante aos sujeitos. Em relação a interpretação simultânea em contexto acadêmico formal de uso das modalidades de tradução, Nicoloso (2015) reforça que as distintas identidades de gênero não são notadas como fator que possa beneficiar ou prejudicar o processo interpretativo, afastando, portanto, que determinada condição possa induzir a ser melhor ou pior profissional. Por isso, essa questão, assim como a anterior a respeito do sexo biológico, é válida para iluminar uma reflexão e um debate que ainda parece ser invisível, insensível e banal aos crivos humanísticos, sociais e profissionais. Também pode-se

acrescentar a esse rol de elucubração questões capazes de contabilizar e problematizar os aspectos de identificação como cor, raça e etnia.

A quarta questão começa a despontar para um viés mais linguístico, ao perguntar qual(is) a(s) língua(s) o(s) respondente(s) possuem como primeira/materna.⁴² Nesse ponto, o modo de resposta se deu em caixa de seleção, na qual mais de uma opção poderia ser assinalada, acolhendo uma gama de línguas mais faladas no Brasil, em caráter nacional, a saber, a Libras; o Português; o Inglês; o Espanhol; o Francês; o Italiano; e o Alemão. O propósito dessa foi verificar se os respondentes são, no nível materno, monolíngues, bilíngues/multilíngues, intermodais ou intramodais.

Gráfico 4 - Primeira língua/língua materna



Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação à primeira língua, o “Português” foi selecionado por 98,5% (64), dos respondentes. Era esperada uma alta concentração de falantes nativos dessa língua, em razão do público-alvo potencial do questionário ser de intérpretes ouvintes que trabalham com o par linguístico Libras-Português.

Interessante notar que um dos respondentes possui, além do Português, a Libras como primeira língua, porém não é CODA. Como esta questão não possuía um espaço para comentários, não há como definir exatamente como ocorreu a aquisição da Libras por esse intérprete. Contudo, pode-se prever que, por mais que o informante não tenha pai e/ou mãe

⁴² No escopo da linguística aplicada e da psicolinguística existem algumas correntes teóricas que diferenciam e outras que aproximam o conceito de primeira língua ao de língua materna. Como o intuito do presente estudo não é tecer qualquer aprofundamento a esse respeito, acomoda-se, portanto, os dois termos, que pauta-se na(s) primeira(s) língua(s) que a criança/sujeito adquire de maneira natural e se sente confortável para se comunicar, não havendo a necessidade de realizar reflexões linguísticas conscientes a seu respeito.

surdos, talvez essa língua tenha circulado afetiva e efetivamente no ambiente familiar por pessoas próximas como irmãos, avós, tios ou primos surdos, tonificando a relação e sensação de pertencimento a essa comunidade (QUADROS, 2017).

No caso dos CODAs brasileiros em específico, geralmente a Libras e o Português são as primeiras línguas, embora uma das informantes tenha assinalado somente a Libras como L1. Quadros (2017, p. 65) reitera que “nascer em uma família surda em meio a uma sociedade de ouvintes é o acontecimento que legitima a existência dos CODAs como uma geração única”. Essa condição, ser filho de pai e/ou mãe surdos falantes de língua de sinais, permite, segundo Silva (2019, p. 38), que eles cresçam e se constituam “em meio a duas culturas, duas línguas, e no contato com muitas experiências visuais, diferentemente de outras crianças que não são filhas de surdos”. Além das experiências visuais, possuem também as sonoras devido à exposição e à apreensão natural da língua vocal.

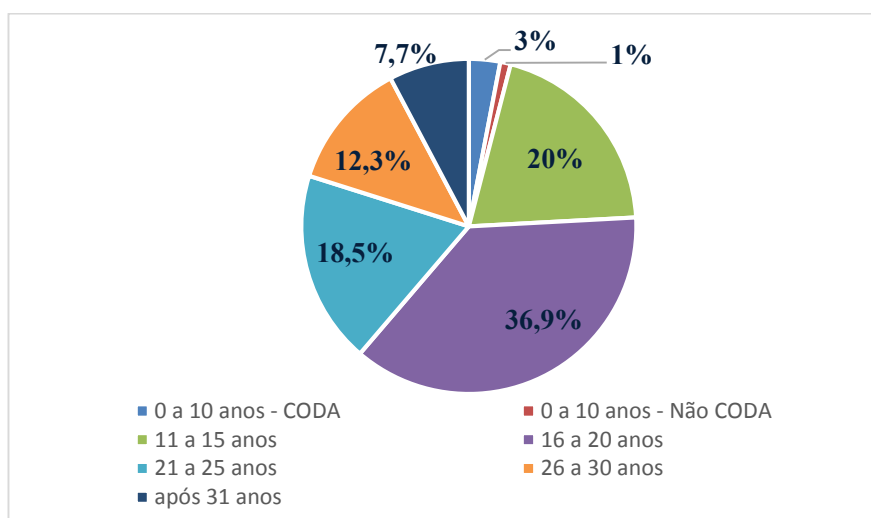
As demais línguas não foram citadas pelos respondentes como primeira língua.

A quinta pergunta solicitou que os intérpretes indicassem a idade em que adquiriram/aprenderam⁴³ a Libras. Essa era de múltipla escolha e apresentava alternativas com intervalos temporais variando em 5 anos. A distinção que se tem nesta é as opções de 0 a 10 anos – CODA e 0 a 10 anos – não CODA.

Esse período maior, 10 anos, justifica-se pelo fato de que enquanto criança, alguns podem adquirir/aprender a Libras no seio familiar, escolar e com vizinhos, por exemplo. Especialmente no nível familiar, se ele aprendeu com o pai e/ou a mãe surdos, o respondente se encaixaria em uma das opções para CODA.

⁴³ Moldes tradicionais da linguística e da linguística aplicada trazem uma distinção, grosso modo, entre o fato de adquirir e aprender uma língua. A primeira se daria de maneira natural, em convivência e contato intenso, sobretudo com os falantes nativos da língua em questão. Por outro lado, a aprendizagem seria um processo de constante prática e aprimoramento por meio de cursos e atividades formais e institucionais, como proposto por Coracini (2014). De toda forma, para fins deste estudo, serão mantidos os dois termos, prevendo abarcar todos os respondentes.

Gráfico 5 - Faixa etária em que adquiriu/aprendeu a Libras



Fonte: Elaborado pelo autor

Uma elevada parte dos respondentes, 36,9% (24), aprenderam a Libras na faixa etária entre 16 e 20 anos, o que pode estar atrelado ao fato de que essa é uma idade de escolarização básica (i.e., ensino médio) e início do ensino superior. Assim, o contato com colegas e amigos surdos nesse período pode ser mais recorrente, o que tende a levar ao aprendizado da Libras. Diante da política educacional de ordem (pseudo)inclusiva⁴⁴ adotada no país, os jovens convivem com a presença de intérpretes de Libras-Português nesses espaços, o que também pode chamar atenção para o interesse em aprender essa língua.

Em seguida, 20% (13) dos informantes indicaram que entre 11 e 15 anos de idade adquiriram/aprenderam a Libras. Somente com essa informação, assim como nos demais casos, não há como prognosticar com precisão em que condição ou contexto social esse contato com a Libras tenha se dado, podendo ter ocorrido com vizinhos, amigos e/ou familiares surdos.

A faixa de 21 a 25 anos corresponde a 18,5% (12) dos informantes; e de 26 a 30 anos a 12,3% (8); coincidindo com um período em que a Libras conquistou reconhecimento nacional enquanto língua de comunicação e de expressão da comunidade surda, além de ser disciplina obrigatória em cursos superiores de licenciatura e de fonoaudiologia e optativa ou facultativa aos demais, conforme prevê a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005.

⁴⁴ Entende-se inclusão como um movimento que busque reconhecer as diferenças humanas e linguísticas enquanto condição do sujeito e promover o desenvolvimento e o aprimoramento das potencialidades desses, não se fixando nas dificuldades e/ou no fracasso. Por isso, não basta apenas inserir ou integrar estudantes surdos e ouvintes, como ocorre em muitos locais. É necessário firmar ações para que eles sejam estimulados e respeitados em sua língua e cultura.

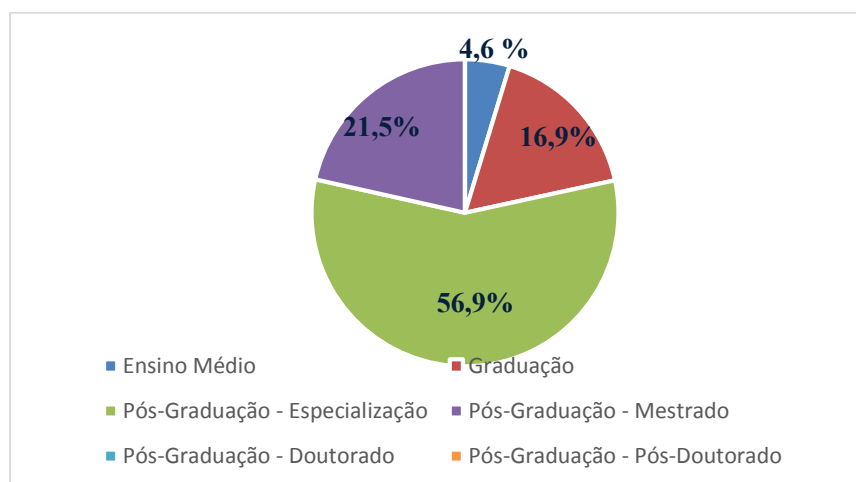
Após 31 anos, 7,7% (5) dos respondentes revelaram ter adquirido/aprendido a Libras. Ainda, 1 respondente de 0 a 10 anos não sendo CODA e 2 na mesma faixa etária sendo CODAs.

Vale destacar que uma das respostas excluídas de toda a análise ocorreu pelo fato de a pessoa informar que possuía a Libras como língua materna, porém assinalou que a adquiriu/aprendeu na faixa etária acima de 31 anos de idade. É notório que há conflito entre essas respostas, já que a aquisição da língua materna ocorre na idade mais precoce possível.

A pergunta subsequente, a sexta, inquiriu sobre a formação acadêmica geral dos intérpretes, a mais elevada, indo de ensino médio à pós-doutorado, sendo também de múltipla escolha. O Gráfico 6 a seguir apresenta os resultados consolidados das respostas a essa pergunta.

De acordo com esse gráfico, 56,9% (37) dos respondentes possuem especialização; 21,5% (14) mestrado; 16,9% (11) graduação; 4,6% (3) ensino médio e nenhum apresenta doutorado ou pós-doutorado.

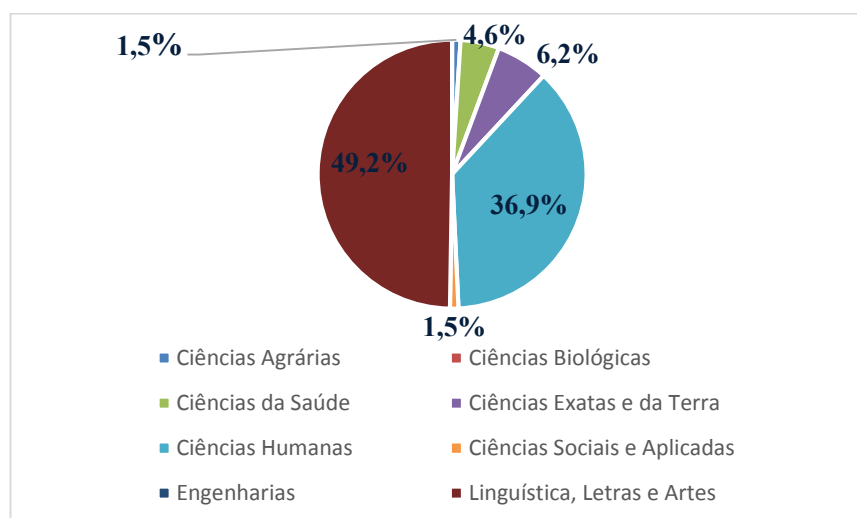
Gráfico 6 - Formação acadêmica



Fonte: Elaborado pelo autor

Acompanhando essa questão, solicitou-se que os informantes marcassem qual a área do conhecimento a sua maior formação acadêmica está vinculada.

Gráfico 7 - Formação acadêmica por área do conhecimento



Fonte: Elaborado pelo autor

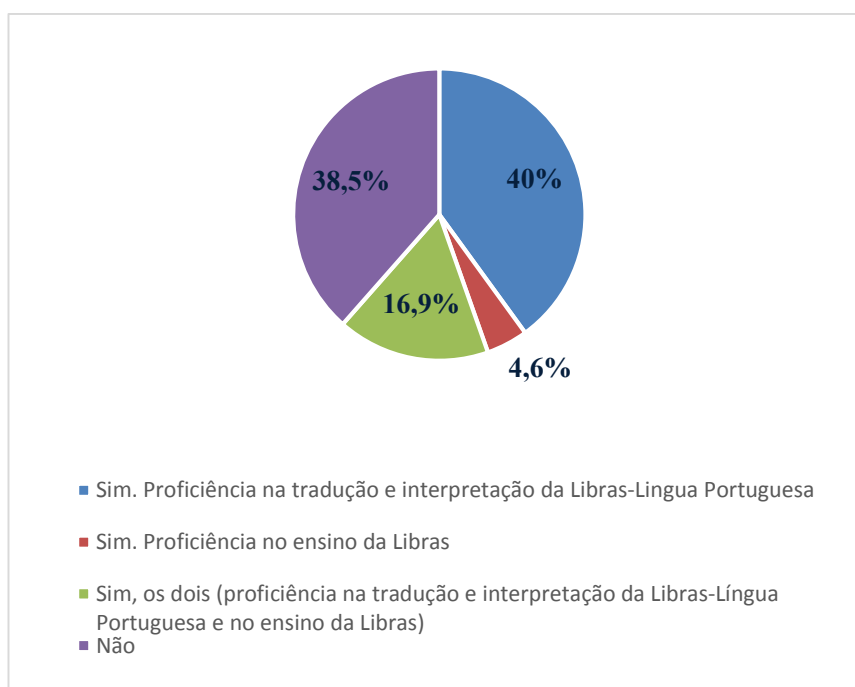
Dentre as opções disponíveis, em consonância às áreas catalogadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), conforme o Gráfico 7, 49,2% (32) dos informantes anunciaram Linguística, Letras e Artes; 36,9% (24) Ciências Humanas; 6,2% (4) Ciências Exatas e da Terra; 4,6% (3) Ciências da Saúde; e 1,5% (1) em Ciências Sociais e Aplicadas e em Ciências Agrárias.

O ponto da formação desses profissionais é algo ainda discutido e problematizado pela categoria e por pesquisadores dos ETILS. Essa questão evidencia que os intérpretes têm buscado formação acadêmica inicial e continuada ampla, e a maioria investido na área de Linguística, Letras e Artes. Essa esfera tende a englobar a interpretação e a tradução, embora haja concordância entre grande parte dos estudiosos que esse âmbito (i.e., interpretação e tradução) possui atributos e peculiaridades distintas das letras (RODRIGUES, 2019) e ainda não é reconhecido como um campo independente pela CAPES.

Segundo os dados, apesar de pequeno, há um grupo com formação no nível médio, estando em conformidade à legislação em vigor, Lei nº 12.319/2010, que preconiza a formação apenas nesse nível (BRASIL, 2010). No entanto, existe um PL nº 9.382/2017, conforme mencionado anteriormente, aprovado na Câmara dos Deputados em dezembro de 2020 e já remetido ao Senado, que prevê a revogação ou alteração da atual legislação e a criação de uma nova lei que institua a formação superior em cursos de graduação relacionados à área da tradução e da interpretação de línguas de sinais. Mais adiante, no questionário, será discutida a formação específica.

A última questão dessa primeira seção perguntou se os informantes possuem o Prolibras (i. e., Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa) e apresentou, em múltipla escolha, as opções para a modalidade de tradução e interpretação Libras-Português, de ensino da Libras, para ambas as certificações e a possibilidade de a pessoa não obter tal certificação.

Gráfico 8 - Certificação do Prolibras



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados desse gráfico curiosamente apontam que 38,5% (25) dos informantes declararam não ter nenhuma das certificações, sendo essa uma alternativa para atestar o conhecimento dos intérpretes de Libras-Português que desejam atuar no mercado. Essa alternativa pode ser a mais usada atualmente, uma vez que a formação especializada ainda está se consolidando no tocante ao oferecimento por parte das instituições. 40% (26) dos informantes possuem a certificação destinada à proficiência em tradução e interpretação, o que é um indicio positivo de atuação na área, enquanto 16,9% (11) detém as duas certificações e 4,6% (3) àquela voltada ao ensino.

De acordo com Quadros et al. (2009), o referido exame designou-se como um mecanismo decenal para certificar os aprovados nas tarefas de compreensão e de produção da Libras, por meio de atividades interpretativas ou de ensino, aferindo se possuíam fluência

para assumirem as funções de tradutores, intérpretes ou professores. Esse recurso, endossado e instituído pelo Ministério da Educação, surgiu em um período em que a formação específica para ambas as profissões era ínfima.

A previsão era que se realizasse o exame durante um período de dez anos e que houvesse, no decorrer desse tempo, uma edição por ano. Contudo, apenas sete edições foram efetuadas, a saber, em 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012-2013 e 2015. Guedes (2020), ao estabelecer uma interface entre as portarias e as documentações legais a respeito do Prolibras e as entrevistas com duas professoras que acompanharam a organização e a execução do exame, detecta que esse hiato entre as edições ocorreu em função da transição, em 2010, por questões burocráticas da Administração Pública Federal, de responsabilidade pela elaboração e aplicação da UFSC para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esse processo gerou um atraso no encaminhamento da implementação do exame e, devido à experiência da UFSC, o INES firmou um termo de cooperação com a referida universidade. O autor ainda retrata que havia a intenção em efetuar a oitava edição do Prolibras, já que a licitação orçamentária para a realização dessa e da sétima era conjunta. No entanto, com o declínio da empresa ganhadora, culminou-se o retardo da sétima edição e o cancelamento do possível oitavo Prolibras. Assim, na ocasião, afixou-se um novo termo entre o INES e a UFSC para o cumprimento do que seria a última edição dessa avaliação nacional.

Diante desse cenário emergente, Guedes (2020, p. 38) aponta que “entre os anos de 2006 e 2015 foram certificados mais de 4.000 tradutores e intérpretes de Libras-Português”. Conforme o autor, cabe destacar que, nesse montante, há surdos certificados, visto que, a partir da quarta edição do exame, foi permitido que esse público se candidatasse a essa habilitação. Todavia, as avaliações foram preparadas para atender a essa especificidade que envolvia a tarefa de tradução escrita do/para Português.

A expectativa era que ao longo do tempo os cursos de graduação em Letras-Libras bacharelado, bem como os de tradução e interpretação de Libras-Português e afins, fossem se expandindo e formando profissionais habilitados para atuarem. Atualmente, apenas oito universidades federais oferecem tais cursos, a UFSC, a UFRJ, a UFG, a UFES, a UFRR, a UFSCar, a UFRGS e a UFGD (RODRIGUES, 2019).

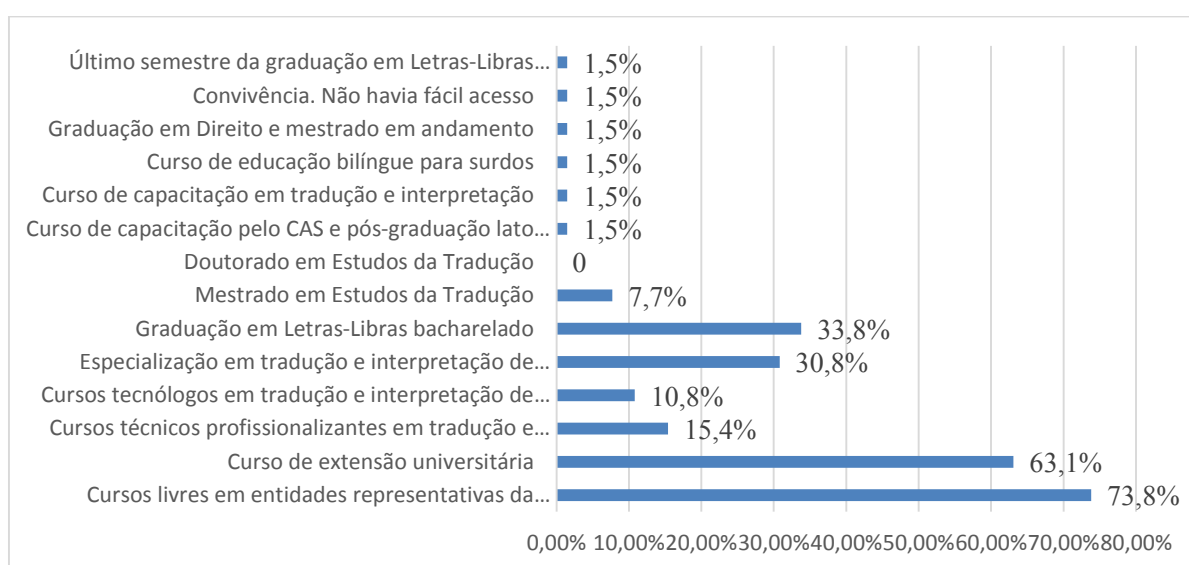
Não obstante, por se tratar de uma avaliação momentânea única, muitas pessoas podem ter adquirido o Prolibras, porém, devido a uma série de fatores como o baixo contato com a língua, hoje não possuem condições em assumir atividades de interpretação e tradução, por exemplo, e vice-versa.

5.2 SEGUNDA SEÇÃO: FORMAÇÃO ESPECÍFICA E EXPERIÊNCIA

A segunda seção do questionário, nomeada “Formação específica e experiência”, articulou-se com os últimos questionamentos da seção antecedente para traçar o perfil dos participantes e se orientou para o delineamento da atuação profissional, principalmente como intérpretes, por meio de sete perguntas de resposta obrigatória.

A primeira questão, em formato de caixa de seleção, enfoca a formação específica do intérprete e/ou tradutor, permitindo que mais de uma opção fosse marcada.

Gráfico 9 - Formação específica



Fonte: Elaborado pelo autor

As respostas consolidadas no Gráfico 9 apontaram a predominância de cursos livres ofertados por entidades representativas de surdos e/ou de intérpretes e tradutores por 73,8% (48) dos informantes; curso de extensão universitária por 63,1% (41); cursos técnicos profissionalizantes em tradução e interpretação de Libras-Português relatados por 15,4% (10) dos respondentes; cursos tecnológicos em tradução e interpretação de Libras-Português por 10,8% (7); especialização em tradução e interpretação Libras-Português por 30,8% (20); graduação em Letras Libras bacharelado, Tradução e Interpretação Libras-Português e afins em 33,8% (22); mestrado em Estudos da Tradução por 7,7% (5); e doutorado em Estudos da Tradução – nenhum.

É preciso pontuar que as duas últimas opções (i.e., pós-graduação *stricto sensu*) estão mais vinculadas à formação do pesquisador e do professor de tradução e de interpretação, e

não necessariamente à formação do profissional que atua na prestação de serviços de tradução e de interpretação. Na aba “outros”, 1 informante apontou que sua formação foi por convivência com surdos por não haver cursos de formação na época em que começou; 1 nunca fez curso ou oficina; 1 está cursando o último semestre da graduação em Letras-Libras bacharelado; 1 possui curso de capacitação em tradução e interpretação que, talvez, por sua estrutura e finalidade, poderia se encaixar em uma das opções de cursos disponíveis na lista; 1 curso de Educação Bilíngue para surdos; 1 graduação em direito e mestrado em andamento, mas não informou a área de concentração do mestrado; e 1 pós-graduação *lato sensu* em Libras e Educação de Surdos e a capacitação ofertada pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS).

A diversidade de respostas representa a realidade vivida pelos intérpretes de Libras-Português que, historicamente, iniciaram suas atividades em situações e relações (unicamente) atreladas ao constante contato, ao afeto e ao assistencialismo para com a comunidade surda, passando por uma ascensão, consolidação e reconhecimento enquanto profissão, como demonstram Quadros (2004) e Rodrigues (2018b).

Nesse ambiente informal, muitas das pessoas que desenvolviam tarefas de interpretação e de tradução eram aliadas e testemunhas de todo o movimento surdo, permitindo-lhes construir, na prática, a sua atuação. Ao conquistar o profissionalismo, tais pessoas necessitam de formação específica, seja livre, seja acadêmica, para que tenham possibilidade de desenvolver competências e ampliar os saberes para uma autorreflexão e autorregulação profissional, como sugere Gonçalves (2015).

Atualmente, após 10 anos da regulamentação da profissão no país, a mobilização é necessária para que a formação específica superior em tradução e interpretação de Libras-Português e afins nas universidades federais, iniciada em 2008 na UFSC⁴⁵ e custeado, na época, como projeto pela Universidade Aberta do Brasil, tome novas e maiores proporções com intuito de que mais instituições possam ofertá-la. Os dados aqui apresentados refletem que uma boa parcela dos informantes já possui essa formação.

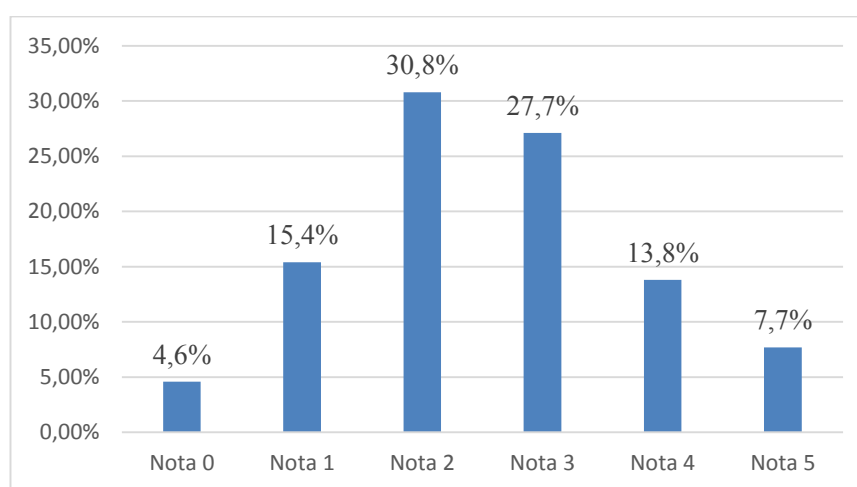
Em relação aos CODAs, os 2 responderam ter a formação em Letras-Libras bacharelado; 1 deles possui ainda cursos de extensão universitária e cursos livres. Isso demonstra que, mesmo sendo falantes nativos da Libras e dominando o Português, esses atributos não são exclusivos e suficientes para ser um intérprete e tradutor desse par linguístico, como destaca Rodrigues (2013).

⁴⁵ Desde a publicação do Decreto nº 7.612/2011 o curso assumiu o molde institucionalizado, sendo uma das graduações perene da universidade.

A segunda e a terceira questões visaram apontar aspectos factuais que compõem os cursos de formação específica. A segunda questão ofereceu opções, em uma escala linear, na qual os intérpretes foram solicitados a marcar um valor, em uma escala de 0 a 5, na qual 0 indica nenhuma ênfase e 5, ênfase máxima, que foi dada durante a formação acadêmica específica, a atividades interpretativas na direção direta.

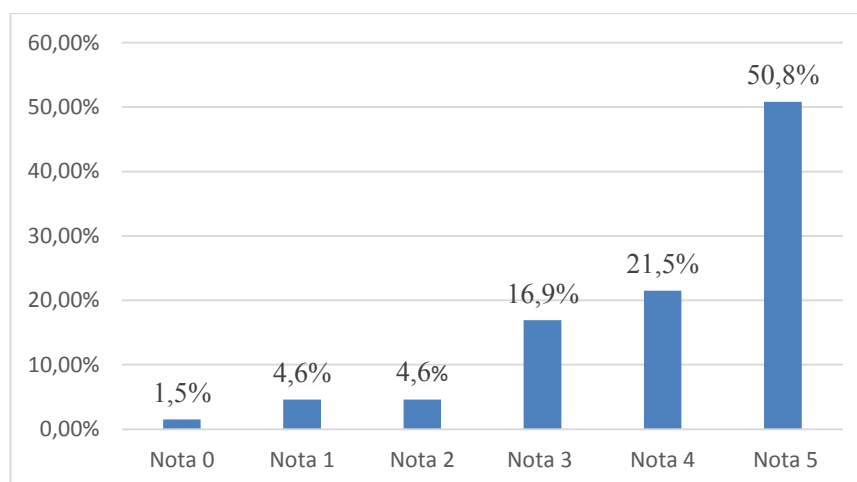
A terceira questão é semelhante à anterior, porém o questionamento orientou-se para a direção inversa, do Português para Libras, na qual os respondentes procederam da mesma maneira ao assinalar uma correspondência numérica.

Gráfico 10 - Ênfase formativa dada em atividades de interpretação direta



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 11 - Ênfase formativa dada em atividades de interpretação inversa



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme o Gráfico 10, a ênfase 2 foi assinalada por 30,8 % (20) dos informantes; a ênfase 3 por 27,7% (18); a ênfase 1 por 15,4% (10); a ênfase 4 por 13,8% (9); a ênfase 5 por 7,7% (5) e a ênfase 0 por 4,6% (3).

Há ciência de que os CODAs formam uma categoria específica de respondentes, já que, para eles, a Libras pode apresentar-se como L1/língua materna. Por isso, dentro do montante, as ênfases apontadas por eles é 4 e 5.

De acordo com o Gráfico 11, a ênfase 5 obteve 50,8% (33) das respostas; a ênfase 4 alcançou 21,5% (14); a ênfase 3 16,9% (11); a ênfase 2 e a ênfase 1 4,6% (3) cada e a ênfase 0 1,5% (1). Para ambos os CODAs a ênfase marcada é a 5.

Ao comparar a ênfase dada às duas direções, conforme os Gráficos 10 e 11, aquela destinada à sinalização em Libras é substancialmente maior, representando um pouco mais da metade do total de respostas, 50,8%. Possivelmente, esse ponto está enraizado ao fato de que grande parte dos intérpretes ouvintes sejam falantes da Libras como segunda língua. Assim, seria necessário fomentar abordagens e atividades formativas que permitissem o desenvolvimento e o aprimoramento nessa direção.

Ao analisar as matrizes curriculares dos cursos superiores específicos à tradução e interpretação de Libras-Português, Rodrigues (2018b, p. 204) constata que estão pautados no “desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e saberes linguísticos, pragmáticos e/ou sociolinguísticos sobre as línguas de trabalho, quase exclusivamente sobre a Libras”.

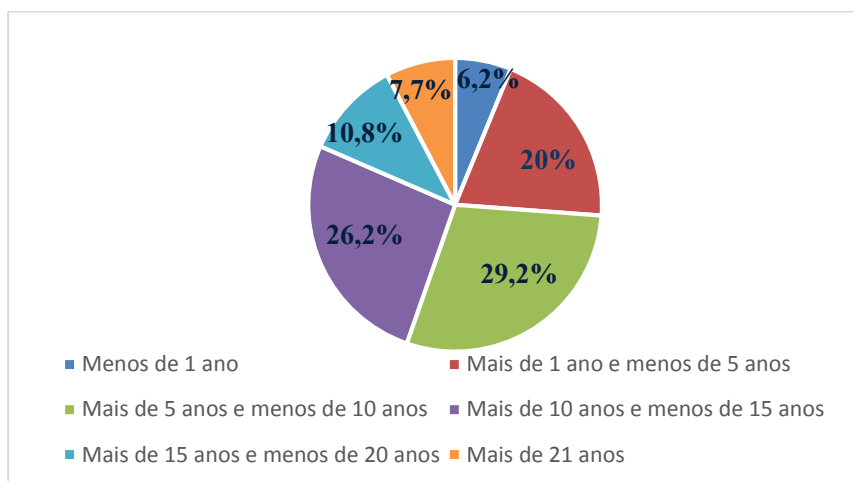
A respeito da constituição e articulação modal de percepção e manifestação da Libras, o autor em posterior publicação, Rodrigues (2019, p. 159), frisa que “a questão da modalidade gestual-visual, com seus efeitos e não efeitos sobre a tradução e a interpretação, precisa ser encarada como uma temática transversal, indispensável à formação dos tradutores e dos intérpretes”.

Por outro lado, a direção direta, em tarefas de vocalização, também necessita ser tratada com a devida dedicação e relevância nas formações, uma vez que ser falante nativo de uma língua e a possuir como primeira/materna não garante um desempenho satisfatório, sobretudo em atividades de interpretação. Além disso, essa verossímil lacuna evidencia um desequilíbrio linguístico formativo aos intérpretes. Os conhecimentos linguísticos e discursivos inerentes a cada uma das línguas necessitam convergir e subsidiar às abordagens e competências interpretativas e tradutórias.

A quarta questão, de múltipla escolha, pediu aos respondentes que designassem, em anos, qual a sua experiência profissional como intérpretes e/ou tradutores do par linguístico Libras-Português. Eram 6 opções, a primeira: menos de 01 ano; e a última: mais de 21 anos;

as outras opções estão em um intervalo de cinco anos. A definição por escala é para tentar delimitar com um pouco mais de precisão o período de experiência dos informantes, além de evitar que várias opções tornem a questão ampla.

Gráfico 12 - Experiência profissional em anos



Fonte: Elaborado pelo autor

Em ordem decrescente, mais de 5 e menos de 10 anos abarcou 29,2% (19) das respostas; mais de 10 e menos de 15 anos contemplou 26,2% (17) das respostas; mais de 1 e menos de 5 anos - 20% (13); mais de 15 e menos de 20 anos - 10,8% (7); mais de 21 anos - 7,7% (5); e menos de 1 ano - 6,2% (4).

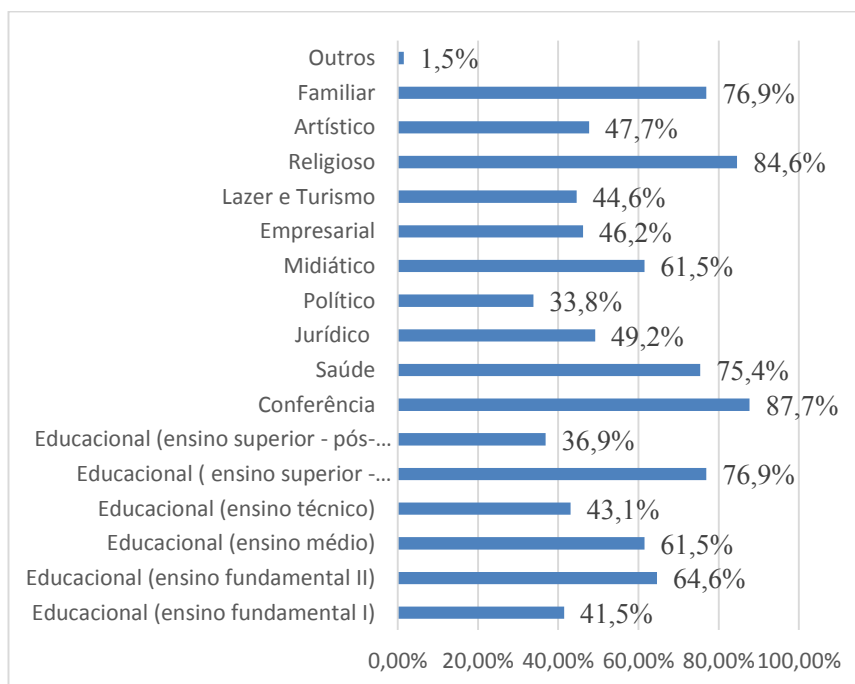
Os dados estão muito próximos e indicam que, em média, a atuação profissional está concentrada entre 05 e 15 anos, coincidindo com o período na qual a legislação que reconhece e legitima a Libras enquanto meio de expressão e comunicação da comunidade surda foi implementada, há 18 anos. Com isso, algumas ações começaram a ser mobilizadas para que o acesso, o uso e a difusão da Libras tomassem maiores proporções, entre elas a formação livre com cursos de extensão e a formação superior.

Entre o grupo de CODAs, 1 pertence ao período temporal mais citado (i.e., mais de 05 e menos de 10 anos) e 1 com mais de 21 anos. É importante sublinhar que essa questão se refere estritamente à atuação profissional. Por isso, principalmente aos CODAs, poderia se desconsiderar o decurso em que começaram a atuar como intérpretes e/ou tradutores em outras finalidades.

O quinto questionamento desta seção referiu-se aos contextos em que os respondentes atuam ou já atuaram como intérpretes e/ou tradutores. Como existe um extenso espectro de locais em que esses profissionais podem trabalhar, foi possível marcar mais de uma opção e,

por isso, as opções das respostas estiveram-se em configuração de caixa de seleção. Além disso, para trazer mais clareza aos informantes e tentar detalhar melhor os contextos, as opções apresentavam exemplos de detalhamento.

Gráfico 13 - Contextos de atuação como intérpretes e/ou tradutores



Fonte: Elaborado pelo autor

O educacional (ensino fundamental I) englobou 41,5% (27) das respostas; o educacional (ensino fundamental II) 64,6% (42); o educacional (ensino médio) 61,5% (40); o educacional (ensino técnico) 43,1% (28); o educacional (ensino superior- graduação) 76,9% (50); o educacional (ensino superior - pós-graduação) 36,9% (24); a conferência (seminários, congressos, encontros, palestras, entre outros) 87,7% (57); a saúde (consultas médicas, hospitais, entre outros) 75,4% (49); o jurídico (delegacia, fóruns, entre outros) 49,2% (32); o político (debate entre candidatos, poder executivo, legislativo, entre outros) 33,8% (22); o midiático (vídeos, TV, produção de materiais audiovisuais, entre outros) 61,5% (40); o empresarial (reuniões, viagens de negócio, entre outros) 46,2% (30); o lazer e turismo (feiras, encontros, excursões, entre outros) 44,6% (29); o religioso (cultos, missas, rituais, entre outros) 84,6% (55); o artístico (teatros, shows, entre outros) 47,7% (31); o familiar (conversa entre pais e filhos, reuniões de família, aniversários, entre outros) 76,9% (50); e na aba “outros” 1 pessoa inseriu motel.

Segundo Pöchhacker (2004), um dos fatores determinantes para a concepção da interpretação é a interação entre os agentes e a ocorrência em contextos variados. Desses, elencam-se alguns que Roberson (2018) sugere como os mais recorrentes e em crescimento para as línguas de sinais e a população surda.

Os resultados apresentados no Gráfico 13 corroboram aos apontamentos realizados por Albres (2016) de que o ambiente educacional ainda é o nicho que mais abriga esses profissionais em função da política nacional de (pseudo)inclusão e, conseqüentemente, tem sido objeto de muitas pesquisas acadêmicas. Contudo, apesar de esse contexto de atuação ter sido mencionado por todos os respondentes, ele é composto por diversas variáveis de ordem interativa, discursiva, linguística e formativa, sendo uma delas a subdivisão em níveis de escolarização formal, como declaram Gomes e Valadão (2020).

Dessa esfera, a interpretação em graduação foi a mais assinalada, enquanto a pós-graduação obteve a menor parcela. Essa questão pode estar relacionada ao fato de que os estudantes surdos têm galgado novas oportunidades e ingressado às instituições de ensino superior, seja pela aplicação das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) traduzidas para a Libras desde 2017, seja pela Lei de Cotas, nº 13.409/2016, que reserva uma parcela de vagas às pessoas com deficiência e, com isso, é necessário a presença de intérpretes nesse espaço. Vale sublinhar que, a partir dos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2017, primeira edição da prova do ENEM traduzida, “1.635 candidatos, que se declararam surdos, optaram pelo uso da avaliação nesse formato” (GUEDES, 2020, p. 95). Os dados de 2018 e 2019 ainda não estão disponíveis no sistema.

Por outro lado, parece que esse número é mais reduzido no nível da pós-graduação, o que proporciona uma discussão mais específica quanto ao perfil dos egressos surdos das graduações, a aptidão e a formação científica que eles obtiveram para a pesquisa durante o curso superior, e a maneira em que os processos seletivos para ingresso na pós-graduação têm sido elaborados e ocorrido, atentando-se ou não à condição linguística desse grupo.

O segundo contexto mais citado pelos informantes é o de conferência, que está em crescente expansão. Tal espaço pode estar ganhando aderência dos intérpretes pelo fato de, muitas vezes, ser uma atividade com contratação específica que não cria vínculos, mas que possui um perfil e uma dinâmica própria, na qual, geralmente, o discurso é formal, simultâneo e apresenta uma densidade lexical e temática considerável, como discorrem Nogueira (2016), Santos (2016) e Gomes (2019a). Compete ressaltar que o repertório vocabular e terminológico do TF e do TA não é exclusivo a esse contexto.

Entretanto, assim como o contexto educacional, o de conferência não é constituído em um único formato, mas permeado por, pelo menos, duas tipologias, que podem abarcar alguns exemplos. Santiago (2016) aponta que os congressos (e.g., acadêmicos), as palestras e os seminários poderiam se agrupar às conferências apreciativo-informativas; e as conferências de políticas públicas, governamentais e audiências públicas às colaborativo-deliberativas. A autora argumenta que as principais diferenças entre esses tipos de conferência se localizam na enunciação monológica e encadeada do primeiro grupo, o que impossibilita, por razões socialmente convencionadas e estruturadas, a audiência indagar o orador em meio a sua fala. Em contrapartida, o segundo grupo permite maior maleabilidade quanto a participação do público, competindo ao intérprete atenção e atuação bidirecional.

O terceiro contexto com maior atuação por parte dos respondentes é o religioso que, embora tenha sido o local considerado como marco e precursor para a atuação dos intérpretes de/entre/para línguas de sinais (QUADROS, 2004) ainda possui forte conexão e aceitação dos profissionais, mesmo que atuem em caráter voluntário. É urgente, inclusive, que tal ambiente ganhe os holofotes nos ETILS para que esse, assim como os demais, careie contorno quanto as suas especificidades.

Em seguida, está o contexto familiar, em que a interpretação é amplamente praticada desde os primórdios e, por várias ocasiões em circunstância de proximidade e voluntariado, pode ser considerada uma atuação interpretativa de ligação e diálogo, como pontua Pöchhacker (2004). Nesse ambiente, o intérprete será o mediador linguístico e, até mesmo, emocional, a depender da situação.

Seguindo essa ordem, outros contextos essenciais como o de saúde, o midiático, o jurídico, o artístico, o empresarial, o lazer e o político são destacados. Ressalta-se que todos eles possuem extrema relevância e estão sendo solicitados e problematizados com maior frequência nos últimos tempos, porém sempre existiram e ocorreram. Adversidades sociais, governamentais, profissionais, entre muitas outras, podem ter impedido ou inibido a difusão desses, já que a execução e a implementação surgem das demandas e cobranças da população.

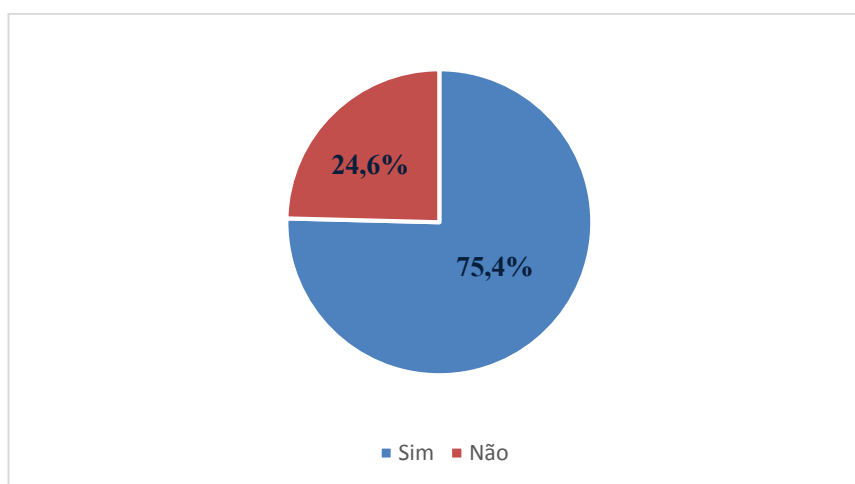
Em todos esses contextos citados, a especificidade e a densidade terminológica, tanto da LF quanto da LA, são um fator que os une, ao passo que os demais elementos que os integram como a situação e o espaço, os membros solicitantes e atendidos pelo serviço e a diversidade linguística e temática envolvida, os afastam, garantindo a sua respectiva particularidade.

É importante admitir que, por vezes, determinados contextos se mesclarão, sobretudo o midiático, que poderá absorver demandas de outras esferas, principalmente da política. No

entanto, é oportuno reforçar que um contexto não é classificado somente pelo seu arcabouço temático e textual. Assim, se determinado conteúdo da saúde for traduzido em vídeos e plataformas digitais, como tem-se visto em função da disseminação de informações referentes à pandemia do COVID-19, esse âmbito continua sendo o midiático e não o de saúde, por exemplo.

A sexta questão, de múltipla escolha, é simples e direta, na qual se perguntou aos respondentes se a interpretação Libras-Português é a sua principal fonte de renda atualmente, tendo como resposta as opções “Sim” ou “Não”. A finalidade dessa pergunta é saber se os informantes sobrevivem por meio desse ofício, realizando interpretações constantemente, ou se, por outro lado, a interpretação se limitaria a uma atividade extra e esporádica, remunerada ou não.

Gráfico 14 - Interpretação como a atual principal fonte de renda



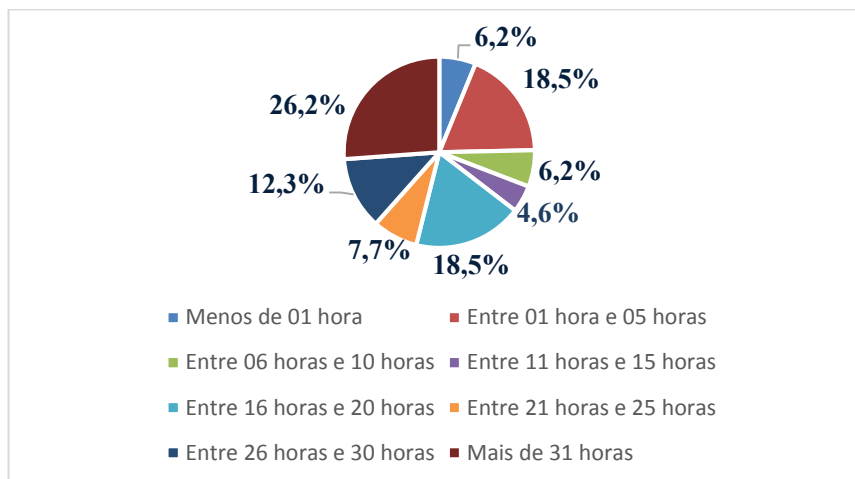
Fonte: Elaborado pelo autor

Grande parcela dos informantes assinalaram positivamente, obtendo 75,4% (49) das respostas, e os demais, 24,6% (16), responderam que não. Entre os CODAs, 1 aponta que a interpretação é a sua atual fonte de renda e para outro, não. Esse dado evidencia que, em sua maioria, os respondentes são intérpretes que vivem dessa profissão, corroborando às suas experiências práticas.

A última pergunta desta seção também foi de múltipla escolha e, dialogando com a anterior, solicitou aos informantes que indicassem, em média, a sua carga horária semanal de trabalho em interpretação. Foram elencadas 8 opções, contendo a primeira: menos de 01 hora; a última: mais de 31 horas; e as demais em um intervalo de cinco horas. Justifica-se tal delimitação temporal pelo mesmo motivo da quarta questão (i.e., tentar definir com um pouco mais de precisão o período posto). Entretanto, nesta há mais opções, visto que a jornada de

trabalho semanal das pessoas é, em média, de 40 horas e, por isso, alguns participantes poderiam se aproximar desse expediente por atuarem em mais de um turno, por exemplo.

Gráfico 15 - Carga horária semanal de trabalho em interpretação



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 15 mostra que a carga horária máxima, acima de 31 horas, foi a mais mencionada, por 26,2% (17) dos informantes; entre 01 e 05 horas e 16 e 20 horas por 18,5% (12); entre 26 e 30 horas por 12,3% (8); entre 21 e 25 horas em 7,7% (5); entre 06 e 10 horas e menos de 01 hora por 6,2% (4) cada e entre 11 e 15 horas por 4,6% (3).

As respostas apresentadas no referido gráfico parecem um pouco diversificadas, mas tendem a estar intimamente ligadas aos contextos ou locais nos quais os intérpretes desempenham suas respectivas atividades. Assim, nota-se que a maior parte dos respondentes realizam essa função em mais de 6 horas diárias, corroborando a resposta questão anterior de que essa é a principal fonte de renda dos intérpretes que responderam ao questionário.

Curiosamente, mesmo que diante de um empate técnico, a segunda opção mais citada é quanto ao menor tempo definido, entre 01 a 05 horas. Essa posição pode retratar, inclusive, àqueles que estão iniciando suas ações nessa carreira profissional.

5.3 TERCEIRA SEÇÃO: O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

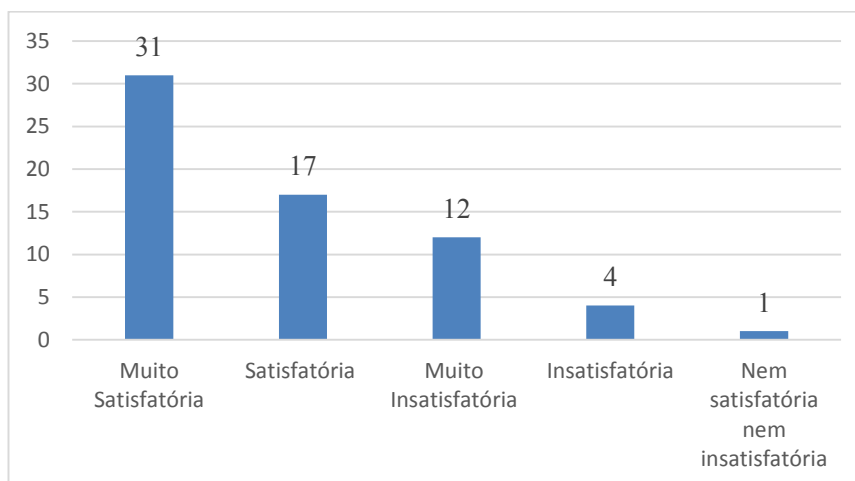
A terceira e última seção do questionário possui sete questões e dois desdobramentos obrigatórios vinculados ao processo interpretativo em si, de modo que fosse possível conhecer a percepção dos respondentes quanto ao seu desempenho linguístico, interpretativo e profissional.

Nas três primeiras questões, empregou-se a escala *Likert*⁴⁶ que, segundo Costa, Orsini e Carneiro (2018), consiste na mensuração quanto ao grau que o sujeito pode atribuir à atividade ou ao objeto posto. Basicamente, ela pode ser arquitetada com pontos verbais, abrangendo expressões e enunciados como este questionário propôs, ou não verbais, em que há intervalos numéricos.

A primeira questão foi sistematizada em grade de múltipla escolha na qual solicitou-se que os respondentes se autoavaliassem quanto ao uso e ao domínio da Libras e do Português em situações de não interpretação, no que tange ao processo de compreensão de ambas as línguas em suas modalidades oral e escrita.

Essa pergunta enfocou a visão estritamente bilíngue que os sujeitos podem ter de si. Assim, para cada uma das opções, Português oral (falado); Português escrito (leitura); Libras oral (sinalizada) e Libras escrita (leitura), cada respondente marcou a percepção que ele possui para cada uma das línguas e modalidades de uso supracitadas, a partir das seguintes possibilidades: muito insatisfatória; insatisfatória; nem satisfatória nem insatisfatória; satisfatória e muito satisfatória.

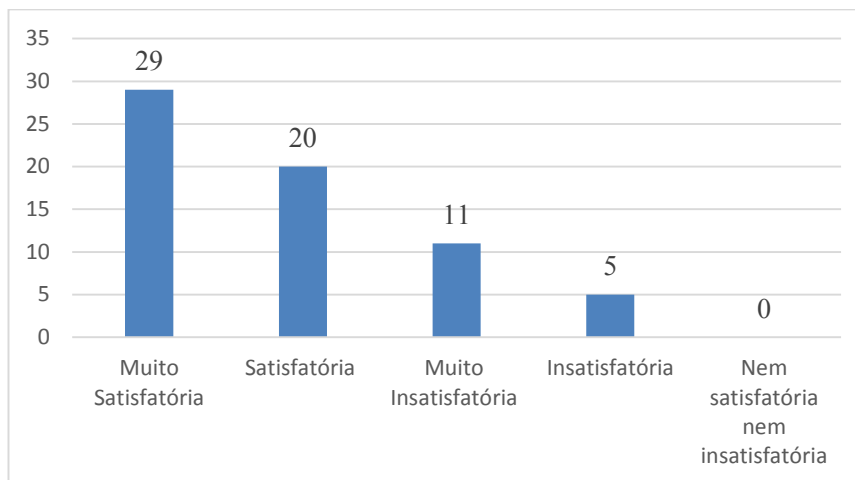
Gráfico 16 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão do Português oral



Fonte: Elaborado pelo autor

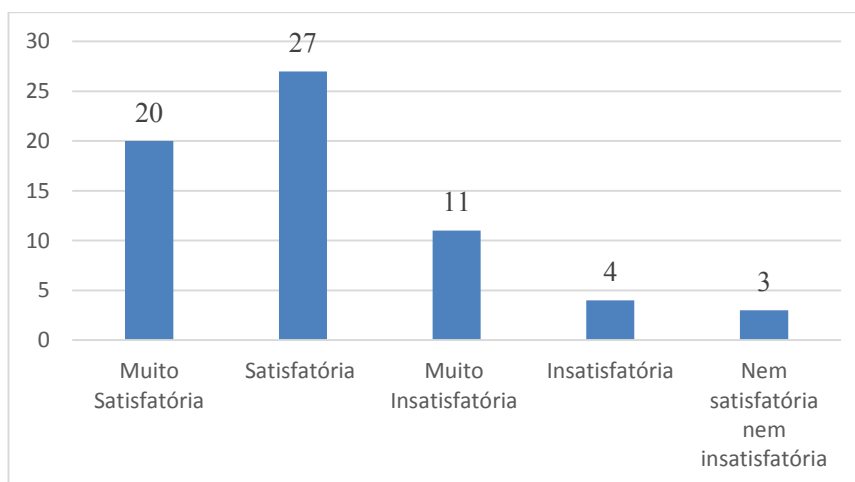
⁴⁶ Esta escala é amplamente utilizada em pesquisas nas Ciências Humanas e nas Ciências Sociais e Aplicadas e o seu nome é uma homenagem ao criador, Renis Likert. Baseia-se na busca por maneiras de aferir atitudes e comportamentos.

Gráfico 17- Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão do Português escrito



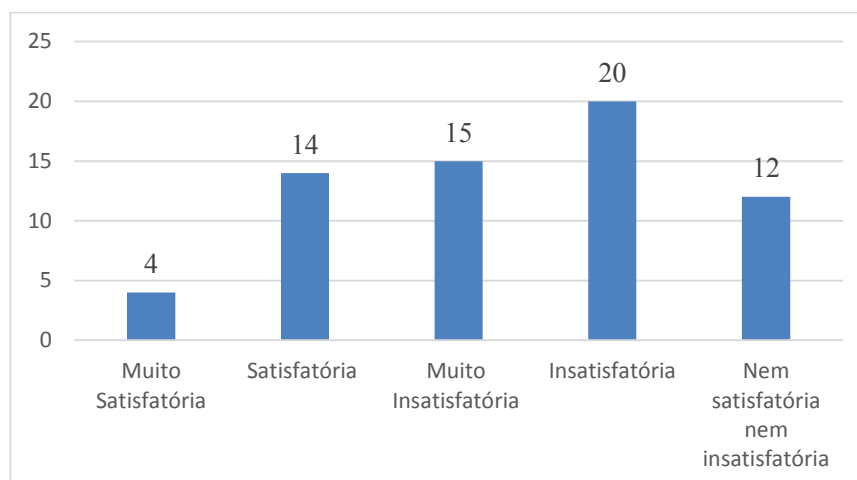
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 18 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão da Libras oral



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 19 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na compreensão da Libras escrita



Fonte: Elaborado pelo autor

No Gráfico 16, os resultados evidenciam que a percepção para o Português oral foi de 31 respostas como muito satisfatória, 17 satisfatória, 12 muito insatisfatória, 4 insatisfatória, 1 nem satisfatória nem insatisfatória.

Em Português escrito, conforme o Gráfico 17, 29 responderam muito satisfatória, 20 satisfatória, 11 muito insatisfatória, 5 insatisfatória e 0 nem satisfatória nem insatisfatória.

De acordo com o Gráfico 18, na avaliação da Libras oral, 20 respondentes assumiram como muito satisfatória, 27 satisfatória, 11 muito insatisfatória, 4 insatisfatória, 3 nem satisfatória nem insatisfatória.

Em relação à autoavaliação da Libras escrita, cujos resultados são apresentados no Gráfico 19, 4 responderam muito satisfatória, 14 satisfatória, 15 muito insatisfatória, 20 insatisfatória, 12 nem satisfatória nem insatisfatória.

Entre os CODAs, para a autoavaliação do Português oral, 1 respondeu muito satisfatória e 1 satisfatória e na do Português escrito, 1 autoavaliou como muito satisfatória e 1 satisfatória. Ao autoavaliarem a compreensão da Libras oral, os 2 CODAs indicaram-na como muito satisfatória. Na autoavaliação da compreensão da Libras escrita, 1 CODA a declarou como satisfatória e 1 como insatisfatória.

Segundo Marcuschi (2010), a oralidade e a escrita são práticas sociais distintas que podem empregar o mesmo sistema linguístico. Embora haja situações em que uma delas assuma maior ou menor prestígio, ambas possuem aplicação e relevância.

Leite (2010) acentua que textos orais são reputados por sua efemeridade, espontaneidade e dependência contextual, ao passo que os escritos apresentam perenidade,

planejamento e independência textual. Contudo, o autor alerta que, diante do perfil multifacetado da linguagem e suas funcionalidades, haverá um espectro ou mesmo hibridizem em que tais textos podem se aproximar ou distanciar de características orais ou escritas. Na questão posta, o foco está no modo único e não híbrido de uso das línguas.

A autoavaliação parece emergir em um tom altamente subjetivo, porém, quando encarada com seriedade, pode corresponder à realidade experimentada pelo respondente. Assim, sob um viés rigorosamente (meta)linguístico e comunicativo, totalmente desprovido de relação com a interpretação, a maioria dos informantes tipifica a sua autoavaliação da compreensão do Português como muito satisfatória, independentemente da modalidade de uso (i.e., oral ou escrito), tendo amplo uso e domínio de compreensão. Isso corrobora o acesso e o entendimento de quaisquer informações no Português oral, aliado às atividades de fala, por 31 informantes, e no Português escrito, em atividades de leitura, por 29 respondentes.

Em contrapartida, apresentando resultados bem próximos na autoavaliação, 12 e 11 informantes, respectivamente, autoavaliam a compreensão do Português oral e do Português escrito como insatisfatória. Esses resultados evidenciam que há um certo consenso entre os intérpretes, não demonstrando discrepância na compreensão entre as duas modalidades de uso do Português. Dentre esses resultados, as respostas dos 2 informantes CODAs acompanham a autoavaliação do grupo em geral tanto na autoavaliação do Português oral quanto na do Português escrito, apontando muito satisfatória e satisfatória.

Ao tratar da Libras, 27 respondentes declararam ser satisfatória a compreensão dessa língua de maneira sinalizada, enquanto 11 apontaram-na como muito insatisfatória. Os 2 CODAs informaram ser muito satisfatória a compreensão na Libras oral.

Para a Libras escrita em formato de leitura, a opção insatisfatória se sobressaiu com 20 respostas, revelando um provável desconhecimento dessa modalidade quando vinculada à língua de sinais. Dentre os CODAs, 1 acompanha essa opinião e o outro designa a compreensão como satisfatória.

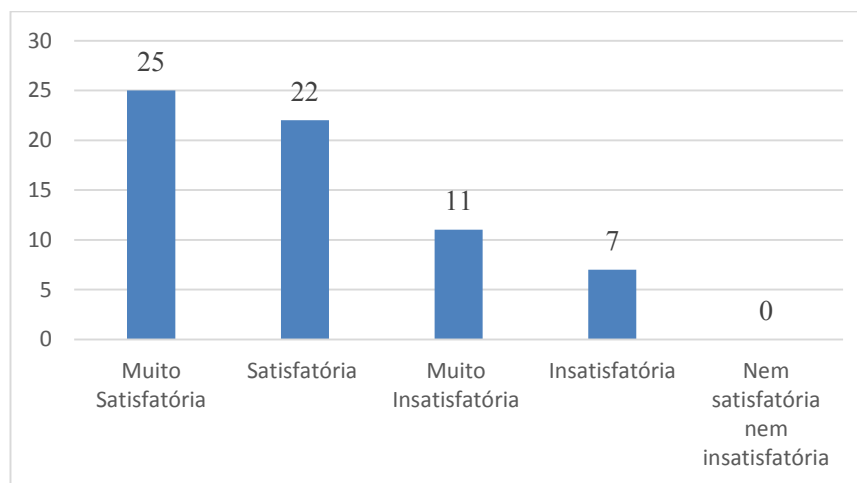
Ainda que a Libras não seja uma língua ágrafa, a divulgação, a (in)formação, o ensino e o acesso a essa escrita se mostram totalmente deficitários, contribuindo para a pouca adesão social. Geralmente, pessoas ouvintes, quando começam a aprender língua de sinais, sentem a necessidade de anotar e sistematizar as informações referentes aos parâmetros fonológicos que compõem os sinais, por exemplo. Assim, caso o sistema de escrita fosse disseminado desde o início nesses cursos, os estudantes poderiam se apropriar deles para as anotações, visto que a sua essência é registrar em suporte físico ou virtual uma língua com particularidades gestuais e visuais. Conquanto, não há um único sistema de escrita

estabelecido no país. Guardando as devidas proporções, o mais encontrado e utilizado é o *SignWriting* (SUTTON, 1996 apud STUMPF, 2005). Existe também a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) (BARROS, 2015), o Sistema de Escrita da Libras (SEL) (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012) e a Escrita Visogramada das Línguas de Sinais (VisoGrafia) (BENASSI, 2017).

Traçando um panorama geral das autoavaliações dos informantes e das línguas e modalidades de uso em questão, percebe-se que a maior satisfação está atrelada ao Português oral assim como ao Português escrito e a maior insatisfação à Libras escrita. Essas informações incitam a condição dessas pessoas como falantes de Português como primeira língua, o que se torna natural ao autoavaliarem o uso e o domínio na compreensão com esses níveis de satisfação. No caso da Libras escrita, possivelmente devido à sua residual circulação social e acadêmica, ela tende a ser pouco compreendida.

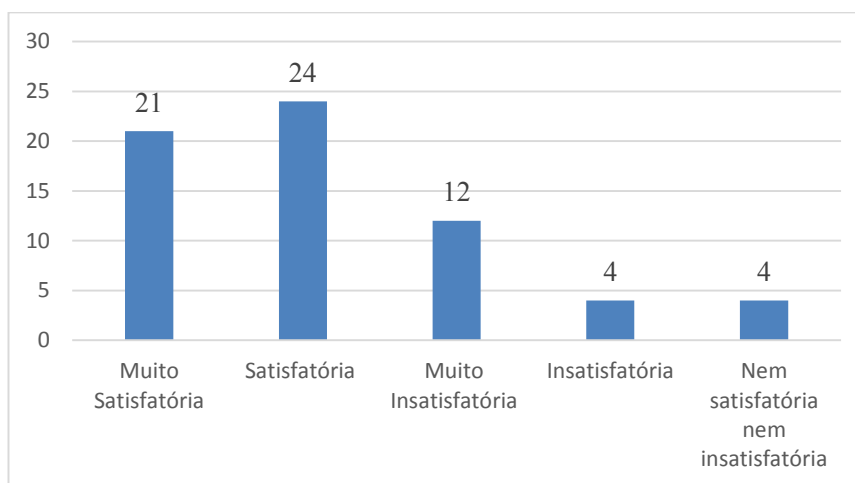
A segunda questão apresentou o mesmo formato da anterior, porém arrolou-se ao processo de produção de ambas as línguas em suas distintas modalidades.

Gráfico 20 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção do Português oral



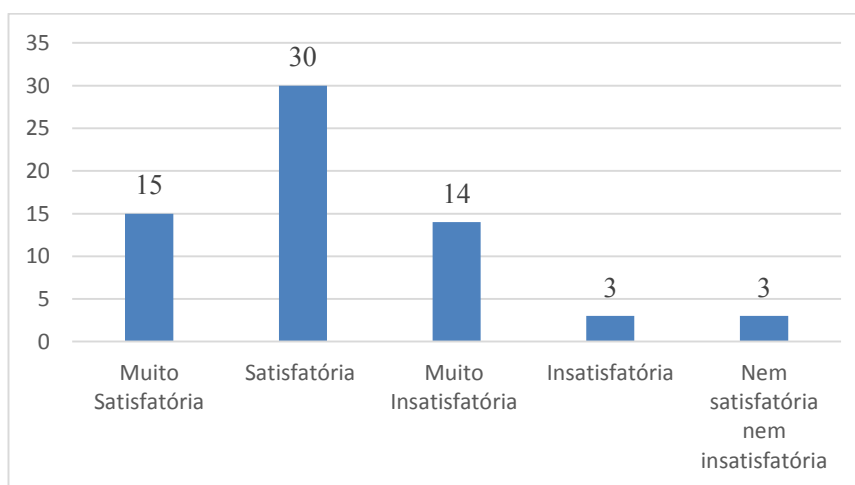
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 21 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção do Português escrito



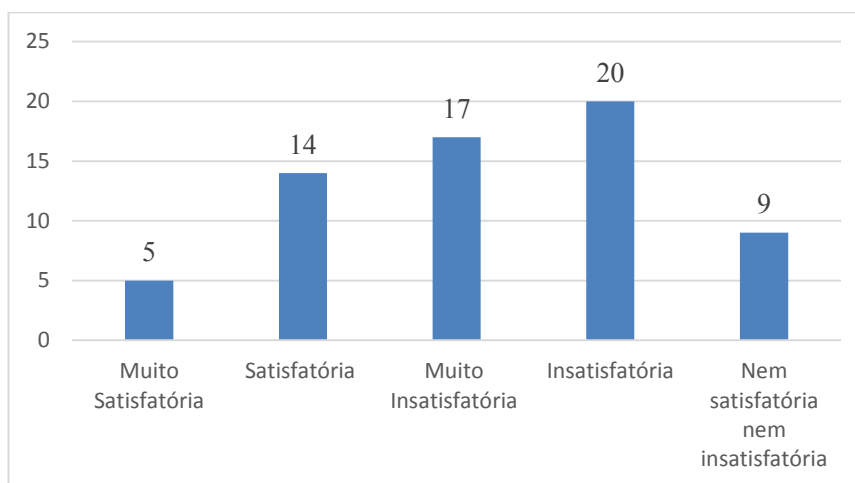
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 22 - Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção da Libras oral



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 23 -Autoavaliação quanto ao uso e domínio na produção da Libras escrita



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme o Gráfico 20, na autoavaliação do Português oral, 25 respondentes evidenciaram a produção como muito satisfatória, 22 como satisfatória, 11 como muito insatisfatória, 7 como insatisfatória. Nenhum informante autoavaliou a produção como a nem satisfatória nem insatisfatória.

De acordo com o Gráfico 21, ao autoavaliarem a produção do Português escrito, 21 respondentes informaram-na como muito satisfatória, 24 como satisfatória, 12 como muito insatisfatória, 4 como insatisfatória e 4 como nem satisfatória nem insatisfatória.

O Gráfico 22 mostra que 15 informantes autoavaliaram a produção da Libras oral como muito satisfatória, 30 como satisfatória, 14 como muito insatisfatória, 3 como insatisfatória e nem satisfatória nem insatisfatória.

Conforme o Gráfico 23, na autoavaliação da produção da Libras escrita, 5 informantes responderam muito satisfatória, 14 satisfatória, 17 muito insatisfatória, 20 insatisfatória e 9 nem satisfatória nem insatisfatória.

Na autoavaliação da produção do Português oral, 1 CODA apontou-a como muito satisfatória, 1 como satisfatória. A produção do Português escrito foi autoavaliada por 1 CODA como muito satisfatória e por 1 como nem satisfatória nem insatisfatória. Na autoavaliação da produção da Libras oral, 1 CODA indicou como resposta muito satisfatória e 1 como satisfatória. A produção Libras escrita, por sua vez, foi autoavaliada por 1 CODA como muito satisfatória e por 1 como insatisfatória.

Partindo dos mesmos pressupostos anteriores, na autoavaliação da produção em Português dos 65 respondentes, 25 deles indicaram-na como muito satisfatória no Português

oral, porém a autoavaliação dessa língua escrita com esse mesmo nível de satisfação é um pouco menor, sendo apontada por 21 respondentes. Quanto à autoavaliação da produção como muito insatisfatória, os números são praticamente os mesmos, 11 para a produção do Português oral e 12 para a produção do Português escrito.

Entre os CODAs, houve uma manifestação como muito satisfatória e uma como satisfatória na autoavaliação da produção do Português oral, além de uma como muito satisfatória e uma como nem satisfatória e nem satisfatória na autoavaliação da produção do Português escrito. Isso evidencia que em todo o grupo possíveis características do formato escrito podem ser um fator limitante para a produção.

No caso da produção em Libras, a modalidade oral foi marcada por 30 informantes como satisfatória, e o nível de satisfação como muito satisfatória foi assinalado por 15 informantes, aproximando-se dos 14 respondentes que autoavaliaram a produção como muito insatisfatória.

Para os CODAs, 1 deles autoavaliou a produção como muito satisfatória e 1 como satisfatória. A Libras escrita foi autoavaliada como insatisfatória por 20 informantes, enquanto 15 informantes autoavaliaram a produção nessa língua como muito insatisfatória, demonstrando, repetidamente, o pouco conhecimento dessa modalidade de uso. Dos 2 CODAs, 1 autoavaliou a produção escrita como muito satisfatória e 1 como insatisfatória.

O quadro geral da produção linguística aponta uma autoavaliação satisfatória da Libras oral, com 30 informando essa opção, o que supera a autoavaliação do Português oral com 22 informantes e do Português escrito com 24. A autoavaliação da produção como muito satisfatória, apresenta um decréscimo, sendo indicada por 25 informantes para o Português oral, 21 para o Português escrito, 15 para a Libras oral e 5 para a Libras escrita. Do outro lado, na autoavaliação como muito insatisfatória, tem-se um movimento contrário, no qual a Libras escrita abarca 17, a oral 14, o Português escrito 12 e o oral 11.

A compreensão, etapa inicial na aquisição da linguagem, e a produção, são duas habilidades linguísticas, comunicativas e cognitivas que compartilham o mesmo sistema, porém apresentam funcionamento dissemelhante. Neurobiologicamente, Matlin (2001) argumenta que ambas as ações são desempenhadas majoritariamente no hemisfério esquerdo do cérebro, estando a compreensão situada em uma região posterior a esse hemisfério e a produção na região anterior a ele. A fase de compreensão ocorre pelo acesso sonoro ou visual e pela decodificação da mensagem, enquanto a produção tende a estabelecer um processo de codificação, de organização e de sistematização dessas informações (MACDONALD, 2013). Ambos os processos serão subsidiados e tensionados pela memória de trabalho e pela

atenção, por exemplo. A otimização da compreensão ocorre em um curto intervalo de tempo para que a memória de trabalho não seja sobrecarregada, o que pode debilitar a ação.

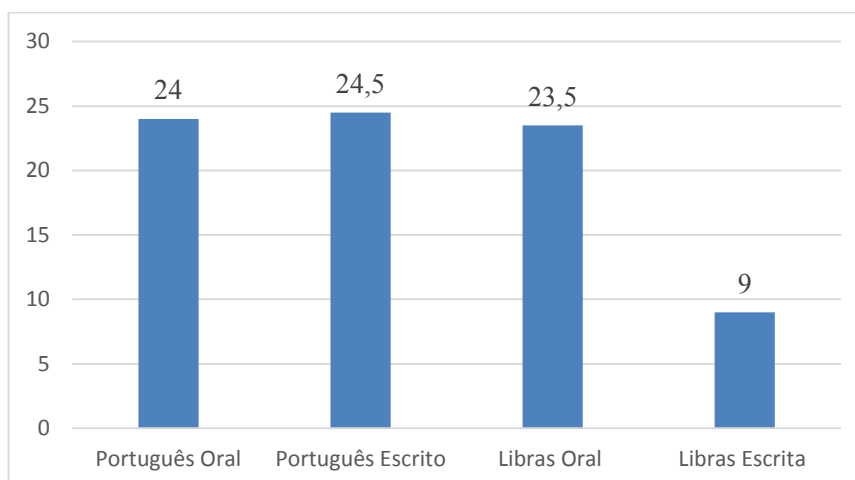
Esse pequeno período temporal indica que a compreensão não propende a ocorrer pela mensagem detalhada em todos os seus léxicos, mas por fragmentos que são rapidamente recuperados ao serem acessados pelo falante e, assim, a significação é construída. Isso evidencia que, em uma modalidade oral de uso da língua, aspectos sonoros e visuais de articulação são importantes e variantes.

Por essa razão, o tom de voz, a dicção das palavras, a articulação dos sinais e a velocidade de fala são fatores que podem comprometer a compreensão tanto do Português oral como da Libras oral. Esses aspectos acústicos e visuais estão intimamente relacionados ao léxico. Em formato escrito, a mensagem como um todo está posta, permitindo ao sujeito contato integral com ela. Segundo Costa (2015), quanto maior o acervo lexical, maior será o conhecimento de mundo e significação do falante. Geralmente, falantes nativos de determinada língua possuem maior repertório lexical do que os não nativos. O léxico é uma unidade importante, porém não é a única da língua, sendo preciso organizar esses itens em categorias, sentenças e blocos maiores de informações (MARCUSCHI, 2006). Tal momento é crucial para o encadeamento de compreensão dos discursos.

Em relação à produção linguística, MacDonald (2013) enfatiza que, a partir do entendimento da mensagem e armazenamento na memória, o sujeito resgatará essas informações e as organizará mentalmente em uma perspectiva sintática e discursiva, para, então, expressá-las. A produção oral ocorre de maneira imediata, sendo a sua elaboração concomitante à exposição e visível aos seus interlocutores. Por esse motivo, pausas e hesitações, recorrentes e naturais para essa modalidade, são indícios de busca lexical e sistematização da fala. No caso da produção escrita, o sujeito tem a possibilidade de organizar melhor as ideias, retomar e retificar o enunciado, evitando a prolixia.

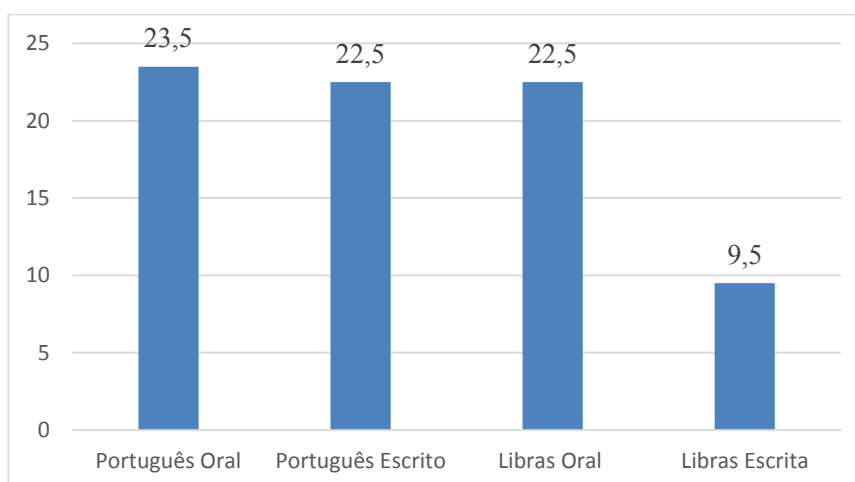
Para uma melhor visualização dos resultados das autoavaliações da compreensão e da produção do Português oral e escrito e da Libras oral e escrita, foram calculadas as médias aritméticas do número de informantes que autoavaliaram a compreensão e a produção como muito satisfatória e satisfatória. Esses valores são apresentados nos Gráficos 24 e 25 a seguir.

Gráfico 24 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a compreensão como “satisfatória” e “muito satisfatória”



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 25 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a produção como “satisfatória” e “muito satisfatória”



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse sentido, ao verificar as questões postas e compilar os dados de compreensão e de produção em uma média aritmética das percepções quanto ao muito satisfatório e satisfatório, apesar de resultados próximos, a compreensão em Português escrito e a produção em Português oral foram as maiores. Essas médias se alinham às características que cada uma dessas modalidades de uso detém, sendo que o processo por meio escrito garante maior estabilidade ao material, possibilitando releitura e revisão. Todavia, a produção oral permite hesitações, efemeridade e mais naturalidade ao discurso.

Quanto aos CODAs, a maior média de informantes converge à autoavaliação da compreensão em Libras oral e a da produção foi tanto para a Libras oral como para o Português oral.

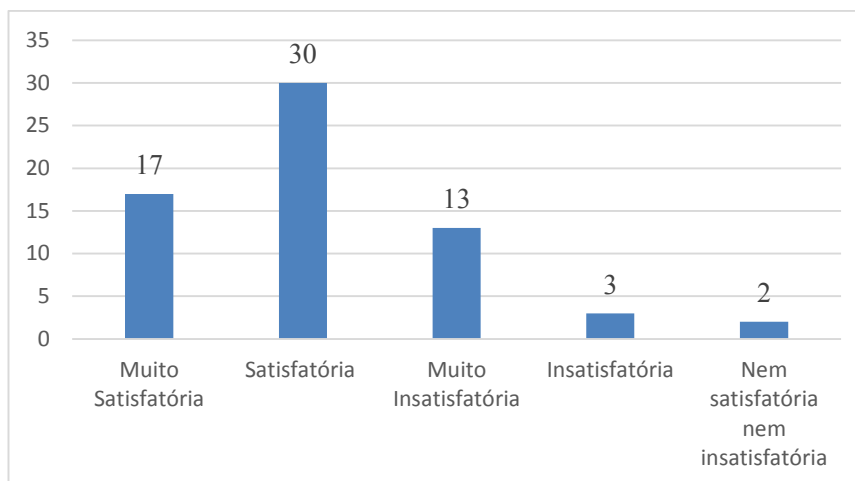
Nessa perspectiva, a partir desses resultados, percebe-se que a autoavaliação dos intérpretes pode estar diretamente relacionada à primeira língua/língua materna, uma vez que, segundo Spinassé (2006), em linhas gerais, a aquisição dessa ocorre de modo estável e regular, e se pauta na língua em que se adquire primeiramente e corresponde à comunidade linguístico-cultural a qual o sujeito se sente pertencente. Entretanto, a autora adverte que esse conceito e essa classificação podem ser dilatados ao admitir variáveis como a língua dos familiares, a língua da sociedade e o vínculo afetivo e usual com essa língua. Mesmo assim, nem sempre a L1 será a língua dominante. Esse evento ocorre com frequência em CODAs que possuem a Libras como língua materna, porém a utiliza(va)m apenas com um grupo muito restrito de pessoas e em situações pontuais. Assim, o Português se sobressairá e alcançará o grau de dominância ou de língua primária, como nota Quadros (2017, 2018). Uma segunda língua, por exemplo, ou como diria Spinassé (2006, p. 6) uma “não-primeira-língua”, pode ser adquirida/aprendida a partir de uma necessidade comunicacional.

Desse modo, é importante considerar que, embora sejam bilíngues, por dominar duas ou mais línguas, nesse caso o Português e a Libras, os falantes não precisam, necessariamente, assumir fluência igual em ambas as línguas e suas respectivas modalidades de uso, como observa Grosjean (2013). Para com o autor, a intensidade de uso de uma língua está atrelada à sua finalidade particular e dependerá, também, do período e como foi adquirida ou aprendida (e.g., se de maneira natural ou formal, em casa, em instituições de ensino). Resgatando alguns dados da segunda seção deste questionário, a maior parcela de informantes adquiriu/aprendeu a Libras entre os 16 e os 20 anos de idade, o que pode ter ocorrido de forma natural ou não e em situações internas e/ou externas ao seio educacional.

A terceira questão mantém uma configuração semelhante quanto à autoavaliação com base na seleção das opções: muito insatisfatória, insatisfatória, nem satisfatória nem insatisfatória, satisfatória e muito satisfatória. Todavia, ela se difere porque solicitou uma autoavaliação do desempenho na interpretação, a partir das distintas direções e modalidades como Português oral para a Libras oral (i.e., sinalização); da Libras oral para o Português oral (i.e., vocalização); do Português escrito para a Libras oral (i.e., sinalização a partir da escrita); e da Libras escrita para o Português oral (i.e., vocalização a partir da escrita). A diferença dessa pergunta, para as anteriores, recai sobre o fato de o processo de interpretação demandar estratégias vinculadas à direção da atuação, às modalidades de língua e às de uso

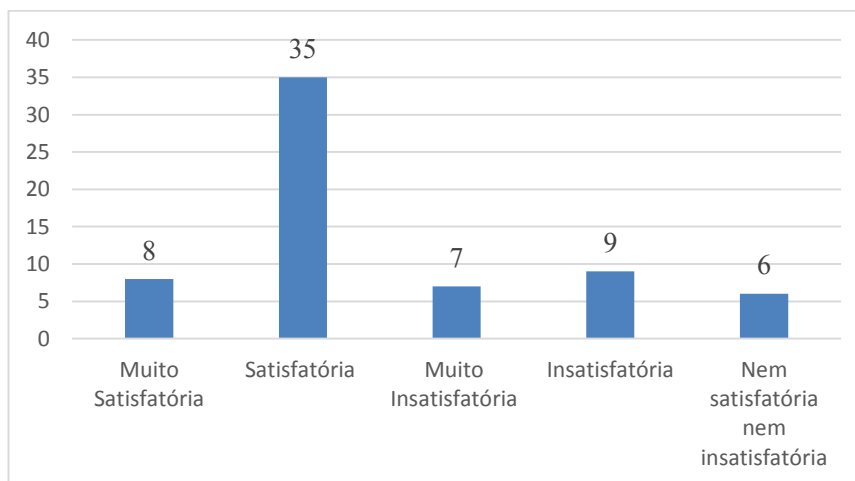
das línguas envolvidas na interpretação, respectivamente, vocal-auditiva e gestual-visual; e oral e escrita, como Pöchhacker (2004) e Rodrigues (2018c) salientam.

Gráfico 26 - Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de sinalização



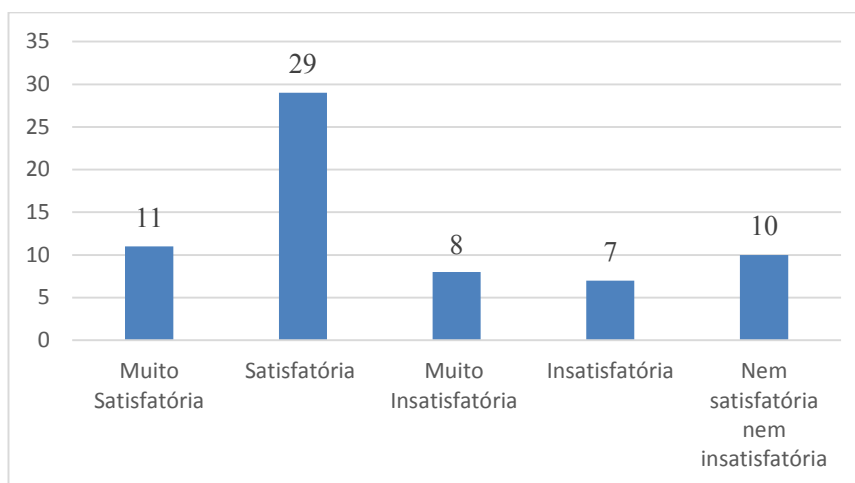
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 27- Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de vocalização



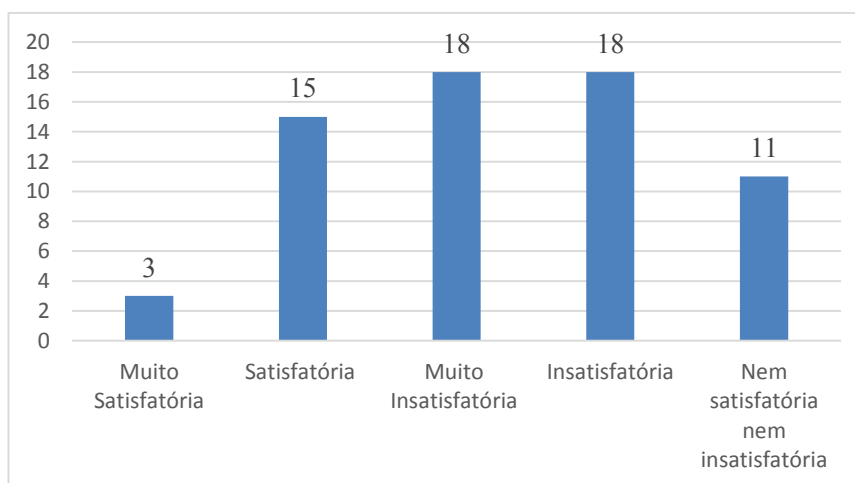
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 28- Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de sinalização a partir da escrita



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 29 – Autoavaliação quanto ao desempenho no processo interpretativo de vocalização a partir da escrita



Fonte: Elaborado pelo autor

No Gráfico 26, um total de 17 informantes autoavaliaram a interpretação do Português oral para a Libras oral (i.e., sinalização) como muito satisfatória, 30 como satisfatória, 13 como muito insatisfatória, 3 como insatisfatória e 2 como nem satisfatória nem insatisfatória.

Na autoavaliação da Libras oral para o Português oral (i.e., vocalização), Gráfico 27, 8 informantes indicaram-na como muito satisfatória, 35 como satisfatória, 7 como muito insatisfatória, 9 como insatisfatória, e 6 como nem satisfatória nem insatisfatória.

Ao autoavaliarem no Gráfico 28, a interpretação do Português escrito para a Libras oral (i.e., sinalização a partir da escrita), 11 informantes responderam muito satisfatória, 29 satisfatória, 8 muito insatisfatória, 7 insatisfatória e 10 nem satisfatória nem insatisfatória.

No Gráfico 29 esboça-se a autoavaliação da Libras escrita para o Português oral (i.e., vocalização a partir da escrita) demonstrou que 3 respondentes a consideraram muito satisfatória, 15 satisfatória, 18 muito insatisfatória, 18 insatisfatória e 11 nem satisfatória nem insatisfatória.

Em relação aos CODAs, na autoavaliação da interpretação do Português oral para a Libras oral (i.e., sinalização), os 2 informantes apontaram-na como muito satisfatória. Na autoavaliação da interpretação da Libras oral para o Português oral (i.e., vocalização), 1 indicou-a como muito satisfatória, e 1 como satisfatória. Ao autoavaliarem a interpretação do Português escrito para a Libras oral (i.e., sinalização a partir da escrita), 1 assinalou-a como muito satisfatória e 1 como satisfatória. Finalmente, na autoavaliação da Libras escrita para o Português oral (i.e., vocalização a partir da escrita), ela foi concebida como satisfatória por 1 CODA e como muito insatisfatória pelo outro.

Ao analisar a autoavaliação do desempenho na interpretação, que contorna a habilidade de execução e de atuação entre direções e modalidades de uso da língua dissemelhantes, percebe-se que, em um processo comum, no qual os dois materiais linguísticos são orais, a percepção de muito satisfatória é maior na sinalização, havendo 17 informantes, que na vocalização, em que 8 respondentes indicaram esse nível de satisfação. Em um nível um pouco mais modesto como satisfatório, essa visão se difere, colocando a vocalização com o maior número de informantes, havendo 35 que apontaram esse nível, acompanhado da sinalização, com 30 respondentes indicando esse nível.

A autoavaliação da interpretação como muito insatisfatória também é maior na sinalização, com 13 informantes tendo indicado esse nível, seguida da vocalização com 7 informantes, enquanto a autoavaliação como insatisfatória é maior na vocalização com 9 informantes, que na sinalização 3, com 3 informantes. Percebe-se uma heterogeneidade no grupo, uma vez que a atividade de sinalização possui alta autoavaliação positiva (i.e., satisfatória) e negativa (i.e., muito insatisfatória).

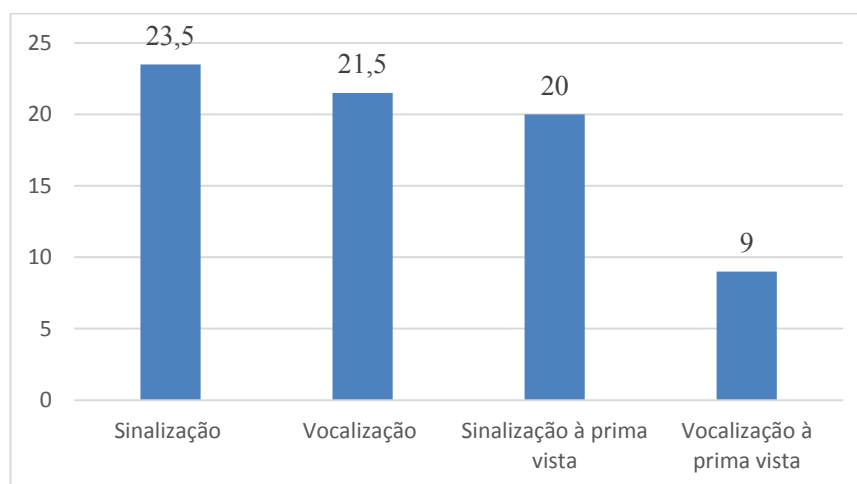
Entre os CODAs, a sinalização se sobressaiu com a autoavaliação dos 2 como muito satisfatória, em oposição à autoavaliação da vocalização, que se mostrou como muito satisfatória para um deles e como satisfatória para o outro.

Averiguando a autoavaliação da interpretação à prima vista, em que a sinalização será gerada a partir da reformulação oral de um texto escrito, conforme o Gráfico 28 demonstra,

a opção muito satisfatória foi indicada por 11 informantes, a satisfatória por 29. A autoavaliação dessa atividade apresenta um nível de satisfação bastante superior se comparada com a de vocalização à vista, que foi considerada muito satisfatória para 3 informantes e satisfatória para 15, no Gráfico 29. Esse padrão é também encontrado na autoavaliação como insatisfatória e muito insatisfatória da vocalização à prima vista em comparação com a sinalização à prima vista. Enquanto 18 informantes autoavaliaram a vocalização à prima vista como insatisfatória e 18 como muita insatisfatória, a sinalização à prima vista foi autoavaliada, respectivamente, com esses mesmos níveis de satisfação, por 7 e 8 informantes. De certa forma, os 2 CODAs acompanham a concepção do grupo ao autoavaliarem como muito satisfatória e satisfatória a sinalização à prima vista e como satisfatória e muito insatisfatória a vocalização à prima vista.

Esses resultados da autoavaliação do desempenho nos diferentes processos interpretativos (i.e., vocalização, sinalização, vocalização à prima vista, sinalização à prima vista), são compilados e apresentados como médias aritméticas no Gráfico 30.

Gráfico 30 - Média aritmética do número de informantes que autoavaliaram a interpretação como “satisfatória” e “muito satisfatória”



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao comparar os resultados das autoavaliações do desempenho nas diferentes situações de interpretação, as quais são distintas em operacionalidade, e efetuar a soma do número de informantes que autoavaliaram como muito satisfatória e satisfatória cada uma dessas situações, a sinalização comum surge com o maior nível de satisfação, seguida da vocalização e da sinalização à prima vista. Essa média aritmética foi obtida a partir dos

resultados anteriores da sinalização ($17 + 30 = 47$), da vocalização ($8 + 35 = 43$), da sinalização à prima vista ($11 + 29 = 40$) e da vocalização à prima vista ($3 + 15 = 18$).

Em contrapartida, a vocalização à prima vista avulta um maior nível de insatisfação, seguida da sinalização comum. Essa volubilidade pode indicar que os informantes não tenham compreendido a diferença entre os processos comum e à prima vista, mesmo estando descrito no questionário quais as direções e modalidades de uso das línguas. Outra justificativa pode ser quanto a certa insegurança por parte dos informantes ao tentarem autoavaliar, em caráter geral, o desempenho nas interpretações indicadas. Adiante será possível compreender um pouco melhor o ponto de vista dos informantes a respeito da interpretação à prima vista.

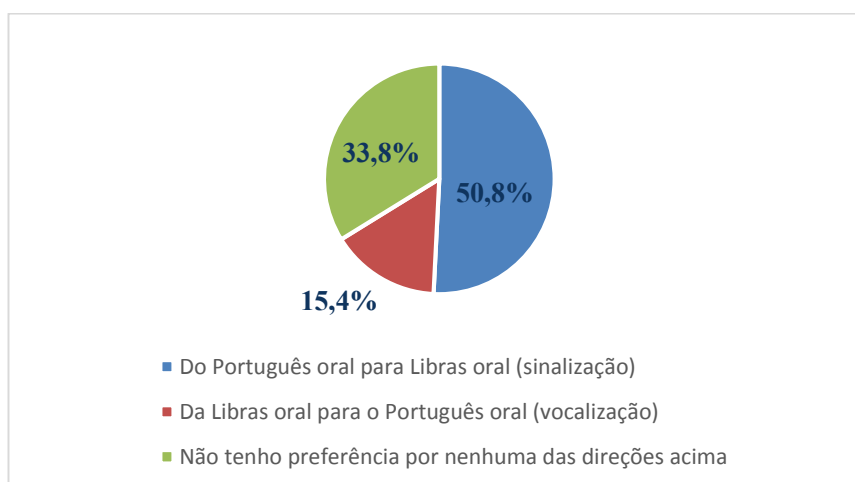
Ao calcular as médias aritméticas das autoavaliações indicadas pelos informantes como muito satisfatória e satisfatória, os resultados corroboram a argumentação, conforme apresentado no Gráfico 30, que a sinalização comum se sobressai um pouco em relação às outras atividades.

Por mais que possa ser subjetiva e relativa, Gile (2005) defende que é importante conhecer a preferência por direcionalidade de atuação dos intérpretes, visto que aspectos como confiança, conforto e motivação podem interferir no processamento cognitivo da atividade. Afinal, a tarefa interpretativa não se restringe apenas a fatores linguísticos. Os psicofisiológicos necessitam ser admitidos, a fim de problematizar e considerar o sujeito intérprete como um todo.

Na questão quatro do questionário, o respondente precisava autodeclarar a preferência da direção na interpretação, podendo escolher uma opção dentre: do Português oral para a Libras oral (i.e., sinalização, direção inversa); da Libras oral para o Português oral (i.e., vocalização, direção direta); e não ter preferência por nenhuma das opções propostas. A partir dessa resposta, solicitou-se que os respondentes justificassem, com o máximo de detalhes possível, a razão da preferência selecionada, em uma resposta que permitia que um texto longo fosse digitado.

As respostas a essa questão foram compiladas e são apresentadas no Gráfico 31 a seguir.

Gráfico 31 - Preferência de direcionalidade na interpretação



Fonte: Elaborado pelo autor

Esse gráfico demonstra que um pouco mais da metade dos respondentes, 50,8% (33), afirmaram ter predileção para atuar na direção inversa, do Português oral para a Libras oral, concebendo-se como uma atividade de sinalização. A minoria, 15,4% (10), optou pela direção direta, da Libras oral para o Português oral, a vocalização, e 33,8% (22) informou não ter preferência por uma ou outra.

Esse cenário remonta uma discussão trazida por Nicodemus e Emmorey (2013) em que as autoras nomeiam essa diferença ou discrepância em assimetria de direcionalidade, na qual existe uma desigualdade no uso e/ou preferência entre as direções interpretativas. Elas, assim como Napier, Rohan e Slatyer (2005), constataram, em contexto internacional, a mesma preferência que os intérpretes intermodais brasileiros, a de atuar em direção inversa.

Alguns pontos são elencados por Nicodemus e Emmorey (2013) para subsidiar essa escolha. O primeiro deles poderia ser a maior prática, experiência e conforto em tarefas de sinalização, que, inclusive, foram justificadas pelos informantes: “por ser o que mais pratico” (respondente 22); “tenho maior prática nesta modalidade” (respondente 28); “mais confortável” (respondente 23); “me sinto mais seguro” (respondente 4). Justificativas, iguais ou semelhantes a essa, surgiram em quase todas as respostas.

Historicamente, a população surda, por se enquadrar como uma minoria linguístico-cultural foi, durante muito tempo, apenas posta como receptora de informações. Isso significa que os conhecimentos maciçamente compartilhados eram gerados por ouvintes e em línguas vocais. Assim, para que os surdos tivessem acesso a eles, era preciso transpor para as línguas de sinais. Nesse caso, a constante prática por sinalização se sobrepôs à de vocalização por muito tempo. Nos cursos de formação, independentemente de qual seja a sua natureza, se

pensa(va) que os ouvintes, por possuírem as línguas de sinais como segunda língua, exceto os CODAs sinalizantes, tinha(m) somente a necessidade de estudar e produzir nessa língua.

Atualmente, tem-se visto uma mudança no estatuto da população surda, visto que seus membros passaram a fomentar conhecimentos e ações em línguas de sinais, demandando, portanto, a prática da vocalização, de maneira que os ouvintes possam ter acesso a essas informações. Contudo, a formação profissional parece não estar acompanhando essa virada na atuação dos intérpretes, como alguns participantes comentaram:

[tenho] maior experiência em atuação Português para LIBRAS. Dificuldade em encontrar formação para atuação LIBRAS para Português e poucas discussões na área com este foco. (respondente 2).

em meus cursos de formação eu tive pouco contato com a prática de interpretação da Libras para o Português, aprendi mais na prática. Ainda não me sinto segura para tal prática. (respondente 37).

não considero ter competência para atuação na interpretação da Libras oral para o Português oral, por não ter em minha formação a prática desta atividade. Assim como em minha atuação diária ser pouquíssimas vezes solicitada a fazer interpretação para língua portuguesa oral [...]. (respondente 42).

Cabe às instituições e aos pesquisadores-docentes da área uma urgente mobilização para o oferecimento e a readequação de cursos com essa especificidade. Nascimento (2016), ao descrever o *locus* e o processo de sua coleta de dados, expõe a existência de uma disciplina intitulada “Interpretação da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa” voltada integralmente à dimensão e às práticas interpretativas de vocalização da pós-graduação *lato sensu* em Tradução e Interpretação de Libras-Português do Instituto Singularidades, para profissionais que já possuem experiência em interpretações intermodais. Além de componentes curriculares específicos para essa finalidade, seria interessante que as direcionalidades interpretativas e suas atividades estivessem presentes transversalmente nas demais disciplinas que venham a compor um curso de graduação ou especialização de interpretação e tradução de Libras-Português, permitindo que o conhecimento seja fluido e corrente a toda formação.

O segundo ponto listado por Nicodemus e Emmorey (2013) pode estar relacionado ao desconhecimento do assunto a ser abordado e aos termos e seus significados, tanto da língua de sinais como da língua vocal. Essa questão incide diretamente nas etapas de compreensão e de produção, já que não é possível re-expressar algo que não se entende, assim como é dificultoso manifestar informações diversificadas com um reduzido repertório

lexical, mesmo que tenham sido compreendidas. Por outro lado, Timarová et al. (2014) verificam, em testes relacionados à memória de trabalho com intérpretes intramodais vocais-auditivos mais experientes durante a atividade interpretativa, que eles geralmente recorrem ao uso das mesmas palavras, sugerindo um menor esforço cognitivo por estar mais fácil acessar esses itens lexicais. Não obstante, essa repetição não é diretamente proporcional à precariedade ou diversidade do acervo lexical deles. Para que haja maior variedade vocabular acessível mentalmente aos intérpretes, seria interessante a constante prática por leituras de conteúdos diversificados, de maneira que uma rede de conexões sinonímicas e enciclopédicas possa ser estabelecida.

Atado a um comprimido ou não repositório lexical, estão as escolhas que o falante enceta. Nesse escopo, é importante não preterir que as línguas, além de permitir a comunicação, também são marcadas por relações de poder, de identidade, de intenções e de inferência discursiva que os oradores e os interlocutores imprimem, como Brait e Pistori (2020) declaram baseadas nas obras de Bakhtin. Isso demonstra que os termos (e.g., palavras ou sinais), imbuídos de significados próprios e/ou literais, podem arrogar sentidos mais completos e, até mesmo adicionais, em função do contexto em que estão imersos. Esse ponto é relatado por alguns intérpretes ao fornecerem justificativas para preferência de direção no questionário:

tenho que aprimorar em ambas, mas em priori na direção do português, procurando a utilização de termos mais apropriados. (respondente 10).

dependendo da área de atuação, é muito complexo a vocalização da Libras para o Português. Exige uma série de competências, principalmente conhecimento da área específica para que a vocalização fique coerente e a altura do discurso do palestrante ou enunciador. (respondente 54).

[...] tenho dificuldade na utilização dos termos adequados, sinto que em algumas situações prejudico o discurso do sinalizante (empobrecimento do discurso). Acredito que a falta de disponibilidade de tempo para estudo aliada a falta de atuação prática agrava a dificuldade. A não convivência com usuários da língua que estejam em um nível acadêmico mais elevado não nos proporciona o contato diário com terminologias específicas. Convivo com pessoas Surdas que vivem no interior do estado de Mato Grosso, em sua maioria com formação de nível médio. Nesse contexto consigo atuar em um nível satisfatório na interpretação tanto da Libras para a Língua Portuguesa, quanto da Língua Portuguesa para Libras. Porém, quando colocada para atuar em contextos de palestras e conferências onde os sinalizantes estão em um nível acadêmico diferente daquele em que convivo, sinto dificuldade e não me sinto apta. Embora tenha que atuar. E neste caso, tento ter o máximo de informações possíveis antes da atuação. (respondente 42).

na vocalização podemos encontrar surdos com uma sinalização mais regional e desconhecer alguns sinais/estruturas - comprometendo a vocalização. (respondente 11).

Pelo fato de a variação linguística ser um evento natural das línguas, o constante contato entre seus falantes impulsiona a aceleração, a renovação e a diversificação do acervo lexical. Machado e Weininger (2018, p. 54) afirmam que esses processos “trazem a riqueza da língua, permitem que se partilhem experiências e conceitos que partem de pontos de vista diferentes para um dado sinal que, embora diferente em sua forma, possua um mesmo significado”. Tais variações, segundo Xavier (2019), ocorrem em quaisquer línguas e são influenciadas por fatores intra e extralinguísticos. Algumas das categorias que agrupam essas variações seria (i) a lexical, quando os termos apresentam o mesmo significado, porém significantes diferentes, (ii) a fonológica, em que os termos possuem o mesmo significado e, dentre os parâmetros fonológicos que os constituem, um deles se diferencia.

Dessa maneira, em sua atuação simultânea, os intérpretes precisam, durante o ínfimo intervalo de tempo, reconhecer a mensagem na LF e reformulá-la na LA por meio de suas escolhas. Mentalmente, é factível que determinados léxicos estejam mais disponíveis para serem acessados e, então, produzidos. A (não) diversidade do vocabulário pode estar envolvida com menor esforço cognitivo nessa etapa.

Na justificativa: “tive falhas no processo de ensino da Libras oral então sinto dificuldade de estruturar esse processo” (respondente 18), percebe-se que a preferência pela sinalização está assentada em um impasse quanto à compreensão nessa língua. É inegável que as etapas de compreensão e de produção em uma interpretação são essenciais (GILE, 1999), porém, diante da justificativa proferida pela informante, cabe uma pergunta para a reflexão: até que ponto o desempenho em direção inversa seria satisfatório, já que o processo de aprendizagem da Libras parece ter sido estreito e insuficiente?

Com relação a essa ponderação, Nicodemus e Emmorey (2015) constataram, em estudo experimental com 15 intérpretes expertos e 15 intérpretes novatos, que nem sempre a preferência por uma direção se iguala ao desempenho favorável nela. No referido experimento, os intérpretes expertos demonstraram ter uma produção semelhante nas duas direções e os novatos melhor desenvoltura na direção direta, embora tenham preferido a inversa. Para as autoras, o melhor comportamento na direção direta pode estar relacionado ao menor esforço cognitivo em produzir na L1.

É interessante apontar algumas justificativas sustentadas na questão da primeira língua, valorizando a compreensão do Português como:

maior experiência interpretando nesta modalidade, pela mensagem vir na minha primeira língua não corro risco de não entender o enunciado, maiores estratégias interpretativa nesta modalidade do que na interpretação-voz, maior conforto por questão de público. (respondente 38).

me sinto mais segura dependendo do tema abordado, pois sendo o português minha primeira língua me sinto mais confortável no momento da interpretação. (respondente 26).

como português é minha língua de conforto prefiro atuar com ela em primeira instância. (respondente 16).

Conforme já exposto, não basta somente ser falante nativo de uma língua. É preciso complementações como o conhecimento especializado, técnico e de mundo (HURTADO ALBIR, 2015).

Outro aspecto citado pelos informantes se alinha ao contato com o orador para conhecer o seu perfil e o seu estilo de fala. Geralmente, esse fator não é apontado como um parâmetro para a não preferência pela sinalização. Essa questão pode estar intimamente associada, na verdade, ao fato de (des)conhecer os termos como nota-se em:

sinto segurança nas duas. Mas quando não conheço os surdos que serão atendidos prefiro atuar com a sinalização pois existe a preocupação em não conhecer os sinais e/ou me perder no contexto. (respondente 33).

não convivo diariamente com um grupo amplo de surdos. Com os que me relaciono frequentemente não tenho dificuldade na tradução libras para português. Mas tenho dificuldade para oralizar [vocalizar] um surdo que não tenho contato ou que seja de outro estado. (respondente 7).

Em moldes de sinalização, um recurso empregado para apresentar o termo na LF que eventualmente desconheça o significado ou o possível sinal correspondente é a datilologia. Em contrapartida, há momentos em que ela é necessária como para informar um nome próprio ou mesmo para marcar e frisar um termo. Embora muitas pessoas pensem que basta conhecer as configurações de mão para efetuar a datilologia e, por isso, é um elemento simples, Leite e McCleary (2009) observam que é um desafio alcançar a fluidez rítmica natural e espontânea nesse recurso, visto que o formato das mãos, a localização e a velocidade de realização são alguns entraves para a própria comunicação. Na interpretação, por sua dinâmica imposta pelo tempo do orador, por exemplo, esse ponto pode se tornar um fator ainda mais dificultoso. Mesmo assim, cale sublinhar que nenhuma resposta ao questionário fez alusão direta à datilologia diante da preferência pela sinalização ou não preferência pela vocalização.

Nicodemus e Emmorey (2013) ainda argumentam que na direção intermodal inversa, em função da natural sobreposição de línguas, é mais comum ocorrer a submissão da LA à estrutura e organização sintática da LF. Na direção direta, da Libras para o Português, por exemplo, essa versão “Libras vocalizada” é totalmente repudiada pelo público ouvinte que esteja recebendo a informação. É válido salientar que na sinalização, essa estrutura assintática, do ponto de vista da LA, também não é adequada. A todo momento, por possuir ativos os sistemas linguísticos que domina, os intérpretes têm que inibir a língua que não está sendo a meta para a produção, como denotam Babcock e Vallesi (2017).

Nicodemus e Emmorey (2013) chamam a atenção para o fato de que, na vocalização, o intérprete possui um retorno auditivo da própria atuação, remetendo, imediatamente, a uma autoavaliação, seja positiva, seja negativa, permitindo um autorreparo no produto entregue. Ademais, essa possibilidade de se ouvir pode gerar uma insegurança e um bloqueio emocional, prejudicando a execução da interpretação e de futuras atividades nessa direção. Na sinalização (i.e., direção inversa), não há possibilidade de autoavaliação durante a atividade interpretativa, uma vez que o intérprete não mantém o olhar fixo para a produção em sinais.

Para além da autoavaliação, existe a avaliação, em que a observação que o público ouvinte pode tecer a respeito do trabalho de vocalização entregue é considerada. Tal apreciação pode preocupar ou desestabilizar o profissional, tendo um impacto emocional na atividade. A esse respeito, os informantes justificaram:

acredito que eu prefiro português para libras pois libras para português o julgamento dos ouvintes é muito grande, conforme nossas escolhas interpretativas. Mesmo ouvintes que não sabem libras, nos julgam. (respondente 29).

a oral não que eu saiba. Apenas me dá nervoso e começo a embolar tudo. Q[uan]d[o] surdo acaba [de] sinalizar eu consigo saber tudo que [ele] falou. Faço isso em casa com vídeos. Fico nervosa mas assisto e depois consigo dizer tudo. (respondente 9).

Chaibue e Aguiar (2016) explanam que a velocidade de sinalização pode ser um ponto desfavorável à vocalização, como é afirmado em: “minha maior dificuldade está no modo e clareza de produção dos sinais de alguns surdos” (respondente 6). Isso é factível, uma vez que a rapidez do TF pode demandar do intérprete um maior custo para compreendê-lo, comprometendo, assim, os demais esforços como a memória de curto prazo, a produção e a coordenação de todos eles. Nesse caso, a capacidade de processamento disponível seria

menor do que o solicitado, podendo, portanto, deteriorar as demais etapas (GILE, 1999). O oposto, um discurso-fonte lento e monótono, também pode ser estressante para o intérprete em razão da baixa fluidez enunciativa, aumentando a alocação de expedientes atencionais na etapa de compreensão e de expressão, a fim de evitar que seja oferecido na LA um material linguístico fragmentado.

Estando o texto-fonte na Libras, por exemplo, por evocar as expressões manuais e não manuais, o uso e as marcações no espaço, como pontuam Rodrigues (2013) e Lourenço (2015, 2018), parece haver um desgaste cognitivo ainda maior, como é notado em:

sinto-me mais confortável na sinalização, considerando a situação que desconheço o emissor da mensagem. Neste caso, acredito que consigo melhor qualidade na sinalização do que na vocalização. Também sinto que, mesmo com tempo de atuação igual para as duas modalidades, a vocalização é mais desgastante e exaustiva em qualquer situação (conhecendo ou não o emissor da mensagem). (respondente 36).

tenho mais vivência nessa modalidade português direção LIBRAS, não que seja mais fácil, mas é questão de vivência que dá segurança e gera autocontrole no processo de tradução equilibrando melhor os esforços envolvidos no evento interpretativo. (respondente 13).

Arelado a essa natureza gestual-visual das línguas de sinais, um ponto que pode ser listado ao processo de sinalização é a construção e a incorporação de personagens, assim como, na vocalização, a modulação da voz. Esse procedimento implica, segundo Albres (2010) e Santos (2018), na inflexão vocal, por meio de alterações discursivas e emocionais impressas visualmente pelo falante em Libras. Assim, o intérprete tende a re-expressar as sentenças proferidas de uma maneira um pouco diferenciada daquela realizada até o momento, para que o público-alvo da interpretação reconheça a diferença de fala entre os interlocutores. Mesmo que visualmente os ouvintes percebam e acompanhem a eventual mudança de turno na sinalização, como apreciam Spooner et al. (2018), esse aspecto é interessante ser demonstrado na vocalização, de maneira a enriquecer e a proporcionar maior realidade e veracidade aos enunciados.

Os respondentes que alegam não ter preferências por uma ou outra direção trazem algumas justificativas globais e genéricas como: “indiferente” (respondente 44); “sinto segurança nas duas direções” (respondente 19) e “não tenho preferências” (respondente 39).

Os dois respondentes CODAs apresentam as seguintes justificativas:

eu passo a não ter um certo tipo de preferência, pelo fato de ter o contato com ambas as línguas muito cedo, pelo fato de ser coda, ter vários outros familiares surdos, me fez vivenciar essa experiência, é certo que no início da profissão, senti algumas dificuldades da libras sinalizada para o português vocal, mas hoje, consigo lidar com as duas situações de maneira confortável. (respondente 53);

acredito ser função do intérprete dominar as duas línguas e atuar nas duas direções. É como se fosse obrigação dominar as duas direções. (respondente 1).

Mais uma vez, ser falante nativo de uma ou duas línguas, como grande parte dos CODAs, não lhes garante ou prescreve desempenho favorável nessa função (RODRIGUES, 2013; SILVA, 2019).

Uma pessoa não nativa em Libras, mas muito habituada com tal afirma que:

por entender que sou o canal da comunicação entre surdo e ouvinte, o processo interpretativo (sinalizado e oral) acaba fazendo parte do dia a dia. Me saio muito bem (no meu ponto de vista, e nunca tive problemas nas duas vias. A Libras faz parte da minha vida desde os 15 anos de idade, e o português desde sempre, posso dizer que faço parte dos dois mundos, uma vez que sou casada com surdo há 16 anos e há 22 anos estou atuando como intérprete. Então, para mim já é normal ter que fazer as duas coisas, praticamente ao mesmo tempo. (respondente 59).

Assim, ser bilíngue não é a única condição para desempenhar atividades de interpretação e de tradução como destacam Pompeu e Cavallo (2019).

De fato, a mediação e o trânsito linguístico, cultural e cognitivo, entre línguas e pessoas, está presente na concepção da interpretação, como Pöchhacker (2004) e Gile (2009) demonstram. Todavia, para o desenvolvimento dessa tarefa, a formação especializada é um eixo essencial. Conforme Rodrigues (2018b, 2019) assinala, essa formação (e.g., superior) ainda é dispersa e destoante. Segundo o autor, comparando os cursos atualmente ofertados, percebe-se que os seus componentes curriculares estão fortemente associados à linguística como um todo, e não a um estudo no qual as semelhanças e os contrastes entre a Libras e o Português direcionados à interpretação e/ou à tradução são priorizados. Ademais, outra fragilidade verificada se instala na pouca ou baixa promoção de disciplinas e atividades com enfoque no estudo e no aprimoramento do Português oral e escrito e da interpretação direta, como é justificado a seguir:

durante a graduação no Letras-Libras bacharelado percebi que não praticava muito a vocalização e que ser apenas usuário do português como

L1 não é o suficiente, afinal trabalhamos com par linguístico. Com isso, busquei aperfeiçoar meu domínio linguístico oral/escrito com estudos e práticas específicas. Hoje me sinto muito mais seguro e consciente para fazer vocalização nos contextos que geralmente atuo. (respondente 46).

acredito que, por se tratarem de modalidades distintas de língua, a gramática e a visualidade da libras me permitem criar estruturas e estabelecer referentes espaciais que fazem com que o texto fonte na língua vocal seja construído com clareza na língua alvo. Em relação a direcionalidade inversa [direta], também não sinto grandes dificuldades em interpretar um texto fonte em Libras, visto que o português é minha L1, ainda que seja uma língua mais linearizada. Acredito, porém, que essa não preferência explícita por quaisquer uma das direcionalidades se dá pela competência linguística aliada à(s) competência tradutória. (respondente 43).

Como mencionado anteriormente, em uma formação especializada, é imprescindível que essas competências sejam trabalhadas. Assim, por lidar com pares linguísticos de modalidades distintas, Rodrigues (2018a, p. 311-312, grifos do autor) alvitra o acréscimo de elementos em que fossem discutidos conhecimentos e “habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais”, bem como “habilidades visuais de interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas”, abarcando os processos de sinalização e de vocalização como estrutura de uma possível competência tradutória (interpretativa) intermodal.

Algumas justificativas foram impressas com o intuito de defender a concepção da não preferência, porém é nítido que há certas condições para isso. Caso tais parâmetros não sejam consumados, haverá a propensão por uma ou outra direção como se destaca em:

não tenho preferência na direcionalidade da interpretação, entretanto da Libras para o português é necessário um tempo maior (*lag time*) para a melhor compreensão da sinalização feita, pelo menos nos casos de pouco contato com o autor do discurso em Libras. (respondente 47).

Nesse excerto, a tarefa de vocalização, para o informante, possui algumas ressalvas. Na interpretação simultânea, segundo Pagura (2015), o intervalo de tempo entre a compreensão e a produção (i.e., *lag time*) é o momento no qual o intérprete reformula a mensagem para exteriorizá-la. Esse ponto, para Gile (2005), é uma das consequências quando se tem duas línguas sintaticamente distintas. Destarte, nesse caso, a suposição que esse período temporal seja maior na interpretação direta do que na inversa está visceralmente relacionada à natureza gestual-visual da língua de sinais em que os signos manuais e não manuais devam ser entendidos, retidos e reorganizados como um todo. Cokely (1992), ao

analisar a relação entre o tempo de atraso e as omissões, as substituições e as adições de ordem lexical e sintática na etapa de produção em interpretações simultâneas inversas, verificou que os que despenderam maior intervalo de tempo, em média 4 segundos, apresentaram melhor desempenho linguístico. Essa constatação prenuncia que se houver maior tempo de atraso, uma maior parcela de informações da LF estará à disposição do intérprete. Assim, ele poderá alcançar um grau mais elevado de compreensão da mensagem. Não obstante, é preciso gerenciar esse ponto, uma vez que se houver um atraso demasiadamente longo, o intérprete poderá ter dificuldades em reaver as informações externalizadas na língua-fonte pela memória de curto-prazo.

Outras afirmações dos respondentes são:

acredito que depende do contexto e dos interlocutores. Isso se relaciona com questões de segurança e insegurança quanto ao processo interpretativo. Por exemplo: se estou "acostumado" com um tipo de sinalizante prefiro atuar libras para português, caso contrário o movimento inverso [...]. (respondente 8).

a prática profissional como intérprete me demanda maior atuação com sinalização de tal forma que me sinto mais confortável nessa prática. Ao necessitar vocalizar, por realizar pouco, me sinto mais desafiada e, por vezes, insegura, principalmente na ausência de: materiais para estudo prévio; intérprete de apoio e, ou; material de apoio. Trata-se de uma questão de desconforto por falta de experiência. Portanto, não há preferência. (respondente 14).

a atividade de interpretação diária exige que tenha preparo para ambas modalidades, não podendo fazer escolhas de qual prefiro. Se tenho conhecimento prévio, ou consigo me preparar para a atividade me sinto confortável nas duas direcionalidades. Dependendo da sinalização de quem faz a Libras, por exemplo se for um surdo que não tenho costume com a sinalização dele, prefiro não sinalizar [vocalizar], se tiver essa opção de escolha. (respondente 51).

O contato e costume prévio com o orador e os materiais são considerados importantes para desempenhar as duas direções. Choi (2008) testemunha essa atuação nas duas direções intramodais vocais-auditivas, porém relata que na pesquisa realizada com um grupo de intérpretes, os que não possuíam o coreano como L1 sentiram mais dificuldade em atividades interpretativas inversas de materiais relacionados à literatura. Esse último parâmetro indica, resumidamente, para um dos respondentes, um aspecto de simetria na direcionalidade:

gosto das duas. Com relação às dificuldades, são as mesmas. O que define o excelente resultado das interpretações são as preparações do indivíduo, acesso ao material para estudo e contato com o locutor. (respondente 27).

A preferência pela direção direta foi selecionada por 10 respondentes e as justificativas se levantam em um caráter mais genérico relacionado ao bem-estar como em: “sinto conforto em interpretar de Libras para Português oral” (respondente 65), mas também a questões que envolvam a primeira língua:

me sinto mais confortável em usar a minha L1. Consigo encontrar palavras, expressões e construir frases em português oral do que na minha L2 – Libras. (respondente 58).

ainda que por vezes eu tenha dificuldade em compreender a sinalização, sinto-me mais confortável na direção Libras - Português, pois o Português é minha língua materna e a Libras minha terceira língua. Eu me sinto mais seguro com o domínio lexical em português e isso facilita na escolha nas escolhas tradutórias e organização das frases. (respondente 50).

pelo Português ser minha L1, tenho natural domínio das estruturas sintáticas, de inferências pragmáticas e consigo realizar construções muito mais elaboradas em Português do que em Língua Brasileira de Sinais. A falta de materiais acadêmicos em Libras oral também dificulta o acesso e a difusão de discussões específicas - técnicas - e resulta, muitas vezes, em manobras hiperonímicas na interpretação inversa, o que é prejudicial à compreensão plena, em minha opinião. Outro elemento que corrobora na minha escolha acima é o contato intenso que sempre tive com a Língua Portuguesa, percebo que muitos TILSP que são excelentes na Libras oral apresentam dificuldades com a modalidade formal do Português oral e escrito. (respondente 52).

[...] encarei como um desafio que logo virou prática já que as pessoas passaram a me indicar para isso. Ser estudiosa, desinibida, ter boa oratória e um bom conhecimento do português contribuíram para o sucesso nessa direção. (respondente 25).

As percepções dispostas defendem que a produção em L1 ocorreria com uma suposta facilidade devido à proximidade com essa língua e maior propriedade em relação aos aspectos culturais e gramaticais. Donovan (2017) complementa que, além de essa direção de atuação ser defendida por organizações internacionais de intérpretes, ela tende a prover um melhor monitoramento do exercício por parte do profissional, conforme se pode inferir a partir das justificativas a seguir:

na verdade, acredito que se deva ao fato de me encontrar mais segura no uso de minha língua materna. Devido a timidez talvez, a língua de sinais como uma língua visuo espacial me deixa mais presa e faz meu desempenho cair, na maioria das vezes pela insegurança e não pela falta de domínio, já que o mesmo parece acontecer com o Inglês, que é minha língua de formação na graduação no qual tenho um ótimo desempenho na escrita

(tradução) e um desempenho não muito satisfatório na oralidade, também pelo fato da falta de conforto ao me expressar em uma língua não materna (respondente 55).

não sei explicar exatamente, mas compreendo a sinalização e penso no texto em português mais rápido do que o inverso. Acredito que a personalidade também interfere na minha preferência. A Libras é uma língua visual, para interpretar (libras oral), é necessário se expor. Não sou uma pessoa que costumo me expor, mesmo sabendo das características da língua e interpretando nas duas direções, me sinto mais a vontade interpretando Libras para português (respondente 56).

Ainda, a fala anterior cita a exposição visual, também constatada em: “geralmente estou em uma posição mais escondida, e não em pé na frente de todos, isso me deixa mais confortável” (respondente 41). O processo de vocalização, assim como as interpretações intramodais vocais-auditivas, carece de reverberação da voz, não resultando, imperiosamente, na figuração corporal do intérprete, como a sinalização em que, consoante a Rodrigues (2018c, p. 123), “o corpo constitui língua”. Assim, essa não exibição física pode contribuir para um maior controle emocional, incitando a sensação de menor exposição.

A interpretação intermodal direta tem ganhado novos contornos, sobretudo em contextos de conferência, em que os intérpretes atuam em cabines ou espaços reservados semelhantes, cercados de microfones e monitores, como investigado por Nogueira (2016). Essa (nova) configuração pode favorecer a privacidade do intérprete, diminuindo mais a sua exteriorização, ainda que vocal, já que não estará compartilhando o mesmo espaço físico com os oradores e os interlocutores das informações. Por outro lado, essa retenção e privação, do contato visual imediato com o orador do discurso, pode ser um entrave para alguns intérpretes.

A atuação na direção direta em equipe também é essencial para que, juntos, os intérpretes construam uma interpretação segura e de qualidade. Esse apoio pode se desenhar com fundos emocionais, na qual o intérprete do turno sinta segurança por parte do colega ao lado, bem como de caráter linguístico e extralinguístico. A esse respeito, Nogueira (2016, p. 126) elenca os principais tipos de *feedback* adotados pelos intérpretes em sua pesquisa como: (i) o aceno com cabeça, para demonstrar ao intérprete do turno concordância com a produção realizada naquele momento; (ii) o uso de sinais e soletração em Libras; e (iii) o sussurro das palavras em Português, seja para complementar uma ideia, seja para promover uma correção ao discurso manifestado. De acordo com o autor, para que o apoio seja efetivo, é importante que a equipe se organize em um momento anterior à interpretação, na qual o grupo irá, resumidamente, consultar materiais, conhecer o local e definir as estratégias de apoio. No

momento da interpretação, ambos precisam estar atentos, para que esse apoio seja realmente satisfatório e eficaz. Por fim, a etapa após a interpretação será para avaliar o que foi realizado, a fim de alterar e/ou aperfeiçoar para posteriores tarefas. Por fim, Gomes (2019a, p. 130) enfatiza que, mesmo em atuação em equipe,

o processamento e produção da interpretação é individual, dado que as informações são recebidas por uma pessoa e esta é quem fará as escolhas lexicais, terminológicas, interpretativas, que poderá ou não acolher o apoio despendido pelo parceiro de trabalho, resultando em perdas ou ganhos [para ambos] .

Esse aspecto é esboçado na justificativa a seguir:

sempre foi uma preferência e um desafio. Gosto porque me sinto mais confortável, mais próxima da minha língua (LP). Porque acho mais fácil receber e dar apoio também, há muitas estratégias possíveis nesse sentido, porque estamos (normalmente) juntos do nosso colega e, quando preparamos previamente o trabalho, é possível se entender muito rapidamente e com maior segurança [...] Quando é uma interpretação sem preparo tento contar com o apoio, combinar sobre as possíveis dificuldades para que possamos juntos construir um texto possível em LP vocal, que fique então inteligível/audível [...]. (respondente 57).

A mesma informante ainda relata a respeito do retorno auditivo que a interpretação direta permite, já que é possível ouvir e autoavaliar o que está sendo produzido, como aborda Nicodemus e Emmorey (2013): “[...] também, consigo identificar meus erros instantaneamente (não todos, mas muitos deles), posso consertar aquilo que for possível dentro do tempo disponibilizado [...]” (respondente 57).

Desta feita, a partir das alegações dos participantes deste estudo, bem como alguns pontos abordados por Nicodemus e Emmorey (2013) no contexto estadunidense, pode-se compilar uma série de razões que culminam na não preferência de atividades de vocalização pelos intérpretes intermodais.

Quadro 2 - Possíveis motivos para a não preferência pela vocalização

Maior prática na sinalização
Baixa formação fornecida e obtida na direção direta
Desconhecimento do assunto abordado pelo orador na língua-fonte
Desconhecimento de termos na língua-fonte
Escolhas lexicais na língua-alvo

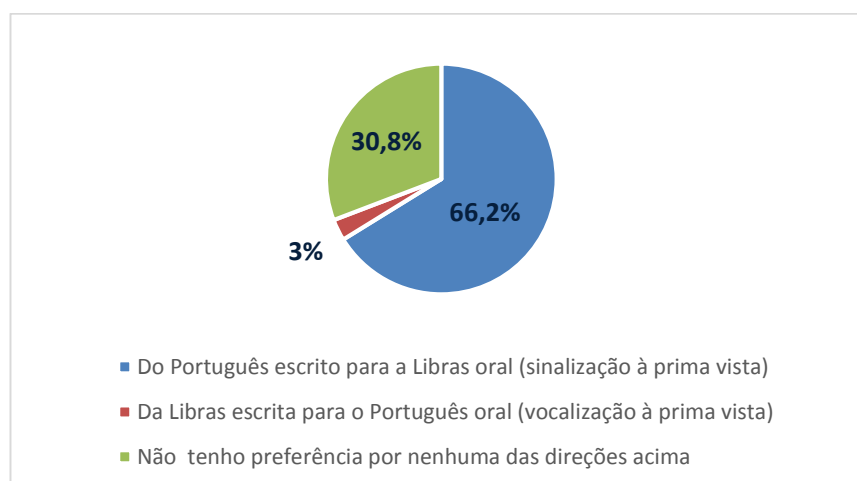
Conjuntura gramatical da língua-fonte e da língua-alvo
Velocidade de fala em língua de sinais como língua-fonte
Incompreensão da datilologia
Reduzido controle do tempo na interpretação
Aspectos psicofisiológicos (memória, insegurança, ansiedade, pressão social)

Fonte: Elaborado pelo autor

A quinta questão é semelhante à anterior, com as mesmas alternativas, porém perguntou quanto à preferência na interpretação à prima vista, processo de interpretação envolvendo um TF escrito. Em seguida, solicitou-se aos informantes que justificassem suas respostas com o máximo de detalhamento possível em um parágrafo longo.

A interpretação ou tradução oral à prima vista tem sido considerada por alguns autores como um fruto híbrido, uma vez que possui um material-fonte em registro escrito que será re-expresso em LA por meio de uma linguagem verbal oral, como salientam Pöchhacker (2004) e Gile (2009). Para os autores, esse processo se assemelha a uma interpretação simultânea fluida e se constitui na etapa de acesso ao texto-fonte por meio da leitura imediata e produção oral também instantânea. Por apresentar esse caráter, Sampaio (2017) argumenta e ratifica que esse modo interpretativo “antecipa e propicia um trabalho de reformulação textual interlingual muito complexo, que partilha muitas de suas demandas cognitivas como aquelas impostas pela interpretação simultânea” (p. 1676-1677).

Gráfico 32 - Preferência de direcionalidade na interpretação à prima vista



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 32 realça que a maior parte dos respondentes, 66,2% (43), preferem atuar em moldes de sinalização à prima vista, do Português escrito para a Libras oral, enquanto

somente 3% (2) optaram pela vocalização à prima vista, da Libras escrita para o Português oral, e 30,8% (20) dos informantes apontaram não ter preferência.

Essa foi uma questão que, outra vez, exibiu a vulnerabilidade dos intérpretes em relação ao conhecimento da Libras escrita. Inclusive, 16 respondentes relataram essa afirmativa no espaço destinado à explicação a respeito da opção assinalada. Talvez essa seja uma justificativa adicional aos demais, porém outros aspectos foram levantados explicitamente por 13 intérpretes para fundamentar a preferência pela sinalização à prima vista como o conforto, a segurança, o costume e a experiência em atuar nessa direção:

apesar de ter estudado, não domino a escrita da Libras. Em minhas experiências profissionais e pessoais, interpretar textos da língua portuguesa a prima vista é muito mais comum. (respondente 56).

É interessante notar que os informantes possam desconhecer essa nomenclatura (i.e., à prima vista) e estejam encarando essa atividade como uma tarefa de sinalização comum, como observa-se nas seguintes justificativas:

por me sentir melhor preparada para atuar na interpretação de Língua Portuguesa oral para Libras oral, conforme resposta anterior. (respondente 42);

maior experiência interpretando nesta modalidade, pela mensagem vir na minha primeira língua não corro risco de não entender o enunciado, maiores estratégias interpretativa nesta modalidade do que na interpretação-voz, maior conforto por questão de público. (respondente 38).

Contudo, a diferença de modalidade de uso da língua tende a impactar o processo. Afinal, o intérprete partirá de um texto em Português escrito no qual esforços de compreensão por meio da leitura instantânea estarão envolvidos e ofertará as informações reformuladas para a Libras oral.

Quanto a potencialidade de processamento mental, uma justificativa discorre que:

apesar de me considerar apta a traduzir um material da Libras escrita para o português escrito ou em áudio, não tenho fluência na leitura (à prima vista) da escrita de sinais, muito menos estou apta a sinalizá-la à prima vista. Talvez seja possível com frases curtas. Quanto ao Português escrito, me considero apta de ler (“mentalmente”) e sinalizá-lo à prima vista. Ao ler em voz alta e sinalizar, acabo gerando bimodalismo e perco qualidade tanto na leitura quanto na sinalização. (respondente 14).

O apontamento feito remete a uma ideia de sobreposição de línguas, que pode ocorrer por meio da leitura, porém causado também pelo retorno auditivo que o intérprete ouvinte pode ter ao ler em voz alta. A natureza da modalidade de língua distinta do Português e da Libras permite que haja, concomitantemente, a produção de ambas, sendo que uma é mera reprodução e a outra uma reformulação. Assim, o esforço de audição e análise acústico, não previsto inicialmente, estaria sendo acionado e aumentando o volume de esforços a serem coordenados. Segundo Gile (2009), isso implica em menor computação mental para cada uma das etapas, o que pode afetar o produto entregue.

A questão de ser falante nativo das línguas ainda foi um fator apontado em: “é mais confortável pegar um conteúdo na língua materna e passar para uma outra do que o contrário” (respondente 27). Esse aparente conforto pode estar relacionado ao fato de que, em sua primeira língua, o falante possui maior repertório lexical e cultural. Todavia, as respostas trabalham com direcionalidades distintas, em que no primeiro caso a L1 seria produzida e na segunda seria compreendida. Nicodemus e Emmorey (2013) discutem que é mais custoso cognitiva e linguisticamente produzir em L2 do que em L1.

Algumas respostas afiguraram-se com aspecto dúbio ao citarem somente o quesito da modalidade, não sendo possível detectar se estaria falando das línguas envolvidas (i.e., vocal-auditiva e gestual-visual), do uso delas (i.e., escrita e oral) ou de ambos, como em: “maior experiência nesta modalidade [...]” (respondente 28), além da questão de vocabulário que pode ser um fator determinante em qualquer direção e modalidade:

me sinto mais segura (à prima vista) na interpretação para a Libras por entender que cada área de atuação requer um vocabulário específico que, em Libras ou na Língua Portuguesa, precisa ser conhecido e estudado com antecedência. Nem sempre temos contato com o interlocutor para aquisição desse vocabulário anteriormente. (respondente 5).

Na direção da Libras escrita para o Português oral, apenas duas pessoas a preferem por: “maior tempo de escolha para a tradução” (respondente 61); e “ser o que mais pratico [...]” (respondente 22). Na primeira resposta, a questão do tempo não é coerente o suficiente à interpretação, visto que se equipara a um processo de IS. Em relação a possuir mais prática, é relevante saber que essa tem sido uma atividade crescente em alguns locais pontuais, principalmente acadêmicos, mesmo que a Libras escrita ainda seja algo pouco empregado.

Quanto a opção pela não preferência, há, novamente, questões vinculadas ao fato de ser falante nativo das línguas e associar a interpretação à prima vista como um modo de trabalho interpretativo comum:

eu passo a não ter um certo tipo de preferência, pelo fato de ter o contato com ambas as línguas muito cedo, pelo fato de ser coda, ter vários outros familiares surdos, me fez vivenciar essa experiência, é certo que no início da profissão, senti algumas dificuldades da libras sinalizada para o português vocal, mas hoje, consigo lidar com as duas situações de maneira confortável. (respondente 53).

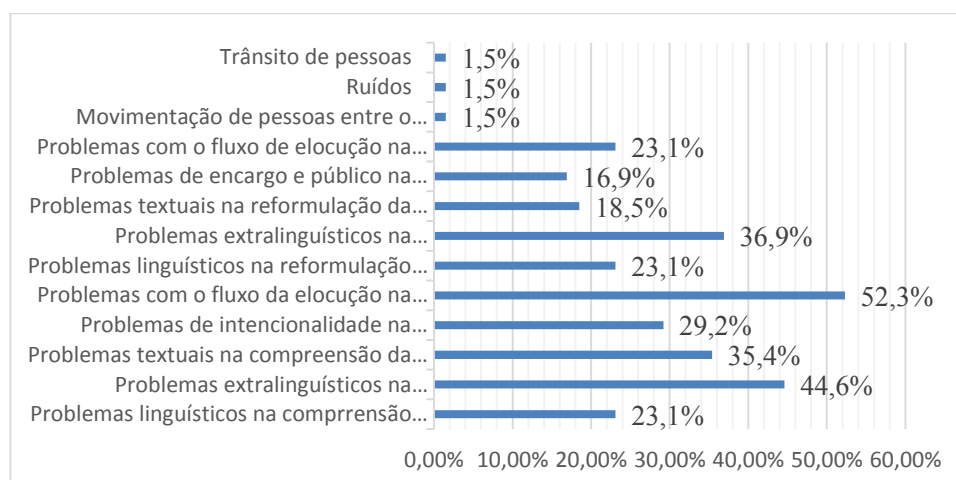
Também há apontamento ambíguo quanto à modalidade: “não tenho preferência em nenhuma das modalidades, pois gosto de trabalhar com as duas” (respondente 60) e em relação à natureza da interpretação:

não tenho preferência na direcionalidade da interpretação, entretanto, da Libras para o português é necessário um tempo maior (laptime) para a melhor compreensão da sinalização feita, pelo menos nos casos de pouco contato com o autor do discurso em Libras. (respondente 47).

Vale ressaltar que 9 informantes não justificaram a preferência alegando “não sei explicar” (respondente 62) ou “não possuo experiência” (respondente 35). Por não conhecerem o que ou como argumentar, esses respondentes acrescentaram essas informações, visto que, se não preenchessem algo, não seria possível avançar no questionário, por esta pergunta se tratar, assim como as demais, de uma questão obrigatória.

A questão seis, apresentada como caixa de seleção, pedia que os respondentes assinalassem opções que apontassem qual(is) a(s) dificuldade(s) percebem na interpretação da Libras para o Português. Para tanto, foram dispostas 10 opções de resposta que cercaram tanto a compreensão quanto a reformulação em ambas as línguas.

Gráfico 33- Dificuldades no processo interpretativo de vocalização



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados apresentados no Gráfico 33 apontam que a dificuldade de compreender a mensagem em Libras oral na vocalização atinge boa parte dos informantes. De maneira específica, essa dificuldade é oriunda de aspectos lexicais e morfossintáticos do texto (problemas linguísticos) e foi destacada por 23,1% (15) dos informantes; de compreender a mensagem em Libras oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico necessários ao entendimento do texto (problemas extralinguísticos) por 44,6% (29) dos informantes; de compreender a mensagem em Libras oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo do texto em Libras (problemas textuais) em 35,4% (23) dos respondentes; de compreender a mensagem em Libras oral devido a dificuldades para entender informações relacionadas a intertextualidade, atos de fala, pressuposições e implicaturas no entendimento do texto em Libras (problemas de intencionalidade) em 29,2% (19) dos informantes; de compreender a mensagem em Libras oral devido a intensidade e velocidade da sinalização e o estilo do autor da mensagem (problemas com o fluxo da elocução) por 52,3% (34) dos respondentes.

Nesse mesmo gráfico também são indicadas as dificuldades de reformulação da mensagem no Português oral. Essas dificuldades incluem reformular a mensagem nessa LA devido aos aspectos lexicais e morfossintáticos necessários ao texto interpretado (problemas linguísticos) para 23,1% (15) dos informantes; reformular a mensagem em Português oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico requeridos pelo texto interpretado (problemas extralinguísticos) para 36,9% (24) dos respondentes; reformular a mensagem em Português oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo requeridos ao texto interpretado (problemas textuais) para 18,5% (12) dos informantes; reformular a mensagem em Português oral de acordo com a finalidade da interpretação e com seu público final (problemas de encargo e público) para 16,9% (11) dos respondentes; e reformular a mensagem em Português oral devido ao monitoramento do fluxo de produção da interpretação em relação à recepção do texto em Libras oral (problemas com o fluxo da elocução) para 23,1% (15) deles. Outras adversidades foram mencionadas por 1 informante cada: movimentação de pessoas entre o intérprete e o público, ruídos e trânsito de pessoas.

Entre os 2 CODAs as quatro dificuldades de compreensão marcadas na vocalização foram: compreender a mensagem em Libras oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico necessários ao entendimento do texto (problemas extralinguísticos); compreender a mensagem em Libras oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo do texto em Libras (problemas textuais);

compreender a mensagem em Libras oral devido a intensidade e velocidade da sinalização e o estilo do autor da mensagem (problemas com o fluxo da elocução). Com relação à dificuldade de reformulação, foi relatada pelos CODAs apenas a dificuldade de reformular a mensagem em Português oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico requeridos pelo texto interpretado (problemas extralinguísticos).

As dificuldades elencadas e disponibilizadas aos informantes se baseiam nos tipos de problemas de tradução intramodal vocal-auditiva escrita, que aqui são estendidas e aplicadas à interpretação intermodal, não por sua operacionalização, mas pela caracterização. Tais problemas foram definidos pelo grupo de pesquisa *Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación* (Processo de Aquisição e Avaliação da Competência Tradutória, em português) (PACTE), institucionalizado na Universitat Autònoma de Barcelona (Universidade Autônoma de Barcelona, em português) (UAB), liderado pela pesquisadora Dra. Amparo Hurtado Albir, e estão dispostos em Hurtado Albir (2015).

Esses problemas instalam-se em um panorama universal e recorrente, sendo entraves inerentes ao processo tradutório e/ou interpretativo encontrados pelos profissionais durante a execução da sua atividade para que se obtenha um produto plausível. No entanto, é certo que determinadas dificuldades para um tradutor e/ou intérprete, oriundas e, muitas vezes, sobrepostas aos problemas, podem não ser as mesmas para outros, sendo atravessadas, inclusive, por questões de cunho pessoal.

Assim, segundo Hurtado Albir (2015), os problemas linguísticos são aqueles relacionados diretamente às diferenças e contrastes inerentes às línguas envolvidas, tanto em nível lexical quanto à sua estrutura morfológica e sintática, afetando as operações de compreensão e de reformulação que singularizam os processos tradutórios e interpretativos. Os problemas extralinguísticos, também direcionados à compreensão e à reformulação das falas e discursos, cingem aspectos temáticos e culturais, como os termos especializados e as nuances culturais presente nas línguas, as quais contribuem com a significação pelo público-alvo. Os problemas textuais estão atrelados às variáveis do TF e do TA como a coesão, a coerência, o gênero e o estilo, sendo peças essenciais nos processos de entendimento e de reorganização enunciativa. Os problemas de intencionalidade, marcados estreitamente na etapa de compreensão na LF, circundam a intenção do expositor, a intertextualidade, os atos de fala, as pressuposições e as implicaturas presentes no seu texto. Os problemas no fluxo de elocução se pautam nos aportes prosódicos como a intensidade, a velocidade e o tom da fala, principalmente na etapa de compreensão do texto-fonte, mas também na reformulação da mensagem para o TA adequado ao contexto situacional e/ou ao seu público. Por fim, Hurtado

Albir (2015) cita os problemas pragmáticos, aqui definidos como problemas de encargo e de público, que tratam do perfil das pessoas que receberão o produto textual e, portanto, enfocam a etapa de reformulação do processo tradutório. A autora destaca que todos esses problemas, envoltos por operações cognitivas no processo de reformulação interlinguística, requerem sucessivas tomadas de decisões.

Consoante ao que demonstrou o Gráfico 33, no processo de vocalização, a maior dificuldade foi marcada por 52,3% (34) dos respondentes, e se refere à compreensão da mensagem em Libras oral, devido a intensidade e a velocidade da sinalização e ao estilo do autor da mensagem, configurando-se como problemas quanto ao fluxo da elocução, conforme a classificação feita por Hurtado Albir (2015). Como já mencionado, esses aspectos estão alinhados aos fatores suprasegmentais da linguagem, atingindo níveis gramaticais, discursivos e afetivos. Na interpretação intermodal direta, o intérprete precisa se atentar para a desenvoltura e a expressividade do corpo do falante, bem como as expressões não manuais superiores e inferiores (e.g., boca, língua, bochecha, nariz, olhos, testa, sobrancelha, cabeça). A celeridade de sinalização foi apontada por alguns informantes em questão anterior como motivo pela não preferência interpretativa nessa direção, uma vez que pode haver equívocos e deterioração na compreensão, conduzindo a um desgaste cognitivo maior (GILE, 2009).

A segunda dificuldade mais citada foi assinalada por 44,6% (29) dos informantes, também relacionada à compreensão da Libras, e se deve a fatores extralinguísticos, que perpassam os aparatos culturais e contextuais das línguas e dos temas a serem abordados como metáforas, expressões idiomáticas, gírias, dentre outros. Quanto mais abstrato ou distante o sentido dessas informações estiver do conhecimento do intérprete, maior será o esforço para acessar com clareza essa mensagem. Por isso, além de um estudo mais aprofundado, buscar promover a imersão em comunidades de falantes nativos da língua é uma estratégia importante para que dificuldades como essa sejam menos desgastantes ao intérprete durante a sua tarefa interpretativa.

É válido sublinhar que, por questões regionais e sociais, diferenças culturais e contextuais também ocorrem na mesma língua entre os falantes nativos que não compartilham o mesmo espaço, o léxico, o dialeto etc. Todavia, por mais que esses elementos sejam de domínio e apropriação dos intérpretes, Santos e Rodrigues (2020) constatam, a partir de um estudo experimental de interpretação intermodal inversa de uma lenda folclórica da região norte do Brasil, que o processo da IS pode impactar o desempenho, bem como a construção e modalidade da língua de sinais e da língua vocal.

Assim, a terceira dificuldade foi identificada por 36,9% (24) dos respondentes. Ela também se instala em aspectos extralinguísticos, porém, na etapa de produção, quando a mensagem tende a ser reformulada no Português, na qual o intérprete necessita fornecer informações que construam sentido para o público-alvo. Para Gile (2005), esses conhecimentos (i.e., extralinguísticos) são um dos motivos contrastantes entre as línguas que podem mobilizar maior ou menor esforço de compreensão ou de produção. Vale lembrar que esse ponto também surgiu como justificativa pelos respondentes ao optarem pelo processo de sinalização na questão 4 desta seção do questionário.

A quarta opção apontada como geradora de dificuldades pelos respondentes foi indicada por 35,4% (23) deles, e refere-se à compreensão textual na Libras envolvendo a coerência, a coesão, o tipo, o gênero e o estilo do texto, já que uma organização e manifestação confusa das ideias e dos termos podem comprometer o entendimento da mensagem. Marcuschi (2006) e Leite (2010) salientam que gêneros textuais são formatos de textos sistematizados de acordo com as suas características ou particularidades, com uma função social peculiar, capazes de promover a comunicação. Enquanto os gêneros — como conto, fábula, lenda, ficção, acadêmico —, devido à sua funcionalidade, possuem uma forma mais flexível, os tipos textuais — como narração, argumentação, descrição —, são mais enrijecidos por sua sequência linguística e vocabular típica.

A coerência e a coesão, por sua vez, são eixos pertencentes a quaisquer línguas, e considerados mecanismos que conseguem articular e relacionar fragmentos em um enunciado. Soares (2020), em uma análise mais apurada quanto à coesão textual na Libras, dispõe que essas relações estão muitas vezes aliadas ao campo semântico. A identificação e problematização desses aspectos nessa língua ainda são escassas e, diante da sua emergência, Silva (2017, p. 120) disserta que “quando os usuários da Libras tiverem novos caminhos oportunizados para acessar novos usos da sua língua, novos gêneros textuais que a sua língua se materializa, suas habilidades e conhecimentos linguísticos avançarão e se desenvolverão”.

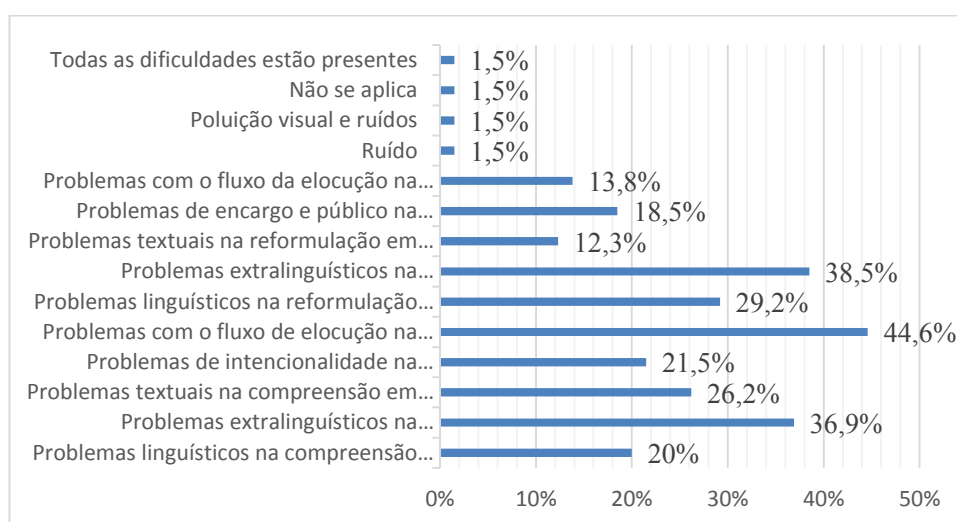
Interessante destacar que a maior parcela de dificuldade apontada está alinhada com a compreensão na Libras, o que remonta à impressão de Goldman Eisler (1972), citada por Gile (2005), de que essa etapa causaria maior esforço durante a interpretação. Vale ressaltar que Goldman Eisler (1972), em seus relatos, não se detém a um par linguístico específico (e.g., intramodal vocal-auditivo, intramodal gestual-visual ou intermodal).

Analisando paralelamente a resposta dos 2 CODAs, as opções assinaladas coincidiram exatamente com as quatro dificuldades gerais, que envolvem a compreensão no fluxo de elocução, extralinguístico, textual; e a reformulação por fatores extralinguísticos. A

dificuldade que apresentou menor incidência, tendo sido assinalada por 16,9% (11) dos respondentes, refere-se à finalidade da interpretação para Português oral, o que indica que a maioria dos informantes consegue atender a essa variável (i.e., encargos e público).

A sétima questão é análoga à sexta, porém enfocou a interpretação do Português para a Libras.

Gráfico 34 - Dificuldades no processo interpretativo de sinalização



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme o Gráfico 34, os resultados revelam que as dificuldades de compreensão na sinalização envolveram: compreender a mensagem em Português oral devido a aspectos lexicais e morfosintáticos do texto (problemas linguísticos), sendo marcada por 20% (13) dos informantes; compreender a mensagem em Português oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico necessários ao entendimento do texto (problemas extralinguísticos) por 36,9% (24) dos respondentes; compreender a mensagem em Português oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo do texto em Libras (problemas textuais) por 26,2% (17) dos informantes; compreender a mensagem em Português oral devido a dificuldades para entender informações relacionadas a intertextualidade, atos de fala, pressuposições e implicaturas no entendimento do texto em Português (problemas de intencionalidade) por 21,5% (14) dos respondentes; compreender a mensagem em Português oral devido a intensidade e velocidade da sinalização e o estilo do autor da mensagem (problemas com o fluxo da elocução) por 44,6% (29) dos informantes.

Além das dificuldades de compreensão, os respondentes também assinalaram as dificuldades de reformulação, que abrangem: reformular a mensagem em Libras oral devido aos aspectos lexicais e morfosintáticos necessários ao texto interpretado (problemas

linguísticos), apontada por 29,2% (19) dos respondentes; reformular a mensagem em Libras oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico requeridos pelo texto interpretado (problemas extralinguísticos) por 38,5% (25) dos informantes; reformular a mensagem em Libras oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo requeridos ao texto interpretado (problemas textuais) por 12,3% (8) dos respondentes; reformular a mensagem em Libras oral de acordo com a finalidade da interpretação e com seu público final (problemas de encargo e público) por 18,5% (12) dos informantes; reformular a mensagem em Libras oral devido ao monitoramento do fluxo de produção da interpretação em relação à recepção do texto em Português oral (problemas com o fluxo da elocução) por 13,8% (9) dos respondentes. Algumas respostas foram acrescentadas pelos informantes como dificuldades nos termos técnicos; 1 intérprete indicou ruído; 1 não se aplica; 1 poluição visual e ruídos; e 1 acrescentou que acredita que todas as dificuldades estão presentes no dia a dia do trabalho de um intérprete.

Os 2 informantes CODAs indicaram como dificuldades na sinalização: compreender a mensagem em Português oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico necessários ao entendimento do texto (problemas extralinguísticos); compreender a mensagem em Português oral devido a questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo do texto em Português (problemas textuais); compreender a mensagem em Português oral devido a velocidade de fala e o estilo do autor da mensagem (problemas com o fluxo da elocução) e reformular a mensagem em Libras oral devido a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de domínio específico requeridos ao texto interpretado (problemas extralinguísticos).

No processo de sinalização, a dificuldade mais citada foi marcada por 44,6% (29) dos informantes. Essa dificuldade se dá em relação ao fluxo de elocução da língua-fonte, no caso, o Português oral. Ela envolve os elementos prosódicos como o tom, o ritmo, a entonação, a intensidade, a duração, a velocidade da voz, as pausas e as hesitações (MATEUS, 2004). A entonação, principalmente, por ser uma alteração melódica, pode projetar ao interlocutor a intenção do orador.

Em enunciados orais, essas questões podem ser ainda mais imprevisíveis demandando estratégias como alongamento e repetição de alguns sinais, inserção de instrumentos linguísticos da língua de sinais como “o quê” para que novas informações na LF sejam apreendidas pelo intérprete, ou mesmo mantendo a pausa na transposição para o TA, conforme encontrado no estudo empírico-experimental desenvolvido por Rodrigues (2013).

A segunda e a terceira dificuldade citadas por 38,5% (25) e 36,9% (24) dos respondentes, instalam-se, na etapa de produção e de compreensão respectivamente, em um ponto já conhecido e citado anteriormente, os fatores extralinguísticos. Essa correlação denota que o arcabouço cultural e contextual da Libras e do Português é um ponto que implica o processo interpretativo nas duas direções, tanto para falantes nativos ou não de ambas as línguas. Nesse círculo, o profissional necessita se aproximar de elementos verbais e visuais intrínsecos às línguas em sua cultura, dimensionando e aplicando em extensão e em contenção os seus significados reais e simbólicos, como apreciam Barros (2015) e Rigo e Taffarel (2020).

A quarta dificuldade mais encontrada foi apontada por 29,2% (19) dos informantes. Ela refere-se aos problemas linguísticos de ordens lexicais e morfossintáticas na reformulação da mensagem, ao re-expressar o texto em Libras. Conforme já reportado em outros momentos, esse sistema linguístico é gestual-visual, e o encadeamento das sentenças e ideias ocorrerá por meio dos sinais no espaço gramatical. Lourenço (2015) ressalta que o uso do espaço não é gerido de maneira aleatória, mas com marcação da pessoa no discurso e dos referentes e/ou entidades presentes ou não na ocasião da sinalização. Ainda, para ele, “a concordância nas línguas de sinais acontece quando a localização e/ou a direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos” (LOURENÇO, 2015, p. 330). Por isso, Lillo-Martin e Gajewski (2014) alegam que essa posição espacial é mais elaborada, perpassando a noção de uma mera região física e geométrica. Nesse sentido, o intérprete precisa administrar a produção de todo o conteúdo espacial, articulando esses aos sinais e suas combinações e formações não manuais. Essa variável, diferença sintática entre as línguas, foi acionada por Gile (2005) ao comparar os pares linguísticos na interpretação.

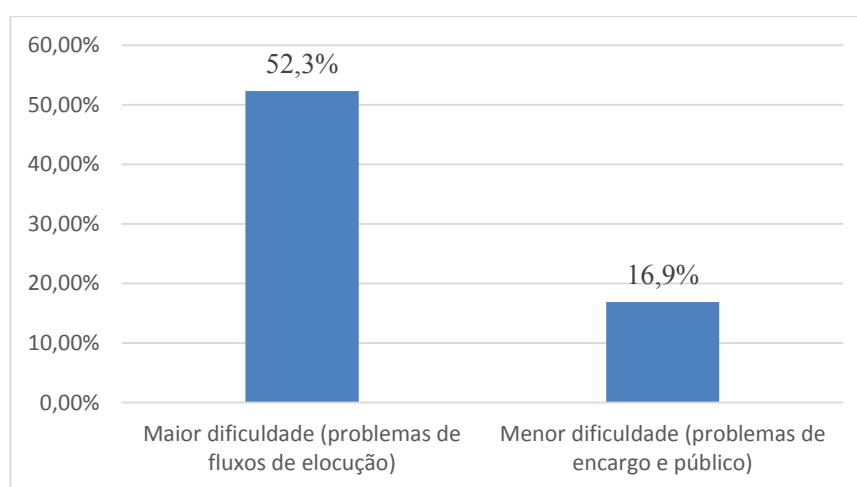
As respostas individuais dos CODAs fazem coro às três primeiras dificuldades citadas, de fluxo de elocução quanto a compreensão na LF, problemas extralinguísticos na compreensão e na reformulação do TF e do TA, e acrescentam, assim como na questão anterior, o fator textual em relação à sua compreensão, nesse caso, em Português oral.

A dificuldade menos indicada foi marcada por 12,3% (8) dos informantes. Ela está relacionada aos problemas textuais na reformulação do discurso em Libras. Intrigante que esse mesmo ponto, na vocalização, foi elencado com alta dificuldade na etapa da compreensão. Talvez essa seja uma variável que implica maior esforço para a compreensão do texto-fonte, mas menor esforço na produção do texto-alvo ou, ainda, respalda a proposição de Nicodemus e Emmorey (2013) de que muitas questões igualmente conflituosas às vezes

passam despercebidas no processo de sinalização, pelo fato de o intérprete não conseguir se autoavaliar durante a execução da atividade.

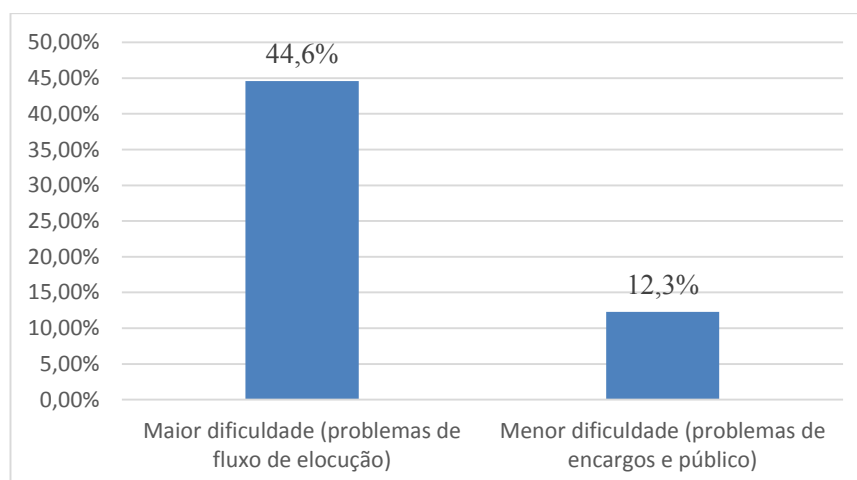
Os Gráficos 35 e 36 a seguir consolidam os resultados das dificuldades marcadas pelos informantes, sugerindo que essas questões sejam problematizadas e trabalhadas em cursos de formação inicial e continuada. Eles apresentam respectivamente as dificuldades mais e menos citadas pelos respondentes, em valores percentuais, na interpretação direta e na interpretação inversa.

Gráfico 35 - Maiores e menores dificuldades na interpretação direta



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 36 - Maiores e menores dificuldades na interpretação inversa



Fonte: Elaborado pelo autor

Finalmente, o item oito foi um espaço livre a ser usado pelos informantes para explicitar, em relação ao questionário, quaisquer comentários e/ou observações. Apesar de somente 19 respostas terem sido fornecidas, algumas corroboram para a relevância do mesmo como:

parabéns pela pesquisa, faz-se necessário, para contribuir com a área da tradução e interpretação e também aprimorarmos a atuação profissional (respondente 20).

obrigada pela oportunidade de participar da pesquisa. Que bom que o conhecimento está sendo aprofundado na área!” (respondente 30).

obrigado pela oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas! (respondente 48).

Ainda que indiretamente, julga-se relevante essa oportunidade para um retorno da percepção dos informantes quanto ao questionário respondido.

Considera-se que o mesmo foi proveitoso para conhecer as preferências e as opiniões dos intérpretes em relação à atividade de vocalização e verificar, de maneira geral, as dificuldades encontradas por eles nesse processo. Ademais, a partir dos resultados encontrados, foi possível subsidiar as ações complementares deste trabalho, que envolvem situações reais de interpretação. Todavia, tal instrumento circunscreveu um número relativamente reduzido de respondentes, que poderia ser ampliado em uma outra ocasião, para alcançar maior representatividade da amostra.

6 OS EVENTOS INTERPRETATIVOS

Nesta seção, apresenta-se, criteriosamente, a dinâmica dos eventos interpretativos, contemplando a sua descrição, a sua transcrição, a sua categorização, os seus resultados e a análise e discussão dos mesmos. Esse momento se faz imprescindível, uma vez que o âmago do trabalho se concentra aqui.

Nessa perspectiva, será possível verificar uma questão problemática em obras de interpretação intramodal vocal-auditiva — os nomes de pessoas —, porém ainda não explorada na interpretação intermodal direta, cujo par linguístico é Libras-Português.

6.1 ORIGEM DOS DADOS

Mesmo diante da impossibilidade de se realizar um estudo empírico-experimental, foi possível identificar, por meio de situações reais, uma das dificuldades apontadas na atuação dos intérpretes referentes aos nomes próprios de pessoas. Para isso, insumos midiáticos em áudio e em vídeo de palestras e comunicações orais originais em Libras e interpretadas para o Português presentes em plataformas digitais foram selecionados.

Os dados foram selecionados a partir das produções do V e o VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e o I e II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, todos organizados e realizados pela UFSC em 2016 e em 2018. Cabe ressaltar que os dois últimos supracitados ocorreram na mesma semana e de maneira sequencial aos dois primeiros. Os eventos de Linguística se iniciaram na segunda e findaram na quarta-feira, nos dias 28 a 30 de novembro de 2016 e 01 a 03 de outubro de 2018, e os de Tradução e Interpretação tiveram a sua abertura na quarta e o encerramento na sexta-feira, nos dias 30 de novembro a 02 de dezembro de 2016 e 03 a 05 de outubro de 2018.

Essas conferências estão inseridas em uma mesma grande área do conhecimento da CAPES (i.e., Linguística, Letras e Artes), e acomodam um intenso e atual espaço para “a reflexão, a apresentação, a circulação e a propagação de experiências, pesquisas em andamento e/ou concluídas por/para os estudantes, profissionais, educadores e pesquisadores da área [de línguas de sinais]” (GOMES, 2019a, p. 131). Assim, a temática geral que os perpassa não são destoantes, permitindo um certo grau de homogeneidade quanto à sua seleção para esta pesquisa. Além disso, diante da importância dos congressos, presume-se

que a equipe de intérpretes instituída seja qualificada e constituída por profissionais de reconhecida competência. Nesse sentido, cabe destacar que a amostra deste trabalho é, certamente, uma amostra por conveniência, não probabilística, de modo a não haver nenhum critério estatístico para a seleção dos intérpretes que atuaram nas conferências.⁴⁷ Esses profissionais não foram definidos pelo pesquisador e tampouco é possível oferecer uma definição precisa dos perfis profissional e/ou socio-demográfico desses intérpretes. Isso se justifica pelo fato de a seleção da equipe de interpretação ser feita pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS). Adicionalmente, as interpretações ocorreram em cabines⁴⁸, sem que houvesse, durante a atuação, contato direto dos intérpretes com o público-alvo e os palestrantes.

6.1.1 Algumas observações sobre o contexto das conferências acadêmicas

Elton (1983) esclarece que as conferências, de maneira geral, possuem como finalidade a reunião de pares e não pares em um determinado eixo para difundir e discutir temas relevantes. Para que esses formatos sejam desenhados e adquiram tangibilidade, Goffman (1981) e Carter-Thomas e Rowley-Jolivet (2003) ressaltam a existência de ritos de organização, em que o orador é convidado, seu tema indicado, e a duração da exposição e dos eventuais questionamentos por parte do público informada. Ao oportunamente assumir a fala, o orador, geralmente em um discurso monológico, agradece, tece algum comentário a respeito do evento, se apresenta novamente e inicia suas considerações referentes à temática na qual irá abordar. Segundo Goffman (1981), essa posição que o orador assume ocorre em função da sua credibilidade, conhecimento e experiência no assunto.

Ampliando a concepção dessa esfera como ambiente situacional para o gênero discursivo, por acondicionar enunciados, Rojo e Schneuwly (2006, p. 470) denomina as conferências acadêmicas como “gênero oral formal e público”. Ainda que a oralidade seja uma peculiaridade determinante, os autores admitem o acréscimo de textos escritos e

⁴⁷ É sempre importante considerar o fato de que amostras por conveniência podem não ser representativas da população estudada. Contudo, isso não significa que os resultados obtidos não possam ser uma boa imagem do universo em questão, guardadas as devidas proporções e limitações. Em outras palavras, a produção dos intérpretes analisada neste estudo pode não ser representativa da categoria de profissionais intérpretes Libras-Português, porém, pode trazer observações relevantes sobre o trabalho desses profissionais.

⁴⁸ Essa realidade é vivenciada desde o IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, em 2014, como declara Nogueira (2016).

imagéticos (e.g., *slides*) em sua apresentação, composição e preparação, implicando em uma complexa relação. A articulação aos materiais escritos e, até mesmo, a dependência a eles, se torna um aporte temático e temporal à condução da fala, uma vez que o orador poderá expandir as informações, reproduzir exatamente o que lá consta ou apenas retirar ideias para estruturar o seu raciocínio e controlar o tempo da explanação. Além de respaldar o orador, esses arquivos escritos podem auxiliar no entendimento do público-alvo (e dos intérpretes).

Anterior à fase da apresentação, alguns conferencistas têm o hábito de redigir um resumo para concatenar os argumentos e se certificar de que os apontamentos mais pertinentes estão potencialmente contemplados. Esse material também pode ser encaminhado para os intérpretes como um recurso adicional para o estudo. Quando as conferências abarcam línguas de sinais e a LF será essa, é comum os palestrantes registrarem as suas falas em vídeo, pelos mesmos motivos supracitados. A esse respeito, Nogueira (2016) defende a importância de os intérpretes acessarem os materiais igualmente na língua em que será proferida o discurso para que eles possam se familiarizar com os termos, o tema e o estilo do orador.

6.1.2 Eventos selecionados para análise

As interpretações analisadas neste trabalho são oriundas de congressos acadêmicos ocorridos em 2016 e em 2018. Os registros das conferências de 2016 foram extraídos do repositório institucional de Libras da UFSC.⁴⁹ Os eventos acadêmicos aqui citados possuíam dois tipos de apresentação: a palestra e a comunicação, assim definidos e nomeados pela comissão organizadora. Há diferença no período de duração entre elas, visto que as palestras tenderam a ser mais longas (i.e., duração aproximada de 45 minutos) e as comunicações mais curtas (i.e., duração aproximada de 20 minutos). Conseqüentemente, as palestras contaram com a atuação de dois intérpretes que se alternavam no turno, enquanto as comunicações possuíam apenas um intérprete no turno.

Foram identificados 24 vídeos, sendo 4 palestras e 20 comunicações. Dessas, 2 palestras e 2 comunicações foram excluídas por se tratarem de eventos discursivos cujas línguas de apresentação e interpretação não eram, respectivamente, Libras e Português: 2 palestras/comunicações proferidas em Português, 1 em Espanhol e 1 em Sinais Internacionais.

⁴⁹ Todo o material está disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174517>>.

Dos 20 materiais selecionados (duração total de 7h 37min 52s), 2 não fizeram menção a nomes de pessoas durante a apresentação. Ainda, 1 vídeo foi excluído devido ao baixo nível de proficiência do orador em Libras, o que comprometeu a atividade de interpretação. Assim, foram incluídos no estudo, 17 eventos interpretativos (duração total de 6h 37min 45s).

O material proveniente dos congressos de 2018 foi extraído do canal do *YouTube Departamento Libras UFSC*,⁵⁰ também com acesso livre e gratuito, resultando em 53 vídeos. Desses, foram desconsiderados 2 de abertura dos congressos, 1 de apresentação cultural, 13 por serem expressos originalmente em outra língua que não a Libras, e 3 que não possuíam o áudio da interpretação para o Português no vídeo. Dos 34 vídeos selecionados (duração total de 11h 32min 16s), 4 não apresentaram nomes próprios de pessoas em seu discurso-fonte. Portanto, foram incluídos neste estudo 30 vídeos (duração total de 10h 29min 13s). Vale destacar que 3 vídeos tiveram problemas com a emissão do áudio em algumas passagens, que precisaram ser desconsideradas, mas que não resultaram na exclusão desses materiais.

Em suma, foram analisados 47 vídeos, conforme descrito na tabela a seguir:

Tabela 1 - Síntese dos eventos analisados

Evento	Eventos interpretativos analisados	Duração total
Congressos 2016	17	6h 37min 45s
Congressos 2018	30	10h 29min 13s
TOTAL	47	17h 06min 58s

Fonte: Elaborado pelo autor

6.2 TRANSCRIÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta dissertação, os materiais digitais a serem analisados são intermodais, pois possuem a Libras, visualmente exposta pelos oradores, e o Português, exteriorizado pela voz dos intérpretes, sem qualquer identificação física deles. Ambas as línguas estavam em modalidade oral de uso. Portanto, foi necessário seguir alguns protocolos para a transcrição dos dados.

O primeiro deles foi a definição quanto à implementação ou não de um *software* para tal. As pesquisas com línguas de sinais têm empregado o ELAN (EUDICO *Language*

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC2X37edVx3H3i4uPPwBtSTQ/videos>>.

Annotator)⁵¹ que possibilita a anotação e a criação de trilhas — faixas idealizadas e elaboradas dentro do *software* para atender aos objetivos do pesquisador — sincronizadas específicas, que mantêm a sua temporalidade (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010; QUADROS, 2016). Todavia, neste trabalho, o seu uso não foi imprescindível, visto que o propósito se localiza na identificação e no levantamento dos sinais-pessoais e dos nomes de pessoas emitidos na LF e sua respectiva produção (ou não) na LA, não sendo preciso expandir a transcrição em glosa e em Português para todo o conteúdo do vídeo. Os trechos que continham a produção linguística em Português dos intérpretes foram transcritos na mesma língua, seguindo a estrutura e a organização em que as palavras se apresentavam.

Assim, foi possível realizar o *download* dos 54 vídeos das plataformas e assisti-los, identificando os trechos em que o objeto de análise aqui escolhido estava presente (i.e., sinais-pessoais e nomes de pessoas). Para isso, o programa Adobe Premiere Pro (versão 2018) foi operado com a única finalidade de regular a velocidade e a marcação temporal das passagens verbais, para que todas fossem delineadas no exato tempo de início e de término. É válido ressaltar que esse tempo, tanto do material no TA quanto no TF, embora registrado junto ao produto vocal dos intérpretes, não será analisado neste trabalho. Isso porque, além de se distanciarem do escopo proposto, há limitações de tempo e espaço na atual pesquisa para efetuar uma discussão mais precisa a esse respeito. Por essa razão, tais dados serão reservados a estudos futuros.

Figura 1 - Imagem de um vídeo inserido para análise no Adobe Premiere Pro (versão 2018)



Fonte: Elaborada pelo autor

⁵¹ Este software está disponível para *download* em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>.

Após selecionados os vídeos, levando-se em consideração os fatores de exclusão, procedeu-se com a análise do TF, de modo a identificar a presença de sinais-pessoais e nomes em datilologia. Essas ocorrências foram categorizadas conforme disposto no quadro a seguir:

Quadro 3 - Categorias de referência pessoal identificadas no texto-fonte

Rótulo	Categoria	Exemplo real dos dados
S	Empregado quando somente o sinal-pessoal era representado.	SINAL<Rodrigo>
D	Empregado quando somente a datilologia do nome da pessoa era representada.	P-A-U-L-I-N-E
S+D	Empregado quando o sinal-pessoal era representado acompanhado da datilologia do nome.	SINAL<Aline> (NOME) A-L-I-N-E
D+S	Empregado quando a datilologia do nome da pessoa era representada acompanhada do sinal-pessoal.	(NOME) A-N-D-R-E SINAL<Andre>

Fonte: Elaborado pelo autor

Em um primeiro momento, optou-se por arrolar a data que acompanhava os sinais de pessoa e a datilologia dos nomes, visto que, nesse contexto de citações quanto a publicações, é comum mencionar a obra completa (i.e., a autoria e o ano). Informações adicionais como número de páginas e outros que eventualmente surgissem, não foram catalogados na coleta dos dados. Como o objetivo deste trabalho não contempla a IS intermodal direta de números, os mesmos foram suprimidos, mantendo somente o sinal-pessoal e o nome em datilologia que ele seguia. Entretanto, como essa questão (i.e., números) também é problemática na interpretação, há ciência que, unidos, eles podem suscitar implicações que a presente pesquisa não abarcou.

Adicionalmente, notou-se a proeminente ocorrência de identificação de pessoas com nomes estrangeiros. Por isso, foi preciso diferenciar a existência de nomes nacionais e nacionalizados de nomes estrangeiros, já que esses poderiam trazer efeitos quanto ao (de)conhecimento dos termos ou sua pronúncia para a tarefa de interpretação. Além disso, foram excluídas três ocorrências de nomes estrangeiros, por se tratarem de nomes de dois professores que, apesar de não serem brasileiros, são docentes da própria instituição de realização dos eventos. Esse fato os torna de altíssima frequência e que, portanto, poderiam

ter comportamento distinto dos outros nomes estrangeiros identificados. As ocorrências de nomes nacionais e nacionalizados e de nomes estrangeiros são fornecidas na tabela abaixo:

Tabela 2 - Síntese das ocorrências de nomes de pessoas nacionais e nacionalizados e estrangeiros

EVENTO	NOMES NACIONAIS E NACIONALIZADOS	NOMES ESTRANGEIROS
Congressos de 2016	83	45
Congressos de 2018	163	54
TOTAL	246	99

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao se realizar a anotação e a classificação dos dados, percebeu-se a necessidade de inserir distinções adicionais às categorias apresentadas no Quadro 3. Isso sucede, porque, no caso de ocorrência de datilologia, o TF pode trazer: i) a datilologia apenas do primeiro nome; ii) a datilologia apenas do sobrenome; e iii) a datilologia de ambos, o nome e o sobrenome. Assim, culmina-se a um total de dez categorias de análise do texto-fonte:

Quadro 4 - Categorias de análise do texto-fonte

Rótulo	Categoria	Exemplo real dos dados
S	Empregado quando somente o sinal-pessoal era representado.	IGUAL ANTES SINAL <Silvana> EXPLICAR
D<Nome>	Empregado quando somente a datilologia do nome da pessoa era representada.	J-O-N-A-T-A MOSTRAR PARTES TAMBEM VIDEO
D<Sobrenome>	Empregado quando somente a datilologia do sobrenome da pessoa era representada.	R-O-S-A RAZÃO
D<Nome+Sobrenome>	Empregado quando somente a datilologia do nome acompanhado do sobrenome da pessoa era representada.	EU LER É LIVRO MULHER AUTOR CONHECER PESSOA L-I-L-I-A L-O-B-O
S+D<Nome>	Empregado quando o sinal-pessoal era representado acompanhado da datilologia do nome.	DISCUTIR JUNTO SINAL <Jair> NOME <J-A-I-R>
S+D<Sobrenome>	Empregado quando o sinal-pessoal era representado acompanhado da datilologia do sobrenome.	TER OUTRA PROPOSTA SINAL <Ronnie> NOME <W-I-L-B-U-R>

S+D<Nome+Sobrenome>	Empregado quando o sinal-pessoal era representado acompanhado da datilologia do nome e do sobrenome.	TRABALHAR JUNTO SINAL <Ana> VOCÊS CONHECER NOME <A-N-A R-E-G-I-N-A C-A-M-P-E-L-L-O>
D<Nome>+S	Empregado quando a datilologia do nome da pessoa era representada acompanhada do sinal-pessoal.	SURDO ELE ANTES VER SURDO VIDEO NOME <A-N-D-R-E> SINAL <Andre> É SURDO ACEITAR
D<Sobrenome>+S	Empregado quando a datilologia do sobrenome da pessoa era representada acompanhada do sinal-pessoal.	MOSTRAR PROPOSTA PESSOA NOME <(P-A-D-D-E-N)> SINAL <Padden>
D<Nome+Sobrenome>+S	Empregado quando a datilologia do nome e do sobrenome da pessoa era representada acompanhada do sinal-pessoal.	MINHA ORIENTAR É NOME <A-D-R-I-A-N-A T-H-O-M-A> SINAL <Adriana>

Fonte: Elaborado pelo autor

Além do levantamento das ocorrências no TF, operou-se com a categorização das produções feitas pelos intérpretes. Durante a análise dos dados, identificou-se diferentes tipos de estratégias adotadas pelos profissionais, além de omissões e erros. Em algumas ocorrências, os intérpretes manifestavam apenas o nome da pessoa, em outras somente o sobrenome e, em alguns casos, ambos o nome e o sobrenome. Ainda, detectou-se a utilização de substituições por expressões referenciais diversas (e.g., “esse autor”) e até mesmo o acréscimo de algum título junto ao nome/sobrenome pessoal (e.g., “professor”). Foi adicionada também uma categoria “Outros” para aquelas ocorrências não contempladas pelas demais classificações.

Assim, resulta-se em um total de dez categorias de análise do TA:

Quadro 5 - Categorias de análise do texto-alvo

Rótulo	Categoria	Exemplo real dos dados
Nome	Empregado quando o intérprete produz apenas o nome da pessoa.	(...) ⁵² como a Silvana explicou
Sobrenome	Empregado quando o intérprete produz apenas o sobrenome da pessoa.	(...) ao ler o material de Pereira
Nome + Sobrenome	Empregado quando o intérprete produz o nome e o sobrenome da pessoa.	e quem fazia a tradução era a Ângela Russo

⁵² Indicativo de pausa no discurso.

Omissão	Empregado quando o intérprete omite o nome e/ou o sobrenome da pessoa.	___ ⁵³
Expressão referencial	Empregado quando o intérprete substitui um nome e/ou sobrenome da pessoa por alguma expressão referencial.	nesse texto de que ele tinha habilidades em diversas línguas
Erro	Empregado quando o intérprete comete algum equívoco no nome e/ou sobrenome da pessoa em sua produção.	___ ⁵⁴
Titulação + Nome	Empregado quando o intérprete acrescenta um título ao nome da pessoa em sua produção.	na palestra durante o congresso da professora Ronice sobre padronização
Titulação + Sobrenome	Empregado quando o intérprete acrescenta um título ao sobrenome da pessoa em sua produção.	No entanto, (...) minha proposta com professora Wilbur
Titulação + Nome + Sobrenome	Empregado quando o intérprete acrescenta um título ao nome e ao sobrenome da pessoa em sua produção.	essa pesquisa é da professora Annika Herrmann
Outros	Empregado quando o intérprete produz de uma forma não que não foi contemplada nas demais categorias.	Rimar já falava Segala já fala sobre

Fonte: Elaborado pelo autor

6.3 RESULTADOS

Após a classificação de todas as ocorrências de nomes nacionais e nacionalizados e dos nomes estrangeiros no TF e a respectiva produção dos intérpretes no TA, tem-se, nessa ordem, a seguinte distribuição e descrição:

⁵³ Não houve produção de identificação pessoal no texto-alvo.

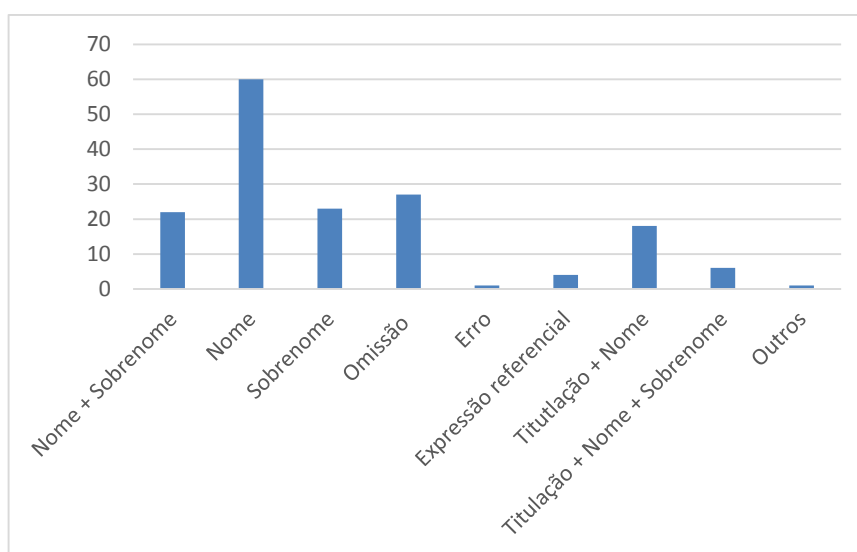
⁵⁴ Produção equivocada ou não equivalente ao texto-fonte.

PRODUÇÃO NO TEXTO-ALVO										
TEXTO-FONTE	Nome + Sobrenome	Nome	Sobrenome	Omissão	Expressão referencial	Erro	Titulação + Nome	Titulação + Sobrenome	Titulação + Nome + Sobrenome	Outros
Sinal	1	0	20	8	2	1	0	1	2	0
Datilologia (Nome + Sobrenome)	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
Datilologia (Nome)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Datilologia (Sobrenome)	2	0	29	13	2	0	0	0	0	0
Sinal + Datilologia (Nome + Sobrenome)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sinal + Datilologia (Nome)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sinal + Datilologia (Sobrenome)	1	0	7	1	0	0	0	0	0	0
Datilologia (Nome + Sobrenome) + Sinal	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Datilologia (Nome) + Sinal	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Datilologia (Sobrenome) + Sinal	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0

6.3.1 Texto-fonte: Sinal

A primeira e mais expressiva categoria dos nomes nacionais e nacionalizados é a de “Sinal”, como observa-se no Gráfico 37:

Gráfico 37 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal”



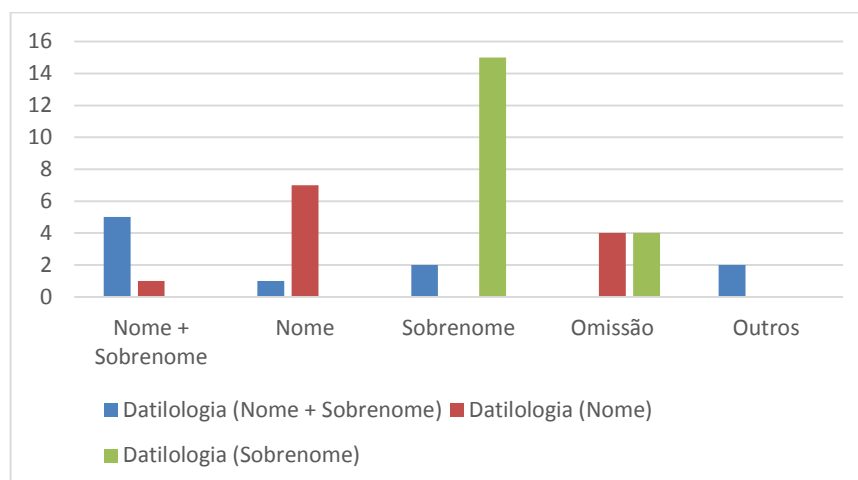
Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o gráfico, percebe-se uma elevada vocalização de “Nomes” quando a condição do TF é o sinal.

6.3.2 Texto-fonte: Datilologia

O Gráfico 38 a seguir apresenta resultados consolidados da categoria de partida “Datilologia”.

Gráfico 38 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia”



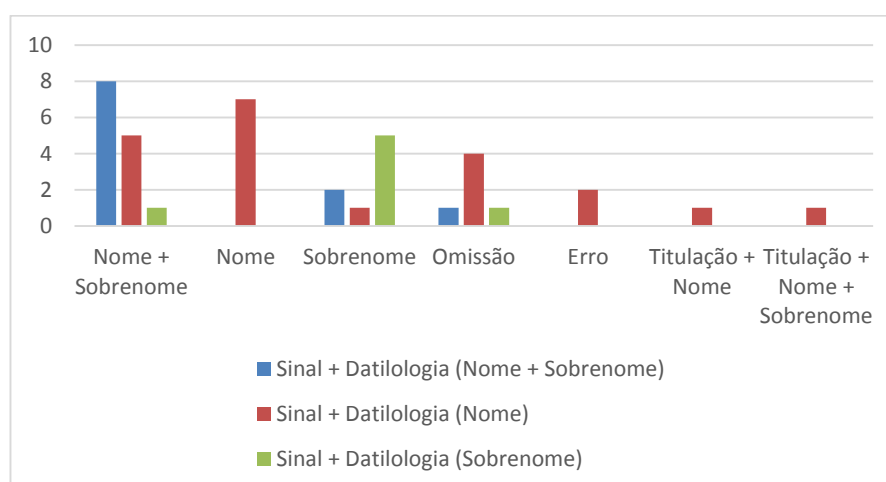
Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse gráfico, percebe-se uma alta presença de “Datilologia (Sobrenome)” em Libras, bem como a sua correspondência imediata, “Sobrenome”, na interpretação para o Português.

6.3.3 Texto-fonte: Sinal + Datilologia e Datilologia + Sinal

O Gráfico 39 aponta as decisões de interpretação em relação à categoria de “Sinal + Datilologia”.

Gráfico 39 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal + Datilologia”

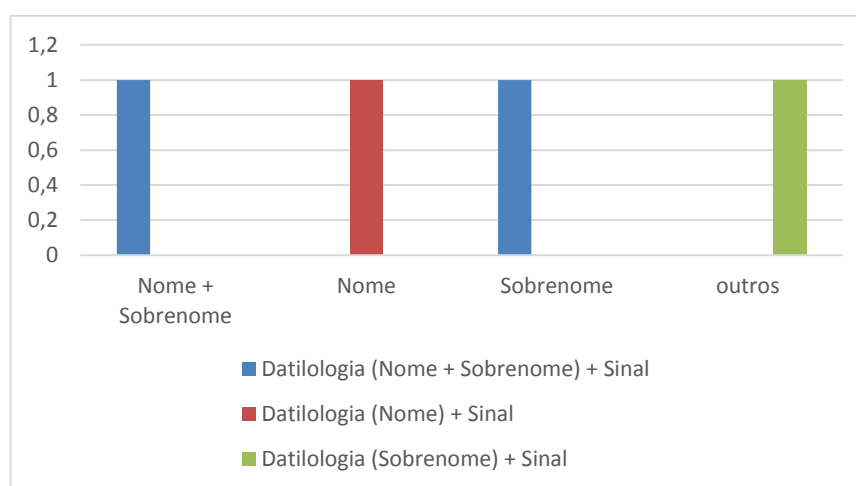


Fonte: Elaborado pelo autor

Constata-se que, embora “Nome e Sobrenome” tenha sido mais empregado na LA quando a sua datilologia ocorria dessa maneira, a expressão de “Nome” em Libras causou maiores desdobramentos.

O Gráfico 40 ilustra o ocorrido quando os intérpretes foram submetidos à categoria “Datilologia + Sinal”, revelando baixa incidência desse insumo.

Gráfico 40 - Ocorrências das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia + Sinal”



Fonte: Elaborado pelo autor

6.3.4 Revisitando a categoria Sinal: uma análise estatística

Após o levantamento inicial das ocorrências, utilizou-se o *Wilcoxon Signed-Rank Test*, também conhecido por Testes de Postos Sinalizados de Wilcoxon, para realizar testes estatísticos. Tal teste de hipótese foi aplicado, considerando o tratamento de dados amostrais emparelhados, por ser um tipo de teste não-paramétrico, uma vez que a amostra não possui critérios conhecidos e estabelecidos. Como informado na subseção 6.1, para este estudo, os intérpretes não foram selecionados, mas, sim, os congressos nos quais eles atuaram. O teste estatístico foi realizado por meio do *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*⁵⁵ (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais, em português).

No Teste de Wilcoxon, os pares de resposta possíveis foram comparados, de modo a verificar se há uma diferença de comportamento observável entre o emprego da estratégia “Nome” e as demais. A estatística de teste é fornecida na tabela a seguir:

⁵⁵ IBM Corp. Released 2019. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 26.0. Armonk, NY: IBM Corp

Tabela 3 - Tabela estatística para a resposta de "Nomes" a partir do sinal-pessoal⁵⁶

Estatísticas de teste^a

	[Nome] vs. [Nome + Sobrenome]	[Nome] vs. [Sobrenome]	[Nome] vs. [Titulação]	[Nome + Sobrenome] vs. [Sobrenome]	[Nome + Sobrenome] vs. [Titulação]	[Sobrenome] vs. [Titulação]
Z	-2,913 ^b	-2,345 ^b	-2,071 ^b	-,095 ^c	-,161 ^b	-,269 ^b
Significância Sig. (bilateral)	,004	,019	,038	,924	,872	,788

a. Teste de Classificações Assinadas por Wilcoxon

b. Com base em postos positivos.

c. Com base em postos negativos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Na comparação dos pares, constatou-se que há significância estatística quando se coteja as condições [Nome] vs. [Nome + Sobrenome] ($Z = -2,913$, $p < 0,01$); [Nome] vs. [Sobrenome] ($Z = -2,345$, $p < 0,05$); e [Nome] vs. [Titulação] ($Z = -2,071$, $p < 0,05$). Esses resultados apontam que há realmente uma diferença de comportamento dos intérpretes, no que se refere ao emprego de apenas “Nome” como estratégia ao se depararem somente com um sinal de pessoa, sendo a forma mais utilizada por esses profissionais.

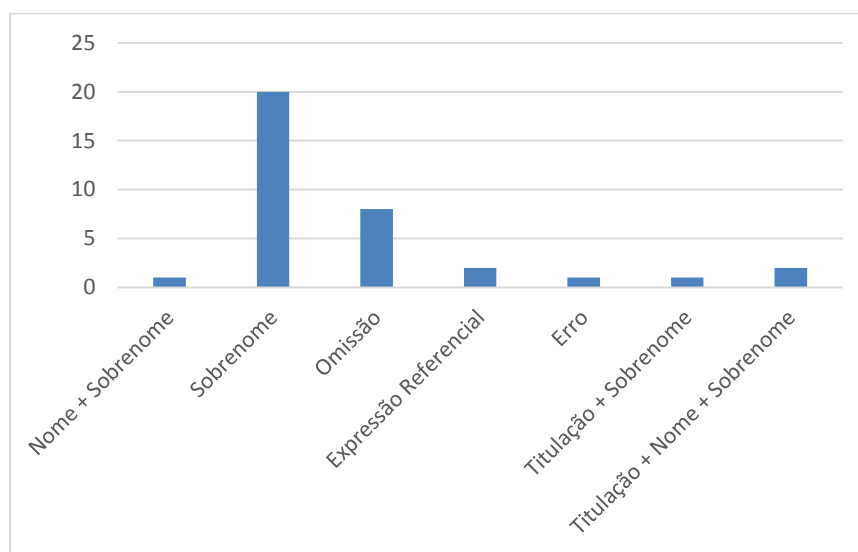
Já a comparação das outras categorias revelou não haver diferença estatística significativa, quando comparadas as condições [Nome + Sobrenome] vs. [Sobrenome] ($Z = -0,95$, $p > 0,05$); [Nome + Sobrenome] vs. [Titulação] ($Z = -1,61$, $p > 0,05$); e [Sobrenome] vs. [Titulação] ($Z = -2,69$, $p > 0,05$). Isso demonstra que não há uma distinção de comportamento desses intérpretes no que se refere ao emprego das outras estratégias ao interpretarem um sinal de pessoa para o Português.

6.3.5 Nomes estrangeiros

Primeiramente, a partir dos “Sinais”, evidenciando uma maior ocorrência de “Sobrenome” na interpretação para o Português, tem-se no Gráfico 41:

⁵⁶ Esta tabela foi elaborada com o suporte de Guilherme Lourenço.

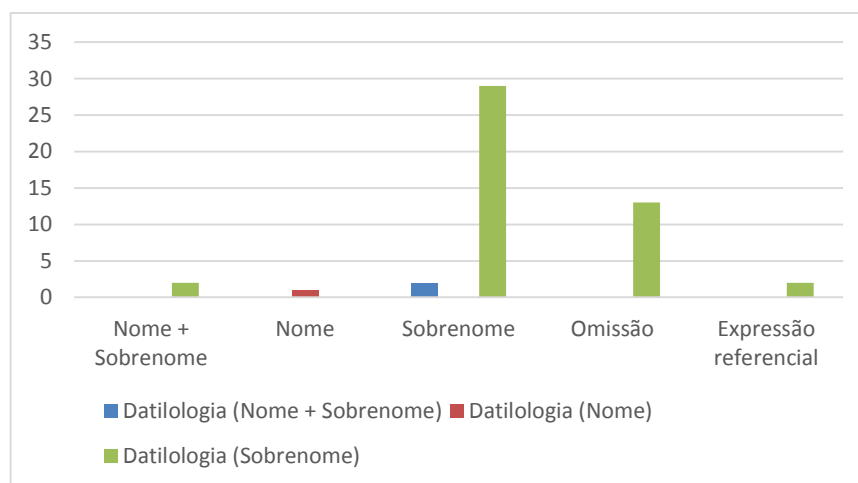
Gráfico 41 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal” nos nomes estrangeiros



Fonte: Elaborado pelo autor

No Gráfico 42 a seguir, encontra-se a produção dos intérpretes ao se depararem com a “Datilologia”, em que o “Sobrenome” também é expresso em maior quantidade.

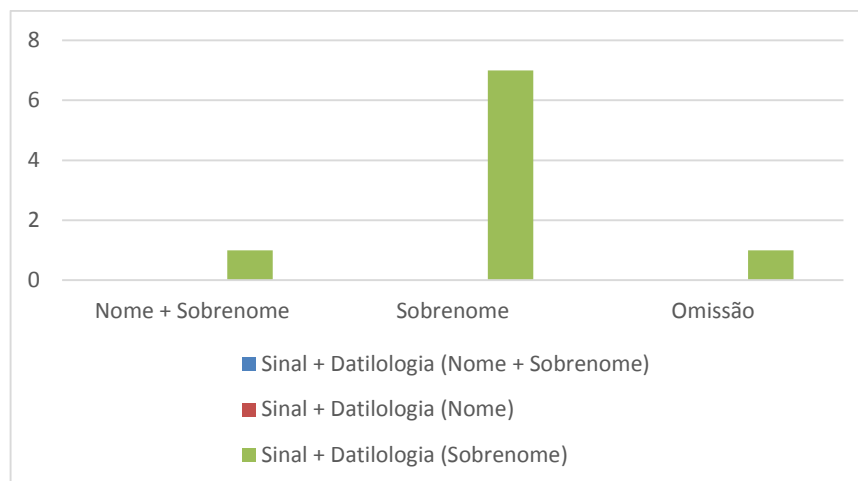
Gráfico 42 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia” nos nomes estrangeiros



Fonte: Elaborado pelo autor

Para a partida oriunda de “Sinal + Datilologia”, observa-se no Gráfico 43 a maior ocorrência de “Sobrenome”:

Gráfico 43 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Sinal + Datilologia” nos nomes estrangeiros

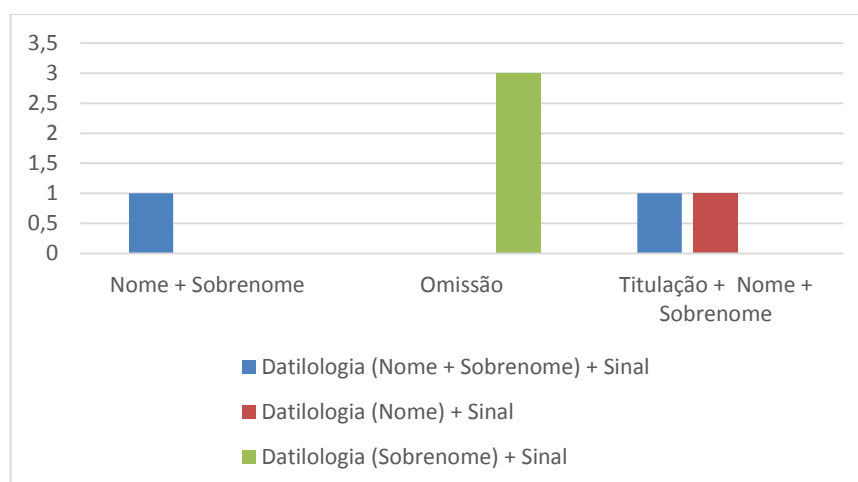


Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse caso, o único item encontrado é relacionado ao insumo de partida com o “Sinal + Datilologia (Sobrenome)”.

No Gráfico 44, “Datilologia (Sobrenome) + Sinal”, percebe-se a existência de todas as ocorrências no TF.

Gráfico 44 - Ocorrência das respostas motivadas pela categoria de partida “Datilologia + Sinal” nos nomes estrangeiros



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse esboço, a “Omissão” articulada à “Datilologia (Sobrenome) + Sinal” mostrou-se mais notória.

6.4 DISCUSSÃO

Em línguas de sinais, a identificação nominal das pessoas pode ser representada de duas maneiras. Uma delas, intrinsecamente relacionada ao seu âmago cultural e linguístico, é o sinal-pessoal. Tal marcação pode acompanhar ou não algum indício ou pista proveniente do nome, mas, geralmente, ainda que ocorra essa transliteração, seja pela primeira letra, seja na íntegra ou parte do mesmo, características físicas, corporais e/ou atitudinais tendem a ser primordiais para a sua constituição (BÖRSTELL, 2017).

Essa conjuntura tão particular demonstra que não há uma correspondência direta com qualquer termo nas línguas vocais. Por mais que exista uma forte tendência em comparar ou igualar o sinal-pessoal ao nome da pessoa, essa relação conceitual não parece ser a mais apropriada. Isso porque, mesmo que seja em uma situação dialógica, quando o orador expressa somente um sinal, se o interlocutor não conhecer, entenderá que houve a menção a uma pessoa, porém não saberá de quem se trata. Em uma interpretação direta, algo semelhante ocorre. Ao desconhecer o significado do sinal, o intérprete poderá usar termos genéricos para se referir à pessoa, porém não conseguirá marcá-la especificadamente.

Nesse sentido, quando o insumo de partida é um “Sinal”, o Gráfico 37 evidencia que os profissionais tiveram uma elevada manifestação de “Nomes”. Objetivando averiguar se essa era uma ocorrência pontual em alguns eventos interpretativos ou se, de fato, seria uma tendência de atuação dos intérpretes, procedeu-se à realização de um teste de hipóteses, o teste de postos de Wilcoxon, conforme a Tabela 3. A análise estatística revela que os intérpretes que compõem essa amostra, em situações de conferências acadêmicas, propendem a produzir, na tarefa de vocalização, mais (primeiros) nomes em Português ao se depararem com um sinal-pessoal. Por mais que não haja dados adicionais como entrevistas, ou relatos retrospectivos da tarefa, pelo fato desse material ter sido retirado de um acervo disponível em domínio público de 2016 e 2018, essa questão permite ser debatida a partir de algumas proposições.

A primeira delas poderia ser a aproximação do sinal com o nome, o que não é incorreto. Contudo, Petitta et al. (2018) argumentam que, eventualmente, ao reconhecer a pessoa, os nomes assumem uma vinculação eminente ao sinal, contribuindo para o esquecimento ou desconhecimento do sobrenome. Não é possível, porém, traçar nenhuma

relação entre esse comportamento observado e questões como esforço ou carga cognitiva do intérprete, já que, para isso, seria preciso conduzir estudos experimentais que permitisse investigar especificamente essa questão.

Outra reflexão gerada sobre o uso do nome tendo um sinal de pessoa como partida perpassa por aspectos de adequação textual e contextual. Segundo Minakova e Gural (2015) e Viera (2017), essa condição cultural e situacional é importante, pois se ergue como uma estrutura compartilhada capaz de unir todos os envolvidos no discurso. Em conferências acadêmicas realizadas no Brasil, é possível perceber uma tendência de que as pessoas são apresentadas a partir do uso de nome e sobrenome, diferentemente de outras localidades e nacionalidades em que somente o sobrenome é sinônimo de referência a alguém. A título de ilustração, em uma palestra,⁵⁷ com duração aproximada de 30 minutos, do X Congresso Internacional de Linguística promovido, em 2018, pela Associação Brasileira de Linguística, tem-se a produção, pelo orador, de 13 menções nominais, sendo 8 delas como “Nome e Sobrenome”, saber: Dante Lucchesi; Suzana Cardoso; Max Weber; Edmund Russel; Paul Feyerabend; Gaston Bachelard, Boaventura de Sousa Santos (duas vezes).

Independentemente de quais sejam as línguas, Viera (2017) frisa a importância da presença protocolar de ordem linguística, discursiva e de citação no âmbito acadêmico como um dos mecanismos para se firmar um diálogo mais específico entre os seus componentes. Frente ao exposto, é possível questionar a adequação textual e contextual da tendência observada entre os intérpretes de produzir apenas o primeiro nome como estratégia de referência pessoal em um contexto que nitidamente privilegia o emprego de nome e sobrenome.

Além de ventilar reflexões quanto ao possível grau de (des)conhecimento dos intérpretes para com a estrutura da conferência acadêmica, vale apontar também que em outras esferas de atuação, sobretudo as comunitárias, como o ambiente educacional, há uma propensão de se produzir somente o primeiro nome como estratégia de referência pessoal. Isso decorre em função, muitas vezes, das relações de proximidade e de vínculo presentes no contexto e também das práticas cultural-discursivas comuns no Brasil. O uso do primeiro nome é notado, inclusive, em situações de aulas e reuniões no ensino superior. Embora Pereira (2014) não tenha abordado a interpretação direta de sinais-pessoais e/ou nomes de pessoas em datilologia, os resultados da autora expõem tal proximidade pelas formas de tratamento alocutivas e elocutivas do Português nesse espaço (i.e., meio acadêmico).

⁵⁷ FARACO, C. A. Linguística: a ciência e o debate público. Conferência de abertura do X Congresso Internacional de Linguística, 2018.

Nessa perspectiva, parece existir, por decisão ou automatização dos intérpretes, a incorporação de práticas comuns a outros contextos para/na atuação em conferências acadêmicas. Essas questões podem reforçar a concepção de que a atuação dos intérpretes se constitui, afinal, como um comportamento, um tipo de conhecimento procedimental, conforme Gile (2009) e Obler (2012) salientam.

Uma produção provavelmente mais adequada às conferências acadêmicas seria o uso da locução “Nome + Sobrenome”. Para que o intérprete alcance essa produção, primeiramente, ele precisa compreender o sinal-pessoal emitido na LF e concatenar essas informações. O acesso a materiais escritos com antecedência ou mesmo no momento da enunciação, como ocorre na interpretação simultânea com suporte do texto, poderia ser uma fonte documental nesse sentido.

Além dessas, outra resposta possível, encontrada e categorizada, é quanto ao uso somente de “Sobrenome”. Essa prática é culturalmente marcada em países europeus e norte-americanos, cuja identificação das pessoas está imediatamente atada às suas produções científicas e profissionais. Contudo, esse tipo de referência pessoal também é frequentemente encontrado em contextos de conferências acadêmicas. Isso provavelmente ocorre pelo fato de ser, muitas vezes, por meio do sobrenome que pessoas são reconhecidas em seus trabalhos e em suas publicações.

Ainda, é pertinente observar que as duas formas de produção em Português que envolvem o uso do sobrenome (i.e., “Nome + Sobrenome” e “Sobrenome”) apresentam-se bem próximas quantitativamente, 22 e 23, respectivamente. O Teste de Wilcoxon indica, inclusive, não haver uma diferença significativa na distribuição de uso dessas duas opções.

Comportamento semelhante foi constatado no uso do nome precedido pela titulação. Tal nomenclatura foi descrita em virtude da expansão feita pelos intérpretes ao usarem o termo “professor”. Essa medida afigura-se como um mecanismo informacional complementar de identificação da pessoa, para que o público-alvo depreenda quem está sendo mencionado, além de ser um tipo de registro bastante frequente na academia, ao se fazer referências a professores e pesquisadores. Independentemente da aplicação da titulação, é preciso que haja a alusão nominal, para que a informação evite se tornar genérica e pouco relevante. Interessante notar que, dentre as possibilidades de titulação com identificação pessoal, o nome também foi o mais empregado.

A “Titulação com Sobrenome” não foi produzida por nenhum intérprete em contextos de nomes nacionais e nacionalizados, o que é esperado. Afinal, esse tipo de uso não é

culturalmente comum no Brasil. É relevante, porém, perceber que houve ocorrências de uso de “Titulação com Sobrenome” em casos de nomes de autores estrangeiros.

Nessa ocasião, uma categoria delimitada e extremamente funcional é as expressões referenciais. Os processos que as constituem e as regulamentam são importantes para a elaboração e a clarificação do discurso, evitando a recorrência dos mesmos termos. Esse mecanismo pode envolver os sistemas pronominais das línguas (e.g., ele, nós), bem como outras expressões que assumem aplicabilidade similar (e.g., esse autor).

Embora textualmente seja mais adequado e se configure como um indício de maior fluidez e novas informações ao enunciado (LEITE, 2010), Rocha (2007) e Smith e Federmeier (2018) apontam que a referência, apesar de associada rapidamente ao precedente, atribui maior custo cognitivo no processamento mental do falante. Isso porque ele precisará resgatar a entidade mencionada e substituí-la, de maneira instantânea, por um outro léxico não tão explícito. Em um processo interpretativo simultâneo, em que as mensagens são marcadas pelo imediatismo e pela efemeridade, esse aspecto se torna ainda mais evidente, em detrimento dos tradutórios, em que o profissional tem acesso ao material na íntegra e pode retomá-lo a qualquer tempo para se certificar das relações estabelecidas entre as referências e os conceitos citados anteriormente no discurso.

Na tarefa de vocalização, havendo um sinal de pessoa na LF, as “expressões de referências” foram pouco empregadas, somente quatro, e todas elas por conotações pronominais. Conforme exposto, é um processo mental de compreensão, memória e produção laborioso. Assim, o mais simples e menos dispendioso para o intérprete seria a produção nominal do termo, mesmo que haja a repetição sistemática dos nomes na LA.

As “omissões” e os “erros”, também encontradas como respostas para o estímulo em sinal da língua-fonte, são dois assuntos que, por muito tempo, foram associados e, até mesmo, discorridos como análogos e causadores de prejuízos ao produto textual nos EI. Para tentar entender o motivo dessas ocorrências na IS e estruturar um arcabouço didático e explicativo, sobretudo para a formação de novos intérpretes, acerca da capacidade de processamento mental, Gile (1995, 2009) propôs o Modelos de Esforços, como já tratado nesta dissertação.

Assentado em sua experiência profissional, em reflexões teóricas e investigações em situações reais de atuação, o autor pondera que os eventuais equívocos que afetam o processo interpretativo como as omissões e os erros, não exprimem, obrigatoriamente, uma deficiência linguística ou estratégica do intérprete, por exemplo. Na verdade, segundo Gile (1999, 2009), essas intercorrências são suscitadas pelo fato de os intérpretes estarem operando próximos à

própria capacidade limite de processamento e do nível de saturação, originando a Teoria da Corda Bamba para justificar tal medida.

Em uma perspectiva menos prescritiva e mais adjacente ao processo, Napier (2015) esclarece que as omissões nas interpretações, enquanto absentismo de determinado termo ou trecho, quando comparados o TF e o TA, são fenômenos procedentes e que não explicitam, necessariamente, precarização ou deturpação de sentidos entre as mensagens. Essas ocorrências podem, inclusive, corroborar uma interpretação mais cirúrgica e compreensível ao público-alvo (COX, 2019). Para Napier (2015), as omissões podem ser provocadas pelos intérpretes enquanto estratégias conscientes, intencionais, não intencionais e inconscientes. Entretanto, essa categorização foi baseada em conceitos um tanto quanto subjetivos de consciência e de intenção dos intérpretes, o que não é trivial de ser medido, necessitando lidar com uma tênue linha entre o que de fato representa ou não a realidade, já que os mesmos podem tentar explicar algo que realmente não foi o que se sucedeu.

Os erros, por sua vez, de acordo com Vančura (2017), esculpem-se como um distanciamento, ou mesmo transvio, daquilo que está na LF e é expresso na LA. Eles podem ser gerados em um léxico, o que é mais comum, ou mesmo em sentenças e blocos informativos.

Os dados deste estudo evidenciam uma alta incidência de omissões por parte dos intérpretes, quando eles se defrontam com os sinais-pessoais. Por outro lado, o índice de erros é praticamente inexistente. Além de não possuir essa intenção, esses resultados não viabilizam qualquer justificativa para a origem ou razão de uma ou outra ocorrência, nem mesmo uma categorização, se as omissões, em específico, se acomodam nas proposições de Napier (2015).

A relevância deles reside em sugerir que, diante dos eventuais percalços processuais de uma IS, nos eventos interpretativos analisados, os intérpretes optam por omitir, em detrimento de errar, evidenciando um comportamento de *expertise*. Esse conceito, segundo Tiselius (2013), absorve um conjunto de habilidades que são desenvolvidas empírica e profissionalmente, e não genuinamente inatas. Geralmente, quando os intérpretes são novatos ou aspirantes a tal profissão, tendem a manifestar na LA exatamente tudo o que encontram na LF, compreendendo efetivamente ou não as informações recebidas. É válido destacar, conforme Cox (2019), que apesar da interpretação simultânea imputar a requisição de altas cargas cognitivas, esse modo não é o único ou o preponderante a acarretar omissões e erros.

Em relação a categoria de resposta “outros”, nesse caso, ela abarca o seguinte exemplo, que, por sua construção peculiar, não se encaixou nas demais:

TF: SINAL <Rimar> USAR PRIMEIRO

TA: Rimar já falava Segala já fala sobre

Percebe-se que há, na interpretação, uma alteração consciente na produção do nome para a do sobrenome. Não é possível tecer qualquer afirmação a esse respeito, mas um dos motivos que poderiam respaldar tal atitude seria o intérprete tender a reproduzir alguma informação que estivesse escrita nos *slides*, referente à obra do autor, por exemplo, ou apenas uma tentativa de corresponder ao exigido no contexto acadêmico.

Uma segunda maneira de realizar a identificação pessoal em línguas de sinais é pela datilologia do nome. Esse procedimento pode ser concebido como uma reprodução literal da palavra na língua vocal, por meio de alguns segmentos fonológicos das línguas de sinais como as configurações e orientações da mão, a localização e o movimento. Mesmo havendo possíveis adaptações e restrições em relação a esses parâmetros, Cordeiro (2019, p. 40) afirma que, em Libras, “a datilologia geralmente é articulada no espaço neutro ipsilateral em frente ao ombro do sinalizante”. Tal sistematização pode ser fruto do contato e empréstimo linguístico entre as línguas, sobretudo quando algum termo necessário é inexistente ou desconhecido pelo falante na língua de sinais, contribuindo para o seu uso pontual ou para um processo de incorporação e lexicalização, como declara Rudge (2017). Para além do significado que esses termos podem gerar, sendo conhecidos ou não pelos intérpretes, o formato das mãos, o local no espaço e a velocidade como a soletração manual é efetuada pelo orador, em uma interpretação direta, são alguns fatores que podem afetar a recepção desse insumo pelo intérprete.

Napier (2002), em estudo com a Auslan, percebe que em contextos formais, como palestras acadêmicas, as falas em línguas de sinais apresentam um maior número de datilologias, se comparado àqueles informais. A autora sublinha que essa atitude pode estar conectada à intenção do orador em exibir aos interlocutores as informações, principalmente técnicas, de maneira mais específica.

Em relação ao discurso comum, Padden e Gunsauls (2003) apuraram, a partir de dados de outros autores, constituído pela produção linguística de 14 falantes nativos da ASL em eventos com duração de cerca de 10 minutos, um total de 2.164 datilologias. Dessas, cerca de 70% eram substantivos, sendo quase a metade de nomes próprios. Geralmente, esses nomes são manifestados pelo fato de a pessoa mencionada não possuir um sinal-pessoal ou o orador não conhecer tal identificação nessa língua.

No presente estudo, os estímulos de partida identificados para as datilologias contemplaram três possibilidades, como o “Nome e o Sobrenome”; o “Nome”; e o “Sobrenome”, conforme apresentado no Gráfico 38. A maior incidência de termos em Libras e em Português foi pela soletração manual do sobrenome, o que corrobora uma provável relação com o que a audiência se depara nas referências de publicações e, até mesmo, poderia estar encontrando nos materiais em suporte escrito exibidos nas apresentações.

No geral, constata-se que os intérpretes tenderam a seguir exatamente o que receberam da LF. Esse é um ponto que merece ser reportado, pois pode ser um indício de uma suposta economia quanto aos recursos cognitivos mobilizados. Os profissionais estão gerenciando a sua atuação, produzindo exatamente aquilo que obtiveram na língua-fonte, evitando desprender esforço adicional de reformulação da mensagem.

Todavia, ao acessar um tipo de datilologia, também houve a existência de uma adição ou supressão de um termo que comporia o nome da pessoa. Quando o insumo era “Nome + Sobrenome”, ocorreu a manifestação somente do “Nome” e somente do “Sobrenome”, e na ocasião da soletração manual feita para o nome, a expressão de “Nome + Sobrenome”. Somente o sobrenome não foi veiculado perante outro estímulo de partida que não tenha sido esse. Frente a baixa frequência deles, não é cabível inferir qualquer explicação para a razão dessa escolha. Uma mesma quantidade de omissões ocorreu quando a datilologia foi empregada apenas para o nome e para o sobrenome. O caso de nome acrescido de sobrenome não foi verificado. Ainda, não houve ocorrência de erros, de expressões referenciais e de titulações nesses itens.

Estritamente à datilologia de “Nome + Sobrenome”, dois resultados foram enquadrados como “outros”, pelo fato de existir uma retificação nas produções. A validade em grifar essa ocorrência está na operacionalização da interpretação, pois, conforme Pöchhacker (2009), por se atrelar ao ritmo e ao tempo do orador e o discurso ser construído e emitido oral e instantaneamente, o público-alvo poderá acompanhar o processo de reformulação das informações engendrado pelo intérprete, inclusive o seu reparo. Os exemplos, a seguir, ilustram a questão e, em uma delas, o sussurro do intérprete que está como apoio é perceptível e decisivo para restaurar a acurácia da interpretação do sobrenome e do nome, respectivamente.

TF: MINHA ORIENTAR C-A-T-I-A F-R-O-N-Z-A MULHER ORIENTAR-EU

TA: a minha orientadora, professora Cátia Fonseca (...) [sussurro intérprete de apoio] Fronza

TF: HOMEM FAMOSO PESSOA DIRETOR INES NOME T-O-B-I-A-S- L-E-I-T-E

TA: o Tomas (...) Tomas Leite (...) Tobas Tobias Leite

A identificação de pessoas também pode ser exposta em línguas de sinais ao conciliar o sinal-pessoal e o nome em datilologia ou vice-versa. A apresentação sequencial dessas duas informações coopera para o melhor entendimento dos interlocutores, principalmente quando se trata de um sinal incógnito para eles. Ainda que o sentido da mensagem seja unívoco, por buscar referenciar uma mesma pessoa, tanto o sinal quando a soletração manual detém particularidades culturais e modais que podem impactar a interpretação, como esboçado anteriormente.

A ordem com que esses insumos surgem na língua-fonte pode trazer diferenças significativas para o comportamento dos intérpretes, como será descrito adiante. A composição “Sinal + Datilologia” é uma condição bastante comum em falantes de línguas de sinais, na qual a pessoa é apresentada culturalmente nessa língua e depois pelo seu nome. Nesta pesquisa, pelo Gráfico 39, percebe-se que os dados coletados como resposta dos intérpretes para esse insumo de partida se assemelham um pouco quando havia somente o sinal-pessoal. Tal similaridade é identificada pela variação das manifestações na LA, a qual permite aventar que quando o profissional é exposto a esse item da língua que não possui equivalência direta em Português, ele precisa deliberar, em um pequeno intervalo de tempo, qual posicionamento irá tomar. Isso porque o intérprete não sabe se haverá ou não a presença da datilologia, que, ao mesmo tempo, pode ser um bálsamo para clarear e validar o sinal-pessoal, ou que o confundiria.

Por outro lado, em todas as situações que a especificidade da datilologia de “Nome e Sobrenome”; “Nome”; e “Sobrenome” evidenciou-se, elas foram preponderantes na produção dos intérpretes. O sintagma “Sinal + Datilologia (Nome)” foi o mais encontrado na LF, implicando em um maior número de omissões e erros. Todavia, de maneira geral, a opção pela interpretação de nomes acompanhados de sobrenomes se destacou, o que pode suscitar uma tomada de consciência dos intérpretes em re-expressar a locução nominal conforme a conferência acadêmica geralmente solicita. É importante que estudos adicionais sejam fomentados para atestar até que ponto a soletração manual posterior ao sinal interfere na produção linguística dos nomes de pessoas.

Apesar de poucas ocorrências, quando a sequência se inverte e a datilologia precede o sinal-pessoal, o comportamento é um pouco parecido quando havia somente a datilologia. Nessa situação, o intérprete reproduz a mensagem da língua-fonte, evitando acrescentar ou

retirar informações, o que causaria um maior esforço. Ventila-se, portanto, que o profissional se decide pela manifestação a partir do primeiro item ou locução que reconhece, não sendo relevante, nesse caso, o sinal.

Nos dados, Gráfico 40, quando surgiu a “Datilologia (Nome + Sobrenome) + Sinal”, houve, além da expressão pelo nome e sobrenome, outra somente do sobrenome. Diante de tal fato, levantam-se questões a respeito desse tipo de comportamento que carecem de ser melhor investigadas em pesquisas futuras. Nenhuma das outras possíveis respostas foram encontradas.

Uma ocorrência para a “Datilologia (Sobrenome) + Sinal” não coube às demais opções. Por esse motivo, foi alocada em “outros”. Nela tem-se:

TF: DEPOIS TER PESQUISA NOME <S-A-N-T-O-S> 2012 TAMBÉM SINAL <Silvana>
TA: nós temos também a pesquisa de Santos realizada em 2012, a professora Silvana

Em tal exemplo, depreende-se que a datilologia feita em Libras foi mantida no Português. Entretanto, quando o sinal, que se refere à mesma pessoa, também é realizado, a interpretação repete essa informação, porém, com o nome e com o adendo de uma titulação (i.e., professora). O sinal-pessoal, nesse caso, aparenta um instrumento de esclarecimento e de confirmação que foi externado ao público, assumindo uma característica expansiva de informações.

Como no presente estudo os nomes estrangeiros eclodiram com alta frequência, ponderou-se em realizar uma análise particular para verificar se o comportamento dos intérpretes seria diferenciado ou não em relação aos nomes nacionais e nacionalizados.

Uma característica saliente a esse grupo de dados é que, independentemente da partida, eles estarão subordinados a aspectos de pronúncia. Gile (1999) e Simon (2019) reforçam que esse ponto é um desafio adicional aos intérpretes ao manusearem nomes, nesse caso, de pessoas. Quaisquer nomes, sejam nacionais, sejam estrangeiros, não estão isentos dessa marca fonética. Contudo, os estrangeiros imprimem um saber que está ativado diretamente à língua a qual ele pertence, e a sua transposição literal ou interpretativa implica em preservá-la ou modificá-la na LA. Essa decisão pode expor negativamente o intérprete à audiência.

Como se observa no Gráfico 41, quando motivado pelos sinais-pessoais na LF, assim como nos nomes nacionais e nacionalizados, houve uma extensa diversidade de respostas, incluindo erros, expressão referencial, omissões e titulação. Interessante atentar que nenhum

nome foi produzido e a grande parcela ficou a cargo somente dos sobrenomes. Esse resultado é divergente ao encontrado para os nomes nacionais e nacionalizados, mas pode ser sustentado pelo argumento de que, geralmente, pesquisadores de outras nacionalidades são conhecidos principalmente em função do seu sobrenome, já que essa é a nomeação disponibilizada e que circula como referência em suas obras. Conforme Petitta et al. (2018) apontam, cabe enfatizar que, além dessa identificação nominal não apresentar paridade direta a um termo nas línguas vocais, os sinais-pessoais não são alimentados por qualquer informação ou vestígio em relação à sua pronúncia, o que pode ser um fator desafiador ao intérprete.

Em relação ao conjunto de dados no que tange a “Datilologia”, Gráfico 42, é mantida a constatação de que os intérpretes tendem a manifestar exatamente aquilo que compreendem, sem qualquer complementação, como forma de não se sobrecarregar cognitivamente. Esse fato é atestado na ocasião em que os profissionais são expostos ao “Sobrenome” e o produzem, sendo a maior ocorrência detectada para essa categoria de partida, assim como ocorreu para os nomes nacionais e nacionalizados. Para o mesmo (i.e., “Sobrenome”), detecta-se a maior taxa de omissões e o uso de duas expressões referenciais. No estímulo de “Nome + Sobrenome”, houve uma expressão somente do sobrenome e, para o “Sobrenome”, duas manifestações de nome e sobrenome.

Na categoria “Sinal + Datilologia”, Gráfico 43, os únicos episódios existentes se pautam na soletração manual do sobrenome, indicando que os dados são similares quando havia somente o “Sinal”, com a produção do sobrenome e uma de nome e sobrenome. Ainda, se assemelham aos achados para os nomes nacionais e nacionalizados.

Nas situações em que a datilologia precede os sinais, “Datilologia + Sinal”, no Gráfico 44, as ocorrências são poucas e acompanham a discussão realizada para os nomes não estrangeiros de que talvez a soletração manual seja decisiva nessa questão e que provavelmente o intérprete já toma uma decisão assim que a identifica, diminuindo os efeitos da presença do sinal-pessoal no discurso interpretado. Nesse sentido, tem-se o exato emprego do termo tanto na partida quanto na resposta, além da inserção de “Titulação + Nome + Sobrenome” quando o insumo de origem é esse e quando acontece pelo “Nome”.

Os resultados obtidos nesta pesquisa, enquanto um conjunto de nomes de pessoas, apontam que os sinais-pessoais são gatilhos de problemas para os intérpretes em tarefas de vocalização, por não haver uma correspondência direta na LA, provocando uma diversidade de respostas. Percebe-se que os nomes são a principal forma de expressão para esse insumo, o que poderia, em alguns contextos discursivos, apresentar-se como uma escolha pouco

adequada, como no caso dos contextos de conferências acadêmicas. Adicionalmente, examinando separadamente, os nomes estrangeiros apresentam uma maior manifestação pelo sobrenome. Possivelmente, essa diferença está hospedada na característica das publicações em ser nomeadas pelos sobrenomes e ao estreito contato para com esses conhecimentos culturais e temáticos.

Na datilologia, por sua vez, tratando-se de uma transcodificação de uma língua a outra, há uma tendência dos intérpretes em acompanhá-la, sobretudo por, talvez, sugerir um menor esforço cognitivo de reformulação das informações. Não obstante, esse recurso pode influenciar e ser influenciado em virtude de outras variáveis.

As composições “Sinal + Datilologia” e “Datilologia + Sinal” são distintas e requerem estudos complementares e experimentais para averiguar até que ponto uma ou outra condição impacta e domina o processo da interpretação direta. Em consonância aos dados, a primeira aglutinação aparenta se alinhar ao comportamento quando se parte somente do sinal, de que o intérprete toma uma decisão imediata ao primeiro signo verbal que recebe, porém, a soletração manual pode auxiliar na ratificação ou retificação dele. Na locução em que a datilologia antecede o sinal, parece existir uma conduta que se assemelha ao momento em que apenas a datilologia está em voga.

6.5 LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES DA PESQUISA

O presente estudo objetivou discutir a interpretação intermodal direta Libras-Português. Com base nas respostas de um questionário, a identificação nominal das pessoas foi selecionada como um item de língua a ser investigado, por esse ser considerado um aspecto extralinguístico. Ainda que os dados tenham convergido, os participantes do questionário e do evento interpretativo não eram necessariamente os mesmos.

Em relação aos resultados do evento interpretativo, o tamanho da amostra para as discussões referentes à datilologia e suas variações quanto ao uso de nome; sobrenome; e nome e sobrenome precedendo o sinal foi pequeno. Além disso, não houve foco específico na demarcação do período temporal em que cada resposta foi emitida, em relação às outras, no mesmo enunciado, para avaliar como poderia impactar a IS.

Como o objeto deste trabalho era a quantificação e a categorização da identificação nominal das pessoas, a expressão referencial, que ocorre pela substituição por pronomes ou termos que fazem menção a alguém, não foi analisada no seio do enunciado. A incidência

dessa resposta frente à condição de partida foi baixa, porém uma análise poderia ser implementada para perceber, no evento interpretativo, a entrada das identificações pessoais, a sua ocasião textual e gramatical, o intervalo temporal e a frequência com que acontecem. Isso poderia contribuir para a verificação do emprego (in)correto dessas expressões.

Para encaminhamentos futuros, todos esses aspectos também podem ser analisados em estudos empírico-experimentais, ao serem considerados em um TF manipulado e preparado. Pagano (2001) defende que investigações dessa natureza são importantes para que o pesquisador tenha o controle de todo o processo e possa alcançar os objetivos listados e analisar com maior riqueza de detalhes os resultados obtidos.

Finalmente, vale frisar que as limitações existentes não exaurem a relevância e a finalidade desta pesquisa e os apontamentos debatidos por meio dela, visto que as situações reais de interpretação podem oferecer importantes e variados elementos para compreender a prática interpretativa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ETILS afloram-se como um campo interdisciplinar consistente, que nasce e vive sob a confluência dos ET e dos EI. A principal e ilustre característica que o singulariza reside na modalidade gestual-visual das línguas de sinais. Os seus efeitos e não efeitos, imbricados e analisados em condições intramodais gestuais-visuais ou intermodais, permite a manutenção e o crescimento dos ETILS, bem como tessituras que podem enriquecer e alimentar discussões quanto ao processo e ao produto textual nos campos que o ampara. Afinal, as pesquisas envolvendo línguas de sinais, assim como os demais pares linguísticos vocais-auditivos, podem trafegar entre os modos tradutórios e interpretativos, entre as modalidades de uso das línguas, entre os tipos de texto, entre os âmbitos de atuação e entre os agentes que eventualmente podem ser incorporados à atividade.

O presente estudo se afilia diretamente aos ETILS, por problematizar a interpretação simultânea intermodal direta no par linguístico Libras-Português. No entanto, em uma concepção geral, a IS é o modo mais abordado e difundido nos EI. Esse fenômeno pode ser aventado pelo fato de essa ser a prática mais recorrente na interpretação e, por um longo período, considerada, irrestritamente, sinônimo de interpretação de conferências, em função do seu suposto prestígio, como observa Seeber (2015). Tal aspecto é um desdobramento da invisibilidade da interpretação em contextos comunitários, ou melhor, da tentativa de dissipação na academia, por parte dos pesquisadores e, até mesmo, dos consumidores dessas obras.

Segundo Pagura (2015) e Seeber (2015), a IS é concebida por alguns processamentos como a recepção do material linguístico na LF, a assimilação e armazenamento dessas mensagens, além da reformulação das informações para a LA. Todo esse processo é realizado em pequenos intervalos temporais e envolve, além de diretrizes linguísticas, a mobilização de fatores temáticos e cognitivos.

Por isso, na tentativa de explicar essa atividade e as suas repercussões como os erros, as estratégias, as infelicidades e as omissões, destituído de qualquer embasamento científico das ciências cognitivas, Gile (2009) apresenta o Modelo dos Esforços e a Teoria da Corda Bamba. Tais abordagens evidenciam que, quando o processo interpretativo ultrapassa o limite da capacidade mental disponível do intérprete, poderá haver danificação no produto entregue.

Nota-se, portanto, que a interpretação simultânea é uma condição extrema de bilinguismo na qual o sujeito está exposto, uma vez que necessitará compreender determinada mensagem, e praticamente ao mesmo tempo, reformulá-la e produzi-la na LA, enquanto uma nova informação da língua-fonte é recebida, e assim sucessivamente. Ao ter um texto como suporte, a IS impetra habilidades e recursos atencionais adicionais aos intérpretes, já que as informações serão acessadas por diferentes modalidades de uso da língua. Para que essas questões possam ser descritas e elucidadas, é conveniente considerá-las e indagá-las nas pesquisas.

Quando esse processo é intermodal, por operar uma língua de sinais e uma vocal, a modalidade de língua poderá impactar todo o processo, como destaca Rodrigues (2013, 2018a, 2018b, 2018c, 2018d), visto que além da constituição linguística, os articuladores e os canais físicos e biológicos de recepção e de expressão são distintos. Outros fatores, não menos importante, como a direcionalidade do processo, também podem indicar interessantes conotações à atividade, já que estão relacionados às etapas e tarefas de compreensão e de produção das línguas.

Por meio do questionário aplicado ratifica-se que, no Brasil, assim como em outros países, a interpretação na direção direta no par linguístico Libras-Português possui baixa preferência e aderência por parte dos intérpretes, se comparada à inversa, enquanto a autopercepção em relação ao desempenho na interpretação inversa é maior. Dentre as maiores dificuldades apontadas para essa tarefa de vocalização, três estão inseridas na fase de compreensão da Libras enquanto LF, no que tange a intensidade, velocidade de fala e estilo do orador da mensagem (i.e., fluxo de elocução); os conhecimentos de ordem cultural, temática, enciclopédica e específica (i.e., aspectos extralinguísticos); e os parâmetros de coesão, coerência, tipo e gênero do discurso (i.e., aparatos textuais). Ainda, uma dificuldade quanto a reformulação das informações em Português, referindo-se à produção, como as questões extralinguísticas.

Essas, por sua vez, indicam ser um ponto problemático nas duas línguas de trabalho, sugerindo que a formação dos intérpretes passe por um planejamento minucioso que aluda esses tópicos essenciais para o desempenho satisfatório. De qualquer forma, essas respostas acenam para ponderações importantes de que a maior adversidade da vocalização possa estar firmada na etapa de compreensão, e que ser falante nativo de uma língua, no caso, o Português, não garante, necessariamente, melhor habilidade ou desenvoltura na tarefa.

Os dados ainda divergem das constatações de Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) ao ressaltarem que a produção na primeira língua seria menos desgastante cognitivamente.

Entretanto, para que quaisquer afirmações sejam endossadas ou refutadas, é urgente e imprescindível que estudos empírico-experimentais sejam desenvolvidos e que a neuroanatomia estabeleça um diálogo com a IS, conforme García (2019) vem instaurando. Por meio dessa interlocução com a ciência do cérebro será possível desvendar, reiterar e retificar ou não muitas hipóteses e informações que circulam a esse respeito.

Frente a esses resultados qualitativos, um fenômeno de língua essencial para a identificação nominal das pessoas, validado como uma dificuldade inerente à interpretação e que pode se encaixar em um fator extralinguístico, foi problematizado de maneira mais específica na vocalização. Após a catalogação de 246 insumos de sinais-pessoais nacionais e nacionalizados da Libras como LF, organizados, de maneira geral, em categorias como “Sinal”; “Datilologia”; “Sinal + Datilologia”; e “Datilologia + Sinal”; e provenientes dos materiais em áudio e vídeo do V e VI Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e do I e II Congresso Nacional de Pesquisas em linguística das Línguas de Sinais, apurou-se algumas questões.

A primeira é que os intérpretes tendem a produzir somente o nome da pessoa quando são expostos ao sinal-pessoal. Embora seja uma prática corriqueira dos profissionais, não parece estar em consonância ao contexto acadêmico do público-alvo em Português, visto que a referência pessoal nesses contextos é marcada por denominações envolvendo também o sobrenome. Não obstante, é recomendado que discussões quanto a construções textuais orais de línguas de sinais em conferências acadêmicas sejam suscitadas. A mesma lacuna também é encontrada nas línguas vocais, como postulam Rowley-Jolivet e Carter-Thomas (2005) e Viera (2017). Outro resultado decorrente dos dados a esse estímulo do sinal-pessoal é o aparente uso regular do nome acompanhado do sobrenome, somente do sobrenome e a titulação junto ao nome, não preconizando qualquer distinção entre tais ocorrências. Com essa mesma partida da LF, as omissões também se mostraram em alta, o que pode alvitrar a cautela dos intérpretes em produzir alguma informação sobre a qual não se possui certeza ou mesmo que não foram compreendidas.

A segunda categoria de motivação referente à datilologia realça que os intérpretes seguem para a LA o que foi representado na língua-fonte, sem muitas distinções. Contudo, essa soletração manual é um tema ainda pouco presente nas investigações e que gera impactos na interpretação intermodal, como salientam McDermid, Finton e Chasney (2016).

A partida pelo sinal acompanhado da datilologia evidencia que o estímulo que comanda a produção do intérprete é o primeiro que surge (i.e., o sinal), uma vez que os demais dados são próximos aos detectados quando havia somente o sinal-pessoal. No

entanto, nesse caso, a soletração manual propende-se como um complemento que pode contribuir com o processo. Por essa razão, a ocorrência de manifestação entre “Nomes” e “Nomes e Sobrenome” se destoou um pouco.

O quarto insumo de partida também é interessante, pois a datilologia aparece primeiro no TF e ditará como será proferida a informação na LA, mesmo que o sinal seja posteriormente acrescentado. Como as ocorrências dessa categoria são poucas, as proposições a respeito delas são bastante limitadas, prescrevendo novos horizontes de pesquisas.

No que tange a identificação dos 99 signos estrangeiros de identificação pessoal, a produção pelo sobrenome se mostrou notória, sobretudo quando o insumo da LF eram os sinais-pessoais. As demais condições explicitaram um comportamento semelhante aos dos signos nacionais e nacionalizados.

Esses resultados exprimem o comportamento dos intérpretes perante a vocalização de uma unidade extralinguística, reafirmando como os sinais-pessoais são, realmente, um vácuo nas línguas vocais-auditivas, na ocasião, o Português.

Neste momento, por mera formalidade, esta dissertação encerra-se, com a sensação de que o ato de findar está indissociável ao de começar. Ademais, a certeza de que a argumentação aqui feita contribuirá para futuros encaminhamentos, e o assunto ora tratado é relevante e carente de maiores averiguações e desdobramentos. Afinal, “todo conhecimento sobre um fenômeno, em específico, deve ser revisitado para que os próximos estudos aprofundem e contribuam com o avanço da ciência” (ALBRES, 2020, p. 374).

REFERÊNCIAS

AL-SALMAN, S.; AL-KHANJI, R. The Native Language Factor in Simultaneous Interpretation in an Arabic/ English Context. *Meta*, v. 47, n. 4, p. 607-626, 2002.

ALBRES, N. A. Mesclagem de voz e tipos de discurso no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 26, p. 291-306, 2010.

ALBRES, N. A. Produção de teses que abordam o intérprete educacional no Brasil. *In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-14, 2016.

ALBRES, N. A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: uma história contada com as primeiras pesquisadoras. *In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 371-390, 2020.

ALVES, I. M. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, v. 44, p. 261-272, 2000.

ALVES, D. A. S.; VASCONCELLOS, M. L. B. Metodologias de pesquisa em Estudos da Tradução: uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 2, p. 375-404, 2016.

ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. *In: PAGANO, A. (Org.). Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, p. 69-92, 2001a.

ALVES, F. Relevância em contextos culturalmente marcados: a semelhança interpretativa em pauta. *In: ALVES, F. (Org.). Teoria da Relevância & Tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, p. 87-109, 2001b.

ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processos-produto no desempenho de tradutores novatos. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. especial, p. 71-108, 2003.

ALVES, F. Bases epistemológicas e paradigmáticas para pesquisas empírico-experimentais sobre competência tradutória: uma reflexão crítica. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n. especial, p. 283-315, 2015.

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L.V. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny. *In: GAMBIER, Y.; SCHLESINGER, M.; STOLZE, R. (Org.). Translation Studies: Doubts and Directions. Selected contributions from the EST Congress: Lisboa*, p. 41-55, 2007.

ARTL, G. B. **Act like a lady**: the impact of gender identity on American Sign Language – English interpreters, 2015, 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Interpretação – Letras), Western Oregon University, Monmouth, Oregon, 2015.

BABCOCK, L., VALLESI, A. Are simultaneous interpreters expert bilinguals, unique bilinguals, or both? **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 20, n. 2, p. 403-417, 2017.

BADDELEY, A. D. Working memory and language: An overview. **Journal of Communication Disorders**, v. 36, n. 3, p. 189-208, 2003.

BADDELEY, A. D. **Working memory, thought, and action**. Oxford: Oxford University Press, p. 432, 2007.

BAKER, M. **The Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York: Routledge, p. 654, 1998.

BARBOSA, D. M. **Omissões na interpretação simultânea de conferência: Língua Portuguesa-Língua Brasileira de Sinais**, 2014, 118 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2. ed., Campinas: Pontes, 2004.

BARROS, M. E. **Elis - Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. São Paulo: Editora Penso, p. 144, 2015.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – a motivação dos sinais-nomes. **RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BARROS, T. P. **Experiência de tradução poética de Português/ Libras: três poemas de Drummond**, 2015, 172 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro: entre as escritas de sinais**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

BOHN, H. I. Linguística Aplicada. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. (Org.). **Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis, SC, UFSC, 1988.

BÖRSTELL, C. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language community. **SKY Journal of Linguistics**, v. 30, p. 7-34, 2017.

BRASIL. **Lei 10.436**. Dispõe sobre e a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 24 de abril de 2002.

BRASIL. **Decreto 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei 12.319**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União. Brasília, 01 de setembro de 2010.

BRASIL. **Lei 13.409**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Diário Oficial da União. Brasília, 28 de dezembro de 2016.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. **Bakhtiniana**, v. 15, n. 2, p. 33-63, 2020.

BUHLER, H. Linguistic (semantic) and extra-linguistic (pragmatic) criteria for the evaluation of conference interpretation and interpreters. **Multilingua**, v. 5, n. 4, p. 231-235, 1986.

BRÜCK, P. WoMan? About Sign Language Interpreters and Their Gender Impact. EUMASLI, 2011. Disponível em: http://www.dolmetschserviceplus.at/sites/default/files/3.1%20WoMan_PatriciaBrueck_final.pdf. Acesso em 19 jun.2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAMARGO, K. A. F.; AIXELÁ, J. F. Análise bibliométrica da pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação (ETI) em nível de doutorado no Brasil. **Cadernos de Tradução**, v. 39, n. 2, p. 116-145, 2019.

CAMARGO, P. G. Competência em interpretação – um breve estudo da interpretação em língua B. **Tradterm**, v. 23, p. 13-33, 2014.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**, 2008, 245 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, A. R. S. Intérprete surdo de Língua de Sinais Brasileira: o novo campo de tradução/ interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 33, p. 143-167, 2014.

CARNEIRO, B. G. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. **ANTARES**, v. 7, n. 14, p. 297-312, 2015.

CARTER-THOMAS, S.; ROWLEY-JOLIVET, E. Analysing the scientific conference presentation (CP), A methodological overview of a multimodal genre. **Groupe d'Étude et de Recherche em Anglais de Spécialité**, p. 59-72, 2003.

CASTRO, N. P. **Prosódia em ASL e Libras**: análise comparativa de aspectos visuais, 2019, 255 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

CAVALLO, P. A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues. **TradTerm**, v. 25, p. 61-81, 2015.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. **Dificuldades na interpretação de Libras para Português**. Revista Virtual de Cultura Surda, Editora Arara Azul, n. 17, p. 1-21, 2016.

CHERNOV, G. V. **Inference and anticipation in simultaneous interpreting**: a probability-prediction. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 299, 2004.

CHOI, J. Correlation between Directionality B Language Acquisition and Topic Difficulty. **Forum**, v. 6, n. 2, p. 39-58, 2008.

CHRISTOFFELS, I. K.; DE GROOT, A. M. B. Components of simultaneous interpreting: comparing interpreting with shadowing and paraphrasing. **Bilingualism: Language and Cognition** v. 7, n. 3, p. 227-240, 2004.

COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. *In*: COKELY, D. (Org.). **Sign Language Interpreters and Interpreting**. Burtonsville, MD: Linstok Press, p. 39-69, 1992.

CORDEIRO, R. A. A. **Sinal Datilológico em Libras**, 2019, 205 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

COSTA, F. J.; ORSINI, A. C. R.; CARNEIRO, J. S. Variações de Mensuração por Tipos de Escalas de Verificação: uma análise do construto de satisfação discente. **Revista Gestão.Org**, v. 16, n. 2, p. 132-144, 2018.

COSTA, R. P. Implicações da concepção de léxico na formação do professor de língua materna. **Revista GTLex**, v. 1, n. 1, p. 110-119, 2015.

COX, E. Accuracy: omissions in consecutive versus simultaneous interpreting. **International Journal of Interpreter Education**, v. 11, n. 2, p. 1-19, 2019.

DENISSENKO, J. Communicative and Interpretative Linguistics. *In*: GRAN, L.; DODDS, J. (Org.). **The Theoretical and Practical Aspects of Teaching Conference Interpretation**. Udine: Campanotto, p. 155-157, 1989.

DE BOT, K. Simultaneous interpreting as language production. *In*: DIMITROVA, B. E.; HYLTENSTAM, K. (Orgs.). **Language processing and simultaneous interpreting: interdisciplinary perspectives**. Amsterdam: John Benjamins, p. 65-88, 2000.

DIAS, W. P. S. **Interpretação da Libras para o Português Oral**: línguas, sujeitos e discursos, 2018, 53 f. Trabalho de conclusão de curso em Letras Libras bacharelado. Universidade Federal de Santa Catarina, polo São Luís, 2018.

DONOVAN, C. The Place of the Interpreter and interpreting in an Institutional Setting. **Clina**, v. 3, n. 2, p. 91-113, 2017.

ELTON, L. Conferences: making a good thing rather better?. **British Journal of Educational Technology**. 3. ed., v. 14, p. 200-212, 1983.

FAULSTICH, E. **Sinal-Termo**. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014.

FERNANDES, F. A. G. Letras e Linguística no contexto da política científica: conhecer é humanizar. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 51, p. 11-20, 2020.

FERREIRA, A. A. **Direcionalidade em tradução**: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português, 2010, 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FERREIRA, A. A. **Direcionalidade em tradução**: o papel da subcompetência bilíngue em tarefas de tradução L1 e L2, 2013, 164 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, A.; SCHWIETER, J. W.; GOTTARDO, A.; JONES, J. Esforço cognitivo no desempenho em tradução direta e inversa: uma percepção a partir da tecnologia de rastreamento ocular. **Cadernos de Tradução**, v. 36, n. 3, p. 60-80, 2016.

FERREIRA, J. G. D. **Os intérpretes Surdos e o processo interpretativo interlíngue intramodal gestual-visual da ASL para Libras**, 2019, 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. [reimp] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 273, 2010.

FOMIN, C. F. R. A autoria de tradutores intérpretes de Libras/ Português em espetáculos teatrais. **Translatio**, n. 15, p. 57-81, 2018.

FONSECA, N. Investigando processos de solução de problemas e tomada de decisão no desempenho de tradutores profissionais durante tarefas de tradução direta e inversa. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 1, p. 106-116, 2014.

FONSECA, N. B. L.; GONÇALVES, J. L. V. R.; ZAMPIER, P. Investigando o esforço cognitivo, o conhecimento sobre tradução e a satisfação na tradução Libras-Português. **Cadernos de Tradução**, v. 39, n. 3, p. 20-49, 2019.

FORESTAL, L. **Attitudes of American Deaf Leaders toward Sign Language Interpreters**: Attitudinal Studies relating to American Deaf Leaders' Experiences and Satisfaction with Sign Language Interpreter. Saarbrücken: VDM Verlag, p. 132, 2009.

GARCÍA, A. M. **The Neurocognition of Translation and Interpreting**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, v. 147, p. 288, 2019.

GERVER, D. Empirical studies of simultaneous interpretation: a review and a model. In: BRISLIN, R. W. (Org.). **Translation. Application and research**. New York: Garden Press, p. 165-207, 1976.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, p. 176, 2002.

- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, p. 220, 2008.
- GILE, D. The Effort Models in Interpretation. *In: Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 159-190, 1995.
- GILE, D. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – a contribution. **Journal of Linguistics**, n. 23, p. 153-172, 1999.
- GILE, D. Directionality in conference interpreting: a cognitive view. *In: GODIJS, R.; HINDEDAEL, M. (Org.). Directionality in interpreting*. The 'Retour' or the Native? Ghent: Communication and Cognition, p. 9-26, 2005.
- GILE, D. The Effort Models of interpreting. *In: Basic concepts and models for Interpreter and Translator training*. Revised edition. Benjamins Translation Library: John Benjamins Publishing Company, p. 157-190, 2009.
- GILE, D. **Simultaneous Interpreting**. *In: CHAN, S. (Org.). An Encyclopedia of Practical Translation and Interpreting*. Hong Kong: The Chinese University Press, p. 531-561, 2018.
- GILE, D. The Effort Models and Gravitational Model: clarifications and update, 2020. Disponível em: <https://www.cirinandgile.com/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>. Acesso em 09 out.2020.
- GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 342, 1981.
- GOMES, E. A. Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil: o que se tem produzido a respeito?. **TradTerm**, v. 33, p. 123-140, 2019a.
- GOMES, E. A. “Falou por quê? ”: reflexões quanto ao gerenciamento e uso de *mouthings* na interpretação simultânea intermodal indireta. **Translatio**, n. 17, p. 18-32, 2019b.
- GOMES, E. A.; VALADÃO, M. N. Tradução e interpretação educacional de Libras-Língua Portuguesa no ensino superior: desdobramentos de uma atuação. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 59, v. 1, p. 601-622, 2020.
- GONÇALVES, J. L. V. R. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. **Revista Graphos**, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2015.
- GRANADO, L. F. G. W. Sinais internacionais e a formação para intérpretes de sinais internacionais, **Belas infieis**, v. 8, n. 1, p. 211-228, 2019.
- GROSJEAN, F. **Studying Bilinguals**. Oxford: Oxford University Press, p. 352, 2008.
- GROSJEAN, F. Bilingualism: a short introduction. *In: GROSJEAN, F.; LI, P. (Org.). The psycholinguistics of bilingualism*. Malden: Willey-Blackwell, Inc., p. 5-25, 2013.
- GUEDES, F. E. **Tradução de Provas para Libras em Vídeo**: mapeamento das videoprovas brasileiras de 2006 a 2019, 2020, 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução),

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

HANAOKA, O. Proper Names in the media: problems for translators/interpreters and L2 learners. **Interpretation Studies**, n. 2, p. 28-42, 2002.

HEIDEMANN, L. A.; OLIVEIRA, A. M. M.; VEIT, E. A. Ferramentas online no ensino de ciências: uma proposta com o Google Docs. **Física na escola**, v. 11, n. 2, p. 30-33, 2010.

HERRMANN, A. The marking of information structure in German Sign Language. **Elsevier**, p. 277-297, 2015.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies, 1972. *In*: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2000.

HURTADO ALBIR, A. **Aprender a traducir del francés al español : competências y tareas para la iniciación a la traducción**. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, p. 257, 2015.

IVANOV, K.; DAVIES, K.; NAIMUSHIN, B. Teaching Simultaneous Interpreting with Text. *In*: **Fighting the Fog of Multiculturalism: A Festschrift in Honor of Irina S. Alekseeva**. Herzen University Press, St. Petersburg, p. 48-61, 2014.

JONES, R. **Conference interpreting explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, p. 133-153, 2010.

LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.

LEESON, L. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. **Topics in Signed Language Interpreting**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 51-68, 2005.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico a partir da conversação espontânea entre surdos**, 2008, 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em inglês). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A. **Leitura e produção de textos**. Texto base dos cursos Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras na modalidade a Distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 70, 2010.

LEITE, T. A.; MCCLEARY, L. Estudo em diário: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. *In*: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. Rossi. (Org.). **Estudos surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, p. 241-276, 2009.

LEMOS, A. M. Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **ReVel**, v. 10, n. 9, p. 150-184, 2012.

LIDDELL, S. K. Sources of meaning in ASL classifier predicates. *In*: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. p. 199-220, 2003.

LILLO-MARTIN, D. Utterance reports and constructed action. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Org.). **Sign Language: an international handbook**, Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, p. 365-387, 2012.

LILLO-MARTIN, D. C.; GAJEWSKI, J. One grammar or two? Sign Languages and the nature of human language. **Wiley Interdisciplinary Review Cognitive Science**, v. 5 n. 4, p. 387-401, 2014.

LIMA, A. F.; MORAES, R. N. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista Moara**, n. 54, p. 69-93, 2019.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 319-353, 2015.

LOURENÇO, G. Interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em Revista**, n. 24, p. 1-22, 2018.

LOURENÇO, G.; FERREIRA, R. A. Os serviços de interpretação de Língua Brasileira de Sinais nas universidades e nos institutos federais: a percepção de docentes surdos **Revista Espaço**, n. 51, p. 83-108, 2019.

LUCIANO, A. H. T. **A Interpretação Simultânea sob a ótica da Linguística Aplicada**, 2005, 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MACHADO, F. M. A. **Formação e competências de tradutores e intérpretes de língua de sinais em interpretação simultânea de Língua Portuguesa - Libras**: estudo de caso em câmara de deputados federais, 2017, 284 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de doutorado – Associação ampla UCS/ UNIRITTER, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

MACHADO, V. L. V.; WEININGER, M. J. As variantes da Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Transversal – Revista em Tradução**, v. 4, n. 7, p. 41-65, 2018.

MACDONALD, M. C. How language production shapes language form and comprehension. **Frontiers in Psychology**, 2013. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2013.00226/full>. Acesso em 21 jun.2020.

MACNAMARA, B. N., CONWAY, A. R. A. Novel evidence in support of the bilingual advantage: influences of task demands and experience on cognitive control and working

memory. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 21, n. 2, p. 520–525, 2014.

MALCOLM, K. “Transliteration”. *In*: PÖCHHACKER, F. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. New York: Routledge, p. 423, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p. 23-36, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, p. 133, 2010.

MARTIN, A. Interpreting from A to B: A Spanish Case Study. *In*: GODIJNS, R.; HINDERDAEL, M. (Org.). **Directionality in Interpreting: The “Retour” or the Native?** Ghent: Communication and Cognition, p. 83-99, 2005.

MARTINS, P. O. **A interpretação intermodal Libras-Português em contexto de saúde**, 2019, 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MARTINS, T. A.; BIDARRA, J. A ambiguidade lexical em Libras: as dificuldades dos candidatos face ao ProLibras. **Revista Trama**, v. 7, n. 14, p. 135-146, 2011.

MATEUS, M. H. M. Estudando a melodia da fala: Traços prosódicos e constituintes prosódicos. **O ensino das línguas e a linguística**, Setúbal, 2004.

MATLIN, M. W. **La cognition: une introduction à la psychologie cognitive**. 4. ed. Bruxelles: DeBoeck Université, Tradução de Alain Brossard, p. 250, 2001.

MAZZA, C. **Numbers in simultaneous interpretation**. Graduation thesis, University of Bologna, SSLMIT Forlì, p. 87-104, 2000.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent? *In*: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Org.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 329-369, 2004.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Revista Alfa: São Paulo**, n. 54, v. 1, p. 265-289, 2010.

MCDERMID, C.; FINTON, L.; CHASNEY, A. Contextualized Recognition of Fingerspelled Words. **Journal of Interpretation**, v. 25, p. 1-24, 2016.

MEIR, I. A cross-modality perspective on verb agreement. **Natural Language & Linguistic Theory**, n. 20, p. 413-450, 2002.

MEYER, B. Interpreting proper names: different interventions in simultaneous and consecutive interpreting?. **Trans-kom**, v. 1, n. 1, p. 105-122, 2008.

MILLER, M. **A Case Study Comparing Fingerspelling Production Between Two Interpreters with EIPA Scores of 3.0 and 4.0**. Theses/ Capstones/ Creative Projects, University of Nebraska at Omaha, p. 1-22, 2020.

MINAKOVA, L. Y.; GURAL, S. K. The situational context effect in non language-majoring EFL students' meaning comprehension. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 200 p. 62-68, 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
MIZUNO, A. Process model for simultaneous interpreting and working memory. **Meta**, v. 50, n. 2, p. 739-752, 2005.

MOSER-MERCER, B. Simultaneous interpretation: a theoretical model and its practical application. *In*: GERVER, D.; SINAIKO, W. H. (Org.). **Language, interpretation and communication**. New York: Plenum Press, p. 353-368, 1978.

MOTA, J. S. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-380, 2019.

MUDAY, J. **Introducing Translation Studies: theories and applications**. Milton Park, New York: Routledge. 4. ed., p. 376, 2016.

NAPIER, J. University interpreting: linguistic issues for consideration. *In*: **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. v. 7, n. 4, p. 281-301, 2002.

NAPIER, J. Comparing signed and spoken language interpreting. *In*: MIKKELSON, H.; JOUDERNAIS, R. (Org.). **The Routledge handbook of interpreting**, London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, p. 129-143, 2015.

NAPIER, J. Omissions. *In*: PÖCHHACKER, F. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**, London: Routledge, p. 289-291, 2015.

NAPIER, J.; ROHAN, M.; SLATYER, H. Perceptions of Bilingual Competence and Preferred Language Direction in Auslan/ English Interpreters. **Journal of Applied Linguistics**, v. 2 n. 2, p. 185-218, 2005.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da Língua Brasileira de Sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos**, 2011, 148 f. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada e Estudos da Linguagem), Programa de Estudos em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**, 2016, 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, P. C. P. **A Memória na Interpretação Simultânea: uma análise do sistema da memória e de seu papel no desempenho da IS**. Monografia (especialização) em Formação

de Intérpretes de Conferência, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 77, 2012.

NASCIMENTO, V. Interpretação da Libras para o Português na modalidade oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, n. 24, p. 79- 94, 2012.

NEWMARK, P. **A Textbook of Translation**. Hertfordshire: Prentice Hall, p. 311, 1988.

NEWMARK, P. **Manual de traducción**. Madrid: Cátedra, p. 402, 1992.

NICODEMUS, B. **Prosodic Marker sand Utterance Boundaries in American Sign Language Interpretation**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction Asymmetries in Spoken and Signed Language Interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 16, n. 3, p. 624-636, 2013.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Directionality in ASL-English interpreting: Accuracy and articulation quality in L1 and L2. **Interpreting**, v. 17, n. 2, p. 145-166, 2015.

NICODEMUS, B.; SWABEY, L.; LEESON, L.; NAPIER, J.; PETITTA, G.; TAYLOR, M. M. A Cross-Linguistic Analysis of Fingerspelling Production by Sign Language Interpreters. **Sign Language Studies**, Published By: Gallaudet University Press, v. 17, n. 2, p. 143-171, 2017.

NICOLOSO, S. **Modalidades de tradução na interpretação simultânea da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira**: investigando questões de gênero (gender). 2015, 505 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine, 2016, 211 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, T. C. Atividade de preparação para intérpretes de Libras-Português em conferências. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 331-348, 2020.

NONAKA, A.; MESH, K.; SAGARA, K. Signed Names in Japanese Sign Language: Linguistic and Cultural Analyses. **Sign Language Studies**, v. 16, n. 1, p. 57-85, 2015.

OBLER, L. K. Conference interpreting as extreme language use. **International Journal of Bilingualism**, v. 16, n. 2, p. 177-182, 2012.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting across modalities. **Interpreting**, n. 5, v. 2, p. 169-185, 2000.

PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the alphabet came to be used in a sign language. **Sign Language Studies**, v. 4, n. 1, p. 10-33, 2003.

PAGANO, A. **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PAGURA, R. J. Tradução e interpretação. *In*: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C.C.; STUPIELLO, E. N. (Org.). **Tradução &**: Perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Editora Unesp Digital, p. 183-207, 2015.

PARENTE-JÚNIOR, F. C. **Cognição e desempenho na interpretação simultânea da Libras**: um estudo sobre a memória de trabalho e a produção de semelhança interpretativa por intérpretes expertos, 2016, 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

PAVAN, G. **Mapeamento de estratégias utilizadas nas interpretações de Libras para Língua Portuguesa**: as diferentes escolhas interpretativas de uma narrativa surda. 2018, 57 f. Trabalho de conclusão de curso em Letras Libras bacharelado. Universidade Federal de Santa Catarina, polo Santa Rosa, 2018.

PAVLOVIĆ, N. Directionality in translation and interpreting practice. Report on a questionnaire survey in Croatia. *In*: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Org.). **Forum**, v. 5, n. 2, p. 79-99, 2007.

PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. T. H.. “Eye tracking translation directionality.” *In*: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Org.). **Translation Research Projects**. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili. p. 101-119, 2009.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca, 2013, 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, M. C. P. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 26, p. 99-117, 2010.

PEREIRA, M. C. P. **A interpretação interlíngua da Libras para o português brasileiro**: um estudo sobre as formas de tratamento, 2014, 225 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PEREIRA, M. C. P. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?. **Tradução em Revista**, n. 24, p. 1-21, 2018.

PETTITA, G.; DIVELY, V.; HALLEY, M.; HOLMES, M.; NICODEMUS, B. “My Name is A-on-the-cheek”: Managing Names and Name Signs in American Sign Language-English Team Interpretation. **Names A Journal of Onomastics**, p. 1-14, 2018.

PINHEIRO, D. Homonímia, polissemia, vagueza: um estudo de caso em semântica lexical cognitiva. **Revista Linguística**, v. 6, n. 2, p. 63-78, 2010.

PÖCHHACKER, F. Quality Assessment in Conference and Community Interpreting. **Meta**, v. 46, n. 2, p. 410-425, 2001.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. New York: Routledge, p. 265, 2004.

PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. *In*: MUNDAY, J. **The Routledge Companion to Translation Studies**. London: Routledge, p. 128-140, 2009.

POINTURIER-POURNIN, S. **L'interprétation em Langue des Signes Française: contraentes, tactiques, efforts**, 2014, 460 f. Tese de Doutorado, Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle, 2014.

POINTURIER-POURNIN, S; GILE, D. Les tactiques de l'interprète en langue des signes face au vide lexical: une étude de cas. **The Journal of Specialised Translation**, p. 164-183, 2012.

POKORN, N, K. **Translation into a non-mother tongue: Challenging the Traditional Axioms**. University of Ljubljana, p. 166, 2005.

POMPEU, A. C. M.; CAVALLO, P. Bilinguismo, tradução e interpretação: percepção dos clientes quanto aos profissionais contratados. **Cadernos de Tradução**, v. 39, n. 3, p. 90-110, 2019.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. Working version of a text published. *In*: HANSEN, G.; CHESTERMAN, A.; GERZYMISCH-ARBOGAST, H. (Org.). **Efforts and Models in Interpreting and Translation Research**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 83-105, 2008.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, p. 89, 2004.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 8-34, 2016.

QUADROS, R. M. **Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, v. 1, p. 247, 2017.

QUADROS, R. M. Bimodal Bilingual Heritage Signers: a Balancing Act of Languages and Modalities. **Sign Language Studies**, v. 18, n. 3, p. 355-384, 2018.

QUADROS, R. M. **Libras**. 1. ed. São Paulo: Parábola, v. 1, p. 192, 2019.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; EMMOREY, K. As línguas de bilíngues bimodais. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 11, p. 139-160, 2016.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 799-834, 2014.

QUADROS, R. M.; ZEREMETA, J. F.; COSTA, E.; FERRARO, M. L.; FURTADO, O.; SILVA, J. C. **Exame Prolibras**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 87, 2009.

QUER, J.; STEINBACH, M. Handling sign language data: the impact of modality. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1-8, 2019.

RIGO, N. S.; TAFFAREL, P. Exigências do contexto artístico-cultural: caminhos para atenuar dificuldades enfrentadas por tradutores e intérpretes de língua de sinais. In: RIGO, N. S. (Org.). **Textos e Contextos Artísticos e Literários: tradução e interpretação em Libras**, v. 2, p. 40-67, 2020.

ROBERSON, L. Interpreting: An Overview. In: ROBERSON, L.; SHAW, S. (Org.). **Signed Language Interpreting in the 21st Century**, Washington, DC: Gallaudet University Press, p. 1-22, 2018.

ROCHA, P. B. **A relação da memória de trabalho e da memória de longo prazo no processamento de itens referenciais na leitura de textos escritos**, 2007, 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. Reflexões sociolinguísticas sobre a Libras (Língua Brasileira de Sinais). **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 2, p. 686-698, 2017.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**, 2013, 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 57, v. 1, p. 287-318, 2018a.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, n. 15, p. 197-222, 2018b.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, *performance* corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018c.

RODRIGUES, C. H. Translation and sign language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, p. 294-319, 2018d.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. **Belas Infieis**, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015.

RODRIGUES, C. H.; FERREIRA, J. G. D. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência. **Revista Espaço**, n. 51, p. 109-125, 2019.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. O uso de mouthing na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais. *In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-15, 2016.

ROJO, R.; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, v. 6, n. 3, p. 463-493, 2006.

ROMÃO, T. L. C. A tomada de notas em interpretação consecutiva: algumas considerações históricas. **TradTerm**, v. 24, p. 281-300, 2014.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Editora Arara Azul, p. 201, 2005.

RUDGE, L. A. **Analysing British Sign Language through the lens of systemic functional linguistics**, 2017, 304 f. PhD, University of the West of England, Bristol, 2017.

SAMPAIO, G. R. L. Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações Pedagógicas. **Domínios de Lingu@gem**, v. 11, n. 5, p. 1674-1684, 2017.

SANDLER, W. Prosody and syntax in sign languages. **Transactions of the Philological Society**, v. 108, n. 3, p. 298-328, 2010.

SANDLER, W. Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language. **Semiotica**. p. 241-275, 2009.

SANTIAGO, V. A. A. A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo. *In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-14, 2016.

SANTOS, J. C. **Interpretação individual e em equipe**: análise de perfil de tradutores e intérpretes de língua de sinais e uma proposta de estudo experimental, 2020, 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

SANTOS, K. A. S. **O intérprete de Libras no contexto de conferência**: reflexões sobre sua atuação, 2016, 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SANTOS, O. P. **Interpretação de Libras**: retextualizando sinalizações de um professor surdo. 1. ed. Curitiba: Appris, p. 97, 2017.

SANTOS, R. F. **A autoria na interpretação de Libras para o Português**: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual, 2018, 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos em

Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

SANTOS, R. F. **O processo de interpretação de uma lenda amapaense, em Português oral, para a Língua Brasileira de Sinais**, 2019, 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SANTOS, R. F. “Mesma ênfase valorativa”: a autoria e os aspectos prosódicos na interpretação simultânea da Libras para o Português. *In*: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 309-330, 2020.

SANTOS, R. F.; RODRIGUES, C. H. Interpretação Simultânea Intermodal Culturalmente Marcada do Português Oral para a Libras Oral. *In*: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 263-285, 2020.

SANTOS, S. A. **Tradução/ Interpretação de Língua de Sinais no Brasil**: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010, 2013, 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, S. A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 375-394, 2018.

SANTOS, S. A.; COSTA, M. P. P.; GALDINO, T. S. Nas trilhas da tradução e interpretação de Português-Libras em revistas de tradução no Brasil. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 52, p. 525-545, 2016.

SANTOS, S. A.; POLTRONIERE-GESSNER, A. V. O papel da tradução e da interpretação para grupos vulneráveis no acesso à justiça. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**, v. 1, n. 1, p. 69-84, 2019.

SANTOS, S. A.; RIGO, N. S. A produção acadêmica sobre tradução e interpretação de Libras de egressos da pós-graduação da UFSC. **Revista Letras & Letras**, v. 32, n. 1, p. 124-148, 2016.

SANTOS, S. F. **A construção discursiva de identidades de gênero de tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos**, 2019, 250 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SCARPA, E. M. Interfaces entre componentes e representações na aquisição da prosódia. *In*: LAMBRECHT, R. (Org.). **Aquisição da Linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 60-65, 1999.

SCHAETZEL, K. Teaching pronunciation to adult English language learners. **CAELA Network**, p. 1-8, 2009.

SEEBER, K. Cognitive load in simultaneous interpreting. Existing theories – new models. **Interpreting**, v. 13, n. 2, p. 176-204, 2011.

SEEBER, K. G. Simultaneous interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOUDERNAIS, R. (Org.). **The Routledge handbook of interpreting**, London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, p. 79-95, 2015.

SEEL, O. Non-Verbal Means as Culture-Specific Determinants that Favour Directionality into the Foreign Language in Simultaneous Interpreting. In: GODIJNS, R.; HINDERDAEL, M. (Org.). **Directionality in Interpreting: The “Retour” or the Native?**. Ghent: Communication and Cognition, p. 63-82, 2005.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 354-386, 2015.

SHOOK, A.; MARIAN, V. Bimodal bilinguals co-activate both languages during spoken comprehension. **Cognition**, v. 124, p. 314-324, 2012.

SHUTTLEWORTH, M. COWIE, M. **Dictionary of Translation Studies**. London and New York: Routledge Taylor and Francis Group, p. 253, 2014.

SILVA, A. A.; CARVALHO, A. P. L. Análise enunciativa das marcas modais presentes em corpus de interpretação simultânea de Libras-Português. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 289-318, 2015.

SILVA, M. M. O Coda, filhos ouvintes de pais surdos, e a tradução e interpretação de Libras: o que encontramos?. **Belas Infiéis**, v. 8, n. 1, p. 37-53, 2019.

SILVA, R. C. Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, p. 107-123, 2017.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**, v. 36, n. 3, p. 81-108, 2016.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 120, 2009.

SIMON, T. **Exploring difficulties in simultaneous interpreting Insights from the English-French Louvain Corpus of Simultaneous Interpretations**, 2019, 133 f. Faculté de Philosophie, Arts et Lettres, Université Catholique de Louvain, Prom: Lefer, Marie-Aude, 2019.

SMITH, C. M.; FEDERMEIER, K. D. What does “it” mean, anyway? Examining the time course of semantic activation in reference resolution. **Language, Cognition and Neuroscience**, v. 34, n. 1, p. 115-136, 2018.

SOARES, C. P. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB**: um estudo sincrônico de homonímia, 2013, 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOARES, C. P. **Os mecanismos de coesão gramatical e lexical em Língua Brasileira de Sinais (Libras)**, 2020, 200 f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA, T. A. F. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**, 1998, 159 f. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, p. 1-10, 2006.

SPOONER, R. A.; SUTTON-SPENCE, R.; LERNER, M. N.; LERNER, K. Invisible no more: Recasting the role of the ASL-English Literary Translator. **Translation and Interpreting Studies**, v. 13, n. 1, p. 110-129, 2018.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting**: língua de sinais no papel e no computador, 2005, 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação), Programa de Pós-Graduação em Informática na educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TAVARES, J. G.; SILVA, E. H. A. A. Considerações teóricas sobre a relação entre respiração oral e disfonia. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 4, p. 405-410, 2008.

TIMAROVÁ, S.; ČEŇKOVÁ, I.; MEYLAERTSA, R.; HERTOGA, E.; SZMALECC, A.; DUYCKD, W. Simultaneous interpreting and working memory executive control. **Interpreting**, v. 16, n. 2, p. 139-168, 2014.

TISELIUS, E. Expertise without deliberate practice? The case of simultaneous interpreters. **The Interpreters' Newsletter**, v. 18, p. 1-15, 2013.

UNSWORTH, S. Current issues in multilingual first language acquisition. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 33, p. 21-50, 2013.

VANČURA, A. Speech characteristics as progress indicators in simultaneous interpreting by trainee interpreters. **GOVOR**, v. 34, n. 1, p. 3-32, 2017.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. **Cadernos de Tradução**. v. 2, n. 26, p. 119-143, 2010.

VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2000.

VIERA, C. Genre and register variation: academic conference presentations in Spanish in the United States. *In: COLOMINA-ALMIÑANA, J. J. (Org.). Contemporary advances in theoretical and applied Spanish linguistic variation*, p. 148-162, 2017.

VOGLER, N.; STEWART, C.; NEUBIG, G. Lost in Interpretation: predicting untranslated terminology in simultaneous interpretation. *Proceedings of NAACL-HLT*, p. 109-118, 2019.

WANG, J. Bilingual working memory capacity of professional Auslan/ English interpreters. *Interpreting*, v. 15, n. 2, p. 139-167, 2013.

WANG, J. The relationship between working memory capacity and simultaneous interpreting performance: A mixed methods study on professional Auslan/ English interpreters. *Interpreting*, v. 18, n. 1, p. 1-33, 2016.

WANG, J.; NAPIER, J. Signed Language Working Memory Capacity of Signed Language Interpreters and Deaf Signers. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 18, n. 2, p. 271-86, 2013.

WANG, J.; NAPIER, J. Directionality in Signed Language Interpreting. *Meta*, v. 60, n. 3, p. 518-541, 2015.

WEININGER, M. J. Estrela guia ou utopia inalcançável: uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. *In: CARDOZO, M.; HEIDERMAN, W.; WEININGER, M. J. (Org.). A escola tradutológica de Leipzig*. Frankfurt, M.: Peter Lang Verlag, p. 19-28, 2009.

WEININGER, M. J. Análise e aplicação de aspectos sociolinguísticos e prosódicos na interpretação Libras-PB. *In: QUADROS, R. M.; WEININGER, M. J. (Org.). Estudos da Língua de Sinais Brasileira*, 1. ed., v. 3, Florianópolis, SC: Insular, p. 71-97, 2014.

WEININGER, M. J. Elementos prosódicos e a importância do contato visual entre clientes surdos e ouvintes na interpretação simultânea de libras. *In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-13, 2016.

WILBUR, R. Stress in ASL: Empirical evidence and linguistic issues. *Language and Speech*, p. 229-250, 1999.

WILCOX, S.; SHAFFER, B. Towards a cognitive model of interpreting. *In: JANZEN, T. (Org.) Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice*. Benjamins Translation Library: John Benjamins Publishing Company, p. 27-50, 2015.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies, Manchester: **St. Jerome Publishing**, 2002.

XAVIER, A. N. Panorama da variação sociolinguística em línguas sinalizadas. *CLARABOIA*, v. 12, p. 48-67, 2019.

YUDES, C.; MACIZO, P.; BAJO, M. T. Coordinating comprehension and production in simultaneous interpreters: Evidence from the Articulatory Suppression Effect. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 15, n. 2, p. 329-339, 2012.

ZAMPIER, P. **Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-Português**, 2019, 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

ZANINI, M. Formulário eletrônicos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 21, 2007. Disponível em: https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos_projetos/projeto_698/artigo.pdf. Acesso em: 24 jul.2019.